



**Universidade Federal da Bahia**  
**Instituto de Letras**  
**Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística**

Rua Barão de Geremoabo, nº147 - CEP: 40170-290 - Campus Universitário Ondina Salvador-BA  
Tel.: (71) 263 - 6256 – Site: <http://www.ppgll.ufba.br> - E-mail: [pgletba@ufba.br](mailto:pgletba@ufba.br)



***A EMERGÊNCIA DE IDENTIDADE SOCIAL DE FALANTES DA  
TERCEIRA FAIXA ETÁRIA NA CIDADE DE SALVADOR***

**por**

**MARCELA MOURA TORRES PAIM**

**Orientador: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Suzana Alice Marcelino Cardoso**

**SALVADOR  
2004**



**Universidade Federal da Bahia**  
**Instituto de Letras**  
**Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística**

Rua Barão de Geremoabo, nº147 - CEP: 40170-290 - Campus Universitário Ondina Salvador-BA  
Tel.: (71) 263 - 6256 – Site: <http://www.ppgll.ufba.br> - E-mail: [pgletba@ufba.br](mailto:pgletba@ufba.br)



***A EMERGÊNCIA DE IDENTIDADE SOCIAL DE FALANTES DA  
TERCEIRA FAIXA ETÁRIA NA CIDADE DE SALVADOR***

**por**

**MARCELA MOURA TORRES PAIM**

**Orientador: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Suzana Alice Marcelino Cardoso**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Letras.

**SALVADOR  
2004**

**Biblioteca Central - UFBA**

P143 Paim, Marcela Moura Torres.

A emergência de identidade social de falantes da terceira faixa etária na cidade de Salvador / por Marcela Moura Torres Paim. - 2004.

162 f.

Orientadora : Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Suzana Alice Marcelino Cardoso.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, 2004.

1. Idosos - Linguagem - Salvador (BA). 2. Idosos - Comunicação - Salvador (BA).  
3. Língua portuguesa - Advérbio. 4. Linguagem. 5. Identidade social. I. Cardoso, Suzana Alice Marcelino. II. Universidade Federal da Bahia. Instituto de Letras. III. Título.

CDU - 808-053.9(813.8)

CDD - 400.98142

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
Instituto de Letras  
Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística

MARCELA MOURA TORRES PAIM

A EMERGÊNCIA DE IDENTIDADE SOCIAL DE FALANTES DA TERCEIRA FAIXA  
ETÁRIA NA CIDADE DE SALVADOR

Dissertação para obtenção do grau de Mestre em Letras

Salvador, 28 de janeiro de 2005

Banca Examinadora:

Jacyra Andrade Mota \_\_\_\_\_  
Doutora em Letras, UFRJ  
Universidade Federal da Bahia

Judith Hoffnagel \_\_\_\_\_  
Doutora em Linguística, Indiana University  
Universidade Federal de Pernambuco

Suzana Alice Marcelino da Silva Cardoso \_\_\_\_\_  
Doutora em Letras, UFRJ  
Universidade Federal da Bahia

A  
Maria de Lurdes e Djalma,  
Josemar,  
Marciano, Marcos Vinícius e Priscila.

## AGRADECIMENTOS

A Djalma e Maria de Lurdes, meus pais, pelos ensinamentos e estímulo.

A Josemar, meu companheiro, com quem reparto minha vida, meu tempo, minha filha, tudo.

A minha filhinha, Priscila, que conta e canta a vida, e não me deixa esquecer que nem só de cabeça vive o homem, mas de toda palavra que sai da boca de Deus – principalmente Amor.

Aos meus irmãos, Marciano e Marcos Vinícius, sobretudo por me terem ensinado a riqueza do repartir e compartilhar.

À Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Suzana Alice Marcelino Cardoso, orientadora, sempre tão atenciosa, receptiva e, acima de tudo, incentivadora.

À Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ana Rosa Ramos pela ajuda na versão francesa do resumo.

A Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia pelo apoio financeiro e estímulo proporcionado pela seleção do meu projeto.

Ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, da UFBA, pelo apoio e pela qualidade dos seus professores, pesquisadores e funcionários.

Aos colegas do Instituto de Letras, da UFBA, pelo companheirismo, pela troca de idéias e de livros.

## SUMÁRIO

<b>LISTA DE QUADROS</b>	8
<b>LISTA DE GRÁFICOS</b>	10
<b>RESUMO</b>	11
<b>RESUMÉ</b>	12
<b>INTRODUÇÃO</b>	13
I.1 ESTABELECENDO UM PONTO DE PARTIDA	13
I.2 O ENCAMINHAMENTO DA PESQUISA	15
<b>1 A QUESTÃO DA IDENTIDADE SOCIAL NA PERSPECTIVA DA LINGÜÍSTICA</b>	17
<b>2 A IDENTIDADE SOCIAL DE TERCEIRA FAIXA ETÁRIA</b>	25
2.1 O QUE SIGNIFICA SER IDOSO: AS DIFERENTES DIMENSÕES	26
2.2 REFLEXÕES SOBRE OS IDOSOS NO BRASIL	29
2.3 HOMENS E MULHERES IDOSOS: SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS	32
2.4 A TERCEIRA FAIXA ETÁRIA: CENÁRIO PARA ALGUMAS DISCRIMINAÇÕES	34
2.5 OS IDOSOS E SUA LINGUAGEM	36
<b>3 A FRASE, O ADVÉRBIO, A LOCUÇÃO ADVERBIAL E A EXPRESSÃO DE TEMPO</b>	40
3.1 CARACTERÍSTICAS DOS ADVÉRBIOS	44
<b>3.1.1 Características Sintáticas dos Adverbiais</b>	44
<b>3.1.2 Características Mórnicas dos Adverbiais</b>	47
<b>3.1.3 Características Semânticas dos Adverbiais</b>	47
<b>3.1.4 Como se Apresentam os Advérbios: Síntese de Suas Características</b>	49
3.2 A CONCEPÇÃO DE TEMPO: DIFERENTES VISÕES	49
3.3 ADVÉRBIOS DE TEMPO	50
<b>3.3.1 Advérbios de Tempo Fóricos e Não-fóricos</b>	50
<b>3.3.2 A Função dos Advérbios de Tempo</b>	51
<b>3.3.3 A Semântica dos Advérbios de Tempo</b>	52

<b>4</b>	<b>O CORPUS</b>	54
4.1	ESCOLHA DO CORPUS	55
4.2	METODOLOGIA	56
4.3	LEVANTAMENTO DAS OCORRÊNCIAS ENCONTRADAS	58
<b>4.3.1</b>	<b>Levantamento das Ocorrências nos Inquéritos DID</b>	59
<b>4.3.2</b>	<b>Levantamento das Ocorrências nos Inquéritos D2</b>	88
4.4	COMO SE APRESENTAM OS MARCADORES TEMPORAIS NOS INQUÉRITOS: SÍNTESE DAS OCORRÊNCIAS ENCONTRADAS	121
<b>5</b>	<b>A REVELAÇÃO DOS DADOS</b>	139
5.1	MARCADORES TEMPORAIS E A VARIÁVEL TEMA	139
5.2	MARCADORES TEMPORAIS E A VARIÁVEL TEMPO REAL	143
5.3	MARCADORES TEMPORAIS E A VARIÁVEL GÊNERO	144
5.4	O CONFRONTO DOS INQUÉRITOS NA PERSPECTIVA DO TEMPO REAL: O CASO DOS RETORNADOS	146
5.5	O DISCURSO DOS IDOSOS	149
	<b>CONCLUSÃO</b>	160
	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	



## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 –	Características semânticas dos adverbiais	48
Quadro 2 –	Síntese das características dos advérbios	49
Quadro 3 –	Características do <i>corpus</i> selecionado	55
Quadro 4 –	Características dos informantes	58
Quadro 5 –	Estruturas pontuais no inquérito DID 094 da cidade de Salvador	59
Quadro 6 –	Estruturas pontuais no inquérito DID 159 da cidade de Salvador	61
Quadro 7 –	Estruturas pontuais no inquérito DID 193 da cidade de Salvador	62
Quadro 8 –	Estruturas pontuais no inquérito DID 209 da cidade de Salvador	63
Quadro 9 –	Estruturas pontuais no inquérito DID 003R da cidade de Salvador	64
Quadro 10 –	Estruturas pontuais no inquérito DID 005R da cidade de Salvador	65
Quadro 11 –	Estruturas pontuais no inquérito DID 006R da cidade de Salvador	66
Quadro 12 –	Estruturas pontuais no inquérito DID 007R da cidade de Salvador	67
Quadro 13 –	Estruturas pontuais no inquérito DID 008R da cidade de Salvador	69
Quadro 14 –	Estruturas pontuais no inquérito DID 009R da cidade de Salvador	70
Quadro 15 –	Estruturas pontuais no inquérito DID 13R da cidade de Salvador	72
Quadro 16 –	Estruturas pontuais no inquérito DID 14R da cidade de Salvador	74
Quadro 17 –	Estruturas fraseológicas no inquérito DID 094 da cidade de Salvador	76
Quadro 18 –	Estruturas fraseológicas no inquérito DID 159 da cidade de Salvador	77
Quadro 19 –	Estruturas fraseológicas no inquérito DID 193 da cidade de Salvador	78
Quadro 20 –	Estruturas fraseológicas no inquérito DID 209 da cidade de Salvador	78
Quadro 21 –	Estruturas fraseológicas no inquérito DID 003R da cidade de Salvador	79
Quadro 22 –	Estruturas fraseológicas no inquérito DID 005R da cidade de Salvador	80
Quadro 23 –	Estruturas fraseológicas no inquérito DID 006R da cidade de Salvador	81
Quadro 24 –	Estruturas fraseológicas no inquérito DID 007R da cidade de Salvador	82
Quadro 25 –	Estruturas fraseológicas no inquérito DID 008R da cidade de Salvador	82
Quadro 26 –	Estruturas fraseológicas no inquérito DID 009R da cidade de Salvador	82
Quadro 27 –	Estruturas fraseológicas no inquérito DID 13R da cidade de Salvador	84
Quadro 28 –	Estruturas fraseológicas no inquérito DID 14R da cidade de Salvador	86
Quadro 29 –	Estruturas pontuais no inquérito D2- 298 da cidade de Salvador	88
Quadro 30 –	Estruturas pontuais no inquérito D2- 346 da cidade de Salvador	91
Quadro 31 –	Estruturas pontuais no inquérito D2- 354 da cidade de Salvador	94

Quadro 32 – Estruturas pontuais no inquérito D2- 357 da cidade de Salvador	97
Quadro 33 – Estruturas pontuais no inquérito D2- 361 da cidade de Salvador	101
Quadro 34 – Estruturas pontuais no inquérito D2- 362 da cidade de Salvador	102
Quadro 35 – Estruturas fraseológicas no inquérito D2- 298 da cidade de Salvador	104
Quadro 36 – Estruturas fraseológicas no inquérito D2- 346 da cidade de Salvador	107
Quadro 37 – Estruturas fraseológicas no inquérito D2- 354 da cidade de Salvador	110
Quadro 38 – Estruturas fraseológicas no inquérito D2- 357 da cidade de Salvador	114
Quadro 39 – Estruturas fraseológicas no inquérito D2- 361 da cidade de Salvador	115
Quadro 40 – Estruturas fraseológicas no inquérito D2- 362 da cidade de Salvador	117
Quadro 41 – Tipos de marcadores: estruturas pontuais – DID	121
Quadro 42 – Tipos de marcadores: estruturas fraseológicas – DID	122
Quadro 43 – Tipos de marcadores: estruturas pontuais – D2	127
Quadro 44 – Tipos de marcadores: estruturas fraseológicas – D2	127
Quadro 45 – Estruturas fraseológicas I	132
Quadro 46 – Estruturas fraseológicas II	135
Quadro 47 – Síntese das estruturas fraseológicas	136
Quadro 48 – Confronto dos inquéritos DID em tempo real	148

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Marcadores temporais segundo a variável tema nos inquéritos DID	142
Gráfico 2 – Marcadores temporais segundo a variável tema nos inquéritos D2	142
Gráfico 3 – Média do número de marcadores temporais por entrevista segundo a variável tempo real	143
Gráfico 4 – Marcadores temporais e a variável gênero nos inquéritos DID	145
Gráfico 5 – Marcadores temporais e a variável gênero nos inquéritos D2	145

## RESUMO

Este trabalho apresenta um estudo sobre a emergência de identidade social da terceira faixa etária em Salvador, Bahia, através da documentação e análise de marcadores temporais recolhidos de inquéritos do Projeto NURC/SSA. Apresentam-se considerações sobre as abordagens lingüísticas da identidade, em especial, sobre a identidade social de terceira faixa etária. Investigam-se, em seguida, as contribuições de gramáticos, como Cunha e Cintra (1985), Mira Mateus (1989), Perini (1996) e Moura Neves (2000), acerca dos marcadores temporais. Considerando a linguagem enquanto prática discursiva que constrói representações de identidade social, a análise empírica tem por base dados de dezoito inquéritos do Projeto NURC, examinados numa perspectiva sociolingüística, buscando-se evidenciar a relação entre a variável estrutural ou lingüística (marcador temporal) e as variáveis extra-lingüísticas (tema, tempo real e gênero) com o intuito de verificar as tendências dos idosos de marcar temporalmente seu discurso. A partir da análise realizada, observou-se que os recursos lingüísticos encontrados nas entrevistas demonstram que a identidade de faixa etária depende basicamente da categoria tempo, pois esta atua nessa linguagem como elemento ordenador na elaboração do discurso, manifestando-se em dois pólos – o antes e o agora – visando às posições desejadas entre passado e presente típico dos discursos pertencentes a uma faixa etária mais avançada.

Palavras-chave: linguagem; identidade social; marcadores temporais; terceira faixa etária.

## RESUMÉ

Ce travail présente une étude sur l'émergence de l'identité sociale du troisième âge dans la ville de Salvador, État de Bahia, à partir de la documentation et de l'analyse des marqueurs temporels recueillis des enquêtes du Projet NURC/SSA. Tout d'abord nous présentons un panorama des approches linguistiques sur l'identité, notamment, sur l'identité sociale du troisième âge. Ensuite, nous rapportons la contribution de grammairiens à exemple de Cunha e Cintra (1985), Mira Mateus (1989), Perini (1996) et Moura Neves (2000), à propos des marqueurs temporels. Tout en considérant le langage en tant qu'une pratique discursive qui construit des représentations d'identité sociale, l'analyse empirique a pour base les données de dix-huit enquêtes du Projet NURC, examinées à partir d'une perspective sociolinguistique. Notre objectif est celui de mettre en évidence le rapport entre la variable structurale ou linguistique (marqueur temporel) et les variables extralinguistiques (thème, temps réel et genre) afin de vérifier les tendances des personnes du troisième âge à marquer temporellement leur discours. Finalement, à partir de l'analyse réalisée, nous avons observé que les ressources linguistiques trouvées dans les interviews, démontrent que l'identité du troisième âge dépend surtout de la catégorie temps, puisque, dans ce langage, elle agit en tant qu'élément ordonnateur dans l'élaboration du discours, manifeste en deux pôles – l'avant et le maintenant – cherchant les appositions désirées entre le passé et le présent, typique des discours des individus du troisième âge.

Mots clés : langage ; identité social ; marqueurs temporels ; troisième âge.

## INTRODUÇÃO

### I. 1 ESTABELECENDO UM PONTO DE PARTIDA

Através da atribuição de identidade social de pessoas pertencentes à terceira faixa etária, estabelece-se uma demarcação – *quem é quem* – e, a partir daí, os espaços de atuação, comportamentos e atitudes legítimas, em suma, a própria relação social. Neste sentido, a “caracterização dos seres humanos individuais” é uma “necessidade orientacional” básica, fundamental para a vida em sociedade, como mostra Geertz (1978, p.228-229).

No senso comum, as diferenças entre as pessoas – ou, em termos mais amplos, as características percebidas de cada um – são vistas como fazendo parte da natureza das coisas. Este processo de naturalização encobre o caráter seletivo e redutor da percepção e das representações a partir dela construídas. Desse modo, a partir das diferenças, apreendidas como propriedades inerentes, estabelecem-se categorizações e atribuem-se identidades.

Assim, a primeira necessidade que se impõe diz respeito à própria noção de identidade social que não é tomada como algo dado, inerente a um grupo ou indivíduo, como acontece muitas vezes no senso comum. Desta forma, afasta-se de uma concepção de identidade como uma “essência”. Afinal, as identidades não são “algo peculiar a um grupo porque ele é naturalmente assim”. São, antes, construções “sempre e inequivocadamente realizadas como um trabalho simbólico dele, em sua cultura e com a sua cultura”. (Brandão, 1986, p.110).

No estudo da linguagem da terceira faixa etária dos informantes do Projeto NURC da cidade de Salvador, objeto deste trabalho, um nível possível de análise é como estes falantes utilizam os mecanismos lingüísticos na construção, projeção e manutenção de sua identidade social de terceira faixa etária.

Dessa forma, direciona-se a questão da fala dos idosos ao modo como o indivíduo utiliza a categoria *tempo* em seu discurso, focalizando a oposição entre o passado e o presente.

Segundo esclarece Preti (1991, p. 21), o Brasil está deixando de ser um país de jovens. Apesar disso, entre os brasileiros, a “velhice” constitui um motivo de discriminação e, muitas vezes, a partir dos 35 anos, o brasileiro já é considerado incapaz de exercer determinadas atividades.

Tal fato ocorre porque devido à atual estrutura familiar e às mudanças impostas à sociedade que fazem com que qualquer pessoa com mais de 40 anos, ainda que não esteja

inserida na chamada terceira faixa etária, tenha, em muitas ocasiões, a sua presença descartada sob a alegação de que o mundo é dos mais jovens.

Dessa forma, fica no esquecimento toda uma experiência de vida, juntamente com um universo de informações e, sobretudo, a chance de juntar a experiência de vida do mais velho à vitalidade física dos mais jovens.

Muitos desses fatores contribuem para a insegurança de muitos idosos e também para fazer com que ele se sinta “inútil”, o que foi considerado por Preti, ao tentar fazer as entrevistas para o seu trabalho *A linguagem dos idosos*. Nesse estudo, muitos dos informantes comportaram-se como se tudo que eles sabiam, diante dos jovens, não fosse nada, já outros responderam de maneira positiva, demonstrando uma vontade de contar experiências, de relembrar o passado, de mostrar que eram capazes de relacionar o passado e o presente.

Neste sentido, esta proposta de trabalho volta-se para a análise dos inquéritos do tipo DID – Diálogo entre Informante e Documentador – e D2 – Diálogo entre Dois Informantes – da terceira faixa etária do Projeto NURC, investigando como os marcadores temporais manifestam os diversos conteúdos/significados da representação de ser idoso.

Finalmente, a questão “o que faz ser idoso” é abordada pela articulação dos seguintes fatores:

- a) A disponibilidade de um referencial histórico e socialmente construído que é ser da terceira faixa etária.
- b) A dinâmica do jogo de reconhecimento de ser idoso onde se articulam os marcadores temporais referentes ao passado e ao presente e imputações de identidade, que são impostas pelo outro.

Em grandes linhas, este é o trabalho desenvolvido que constitui um ponto de partida para esta pesquisa no campo da lingüística, em que são reorientadas as perspectivas de abordagem.

## I.2 O ENCAMINHAMENTO DA PESQUISA

Este trabalho configura-se como um aprofundamento da discussão do conceito de identidade social a partir de um enfoque centrado na construção, manutenção e projeção da identidade social de falantes idosos da cidade de Salvador, na atividade comunicativa falada.

Esse objetivo geral ganha especificidade através de seus desdobramentos:

- a) De modo a situar a pesquisa diante do conhecimento da área, o Capítulo 1 trata das abordagens das questões de identidade desenvolvidas em domínios da lingüística.

- b) O Capítulo 2 volta-se para o tratamento da identidade social de terceira faixa etária, enfocando diferentes dimensões do que significa ser idoso, como essa faixa etária encontra-se no Brasil, com uma atenção especial para a questão da discriminação relacionada à idade, as semelhanças e diferenças entre homens e mulheres idosos e as características de sua linguagem.
- c) Seguindo uma indicação proposta para os preparativos da análise do *corpus* – a necessidade de aprofundar os conceitos básicos de marcadores temporais – examinam-se, no Capítulo 3, as discussões de gramáticos acerca de frase, advérbio, locução adverbial e a expressão de tempo, além de abordar as características sintáticas, mórficas e semânticas dos adverbiais, apresentar as diferentes visões da concepção de tempo e examinar a tipologia, a função e a semântica dos advérbios de tempo.
- d) Dedicado ao *corpus* trabalhado, o Capítulo 4 toma a linguagem como prática discursiva que constrói representações de identidade social. Foram examinados em inquéritos do tipo DID – Diálogo entre Informante e Documentador – e D2 – Diálogo entre Dois Informantes – os marcadores temporais que proporcionam a construção, manutenção e projeção da identidade social de falantes da terceira faixa etária do projeto NURC da cidade de Salvador.
- e) Com o intuito de apresentar a revelação dos dados levantados e explicitados no Capítulo 4, o Capítulo 5 contempla análises que envolvem a variável lingüística – os marcadores temporais – com as variáveis não-lingüísticas – tema, tempo real e gênero – e também traz trechos bastante significativos referentes aos inquéritos analisados que estabelecem a relação passado X presente.

Desdobrando os objetivos, torna-se claro que a presente pesquisa é um trabalho teórico e prático que adota procedimentos lingüístico-discursivos diversos, colocados em pauta pela análise empírica.

Para que a reflexão teórica não se desenvolva em abstrato, foi selecionado um *corpus*, inquéritos do tipo DID – Diálogo entre Informante e Documentador – e D2 – Diálogo entre Dois Informantes – da terceira faixa etária pertencentes ao Projeto NURC da cidade de Salvador. A opção por este tipo de *corpus* analisado justifica-se porque esses inquéritos envolvem, necessariamente, a construção de uma “imagem” de pessoas da terceira faixa etária, imagem esta que incorpora representações de identidade. Pelo vínculo conceitual entre identidade social e reconhecimento, os inquéritos analisados possibilitam análises bastante ricas.



Esta pesquisa, enfim, fundamenta-se em dado empírico e tem como base uma seleção de inquéritos extraídos do *corpus* do Projeto NURC/Salvador. Examinado esse corte na perspectiva teórica e segundo a prática de uso desses informantes, toma-se como ponto de partida uma concepção de identidade social desenvolvida no campo das ciências sociais e procura-se explicitar, de maneira mais profunda, a identidade social na dimensão da terceira faixa etária, através do comportamento lingüístico dos informantes.

## 1 A QUESTÃO DA IDENTIDADE SOCIAL NA PERSPECTIVA DA LINGÜÍSTICA

Para refletir sobre a questão da identidade social de terceira faixa etária, utilizou-se a postulada Teoria Social do Discurso por Fairclough em *Discurso e Mudança Social* (2001). Segundo o referido autor, o discurso é um modo de ação, uma forma em que as pessoas podem agir sobre o mundo e especialmente sobre os outros, como também um modo de representação. Assim, o discurso contribui para a constituição de todas as dimensões da estrutura social que, direta ou indiretamente, o moldam e o restringem: suas próprias normas e convenções, como também relações, identidades e instituições que lhe são subjacentes.

Dessa forma, o discurso é uma prática de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado. Tal prática focaliza, dentre os aspectos relativos aos efeitos construtivos, a construção, manutenção e projeção de identidades sociais. Em outras palavras, pode-se dizer que o discurso é o local onde as identidades sociais são estabelecidas.

Embora não configurem um tema preferencial para a área, as questões de identidade social têm sido estudadas também no campo da lingüística. Com o fim de situar a perspectiva de identidade social adotada neste trabalho em relação a essas abordagens, foram tomados como base os trabalhos de John Gumperz e colaboradores, considerados como exemplares para este tema. Demarcando uma perspectiva de análise na sociolingüística interativa, Gumperz é uma referência constante e indispensável para as questões de identidade. Baseando-se principalmente em duas obras – *Discourse Strategies* (1982 a) e na coletânea *Language and Social Identity* (1982 b) –, procura-se apresentar os eixos centrais da abordagem deste teórico.

O argumento central de Gumperz diz respeito ao papel da linguagem nas questões de identidade.

O ponto chave de nosso argumento neste livro é que a identidade social é em grande parte estabelecida e mantida através da linguagem. Mas é por causa do caráter histórico do processo pelo qual os grupos são formados e os símbolos de identidade criados que temos as características particulares dos modos de falar que estaremos analisando. (GUMPERZ, 1982 b, p. 7)

Em primeiro lugar, cabe ressaltar que se considera a identidade de terceira faixa etária como uma forma particular de identidade social – assim como a identidade regional, de gênero, ou profissional –, concorda-se com a afirmação de Gumperz, uma vez que as identidades colocam em pauta os processos de apreensão – através de atos de percepção,

pensamento e linguagem – do mundo social. Mas, para tal, acredita-se ser indispensável adotar uma concepção ampla de linguagem, que vá além da enunciação e de sua função comunicativa, enfatizando o seu papel no tratamento simbólico da realidade.

Mais adiante Gumperz, em seu estudo, expõe:

Apenas compreendendo as raízes históricas específicas da divergência de língua é que podemos dar conta adequadamente da característica específica das práticas comunicativas e monitorar os processos de mudança social em curso. (GUMPERZ, 1982 b, p. 8)

Conforme apresenta Penna (1997, p. 22) tal proposta expressa no fragmento acima, por si só, não depende necessariamente de um conceito de identidade social. É neste ponto que surge um problema na abordagem de Gumperz: uma vez que práticas comunicativas (historicamente construídas) podem se tornar emblemas de identidade, este autor parece tomar tais práticas comunicativas como evidência da identidade social do grupo ou do indivíduo em interação. Note-se que a introdução de *Language and Social Identity*, ao apresentar alguns dos artigos, deixa evidente que os focos de estudo são basicamente lingüísticos. Como um exemplo:

Tanto Mishra quanto Young (capítulos 3 e 4) demonstram diferenças sistemáticas entre Asiáticos e Ocidentais na estruturação da informação, em tarefas tão comuns como dar explicações ou direções. (GUMPERZ, 1982 b, p. 13)

Este trecho refere-se claramente à análise da relação entre origem do indivíduo (Asiáticos X Ocidentais) e prática lingüístico-comunicativa, sendo a origem tomada como determinante. Onde estão, aí, as questões de identidade social? Ou não estão, ou então estão pressupostas de uma das formas seguintes:

- (1) A identidade social é tomada como consequência direta da condição de asiático ou ocidental, isto é, como decorrente de uma certa característica, a saber, a origem (étnica, nacional, sócio-cultural) do indivíduo.

Em estudos como os de Gumperz (1982 a e b), trabalha-se com uma delimitação prévia dos grupos, ou melhor, com uma categorização prévia dos indivíduos, enquanto pertencentes a grupos. Isto implica uma atribuição de identidade social pelo pesquisador, a partir de dados tidos como “objetivos” (como o local de nascimento ou a etnia). Neste caso, como observar a construção da identidade na situação de interação? Assim, embora a discussão teórica

proponha que a identidade social é comunicativamente construída, as análises empreendidas muitas vezes o negam.

(2) A identidade étnica é tomada como decorrente de uma prática cultural específica: a prática lingüística e comunicativa.

Os indicadores tidos como objetivos, inclusive as variações de traços culturais, devem ser tratados com cuidado, buscando-se os elementos que são socialmente importantes e significativos, como referenciais de identidade, para o indivíduo ou o grupo.

(...) parece não ser possível ao pesquisador “deduzir” a identidade do indivíduo ou do grupo a partir de seu modo de vida, práticas [como a fala], bens etc. – ou seja, a partir de sua “objetividade” –, pois a representação mental do pesquisador, produto do modo como percebe aquela materialidade, pode não coincidir necessariamente com a que o próprio indivíduo ou grupo faz de si ou de suas práticas (ou a que outros grupos fazem dele). (PENNA, 1992, p. 72)

Estabelecer uma relação direta entre prática cultural e identidade social implica a relação inversa de que, na ausência de determinada prática cultural, “não há identidade” – ou, em outros termos, a “identidade é perdida”. Neste sentido, é esclarecedora a colocação de Brandão (1986):

Casas com telhados de duas águas, uso de enxadas e espingardas, vestidos no corpo das mulheres e o costume regional de batizar os filhos na Igreja e possuir padrinhos não indicam a passagem do terena a sertanejo, nem transformam o tukuna em caboclo. (p. 104)

Sobre isso, Penna (1997, p. 24) expõe, baseando-se em Brandão (1986, p. 104), que tais práticas “brancas” podem não significar, “na cabeça individual do índio destribalizado”, que ele deixou de ser índio, persistindo esta auto-atribuição de identidade. No entanto, para outros (como seus vizinhos, os habitantes da região), elas podem ser apreendidas como capazes de fundamentar a atribuição de identidade de “caboclo”. Isto porque, como foi apontado, a especificidade da representação de identidade encontra-se no vínculo com a problemática do reconhecimento social. As duas direções do jogo de reconhecimento (o auto-reconhecimento e a alter-atribuição de identidade) articulam-se dinamicamente e nem sempre são coincidentes: em cada uma delas, as práticas culturais (incluindo a fala) podem ser diferentemente apreendidas, interpretadas e valoradas, em suma, podem ou não fundamentar uma atribuição de identidade.

Pelo exposto, fica claro que, a despeito da discussão teórica sobre identidade social e nova etnicidade, é outra a relação básica enfocada nas análises de Gumperz e colaboradores, como indicado na introdução à coletânea:

O que esses estudos mostram é que as convenções lingüísticas que assinalam funções comunicativas, particularmente a interação entre sinais de contextualização e de conteúdo, são muito mais sensíveis a *backgrounds* étnicos e de classe dos participantes do que se pode esperar. (GUMPERZ, 1982 b, p. 13)

Segundo mostra Penna (1997, p. 26) a relação estudada é entre, de um lado, a prática lingüística e comunicativa que se manifesta na situação em estudo e, de outro, diversos aspectos – culturais, educacionais, relativos à experiência comunicativa etc., tomados globalmente – vinculados à condição de vida de determinados grupos, condição esta marcada pela origem étnica e pela posição de classe.

A coletânea organizada por Orlandi (1993) volta-se para a questão da identidade nacional, como o próprio subtítulo indica: *O Discurso Fundador: a formação do país e a construção da identidade nacional*. No artigo inicial, *Vão Surgindo Sentidos* (p. 11-25), assinado pela organizadora Eni P. Orlandi, a noção de “discurso fundador” é definida por sua historicidade, e por sua relação com “o processo de produção dominante de sentidos”, fundamentalmente pela ruptura que cria uma filiação de memória, com uma tradição de sentidos e estabelece um novo sítio de significância.

No entanto, como acontece no estudo de Gumperz (1982 a e b), a concepção de identidade adotada também não é explicitada ao longo do livro organizado por Orlandi (1993). Dessa forma, grande parte da dificuldade é decorrente de um problema básico, infelizmente bastante comum em estudos sobre o tema: o conceito de identidade não é explicitado.

Existem hoje, nas ciências sociais, inúmeras definições e empregos diferenciados da noção de identidade, sendo grande a diversidade no uso do termo. A identidade social vem, assim, sendo abordada sob múltiplos enfoques, tomando sentidos distintos. Não sendo explicitada, a noção de identidade funciona como um *a priori* cognitivo, cujo quadro de significações é pressuposto – mas pressuposto em sua imprecisão. No entanto, o discurso científico não pode se estruturar sobre noções implícitas: se as noções adotadas como centrais em discussões teóricas e análises têm seu significado apenas pressuposto, não poderão ser manejadas consistentemente.

Assim, as contribuições que as questões relativas à linguagem – concebida de modo mais amplo – podem trazer para a compreensão do conceito de identidade social ultrapassam as

abordagens apresentadas. Contudo a análise da obra de Gumperz (1982a, 1982b) e dos estudos de Orlandi (1993) traz indicações produtivas com relação à identidade social, uma vez que também apresentam indicações bastante válidas acerca da identidade social.

Dessa forma, percebe-se que questões sobre a relação linguagem e identidade são extremamente complexas. Historiadores, sociólogos, psicólogos, lingüistas, educadores e outros têm chamado atenção para a relação entre língua(gem) e identidade de alguma forma.

Como esclarece Hoffnagel (1999, p. 91), existem formas distintas de se tratar a identidade, segundo a autora, por muito tempo, pesquisas sobre a relação entre o uso lingüístico e as identidades dos utentes de uma língua trataram a identidade como “uma constante independente que pode ser invocada para explicar as variações no uso lingüístico”. (SCHRIFFIN, 1996, p. 199). Outros viram a identidade do falante como separado de sua realização ou inferência. Assim, por exemplo, Goffman (1967), na sua analogia da vida como uma peça teatral, considerou a interação humana como sendo a realização, individual e coletiva, de papéis e identidades preconcebidos, da mesma forma que atores realizam personagens no palco.

Nesse sentido, percebe-se que existem distintas concepções sobre linguagem e identidade. Cameron (1995, p. 15) nota que “para a sociolingüística, as razões por que certos falantes produzem certos padrões de variação são entendidas, na maioria das vezes, com referência ao truísmo de que ‘a língua reflete a sociedade’”. Deste jeito, o uso de variáveis lingüísticas pode ser correlacionado com as características demográficas do falante – sua pertença a classes, raças, gêneros, gerações e comunidades locais particulares. Neste sentido, “o comportamento lingüístico é compreendido como ‘refletindo’ a localização social do falante”. Numa concepção um pouco mais ativa do falante, outra abordagem sociolingüística sugere que o falante usa a linguagem para “marcar” a identidade social. Desse modo, consciente ou inconscientemente, falantes usam a língua para assinalar seu sentido de si mesmos como, por exemplo, pertencendo ao grupo A e, em conseqüência, sendo diferente do grupo B. Mas, como Cameron (1995, p. 15) mostra, nas duas abordagens, há uma pressuposição implícita de que as categorias e identidades relevantes existem *a priori*, e são simplesmente ‘marcadas’ ou ‘refletidas’ quando as pessoas usam a linguagem.

Em abordagens sociolingüísticas mais recentes, como as teorias sociais críticas e construtivistas, essas mesmas categorias que a sociolingüística tradicional considera como fixas, tais como ‘classe’, ‘gênero’ e, até, ‘identidade’, são entendidas como construtos, relativamente instáveis. Cameron (1995) resume estas posições ao comentar que para a sociolingüística tradicional, como você atua depende de quem você é; enquanto para as teorias críticas, quem você é (e como é visto) depende de como você atua.

Embora a sociolinguística não negue completamente essas observações, ao supor que os atos de identidade simplesmente refletem algo que existe anterior e independentemente daqueles atos, ela deixa, como Cameron (1995, p. 17) assinala, certas coisas sem explicação, como: “se a identidade pre-existe à linguagem, se ela é dada, fixa e tomada por certa, porque é que os falantes têm que marcá-la tão assídua e repetitivamente?”.

Conforme aborda Hoffnagel, (1999, p. 92), numa linha construtivista, Elinor Ochs (1992; 1993; 1996) desenvolve uma concepção da relação da linguagem com a identidade social de forma não direta, mas mediada pela compreensão dos interlocutores das convenções que regem o desempenho de certos atos e posturas sociais. Para esta autora, a identidade social não é normalmente codificada explicitamente pela linguagem. Ela postula uma relação constitutiva entre linguagem e identidades sociais onde um ou mais traços lingüísticos podem indexar significados sociais que por sua vez ajudam na constituição de significados de identidade (significados de gênero, de classe, de profissão, etc.).

A teoria de Ochs se baseia numa percepção da relação entre a linguagem e o significado social que considera a capacidade de práticas lingüísticas para indexar informação sócio-cultural. Esta abordagem tem suas raízes em estudos sociológicos e antropológicos que têm como pressuposições que (a) a linguagem varia sistematicamente de acordo com o contexto social e (b) tal variação é parte do significado indexado por estruturas lingüísticas. Nestes estudos, há uma tendência de relacionar estruturas particulares (ou conjuntos de estruturas) a condições situacionais particulares, referindo-se aos significados assim indexados como significados sociais em contraste com os significados puramente referenciais ou lógicos expressos por estruturas lingüísticas. Assim, por exemplo, duas ou mais variantes fonológicas podem compartilhar uma referência idêntica, mas transmitir diferentes significados sociais (como, por exemplo, diferença de classe social ou étnica dos falantes, diferenças em distância social entre falante e ouvinte, diferenças de afeto). Em toda comunidade, existem recursos lingüísticos disponíveis para a comunicação de tais significados sociais ao mesmo tempo que também fornecem outros níveis de informação. Membros competentes de toda comunidade são socializados para interpretar estes significados e podem, sem controle consciente, organizar suas mensagens para transmitir significados sociais.

Ochs (1993, p. 288) argumenta que “falantes tentam estabelecer as suas próprias identidades sociais e as identidades de outros através do desempenho (*performance*) verbal de certos *atos* e *atividades* e da *exibição* (*display*) verbal de certas posições (*stances*)”. Conforme a referida autora, *atos*, *atividades* e *stances* podem ser definidos da seguinte forma:

*ato social* significa qualquer comportamento dirigido para um fim socialmente reconhecido, tal como um pedido, um cumprimento, uma oferta etc.

*atividade social* refere-se a uma seqüência de pelo menos dois atos, por exemplo, dando conselhos, contando uma história, entrevistando etc.

*stance epistêmica* refere-se ao conhecimento ou crença vis-à-vis alguma preocupação ou enfoque, incluindo graus de certeza de conhecimento, graus de comprometimento com a verdade das proposições, e fonte de conhecimento, entre outras qualidades epistêmicas;

*stance afetiva* indica um humor, uma atitude, um sentimento, e uma disposição, bem como os graus de intensidade emocional vis-à-vis algum foco de preocupação. (OCHS, 1993, p. 288)

Como Hoffnagel (1999, p. 92) apresenta, Ochs (1993; 1996) tenta mostrar como falantes nativos competentes constróem identidades como mulher, homem, pai, criança, cientista, professor, estrangeiro etc., ao desempenhar tipos particulares de atos e exibir tipos particulares de *stance* epistêmica e afetiva. Nesse sentido, falantes podem usar um ato verbal ou um *stance* numa tentativa de construir não somente suas próprias identidades mas as identidades sociais de outros interlocutores.

Assim, a relação da linguagem com a identidade social é tratada como não sendo direta, mas mediada pela compreensão que os interlocutores têm das convenções que regem o desempenho de certos atos sociais e *stances* pela compreensão dos interlocutores de como atos sociais e *stances* servem como recursos para a estruturação de identidades sociais particulares. Ser membro de um grupo social depende do conhecimento que os membros têm das convenções locais para a construção de identidades através de exibições de atos e *stances*. Atos e *stances* particulares têm associações convencionais que os ligam para formar identidades sociais particulares. Assim, “identidade social é um significado social complexo que pode ser destilado do significado dos atos e *stances* que a constitui”. (p.289)

Hoffnagel (1999, p. 93) expõe a importância de esclarecer que embora alguns atos e *stances* estejam intimamente associados com identidades sociais particulares, outros atos e *stances* constituem recursos para a construção de uma ampla variedade de identidades sociais. Assim, a referida autora menciona que algumas identidades são mais facilmente inferíveis de atos e *stances* (a identidade do professor no Brasil, por exemplo, ser inferível do ato de fazer uma pergunta que testa o conhecimento, ou a identidade de uma pessoa de *status* inferior ser inferível de um *stance* de atenção e acomodação em comunidades tradicionais de Samoa). Isto é, a relação entre linguagem e uma identidade particular não é um simples mapeamento de formas lingüísticas aos significados sociais.

Para a teoria de Ochs (1996) as dimensões situacionais (os atos, *stances* etc.) são ligadas através do que ela chama de valências sócio-culturais (expectativas, preferências, normas



sociais). A realização de qualquer dimensão (como, por exemplo, a indexação lingüística de um *stance* particular) pode invocar ou requerer, por membros de comunidades particulares, outras dimensões situacionais culturalmente relevantes.

Segundo mostra Hoffnagel, (1999, p. 93) é neste sentido que *stance* pode ser visto como um componente da identidade social. Ela nota que de um lado, pode-se considerar *stances* afetivo e epistêmico como perspectivas independentes de identidades sociais que membros de uma comunidade esperam daqueles que têm essas identidades. Outra maneira seria de vê-los, não como sendo fora da categoria de identidade social. Assim, eles não apenas apontam para uma identidade social, mas ajudam a *constituir* aquela identidade.

Diante do exposto, tem-se a teoria norteadora desse trabalho, fundamentando-se em Ochs (1996, p. 410) que entende a identidade social como uma gama de *personae* sociais que pode ser reclamada ou atribuída no curso da vida. Assim, identidade social inclui dimensões como papéis sociais (como, por exemplo, falante, ouvinte, médico, professor etc.) relações sociais (como, por exemplo, parentesco, amizade etc.) identidade grupal (como, por exemplo, gênero, geração, classe, etnia, religião etc.) e *rank* (como, por exemplo, pessoas com e sem títulos, empregador-empregado). Neste sentido, a identidade de um indivíduo particular é composta por múltiplos elementos ou atributos que emergem na interação social. Identidade, portanto, não é categórica, nem é fixa, tendo em vista que um indivíduo, dependendo do que está fazendo (a intenção) e de com quem está interagindo, pode destacar aspectos diferentes relacionados à faixa etária, à classe social, ao sexo, à profissão etc., numa dada situação. Em outras palavras, o indivíduo pode agir, atribuindo maior ênfase ao fato de ser jovem, ou de ser feminino ou ainda de pertencer à classe média. E essa atribuição de maior ou menor ênfase dependerá, em parte, do interlocutor real ou virtual com quem o falante/escritor está negociando sua identidade.

## 2 A IDENTIDADE SOCIAL DE TERCEIRA FAIXA ETÁRIA

*O mundo é um palco,  
E os homens e mulheres, meramente atores;  
Eles têm suas saídas e suas entradas;  
E cada homem, em seu tempo, desempenha muitos papéis,  
Seus atos incluem sete idades. Na primeira, o infante,  
Choramando e vomitando nos braços da ama.  
E, depois, o escolar lamuriendo, com sua mochila  
E sua brilhante face matinal, arrastando-se como uma serpente  
Para a escola, a contragosto. E então o amante,  
Suspirando como uma fofinha, ao dizer uma lamentável balada  
Em homenagem às sobrancelhas da amada. Depois um soldado,  
Cheio de estranhos juramentos e barbado como o leopardo,  
Ciumento de sua honra, súbito e rápido na briga,  
Em busca da reputação ilusória  
Até mesmo na boca dos canhões. E depois o juiz,  
Com sua barriguinha redonda forrada de bom capão,  
Olhos severos e barba bem-cuidada,  
Cheio de ditados sábios e exemplos modernos;  
E, assim, ele desempenha seu papel. A sexta idade é  
A do magro pantalão de chinelos,  
Com óculos no nariz e algibeira do lado,  
Calções da mocidade bem-conservados, um mundo grande demais  
Para suas canelas mirradas; sua voz forte e viril  
Assumindo novamente um tremor infantil, esganiçada  
E estridente em seu som. E a última cena de todas,  
A que encerra esta estranha história memorável,  
É uma Segunda infância, mero olvido,  
Sem dentes, sem olhos, sem gosto, sem nada.*

(SHAKESPEARE, *As You Like It*, Ato II, Cena 7, 139)  
(Extraído de Erikson (1998, p. 14-15))

Como expõe Spink (1995, p. 8), é na psicologia social que as representações deixam de ser mera noção catalisadora e adquirem o estatuto de abordagem, ou, mesmo, como querem

alguns, de teoria. As razões são claras: a psicologia social se debruça sobre a questão do conhecimento como processo e não apenas como conteúdo; a elaboração do conhecimento na perspectiva do indivíduo, na sua singularidade ou no que lhe é típico enquanto representante da espécie – nas características da ideação como capacidade cognitiva própria da espécie –, tem sido tradicionalmente um campo de estudo da psicologia.

Nessa perspectiva, as representações são essencialmente dinâmicas e dentro dessa dinamicidade, o ser idoso encontra-se também presente, afinal é um produto de determinações tanto históricas como do aqui-e-agora e de construções que têm uma função de orientação: conhecimentos sociais que situam o indivíduo no mundo e, situando-o, definem sua identidade social de terceira faixa etária – o seu modo de ser particular, produto de seu ser social.

Realizadas essas considerações iniciais, vale salientar que nesse capítulo serão apresentados os itens que abordam questões referentes à terceira faixa etária, tais como: as diferentes dimensões do que significa ser idoso, algumas reflexões sobre os idosos no Brasil, considerações acerca das semelhanças e diferenças entre homens e mulheres idosos, a questão da discriminação no cotidiano sofrida por essas pessoas e alguns aspectos relevantes sobre a sua linguagem.

## 2.1 O QUE SIGNIFICA SER IDOSO: AS DIFERENTES DIMENSÕES

O que significa ser idoso? O que é a velhice? Essas são indagações que possuem diferentes dimensões. Na visão de Skinner e Vaughan (1985, p.19), a velhice é, em parte, como um outro país, no qual uma determinada pessoa pode viver bem lá, caso tenha se preparado com antecedência.

Entretanto, as pessoas raramente querem conhecê-lo, assim o país da velhice transforma-se em um deserto, já que essa fase da vida tem sido mostrada por muitos anos como uma fase em que imperam o sofrimento e a doença. Dessa forma, percebe-se que a maioria das pessoas querem viver muito, mas ninguém deseja ser velho – ou pensar sobre o envelhecimento.

Os próprios jovens com freqüência têm perspectivas sombrias, considerando a velhice como o tempo de se pagar os pecados cometidos na juventude. Fumam e postergam o câncer do pulmão para uma distante e improvável terra do futuro. Transformam a velhice numa espécie de depósito de lixo dos perigosos excessos da juventude.

No entanto, é possível escrever um folheto colorido e atraente sobre a velhice. Ela não é tão má assim, e com planejamento pode tornar-se ainda melhor. Os jovens estarão mais aptos a fazer planos para ela, se souberem o que pode ser feito, pois, entre outros aspectos, um futuro atraente requer atenção, que já existe no que tange à saúde e à economia, porque os jovens de hoje freqüentemente se preocupam com o futuro. Eles exercitam-se, comem

moderadamente e examinam com cuidado os planos de aposentadoria das carreiras que escolhem. Mas, e enquanto ao que significa ser idoso? Será que isso é alvo de reflexão?

Conforme esclarece Magalhães (1989, p. 15), o conceito de idoso envolve múltiplas dimensões, entre as quais se ressalta a biológica, a cronológica e a social.

A idade biológica, a “idade das artérias”, pode não coincidir, e de fato freqüentemente não coincide, com a idade cronológica, nem com as demais construções sociais sobre a velhice, já que a medida cronológica é também socialmente construída. Todas são o produto dinâmico permanentemente transformado e transformador da idade. Tais determinantes são de tal forma ativas e eficazes na produção histórica da velhice e do idoso que acabam não só por diferenciar socialmente, mas sobretudo a influir decisivamente no ritmo e na forma como se processa o envelhecimento.

Como esclarece Ochs (1996, p. 410), a identidade social não é fixa, categórica, e tal atribuição também refere-se à identidade social de terceira faixa etária. Observa-se que em cada sociedade e na mesma sociedade, em momentos históricos diferentes, a velhice e o envelhecimento ganham especificidade, papéis e significados distintos em função do meio ser rural ou urbano, da classe social, do grupo profissional e de parentesco, da cultura, da ideologia dominante, do poder econômico e político que influenciam o ciclo da vida e o percurso de cada indivíduo, do nascimento à morte.

Dessa forma, como aborda Magalhães (1989, p.17), biologicamente o ser humano percorre o ciclo de vida, interrompido ou não, mas inevitável que vai do nascimento até a morte, passando pelas etapas de concepção, desenvolvimento intra-uterino, nascimento, infância, adolescência, maturidade, velhice e morte. É uma questão social e cultural a consideração dessas ou de outras etapas. Assim também pode-se falar no ciclo ternário da vida, ou seja, nos períodos de formação, de produção e de inatividade, correspondendo tal modelo social ao que foi constituído, após o advento e expansão da aposentadoria. Em todos os casos, há o envolvimento de construções sociais que não só descrevem, mas também atribuem significados, valor e função social aos diversos momentos e espaços e etapas da existência.

No que se refere à evolução biológica do ser humano, em seu processo vital, Magalhães (1989, p. 17) esclarece que esta é decisivamente afetada pela classe social, pelo grupo profissional, pela cultura e demais determinantes, encurtando ou prolongando a vida, permitindo, da mesma forma, que em cada uma de suas etapas seja maior ou menor a possibilidade de conservação da saúde, aquisição de cultura e fruição dos bens, serviços e possibilidades de bem-estar social e individual.

Cronologicamente, a referida autora chama atenção para o fato de que é necessário considerar antes de tudo que os calendários são diversificados e a idade cronológica adotada de maneira também distinta, conforme a sociedade considerada. Sobre isso, a autora expõe: “em nosso caso a utilização do calendário greco-romano dá a cada um e à nossa sociedade a idade própria da civilização euroamericana”. (MAGALHÃES, 1989, p. 17).

A idade social, por sua vez, varia, em uma mesma sociedade, segundo a perspectiva de quem avalia a idade, como varia em função do momento histórico que se está considerando. À título de exemplificação, a autora apresenta:

Sabemos que um homem de classe mais abastada pode ter 50 anos cronologicamente, mas sua idade biológica pode ser de 45 ou menos, se utiliza os meios de que dispõe para conservar a sua saúde. Assim como pode ser considerado jovem como acontece com muitos atores e atrizes e galãs de cinema que com essa idade fazem papéis de jovens enamorados; ou com esportistas, políticos ou empresários, em plena vitalidade e atividade. Ao contrário, um trabalhador assalariado de 50 anos, no meio rural, pode ter biologicamente idade muito mais avançada, devido ao desgaste produzido pela vida e o trabalho adverso, assim como socialmente já é considerado um velho trabalhador sem força e capacidade produtiva. (MAGALHÃES, 1989, p. 18).

Diante do exposto, faz-se necessária uma diferenciação entre a idade biológica, a cronológica e a social para a compreensão do que significa ser idoso.

Biologicamente, e em termos gerais, o ser humano tende a melhorar e alongar o percurso da vida, uma vez que as condições farmacêuticas, médicas e sanitárias generalizam-se mais rapidamente do que as condições econômicas, sociais e culturais, indispensáveis para assegurar uma boa qualidade de vida. Em consequência se está criando o idoso rico, com qualidade de vida idêntica ou assemelhada à dos países desenvolvidos e o idoso pobre e hipodotado, que sobrevive graças aos avanços e à difusão dos benefícios da medicina e da saúde, mas sem condições sociais e materiais para assegurar-lhe qualidade de vida.

Cronologicamente, o prolongamento da vida se expande nas camadas mais elevadas e nas regiões mais desenvolvidas do país, coexistindo com a massa de indivíduos de curta existência das regiões e camadas mais pobres do país.

Socialmente, Magalhães (1989, p. 19) chama atenção para o fato de que se está construindo um modelo social dominante de rejuvenescimento dos homens e mulheres de cinquenta anos ou mais nas elites urbanas. Mas caminha-se para um modelo de morte social, pelo isolamento, nas camadas médias, assim como se forja um modelo de marginalidade,

socialmente antecipada, para a maioria dos trabalhadores assalariados de baixa renda, desprovida de patrimônio e renda.

## 2.2 REFLEXÕES SOBRE OS IDOSOS NO BRASIL

A questão demográfica é bastante complexa no Brasil, onde o percentual de idosos já se eleva de forma nítida e se verifica igualmente a queda da natalidade e da fecundidade.

Para efeito de levantamento demográfico, a população idosa no Brasil é computada a partir de 60 anos. Entre as décadas de 40 e 50 a população de mais de 60 anos permaneceu a mesma em termos de percentuais relativos: 4,1%. Decorridos 20 anos esta população passava de 4,1% para 4,7%. A partir de 1960, o contingente de 60 anos começa a crescer ininterruptamente, alcançando 6,5% em 1980, 6,8 em 1990 e 7,6 em 2000.

Esses números revelam uma tendência segura de crescimento, se considerarmos o impulso de atenção em saúde para contingentes crescentes da população idosa e para todas as faixas etárias, especialmente para a população infantil. Ainda que levando em conta as oscilações dos índices de mortalidade, a taxa de natalidade mantém-se em declínio e, tudo indica, deverá reduzir-se aceleradamente, junto com a redução dos índices de fecundidade.

Como mostra Magalhães (1989, p. 31), os idosos no Brasil não estão livres dos fatores de modernidade que rompem com a cultura de valores rurais e tradicionais, estimulando a substituição dos padrões e valores prescritivos pela cultura inovadora, característica da sociedade industrial e de serviços, já dominante como realidade objetiva no Brasil, mesmo onde prevalecem as sobrevivências rurais e tradicionais, através de arranjos e sincretismos transitórios, até desaparecerem completamente ou sobreviverem apenas como formas folclóricas regionais ou locais.

Sobre isso, Mill (1962, p. 26) também esclarece ao mencionar que não somente a velhice proletária, a pequena e a grande burguesia podem instrumentalizar, no plano material e no da sociabilidade e autonomia, suas relações de poder, prestígio e riqueza. Também os intelectuais, artistas, políticos e outras celebridades podem preservar melhor suas defesas contra o enfraquecimento da autonomia, além de disporem de melhores recursos não só para viver bem e bem envelhecer, como para adquirir os serviços possíveis e capazes de atenuar as inevitáveis perdas biopsíquicas e sociais.

Tais perdas advêm, muitas vezes, da depressão que os idosos sofrem diante da impossibilidade de continuar a fazer as várias coisas gratificantes que faziam antes, chegando a ser muito parecida com a depressão que se experimenta ao se mudar de uma cidade para

outra. Assim, coisas que eram feitas na cidade onde se morava, não podem continuar sendo feitas na nova. Não se pode ir ao mesmo mercado, ir às casas dos mesmos vizinhos, cumprimentar o mesmo carteiro e levar o cachorro a passear pelas mesmas ruas. Tudo isso acontece porque grande parte do que se gostava de fazer antes, não é mais acessível.

A depressão resultante é também como a perda de alguém por morte, tudo o que era agradável fazer com essa pessoa, não pode continuar a ser feito. Quando aposentados, os idosos perdem seu trabalho, da mesma forma que perdem uma cidade ou um velho amigo.

Ao realizar uma retrospectiva das reflexões sobre o idoso no Brasil de hoje observa-se que biologicamente se está aumentando o percurso de vida da população brasileira, em virtude da difusão dos benefícios farmacêuticos, médicos e sanitários, que caminham à frente das condições sociais econômicas, culturais e políticas, indispensáveis para que o ser biológico esteja envolvido por circunstâncias favorecedoras do bem-estar social e da elevação da qualidade de vida. Enquanto no meio social das elites estas condições já equivalem às dos países desenvolvidos, nas camadas populares e marginalizadas, tanto no campo como na cidade, tem-se uma velhice hipodotada, subdesenvolvida e precocemente envelhecida.

Cronologicamente, o prolongamento da vida se expande nas camadas sociais elevadas, chegando à esperança de vida de 70 a 80 anos em média, enquanto se mantém em patamares críticos de 40 a 50 anos nas camadas e regiões de baixa renda.

Socialmente, o brasileiro está avançando a fronteira da juventude e da meia idade para indivíduos de 50 a 60 anos das camadas sociais mais privilegiadas, enquanto se mantém uma velhice precoce e excluída pelo desgaste biológico e perda da capacidade produtiva, antes dos 50 anos, nas camadas assalariadas de baixa renda.

Em termos de ciclo de vida, o prolongamento da existência biológica, cronológica e social tem aproximado o Brasil, nos estratos superiores, aos países europeus e aos EUA, onde prevalece o ciclo ternário de formação, atividade produtiva e inatividade remunerada. A tendência, nas regiões mais desenvolvidas, é o alongamento do período de formação e a transformação desta etapa do ciclo de vida naquela que recebe maiores investimentos de saúde, educação, lazer, etc. É no período de formação que se dá o maior consumo, embora com as desigualdades correspondentes de um sistema econômico que concentrou demasiadamente a renda nacional e ensaia medidas de desconcentração e de redução da população carente. Mas são ainda medidas tímidas, que não permitem uma avaliação otimista de seus progressos e resultados.

Conforme comenta Magalhães (1989, p. 49), a economia, que exclui a maior parte da população dos benefícios sociais mínimos, cria também a figura do pseudo-idoso, ao lado da

velhice excluída, abandonado e marginal, na medida em que a economia que utiliza capital intensivo e poupa mão-de-obra se expande em meio a um conjunto demográfico que ainda gera e gerará, por muitos anos, mão-de-obra abundante e barata.

A referida autora menciona também que de um modo geral a autonomia biológica tende a encontrar maiores meios de preservação e exercício nas elites e nas camadas médias altas, enquanto se reduz com maior rapidez e sem assistência social à medida em que se desce na escala social, em virtude da ausência de cuidados médico-sociais e em consequência de uma vida de privações que não permite a conservação da saúde.

Os meios de comunicação social, rádio, jornais e sobretudo as televisões, começaram a mostrar receptividade às mobilizações que apontam para o novo modelo e repudiam os velhos modelos de asilamento e segregação. Todavia, a comunicação vive na ambigüidade e contradição das fontes de que se alimenta. Se veicula notícias e entrevistas sobre movimento de idosos, novos métodos e sistema de vida, reivindicações em favor de melhores aposentadorias e benefícios, não deixa de apresentar em suas novelas e shows humorísticos a imagem estereotipada do velho: limitado em sua capacidade biológica, isolado e intransigente em seus valores e padrões culturais, estranho e alheio ao mundo contemporâneo e inovador.

Como são pequenos consumidores, os idosos ocupam pequenos espaços e pouco tempo nas imagens televisivas, quase sempre e na maior parte dedicadas a crianças, jovens e adultos de meia idade. São esses os grupos abrangidos pelo período de formação e produção, os grandes consumidores dos bens e serviços anunciados. Dessa forma, Magalhães (1989, p. 53) explica que a figura estereotipada, cômica e muitas vezes ridícula do idoso é, consciente ou inconscientemente, uma forma de estimular os padrões inovadores e a novidade, em oposição ao gosto pelo antigo e tradicional que, cultivados, podem ser uma barreira, mesmo frágil, ao consumismo que domina o principal veículo de comunicação de massa.

Nesse sentido, é preciso pensar que o envelhecimento e as condições em que o indivíduo chega a ser velho resultam de uma longa existência onde Saúde, Educação, Trabalho, Lazer, Alimentação etc. entram no somatório dos ganhos e perdas de cada um, a partir de seu nascimento. Pensar numa velhice saudável é pensar sobretudo nas condições que permitem ao adulto bem envelhecer, assim como pensar o adulto como resultado do jovem e deste, como a continuidade da criança. Pensar, portanto, em uma verdadeira Política de Envelhecimento é pensar, a rigor, na futura geração, pois será ela a que efetivamente poderá ser beneficiária ou vítima do que se faz hoje. Dessa forma, uma política para um ciclo de vida saudável e acessível a todas as camadas da população deve ser sempre a meta de uma autêntica política de envelhecimento, pois é sabido que ainda há muito o que pode ser feito pelos idosos, tal



como o real fornecimento de transporte público gratuito em todos os momentos solicitados<sup>1</sup>, e de livres oportunidades educacionais.

### 2.3 HOMENS E MULHERES IDOSOS: SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS

Entre as funções domésticas da mulher, destacam-se a maternidade, a procriação, o cuidado da prole, os afazeres de casa (alimentação, limpeza, vestuário etc.), o cuidado com o marido, o que significa essencialmente a reprodução da força de trabalho no meio assalariado, e a preservação da instituição familiar, sendo essa sua referência principal, mesmo quando realiza atividades fora de casa, beneficentes, associativas etc., ou até mesmo de trabalho remunerado. As atividades domésticas gozam de prestígio social inferior às atividades e ocupações consideradas masculinas ou são ainda assim consideradas em relação às que são exercidas pelo homem.

Os homens, ao contrário, são destinados basicamente à economia de mercado, assim como às funções políticas, partidárias, econômicas, culturais, que só de maneira suplementar e minoritária a mulher tem exercido, embora venham crescendo o volume e a profundidade da participação feminina nesses setores. Tais atividades gozam de maior prestígio social do que as funções domésticas, assim como ao futuro homem – a criança masculina – caberá principalmente a autoridade e o exercício do poder dentro da própria família. Essas características de maior prestígio, autoridade e poder masculino não são exclusivas das sociedades contemporâneas, qualquer que seja a classe social considerada, mas constituem o sistema dominante em quase todas as sociedades humanas conhecidas e estudadas. O matriarcado constitui exceção na história das sociedades humanas, seja nas ditas primitivas ou nas civilizadas.

Essa domesticalização da mulher e, se assim se pode dizer, mercantilização do homem terá repercussões inevitáveis tanto no processo de envelhecimento quanto no maior ou menor ajustamento ou desajustamento social do idoso. O trabalho da mulher que fica dentro de casa e se dedica, quando isso ocorre, às atividades suplementares – beneficentes, assistenciais, associativas etc. – é tido como de menor responsabilidade, sob a ótica sócio-econômica, cultural ou política. O que não significa que esse trabalho seja objetivamente improdutivo ou de menor responsabilidade. Objetivamente, pensa-se que essas atividades são efetivamente

---

<sup>1</sup> Apesar das cidades oferecerem transporte gratuito aos idosos, depoimentos informais de idosos vivendo em grandes cidades dão conta de problemas que enfrentam comumente de ônibus que não param nos lugares convencionais (pontos) quando há somente idosos.

produtivas e socialmente necessárias. Todavia, isso não modifica seu prestígio e consideração social. O aspecto positivo associado a essas atividades e trabalhos é sua maior proteção em relação aos fatores agressores que precipitam a velhice. No meio urbano de classe média o trabalho doméstico é menos rude que nos meios rural, operário ou de prestação de serviços de baixa renda, e igualmente menos exposto ao *stress* que acomete ao homem nas atividades econômica, política sociocultural, sindical etc., e isso implica, em grande parte, a maior sobrevivência da mulher – cerca de 10 anos mais que o homem –, embora represente igualmente menor autoridade e poder para agir e influir sobre o seu próprio destino ou o da sociedade, assim como para estabelecer relações de igual para igual com os homens.

Consideradas as diferenças, é preciso levar em conta também as igualdades do homem e da mulher idosos, até mesmo porque a emancipação da mulher a leva a viver cada vez mais em condições semelhantes às do homem, especialmente em uma sociedade que estimula o envelhecimento precoce como mecanismo redutor de custos de trabalho, da mesma forma que estrutura a produção e o consumo em uma cultura jovem, apoiada em rendimento e poder aquisitivo que tendem a marginalizar o idoso aposentado, dentro do contexto mais amplo da concentração de renda que acompanha a estrutura de emprego, produção e consumo do país. O fenômeno que a ambos atinge igualmente é o do isolamento social, que os leva com frequência à solidão e a angústia.

Nesse sentido, a perda dos papéis familiares, associados à vida doméstica e ao mercado, em sua aceção mais ampla, estimula o afastamento das gerações, o conflito, a incompreensão e o desentendimento, sobretudo a indiferença, quando não o desprezo ou a tolerância forçada. É a situação efetiva que, em grau maior ou menor, atinge os idosos de ambos os sexos. Ao final da vida, vêem-se na contingência de se isolarem social e culturalmente dos mais jovens. Não se podem esconder nas exceções ou minorias que, pela riqueza, prestígio ou poder, ou ainda pela celebridade intelectual, artística etc., recebem referências públicas, na mesma média em que encobrem a grande maioria tolerada no anonimato das casas/apartamentos ou destinada aos asilos, albergues e hospitais gerais e geriátricos.

#### 2.4 A TERCEIRA FAIXA ETÁRIA: CENÁRIO PARA ALGUMAS DISCRIMINAÇÕES

Como apresenta Sagrera (1992, p. 9), qualquer discriminação é lamentável. A partir dessa declaração, pode-se passar para uma discussão sobre o edadismo, definido pelo referido autor como o ato de discriminar pela idade.

Por causa do edadismo, a sociedade passa a considerar as pessoas jovens demais ou velhas demais para desempenhar determinadas funções, julgando-as imaturas ou ultrapassadas

para desempenhar atividades profissionais, física, sexual etc. Tal discriminação tende a aumentar consideravelmente quando se passa dos 50 anos e mais ainda após os 60 anos.

Nesse sentido, a população encontra-se diante de uma lamentável perspectiva de discriminação severa e crescente pela idade, precisamente nos anos em que se necessita de maior apoio social. De fato, a discriminação com relação à idade é muito forte e grave hoje, tanto quanto, ou mais, do que as discriminações relacionadas à religião, sexo, etnia e classe social. Para exemplificar tal colocação, encontra-se em Sagrera (1992, p. 10) que o discriminado por sua classe social pode sair de uma classe menos favorecida por sorte ou com o esforço de seu trabalho, o discriminado por sua nacionalidade pode às vezes adquirir outra nacionalidade, ou voltar ao seu país de origem; e até a vítima de racismo pode em certas ocasiões emigrar ou reagrupar-se em lugares onde predominem a sua etnia; mas o discriminado por idade encontra muitas dificuldades como os discriminados pelo sexo, segundo testemunham as pessoas que já passaram por operações cirúrgicas para ocultar a idade e também as pessoas que já fizeram intervenções cirúrgicas para mudança de sexo.

Dessa forma, a discriminação pela idade chega a ser tão forte que converte as distintas idades em grupos biológicos, em “raças” superiores e inferiores, com tendência a conceber os jovens e velhos como raças inimigas e opostas, apesar da óbvia evolução que chega de uma a outra. Com relação a esse tipo de conduta, sem dúvida, o que há é uma grande ignorância porque nega a continuidade e a solidariedade paupável e individual de todos em relação a todas as idades, além de tratar as pessoas da terceira faixa etária como uma raça estranha a que nunca pertencerão os jovens.

Somente com a eliminação dessa discriminação com relação à idade é que haverá uma apreciação das distintas etapas da vida, pois não há uma relação de superioridade ou de inferioridade em relação a elas, afinal todas as idades têm suas qualidades, sua personalidade própria e têm o direito e o dever de mostrar como são, sem constrangimentos.

Como explica Sagrera (1992, p. 15), cada idade tem sua filosofia, que é parcialmente verdadeira, e isto deve ser considerado para que não haja um favorecimento e um desfavorecimento para algumas etapas da vida com relação a outras. Tal aspecto, segundo mostra o referido autor, não se trata de ignorar ou negar a idade de ninguém, mas sim de amar aos outros com a sua idade, qualquer que seja esta, afinal espera-se sempre passar por todas as idades.

Nesse sentido, a luta contra a discriminação com relação à idade deve persistir, afinal os jovens e os adultos não se reterão nessa sua etapa privilegiada durante quase toda sua vida,

além disso é conveniente lembrar que deve haver uma consciência por parte dos adultos de que se já foi jovem ontem e conseqüentemente se será velho amanhã.

Assim, os jovens e velhos discriminados pelo edadismo devem evitar cair no erro de pensar que as dificuldades enfrentadas na vida advêm de si mesmos, aceitando o ser menos e o estar marginalizado por ser somente “jovem” ou “velho”. Além disso, deve também evitar imaginar que a origem da discriminação enfrentada e dos males que por ela padecem corresponde ao grupo em que se encontra.

No que se refere aos jovens e velhos, Sagrera (1992, p. 18) apresenta que por trás das superficiais oposições edadistas, existe uma profunda semelhança entre ambos grupos discriminados:

1. Ambos grupos não são levados a sério. É dito aos velhos: “já não fazemos desse modo”, enquanto que é dito aos jovens: “não sabes ainda o que estás falando”.
2. Ambos grupos têm limitados seus ingressos.
3. Ambos grupos experimentam fortes mudanças corporais. Os jovens estão crescendo os pêlos e os idosos estão perdendo os seus.
4. Ambos podem estar em um mundo de drogas, ainda que estas sejam de diferentes tipos e promovidas por grupos distintos.
5. Ambos encontram-se em diferentes estados de conflito com a geração intermediária.
6. Ambos encontram dificuldade para conseguir um emprego fixo porque ainda há uma forte discriminação contra os jovens e os idosos.
7. Ambos estão disponíveis para serem agentes da mudança social. Quando trabalham juntos, as mudanças podem ser enormes.

Conforme esclarece Sagrera (1992, p. 19), a luta contra a discriminação com relação à idade surgiu primeiramente em relação aos idosos, grupo composto pelos “sobreviventes” do alongamento da vida e classe que se encontra discriminada pela aposentadoria ou expulsão da vida ativa, e foi liderada por um movimento nos Estados Unidos que conscientizou os demais cidadãos, demonstrando as vantagens quantitativas e qualitativas existentes ao relacionar-se com os idosos e ajudando para que haja o fim da discriminação pela idade.

Nesse sentido, pode-se expor, como menciona Sagrera (1992, p. 223), que o preconceito com relação à idade é um prejuízo que afeta a todos ao longo da vida. Por isso, deve ser combatido por todos, sem se deixar enganar pela tática de opor os jovens aos velhos, pois ao combater essa discriminação pela idade haverá uma possibilidade de se viver em uma sociedade mais justa.

## 2.5 OS IDOSOS E SUA LINGUAGEM

Em sociedades industriais modernas, especialmente nos meios urbanos, o indivíduo interage em diferentes grupos e desempenha diversos papéis, distintos conforme o contexto institucional. Portanto, o ser humano está no mundo da *pessoa*, enquanto “personagem de si”, com sua consciência, direitos individuais e enorme liberdade de ação, e não mais diante da *persona*, “personagem do grupo”, com papéis rigidamente pré-traçados pela sociedade em que vive. Desta forma, nas sociedades modernas, o indivíduo reveste-se/investe-se de múltiplas identidades, sendo inúmeros os traços disponíveis que permitem fundamentar atribuições de identidade social de faixa etária.

Conforme Preti (1991, p.75), existe no Brasil e praticamente em todo o mundo o aumento preocupante da população idosa. A despeito dessa situação, longe de os idosos merecerem uma maior atenção da comunidade, o que se nota é que a idade vem constituindo-se, cada vez mais, num fator crescente de discriminação social. A linguagem dessa faixa etária apresenta marcas específicas que podem ser vislumbradas nos campos prosódico, sintático, léxico e, sobretudo, discursivo ou conversacional. É nesse último campo – discursivo ou conversacional – que será evidenciado o estudo da categoria *tempo* no discurso dos idosos.

Considerando-se a questão da faixa etária, é possível afirmar que, a linguagem dos idosos pode ser estudada em três perspectivas que mantêm pontos de ligação e não são estáticas: a de caráter cultural, social e psicológico individual. Na perspectiva de caráter cultural existe a concepção de que os idosos devem ter um papel específico na sociedade em que vivem, de acordo com a tradição cultural a que pertencem; na segunda perspectiva, a de caráter social, há a visão de que a sociedade possui uma postura em relação aos idosos e, de acordo com ela, processam-se as relações sociais entre os idosos e os demais grupos etários; e por último, na perspectiva de caráter psicológico individual, encontramos a idéia de que uma pessoa é tão velha quanto imagina ser.

Considerando-se a questão da faixa etária, é possível afirmar que, em geral, o envelhecimento afeta sua condição de relacionamento social pela linguagem. Assim, as causas de natureza física, decorrentes da idade, que interferem, de maneira às vezes decisiva, nas atividades de pessoas mais maduras, quer sobre sua vida exterior, quer sobre suas reações psíquicas, seu poder de reflexão e análise, atingem consideravelmente sua capacidade comunicativa e receptiva e, por conseqüência, a própria habilidade conversacional.

Segundo Preti (1991, p. 57), em geral pode-se dizer que o levantamento das características peculiares à fala das pessoas mais maduras, nos diversos níveis de análise,

mostra que as diferenças básicas entre essa linguagem e a dos falantes mais jovens residem muito mais na intensificação das características comuns a ambos, do que propriamente nos traços específicos. É o que ocorre com as repetições e suas várias espécies, como os anacolutos, com as parentéticas e, sobretudo, com as pausas, as hesitações e as autocorrekções.

Conforme procura demonstrar Preti (1991, p.102), a linguagem dos idosos apresenta interferência de fatores naturais, psicofísicos (maior lentidão das reações na comunicação ativa ou receptiva, os problemas de audição e memória) e a outros de natureza sociocultural, como a situação estigmatizada dos velhos na sociedade contemporânea, o que lhes acarreta uma insegurança manifestada em todos os atos de sua vida e, muito particularmente, no seu discurso. Mas, estas variações dos processos de repetição e nas autocorrekções – que interferem na fluência do discurso de pessoas mais velhas – são mecanismos estratégicos que elas utilizam para compensar problemas de disfluência que ocorrem ao nível prosódico e para os quais esses falantes não têm solução, assim tais recursos permitem aos idosos sustentar o andamento da conversa, isto é, apesar de tudo, seu discurso é levado adiante.

Preti (1991) apresenta, em seu trabalho, o resultado de uma pesquisa com falantes acima de 80 anos, “os Idosos Velhos”, limitando as citações de sua obra a apenas um diálogo entre dois informantes (de sexo feminino – 85 anos e de sexo masculino – 81 anos), apesar de ter feito 25 entrevistas sobre os temas: vestuário e diversões. Assim, o autor subdivide os idosos em: os “idosos jovens” com 60 a 80 anos, e os “idosos velhos” com mais de 80 anos, faixa etária a partir da qual é mais freqüente a consciência da velhice.

Os lapsos de memória constituem um dos problemas mais importantes para a perda do ritmo normal na fala de pessoas mais velhas juntamente com a rememoração do passado que faz parte da própria organização do discurso do idoso e é feita por meio de vários tipos de informação, que vão desde as datas constantemente citadas para situar o que os falantes chamam de “nosso tempo”, até as indicações de lugares, menção a objetos, valores monetários, marcas comerciais, pessoas, instituições, acontecimentos públicos situados no passado. Essas informações pertencem à história da vida de cada um dos falantes; em geral trata-se de uma experiência compartilhada por ambos e, às vezes, podem ser citadas incompletamente, porque pressupõe o conhecimento do ouvinte.

As informações sobre o passado, que transparecem constantemente no discurso do idoso, muitas vezes são expressas por um léxico em que aparecem vocábulos, expressões, estruturas formulaicas, formas de tratamento, relacionados com sua época. Neste sentido, podemos dizer que as categorias espaço e tempo podem transparecer nas seguintes marcas lexicais: *Arcaísmos* (utilização de vocábulos, formas de construções frasais que saíram do uso na

língua corrente e nela refletem fases anteriores nas quais eram vigentes), *Arcaísmos gírios* (vocábulos que têm referentes limitados no tempo e oferecem, não raro, sérias dificuldades de compreensão para os ouvintes mais jovens, podendo ter significados diversos em outras épocas e lugares), *Expressões formulaicas* (são as frases-feitas, provérbios, refrões, expressões que, muitas vezes, remontam à sua infância e a melodia e a rima que, não raro, as acompanham, favorecem a permanência na memória) e as *Formas de tratamento* (que constituem um dos índices sociolingüísticos mais expressivos, para evocar as relações sociais entre falante/ouvinte).

Embora haja algumas marcas lexicais do tempo, na fala das pessoas mais velhas especialmente, é preciso reconhecer que nem por isso essa linguagem se tornou ininteligível aos mais jovens, mesmo porque os próprios idosos se encarregam de buscar artifícios para explicar os arcaísmos, as expressões formulaicas fora de uso, a gíria de seu tempo. E são esses artifícios que constituem precisamente as marcas mais expressivas da linguagem desse “grupo social”.

O passado como fonte tópica, como regulador da estrutura tópica discursiva, pode fornecer outras pistas para a compreensão da linguagem dos idosos. De fato, fatores culturais agem sobre esses falantes, levando-os a estruturarem seu discurso dentro de parâmetros diversos dos realizados pelos falantes de outras faixas etárias. Preti (1991, p.110) mostra que o estudo da topicalidade no discurso, de certa forma, lembra a própria intuição popular que costuma estigmatizar alguns hábitos lingüísticos dos falantes idosos, classificando-os de “conversa de velhos”, pelas constantes remissivas ao passado, seguindo o estereótipo (“no meu tempo”...).

É justamente no sentido de valorizarem seu tempo ou de se mostrarem integrados na sociedade em que vivem, que as pessoas mais velhas escolhem com habilidade o inusitado de suas narrativas e avaliam seus pormenores em função das necessidades da interação verbal, considerando os próprios valores e os do ouvinte ou audiência. Enfim, nos esclarece Preti (1991, p.100) que sendo um artifício que se vale fundamentalmente da categoria tempo, as narrativas demonstram o quanto a vida dos falantes mais velhos permanece centrada no passado. Buscando no arquivo da memória fatos para ilustrarem suas idéias, os “idosos velhos” vão acumulando uma preciosa documentação da longa “viagem no tempo” a que costumam entregar-se durante a conversação.





### 3 A FRASE, O ADVÉRBIO, A LOCUÇÃO ADVERBIAL E A EXPRESSÃO DE TEMPO

Para a conceituação de frase, advérbio e locução adverbial, um dos autores a que se recorreu foi Cunha e Cintra (1985, p. 116). A conceituação de frase proposta por esses estudiosos define-a como o que se constitui em um enunciado de sentido completo, uma unidade mínima de comunicação.

Conforme esclarecem os referidos gramáticos, a frase pode ser constituída de uma só palavra – como, por exemplo, em “fogo!” “atenção!” – de várias palavras com ou sem verbo – como, por exemplo, em “alguns anos vivi em Itabira” ou “que inocência!”. Esse tipo de enunciado, isto é, a frase é sempre acompanhada de melodia, de uma entoação e pode conter uma ou mais orações.

Acerca do advérbio, os autores declaram que ele é, fundamentalmente, um modificador do verbo, mas também tem a função de reforçar o sentido de um adjetivo, de um advérbio e de toda a oração. Acrescentam que os advérbios recebem a denominação da circunstância ou de outra idéia acessória que expressam.

Com relação a essa classe de palavra, a Norma Gramatical Brasileira distingue as seguintes espécies: advérbios de afirmação, dúvida, intensidade, lugar, modo, negação e tempo.

No que diz respeito à locução adverbial, Cunha e Cintra (1985, p. 532) assim denominam o conjunto de duas ou mais palavras que funcionam como advérbio. Segundo os autores, de regra, as locuções adverbiais formam-se da associação de uma preposição com um substantivo, com um adjetivo ou com um advérbio (em silêncio, de novo, por aqui, respectivamente). Dessa forma, os autores abordam que à semelhança dos advérbios, as locuções adverbiais podem ser de afirmação, intensidade, lugar, modo, negação e tempo.

Segundo Perini (1996, p. 338), a categoria tradicional dos advérbios encobre uma série de classes, às vezes de comportamento sintático radicalmente diferente. Sobre isso, o autor afirma que é preciso definir cada classe em termos de seu potencial funcional e não apenas considerar a definição tradicional a qual trata da propriedade de “modificar” itens de outras classes – ou mesmo de modificar o próprio advérbio.

Ao tomar apenas um pequeno grupo de palavras tradicionalmente chamadas “advérbios” (não, rapidamente, completamente, muito, francamente), Perini (1996, p. 339) ilustra as diferenças de potencial funcional e, portanto, de classe. Dessa forma, o autor expõe que essas

cinco palavras são todas classificadas como advérbios e subclassificadas segundo um critério semântico (“de negação”, “de modo”, “de intensidade”) que não se pode levar em conta em um estudo sintático.

Assim, as cinco palavras selecionadas pelo autor podem ser encontradas desempenhando diversas funções sintáticas, a saber:

**Negação verbal:**

Ex.: Seu tio *não* apareceu na estação. (PERINI, 1996, p. 339)

**Intensificador:**

Ex.: Almeida é *muito* magro. (PERINI, 1996, p. 339)

Ex.: Almeida estava *completamente* bêbado. (PERINI, 1996, p. 339)

Ex.: Essa proposta é *francamente* ilegal. (PERINI, 1996, p. 339)

**Adjunto circunstancial**

Ex.: Ela ri *muito*. (PERINI, 1996, p. 339)

**Atributo**

Ex.: Terminamos a pintura *rapidamente*. (PERINI, 1996, p. 339)

Ex.: Ela me revelou tudo *francamente*. (PERINI, 1996, p. 339)

**Adjunto adverbial**

Ex.: Ela decorou o apartamento *completamente*. (PERINI, 1996, p. 339)

**Adjunto oracional**

Ex.: *Francamente*, acho que ele nos enganou. (PERINI, 1996, p. 339)

Expostos os exemplos, o autor chama a atenção para o fato de as palavras dos exemplos poderem ocupar pelo menos seis funções, e algumas poderem ocupar mais de uma função. A partir dessa constatação, Perini (1996, p. 339) observa que se trata de cinco classes dentro do grupo tradicional dos advérbios. Dessa forma, o autor observa como a classificação tradicional deixa de exprimir as diferenças encontradas entre esses itens, no que diz respeito a seu comportamento gramatical. O autor também salienta que a subclassificação em advérbios “de modo”, “de intensidade” etc. não corresponde à classificação sintática obtida acima, pois são demonstrados três advérbios de modo (*rapidamente*, *completamente*, e *francamente*), que no entanto são sintaticamente bem diferentes.

Perini (1996, p. 340) esclarece que os traços característicos das cinco classes de advérbios não são todos exclusivos das palavras tradicionalmente assim classificadas. Para ilustrar tal

constatação, o autor expõe que os adjetivos *rápido* e *fundo* podem ser adjuntos circunstanciais, como mostram os exemplos:

Ex.: Ela escreve *rápido*. (PERINI, 1996, p. 340)

Ex.: Joaquim mergulhou *fundo* na questão. (PERINI, 1996, p. 340)

Conforme esclarece o autor, assim como as palavras *rápido* e *fundo*, a palavra *muito* também é um adjunto circunstancial, mas difere-se de *rápido* e *fundo* por ser um intensificador.

A classificação dada aos cinco itens referidos pelo autor (*não*, *rapidamente*, *completamente*, *muito* e *francamente*) demonstra não ser fácil estabelecer uma classe que abarque a totalidade ou a maioria dos itens tradicionalmente chamados “advérbios”.

Diante desse posicionamento, o autor afirma que não existe uma classe que compreenda, mesmo aproximadamente, os itens tradicionalmente chamados de “advérbios”, pois, segundo ele, as diferenças sintáticas entre os “advérbios” são muito profundas, em parte comuns a palavras de outras classes tradicionais, e não autorizam a postulação de uma classe única. Assim, Perini (1996, p. 340) propõe a existência de diversas classes, que podem agrupar-se, mas dificilmente de maneira análoga à proposta pela análise tradicional.

Outra crítica apresentada pelo autor diz respeito à definição tradicional a qual expõe que o advérbio “modifica” determinadas classes (entre as quais o próprio advérbio). Ao justificar sua crítica, Perini (1996, p. 340) apresenta que a noção de “modificação” é bastante obscura, assim o autor a interpreta como um misto de semântica e sintaxe.

Segundo o autor, semanticamente, “modificação” significa que um advérbio teria seu significado amalgamado ao de um outro elemento, formando um todo semanticamente integrado; assim o autor exemplifica através das frases:

Corremos → exprime ação

Corremos depressa → exprime a mesma ação, acrescida de algum ingrediente de significado.

Assim, tanto *corremos* quanto *corremos depressa* seriam unidades no plano semântico. Embora considere que essa seja uma observação correta, o autor esclarece que ela não ajuda a caracterizar o “advérbio” porque se aplica a outras classes. Assim, *comi* é uma ação, e *comi uma peixada* é a mesma ação, acrescida de um ingrediente semântico que a especifica melhor.

Sintaticamente, o autor apresenta que a noção de “modificação” parece referir-se à ocorrência conjunta dentro de um constituinte: o que se chama em sintaxe *estar em construção com*. Desse modo, *corremos depressa* forma um constituinte (*corremos* está em construção com *depressa*). Isso, por si só, não é suficiente para definir o advérbio, porque *comi* e *uma peixada* também estão em construção em *comi uma peixada*. Se fosse definido o

advérbio como o elemento que ocorre em construção com um verbo, *uma peixada* teria de ser um constituinte adverbial.

Sobre isso, a tentativa de definir o advérbio em termos do elemento que ele “modifica”, o autor assume a posição de que o fato de estar em construção com o verbo, com o adjetivo ou com o próprio advérbio não pode ser utilizado como critério definatório da classe dos advérbios. Para Perini (1996, p. 342), a definição de “advérbio”, caso seja possível (afinal o autor duvida), deve ser formulada em termo de funções, pois para o autor sob o rótulo de “advérbio” se esconde uma grande variedade de classes.

Acerca dos chamados sintagmas adverbiais, o autor expõe que eles ocupam funções adverbiais na oração, como, por exemplo, em:

Ex.: Terminamos a pintura *em poucas horas*. (PERINI, 1996, p. 342)

Nesse caso, o constituinte *em poucas horas* seria um sintagma adverbial.

Sobre as funções tradicionalmente chamadas “adverbiais”, o autor acrescenta que elas pertencem a um grupo bastante heterogêneo.

Buscando saber especificamente sobre os advérbios de cunho temporal, verificou-se que no estudo de Mira Mateus (1989, p. 166), o termo adverbial de tempo é utilizado numa perspectiva tripartida para designar adverbiais de tempo propriamente ditos como, por exemplo, em: “A Rita foi a Paris *ontem*”, para sintagmas preposicionais como, por exemplo, em: “A Rita levou o livro *em duas horas*”, para sintagmas nominais como em: “O Rui chegou *esta manhã*” e para orações temporais como, por exemplo, em: “*Quando chegou à casa*, a Rita fez o jantar”.

Depois de ter exposto a posição que assumem Cunha e Cintra (1985), Perini (1996) e Mira Mateus (1989) para as reflexões que apresentam sobre marcadores temporais, cabe ressaltar que se decidiu orientar as reflexões sobre os marcadores temporais, considerando dois grandes grupos identificados com as seguintes denominações: marcadores temporais de estrutura pontual, constituídos apenas de uma palavra – o que seria denominado advérbio, na nomenclatura de Cunha e Cintra (1985) e Perini (1996), e adverbial de tempo propriamente dito, na nomenclatura de Mira Mateus (1989) – como em: <sup>2</sup>“*Hoje os obstetristas condenam o fórceps*” (Projeto NURC/ DID – 193- linha 49), e marcadores temporais de estrutura fraseológica, constituídos de mais de uma palavra – o que seria denominado locução adverbial e frase (oração temporal), na nomenclatura de Cunha e Cintra, sintagma adverbial, sintagma

---

<sup>2</sup> Os exemplos sublinhados e em itálico foram extraídos do *corpus* dessa Dissertação (inquéritos DID e D2 do Projeto NURC da cidade de Salvador).

nominal e oração temporal, na visão de Perini e sintagma preposicional, sintagma nominal e oração temporal na nomenclatura de Mira Mateus – como em: “... *no meu tempo quem me vestia era D.C.*,” (Projeto NURC/ DID – 14R- linhas 68-69), “... *olhe e aliás aqui planta o milho um pouquinho antes, planta o milho um pouquinho antes para esperar a chuva de São José*” (Projeto NURC/ D2 – 362- Inf. 2 -linhas 287-288) e “... *quando era garoto, tinha 13 anos, eu conheci Criciúma, Monte Santo e tal*” (Projeto NURC/ D2 – 346- Inf. 1 -linhas 442-445).

### 3.1 CARACTERÍSTICAS DOS ADVÉRBIOS

A sistematização das características dos advérbios seguirá a perspectiva da abordagem da autora Moura Neves em seu estudo *Gramática de Usos do Português*. A escolha deste estudo justifica-se pelo fato de a autora apresentar as informações de que já se dispõe sobre essa classe, acrescentando sua contribuição pessoal, ordenadamente e de maneira atual.

Dessa forma, destacam-se, nos tópicos a seguir, as características sintáticas, mórficas e semânticas, abordadas pela autora. Convém esclarecer, à título de metodologia, que ao longo dessa abordagem teórica, os exemplos que se encontram em itálico e sublinhado pertencem ao *corpus* desta Dissertação e os que se apresentam sob a fonte arial itálico pertencem ao *corpus* da *Gramática de Usos do Português* de Moura Neves.

#### 3.1.1 Características Sintáticas dos Adverbiais

A primeira característica abordada por Moura Neves (2000, p. 234-236) refere-se ao fato de que os advérbios são satélites de um elemento sintático. Segundo a autora, “de um ponto de vista sintático ou relacional, o advérbio é uma palavra periférica, isto é, ele funciona como satélite de um núcleo”. Dessa forma, essa classe de palavra é entendida como um elemento que incide sobre variados elementos lingüísticos, desde uma palavra até todo um enunciado.

Moura Neves (2000, p. 234-235) observa que os advérbios podem, conforme a subclasse a que pertençam, operar sobre:

- verbo (ex.: “*eu rezo sempre a ele*”. (Projeto NURC/ D2 – 354- Inf. 1 -linha 897));
- adjetivo ou sintagma com valor adjetivo (ex.: “*É legal a Cidade Baixa, agora um muito agradável que eu achei foi Parintins*”. (Projeto NURC/ D2 – 354- Inf. 1 –linhas 113-114));

- advérbio ou sintagma com valor adverbial (ex.: “*É muito badalada o cinema do Iguatemi, mas é muito longe e aí eu não fui não*”. (Projeto NURC/ D2 – 354- Inf. 1 -linha 897));
- numeral (ex.: “*O salário melhorou muito, mas eu era professora primária, uma babá de europita mil réis, e isso há 26 anos passados, 25 ou mais 29*”. (Projeto NURC/ D2 – 354- Inf. 1 -linhas 154-156));
- substantivo (ex.: “*lá em casa é uma epidemia agora*”. (Projeto NURC/ D2 – 346- Inf. 1 -linha 415));
- pronome (ex.: “E por isso *mesmo* tão cansados e não querem saber de arriscar o emprego”. (Moura Neves, 2000, p. 235));
- a conjunção embora (ex.: “Alguns inquéritos solicitados pelo Saps à polícia arrastam-se morosamente sem chegar à apuração policial dos crimes, *muito* embora as autoridades da mais alta hierarquia se empenhem nisso”. (Moura Neves, 2000, p. 235)).

Moura Neves (2000, p. 235) expõe que o advérbio é periférico em um enunciado, incidindo sobre a oração, ou proposição (ex.: “[...] felizmente amanheceu o dia”. (Projeto NURC/ D2 – 354- Inf. 2 -linha 439));

e também é periférico no discurso, incidindo sobre todo o enunciado (ex.: “[...] então, o carnaval daqueles tempos, se respeitava muito”. (Projeto NURC/ DID 14R – linhas 215-216)).

A autora defende a idéia de que os advérbios podem operar junção de sintagmas ou orações, pois, como afirma, alguns elementos, classificados, pela gramática tradicional, como conjunções coordenativas, são advérbios. As formas expostas à argumentação são: *porém*, *contudo*, *entretanto*, *todavia*, *no entanto*, que não preencheriam, sob testes que propõe, condições típicas de conjunções, a saber: a) nem sempre ocorrem encabeçando a oração; b) podem coocorrer com outras conjunções coordenativas, inclusive com *e* e *mas*, apontadas como conjunções coordenativas prototípicas. Podem-se observar essas características nos exemplos que apresenta: (ex. 1.: “e a tribo está revoltada contra o teu procedimento? Esteve no começo (...) Quando, *porém*, souberam da verdade, não deram mais ao caso a mínima importância”. (Moura Neves, 2000, p. 272) e ex. 2.: “não havia ninguém. Pode escutar *entretanto* pisadas rápidas se afastando, em seguida um como tropel de cavalo”. (Moura Neves, 2000, p. 275).

Tomando como enfoque a valência<sup>3</sup>, Moura Neves (2000, p. 261) aborda os advérbios de acordo com os seguintes traços:

---

<sup>3</sup> Valência é o traço que implica na seleção de argumentos internos: o sintagma resultante pode, portanto ser, em conjunto, intransitivo, visto que não promove junção.

→ de transitividade, quando são completáveis, (ex.: “Parou *antes* de chegar em casa”. (Moura Neves, 2000, p. 261))

→ de intransitividade, quando não são completáveis, (ex.: “Bentinho viu *logo* que o ataque a Jatobá não podia ser mais naquele tempo”. (Moura Neves, 2000, p. 261).)

O aspecto da grande mobilidade dos advérbios na ordem da frase ou do enunciado também é citado como um dos traços caracterizadores do advérbio. Ao tratar de advérbios de verificação, Moura Neves diz que “atuam como focalizadores da parte do enunciado que vem a seguir” (2000, p. 241). A referida autora lista casos em que os advérbios podem ser antepostos (a SADJs, a SNs) ou pospostos (a SADVs, a uma predicação); podem vir intercalados entre elementos do sintagma verbal; podem vir no início ou no final do enunciado.

A característica de alguns advérbios determinarem formas integrantes de seu escopo também é retratada por Moura Neves que faz referência a adverbiais que interferem na seleção mórfica de formas que integram o elemento sintático sobre o qual incidem: as formas *talvez* e *eventualmente* (para a autora, advérbios modalizadores asseverativos relativos) selecionam, respectivamente, o modo verbal subjuntivo, com raras exceções, e o futuro do pretérito do indicativo, preferencialmente, como se vê dos seguintes exemplos: (“*Eventualmente, poderia* testar o conhecimento teórico utilizado”. (Moura Neves, 2000, p. 272) e “*eventualmente, quase por farrá e não por prazer ou necessidade cometia* uma reincidência”. (Moura Neves, 2000, p. 272)).

Moura Neves (2000, p. 249) afirma que alguns advérbios podem funcionar sozinhos como respostas, como pode ser visualizado no exemplo a seguir: (ex.: “se você recorre à História, verá que as concepções variam”. Resposta: “*exatamente*”).

### 3.1.2 Características Mórficas dos Adverbiais

O traço da invariabilidade é uma característica freqüente na definição tradicional dos advérbios. Sobre isso, na obra referida, Moura Neves (2000, p. 233) chama a atenção para os casos de advérbio de intensidade *meio* que apresenta flexão de gênero, como mostra o exemplo a seguir: (ex.: “É que ela tá *meia* doente, já não tem vontade”. (Moura Neves,

p. 234). Conforme expõe a referida autora, o exemplo evidencia uma questão complexa e interessante para futuros estudos que não estão em pauta para este trabalho.

Além das formas simples, a autora admite os advérbios perifrásticos (locuções adverbiais) e derivados. Lembra que não é um critério seguro admitir-se a plena correspondência semântica entre advérbios e as alegadas locuções para acolher-se à seqüência como uma locução, como na relação do advérbio *totalmente* com a locução *de todo*, “já que a existência, ou não, de um advérbio correspondente é questão do léxico e não da gramática da língua”. (Moura Neves, 2000, p. 231).

Quanto aos advérbios derivados, Moura Neves (2000) não os refere explicitamente, mas lista casos em que os advérbios se formam a partir de sufixação, que é um processo derivacional, como mostram os exemplos: (“*Agorinha* mesmo”. (Moura Neves, 2000, p. 234)) e (“Os castigos vinham *depressinha*”. (Moura Neves, 2000, p. 234)). Parece pacífico que alguns advérbios aceitem morfemas derivacionais de intensificação, um dos argumentos em favor de sua classificação como palavras do léxico. Resta a averiguação de quais deles os aceitam e qual a natureza do traço que os licencia ou bloqueia.

Ainda sobre a questão derivacional, Moura Neves (2000, p. 243) cita os advérbios derivados como adjetivos gramaticalizados em advérbios, como no exemplo: (Corinthias jogou *limpo*, foi melhor em campo e derrotou o Grêmio).

### 3.1.3 Características Semânticas dos Adverbiais

Moura Neves (2000, p. 236) expõe que os advérbios formam uma classe heterogênea quanto à função e que tradicionalmente abrigam-se sob o rótulo de advérbios duas grandes subclasses: os advérbios modificadores – que afetam o significado do elemento sobre o qual incidem, fazendo uma predicação sobre as propriedades desses elementos, isto é, modificando-os – e os não-modificadores – que não afetam o significado do elemento sobre o qual incidem.

Apresenta a autora, às páginas 236 a 241, a classificação que vem reproduzida, a seguir, com o objetivo de explicitar as características semânticas que são atribuídas aos adverbiais.

Quadro 1 – Características semânticas dos adverbiais

Características semânticas dos adverbiais (Segundo MOURA NEVES)	
1.1. De modo: qualificam uma ação, um processo ou estado expressos num verbo ou num adjetivo	Exemplo: “Tenho uma cabeça que <i>pensa</i> muito <i>depressa</i> ”. (Moura Neves, 2000, p. 236).



1. Modificadores	1.2. Intensificadores: intensificam o conteúdo de um adjetivo, um verbo ou um advérbio.	Exemplo: “[...] <i>mas, hoje o social esportivo é aquela roupa que até inclusive não usa gravata, né, tem... blazer <u>mais</u> claro.</i> ” (Projeto NURC/ DID 14R – linhas 48-50).
	1.3. Modalizadores: modalizam o conteúdo de uma asserção	1.3.1. Epistêmicos asseverativos: indicam uma crença, uma opinião, uma expectativa sobre a asserção. Exemplo: “[...] <i>realmente, ela sempre foi muito covarde</i> [...]” (Projeto NURC/ D2 – 354- Inf. 2 -linha 258).
		1.3.2. Delimitadores: delimitam o ponto de vista sob o qual uma asserção pode ser considerada verdadeira. Exemplo: “O ferro já está <i>quase</i> afiado”. (Moura Neves, 2000, p. 237).
		1.3.3. Deônticos: apresentam como obrigação uma necessidade. Exemplo: “Tinham <i>necessariamente</i> de estar exaustos, sedentos de sono e descanso, depois de tantos dias de provação”. (Moura Neves, 2000, p. 238).
		1.3.4. Afetivos: indicam um estado de espírito do falante em relação ao conteúdo da asserção. Exemplo: “[...] <i>felizmente</i> amanheceu o dia”. (Projeto NURC/ D2 – 354- Inf. 2 -linha 339).
2. Não-modificadores	2.1. Operam sobre o valor de verdade	<b>2.1.1. De afirmação: Exemplo:</b> “Inf. 2. <i>E você seria a madrinha?</i> Inf. 1. <i>E ele, <u>sim</u>, me convidou pra ser madrinha</i> ”. (Projeto NURC/ D2 – 354- linhas 147-148).
		2.1.2. De negação: Exemplo: “[...] <i>o shampoo, o creme... eu não uso ainda... <u>não</u> acostumei</i> ”. (Projeto NURC/ DID 14R – linha 441).
	2.2. Não operam sobre valor de verdade.	2.2.1.. Circunstanciais: de lugar. Exemplo: “ <i>Onde estava a família dele?</i> ” (Projeto NURC/ D2 – 354- Inf. 1- linha 238). De tempo. Exemplo: “[...] <i>eu liguei pro Banco do Brasil, e ele como vai? H.., você já está por aqui e O.? Quando chegou? [...]</i> ” (Projeto NURC/ D2 – 354- Inf. 1-linhas 510-511).
		2.2.2. de inclusão. Exemplo: “Laio <i>apenas</i> resmunga, <i>mas não</i> desperta”. (Moura Neves, 2000, p. 240).
		2.2.3. de exclusão. Exemplo: Wj= índice diário da remuneração média, sendo “j” cada dia entre as datas-base “m”, inclusive, e “n”, <i>exclusive</i> . (Moura Neves, 2000, p. 240).
		2.2.4. de verificação: Exemplo: “O outro sabe que <i>não é bem</i> assim”. (Moura Neves, 2000, p. 240).
2.3. Juntivos anafóricos: ocorrem numa oração ou num sintagma, referindo-se a alguma porção da oração ou do sintagma anterior.	2.3.1. Indicando contraste. Exemplo: “Alguns empresários, <i>entretanto</i> , preferem o sistema de <i>parceria a 35%</i> ”. (Moura Neves, 2000, p. 241)	
	2.3.2. Indicando conclusão. Exemplo: “[...] <i>então, eu... eu, já não como peixe</i> ”. (Projeto NURC/ D2 – 362- Inf. 1- linha 781).	

### 3.1.4 Como se Apresentam os Advérbios: Síntese de Suas Características

O percurso que se procurou tratar para os advérbios, nos planos sintático, mórfico e semântico, permite a síntese que a seguir se apresenta.

#### Quadro 2 – Síntese das características dos advérbios

<b>ADVÉRBIOS</b>	
Sintaticamente	São satélites de um elemento sintático, intra ou extra-sentencial, são não-juntivos e bastante deslocáveis na sentença. Ex.: “[...] <u>antigamente</u> o povo tinha mais saúde [...]”. (Projeto NURC/ D2 – 361- Inf. 2- linha 485).
Morficamente	São invariáveis e podem ser: simples, perifrásticos (locucionais) e derivados. Ex.: “[...] <u>hoje eu só sei medicina</u> ”. (Projeto NURC/ D2 – 354- Inf. 1- linha 895). “ <u>Curso pedagógico naquele tempo era normal né?</u> ” (Projeto NURC/ D2 – 354- Inf. 2- linha 20). “[...] <u>atualmente o povo de baixa renda não tem condição de morar</u> [...]”. (Projeto NURC/ D2 – 361- Inf. 2- linhas 168-169).
Semanticamente	Podem ser modificadores ou não do elemento que satelizam. Ex.: “[...] <u>é legal a Cidade Baixa, agora um muito agradável que eu achei foi Parintins</u> [...]”. (Projeto NURC/ D2 – 354- Inf. 1 –linhas 113-114). “[...] <u>onde estava a família dele?</u> ”. (Projeto NURC/ D2 – 354- Inf. 1- linha 238).

### 3.2 A CONCEPÇÃO DE TEMPO: DIFERENTES VISÕES

As linhas gerais seguidas pelas análises encontram-se de acordo com a concepção de tempo e baseiam-se em Lakoff e Johnson (1980) e Lakoff (1998).

Lakoff (1998, p. 101-102) introduz a concepção de mobilidade temporal, dessa forma este autor expõe que a idéia de que o tempo se move pode vir, por exemplo, da experiência de se ver em coisas movendo-se para pessoas ou pessoas para elas e a conseqüente observação de que o deslocamento toma tempo.

Assim, a relação *eu/tempo* oscila para o falante, entre considerá-lo um objeto que se move (*o tempo não pára/passa/corre/ voa; espera-se o momento propício*) e considerar que o eu/os fatos movem-se no tempo (*já passei por isso; correr contra o tempo*). Assim, constroem-se as noções semânticas temporais dêiticas de simultaneidade/anterioridade/posterioridade, *grosso modo*, as noções de presente/passado/ futuro.

Conforme esclarecem Lakoff e Johnson (1980, p. 59), a categoria lingüística tempo considera o tempo físico como um grande continente onde o eu/os fatos estão incluídos. Portanto, “o tempo é um recurso de que o falante dispõe, podendo otimizá-lo ou desperdiçá-lo, aproveitá-lo, gastá-lo ou poupá-lo”. (LAKOFF e JOHNSON, 1980, p. 8)

### 3.3 ADVÉRBIOS DE TEMPO

Conforme expõe Moura Neves (2000, p. 256), os advérbios de tempo fazem parte da classificação dos advérbios circunstanciais. Segundo esclarece a referida autora, o tempo é uma categoria dêitica, isto é, categoria que faz orientação por referência ao falante e ao aqui-

agora, que constituem o complexo modo-temporal que fixa o ponto de referência do evento de fala.

Dessa forma, a autora informa que o subagrupamento básico dos advérbios circunstanciais é governado pelas relações que se dão dentro do enunciado e pelas relações que se dão entre enunciado e enunciação. Assim, existem, entre os advérbios de tempo, dois tipos de elementos: advérbios em si mesmos fóricos e advérbios não-fóricos.

### 3.3.1 Advérbios de Tempo Fóricos e Não-Fóricos

Os advérbios de tempo fóricos indicam circunstância, que é referida ao momento da enunciação, numa escala de proximidade temporal. Um exemplo é *hoje*, que pode indicar um período (maior ou menor) considerado próximo do momento da enunciação, e, portanto, ligado ao enunciador. Isso pode ser percebido no seguinte exemplo: (“[...] *me formei em Geografia e História, fui Budista e hoje eu sou Jardinista*”. (Projeto NURC/ D2 – 362- Inf. 1 -linha 5)).

A expressão de tempo pode ligar-se a escalas concretas de medição determinadas fisicamente: a relação com o momento da enunciação (o falante-agora) pode representar um período demarcado. Um exemplo disso é *hoje*, que pode significar “neste dia do calendário civil em que o falante emite o enunciado”, como em: (“[...] *hoje mesmo está um calor bárbaro* [...]”. (Projeto NURC/ D2 – 346- Inf. 2 -linha 56)).

Moura Neves (2000, p. 259) acrescenta que os advérbios não ligados a escalas concretas de medição, como *agora*, não exprimem momento ou período fisicamente delimitado; apresentam variação de abrangência que pode reduzir-se a um mínimo (pontual), mas pode abranger um período maior ou menor, não só do presente, mas também do passado ou do futuro, desde que toque o momento da enunciação ou se aproxime dele, como em: (“[...] *isso veio mudando de uns cinco anos pra cá, mas ainda tocavam músicas assim clássicas, mas agora não há nenhum respeito, nenhuma diferença, também devido ao problema de televisão e do rádio* [...]”. (Projeto NURC/ D2 – 362- Inf. 2 -linhas 341-342)).

Já os advérbios de tempo não-fóricos, por sua vez, efetuam simplesmente a expressão da circunstância de tempo que pode estar indicada por meio da idéia de cedo/tarde, que dá idéia da relação de um momento ou período inicial/final com um período includente, como pode ser percebido em: “Meu marido é um homem muito regrado, queridinha. Dorme sempre cedo”. (Moura Neves, 2000, p. 259). Além da idéia de cedo/tarde, pode também ser expresso

por meio da idéia antes/depois, que dá idéia de relação de anterioridade/posterioridade de um período ou momento com outro, como pode ser percebido em: (“[...]  *você entra no portão, tem uma rampinha, depois tem a casa, depois tem outra rampinha, tem piscina, tem quiosque, depois desce mais onde tem o horto [...]”*). (Projeto NURC/ D2 – 362- Inf. 2 -linhas 83-84)).

A autora também chama a atenção para o fato de que havendo referenciação fórica no sintagma, ela pode ter expressão em um complemento iniciado por preposição, conforme pode ser percebido em: (“[...] depois de... o falecimento de minha mãe, fui a Amargosa”). (Projeto NURC/ D2 – 357- Inf. 2 -linha 86)).

### 3.3.2 A Função dos Advérbios de Tempo

Moura Neves (2000, p. 260) esclarece que os advérbios de tempo indicam circunstância relativa a participantes localizáveis no tempo, podendo ser tanto os fóricos como os não-fóricos, como pode ser visualizado no exemplo: (“[...] hoje, agora, às quatro horas será sepultado o maior superentendente que o Hospital das Clínicas já teve, J. C., J. M. [...]”). (Projeto NURC/ D2 – 354- Inf. 1 –linhas 650-651)).

Os advérbios também apresentam a função adjuntiva adverbial, pois o advérbio é periférico, ou satélite, no sintagma verbal. Assim, ele efetua circunstanciação, sendo locativo (no tempo) do estado de coisas. Dessa forma, podem comportar-se como adjuntos os advérbios fóricos e não-fóricos, como pode ser visto em: “Fala logo, Veludo!” (Moura Neves, 2000, p. 260).

A função adjuntiva adnominal caracteriza-se como uma das funções dos advérbios de tempo, pois o advérbio é periférico no sintagma nominal, efetuando circunstanciação de nome de algo que seja situável no tempo. Assim, tanto os fóricos como os não fóricos podem comportar-se como adjuntos adnominais, como pode ser visto em: (“[...] lá em casa é uma epidemia agora [...]”). (Projeto NURC/ D2 – 346- Inf. 1 -linha 415));

Por último, a autora apresenta a função conjuntiva dos advérbios e acrescenta que há circunstanciais que operam na esfera das relações e processos, efetuando junções temporais de enunciados, de orações ou de sintagmas, conforme mostra o exemplo: “O mestre demorou-se um pouco, depois voltou-se para o companheiro num tom de mando”. (Moura Neves, 2000, p. 261).

### 3.3.3 A Semântica dos Advérbios de Tempo

Como expõe Moura Neves (2000, p. 265), uma característica semântica geral dos advérbios de tempo é que eles indicam circunstância de tempo que podem apontar: situação, duração e frequência.

Com relação à situação (resposta à pergunta “quando?”), a autora faz referência à situação absoluta e à situação relativa. A primeira refere-se ao momento ou período situado na escala do tempo. A respeito desses, a autora chama atenção para os advérbios que se referem a um momento ou período determinado da enunciação ou de outro ponto do enunciado (fóricos). Nesses casos, o tempo em questão é cronológico, isto é, ligado ao calendário tais como: hoje (= neste dia), amanhã (= no dia posterior a este dia ou em época posterior a esta), ontem (= no dia anterior a este dia ou em época anterior a esta). A partir desses advérbios formam-se compostos como: anteontem (= no dia anterior a ontem), trasanteontem e trasantontem (= no dia anterior ao dia anterior a ontem). Mas também, há casos em que o tempo em questão é não-cronológico, sem ligação com o calendário tais como: agora (= neste momento ou na época atual ou neste momento ou período, prolongando-se para o período imediatamente seguinte a este ou no momento/período imediatamente anterior a este ou nos últimos tempos), hoje (= na época atual), anteriormente (= em momento ou período anterior ao presente), atualmente (= na época atual), recentemente (= em momento ou período anterior bem próximo do presente), antigamente (= na época bem anterior a esta), antes (= em momento ou período anterior ao presente), depois (= em momento ou período posterior ao presente), futuramente (= em momento ou período posterior ao presente), logo (= em momento ou período seguinte bem próximo do presente momento), então (= neste momento, naquele momento), cedo (= na parte inicial/no começo de um período), tarde (= na parte final de um período), logo (= em tempo curto, sem demora), prontamente (= em tempo curto, sem demora), imediatamente (= em tempo muito curto), nunca/jamais (= em momento nenhum) e sempre (= em todos os momentos).

Por outro lado, a autora expõe casos de situação relativa, aquela que pode ser referida a um momento da enunciação ou do enunciado (fóricos), como pode ser visto em: “*inicialmente*, protegê-la; *depois*, tentar recuperá-la; *finalmente*, julgá-la”. (Moura Neves, 2000, p. 268). São desse tipo advérbios ou locuções adverbiais como: novamente, de novo (= outra vez, além desta/dessa/daquela vez), ainda, ainda uma vez (= em/até este/esse/aquele momento ou período, considerado como subsequente a outro(s)), já (= neste/nesse/naquele momento ou período, considerado como precedente de outro(s)),

simultaneamente (= ao mesmo tempo), finalmente (= no final, para encerrar), inicialmente (= de início, para começar), antes (= em período anterior a ) e depois (= em período posterior a).

Outra circunstância de tempo apresentada por Moura Neves (2000, p. 269) é a de duração que pode estar se referindo a um período num momento da enunciação (fóricos) tais como: ultimamente (= durante período passado próximo a este) e doravante (= em período posterior a este, a começar deste) e também a duração pode estar relacionada a um período não referido a um momento determinado da enunciação ou do enunciado (não-fóricos) tais como: temporariamente (= durante certo período, por algum período) e indefinidamente (= por tempo indeterminado).

Com relação a essa característica da circunstância de tempo dos advérbios (duração), em Português só há advérbios para expressar a duração absoluta, ou a relacionada com o momento da enunciação. Para a expressão da duração relativa a um ponto de orientação (de partida ou de chegada), usa-se um sintagma preposicionado com núcleo indicativo de tempo como em: “A cidade está em pé-de-guerra *desde ontem*”. (Moura Neves, 2000, p. 270).

E por fim, a autora apresenta a terceira característica da circunstância de tempo: a freqüência, que se refere a repetição/não-repetição de momentos ou períodos. Essa indicação nunca é referida a um determinado momento da enunciação ou do enunciado: todos os advérbios de freqüência são não-fóricos. São eles: anualmente (= todos os anos), diariamente (= todos os dias), sempre (= contínuas vezes), de vez em quando - de quando em quando (=a intervalos). A autora também chama atenção para o fato de que muito freqüentemente sintagmas de valor adverbial que indicam duração ou freqüência apresentem um quantificador como em: “*Por muito tempo* achei grotesco o amor entre dois velhos”. (Moura Neves, 2000, p. 270).

## 4 O CORPUS

O *corpus* desta pesquisa está constituído a partir de inquéritos do Projeto da Norma Lingüística Urbana Culta no Brasil (NURC), implantado a partir de 1969, com o objetivo de descrever os padrões reais de uso na comunicação oral, adotados por indivíduos portadores de nível superior, o qual consta de gravações realizadas em cinco cidades do Brasil, selecionadas entre as fundadas no século XVII – Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo – e no século XVIII – Porto Alegre.

Os informantes do Projeto NURC são de ambos os sexos, distribuídos por três diferentes faixas etárias – de 25 a 35 anos (faixa 1), de 36 a 55 anos (faixa 2) e de 56 anos em diante (faixa 3) – e preenchem os requisitos de serem nascidos na cidade objeto de estudo ou nela terem residido desde os cinco anos de idade; terem passado nessa cidade três quartas partes de sua vida e aí terem cursado o Ensino Fundamental e Médio; possuírem curso universitário completo e serem filhos de falantes nativos de língua portuguesa, preferentemente nascidos na cidade em exame.

O *corpus* constituído em cada cidade se compõe de três diferentes categorias de texto: elocuições em situações formais (EFs), diálogos entre informante e documentador (DIDs) e diálogos entre dois informantes (D2s).

Em âmbito nacional, o *corpus* perfaz um total de 1. 870 inquéritos – sendo 241 elocuições formais, 1. 143 diálogos entre informante e documentador e 486 diálogos entre dois informantes – em que foram registrados 2. 356 informantes e atinge, aproximadamente, 1. 570 horas de gravação.

Dessa forma, o Projeto NURC vem fornecendo material lingüístico para o desenvolvimento de cursos na graduação e na pós-graduação, assim como para a elaboração de estudos como dissertações de Mestrado e teses de Doutorado em Letras.

### 4.1 ESCOLHA DO CORPUS

Como já foi dito anteriormente, este trabalho apresenta um estudo sobre a emergência de identidade social de falantes da terceira faixa etária através da análise dos marcadores temporais presentes no discurso de indivíduos de 56 anos em diante. Para isso, foram

selecionados doze inquéritos do tipo DID – quatro da década de setenta e oito da década de noventa – e seis inquéritos do tipo D2, todos da década de setenta, com as características explicitadas no quadro a seguir.

Quadro 3 – Características do *corpus* selecionado

Tipo de Inquérito	Data de gravação	Nº do inquérito	Nº do informante	Gênero	Idade	Tema	Situação do inquérito
DID	15/10/74	094	109	Masculino	61 anos	A cidade. O comércio.	Publicado
DID	11/06/75	159	203	Feminino	57 anos	O vestuário.	Publicado
DID	30/03/76	193	252	Feminino	77 anos	A família. O ciclo da vida. A saúde.	Digitado
DID	27/04/76	209	275	Feminino	56 anos	Viagens. Turismo	Digitado
DID	16/07/97	003 R	112	Masculino	57 anos	Vida social. Diversões	Digitado
DID	03/07/97	005 R	408	Feminino	73 anos	Alimentação	Digitado
DID	17/07/97	006 R	256	Masculino	68 anos	Viagens e Transporte.	Digitado
DID	19/07/97	007 R	235	Masculino	66 anos	O vestuário.	Digitado
DID	15/12/99	008 R	072	Feminino	63 anos	O vestuário.	Digitado
DID	18/12/99	009 R	096	Masculino	70 anos	O vestuário.	Digitado
DID	20/12/99	013 R	184	Feminino	75 anos	A cidade. O comércio.	Digitado
DID	28/05/00	014 R	230	Masculino	61 anos	O vestuário.	Digitado
D2	21/09/77	298	375 376	Feminino Masculino	74 anos 89 anos	A cidade. O comércio. Transportes e Viagens. Os meios de Comunicação e Difusão. Cinema. TV. Rádio. Teatro	Digitado
D2	11/04/78	346	436 437	Masculino Masculino	65 anos 61 anos	A casa. A família. O ciclo da vida. Vida Social. Diversões.	Digitado
D2	13/07/78	354	449 450	Feminino Feminino	62 anos 56 anos	A cidade. O comércio. Transportes e Viagens. Os meios de Comunicação e Difusão. Cinema. TV. Rádio. Teatro.	Digitado
D2	05/09/78	357	453 454	Feminino Masculino	58 anos 59 anos	A casa. A família. O ciclo da vida. Vida Social. Diversões.	Digitado
D2	19/09/83	361	460 461	Masculino Masculino	61 anos 58 anos	A casa. A família. O ciclo da vida. Vida Social. Diversões.	Digitado
D2	13/12/83	362	462 463	Feminino Feminino	57 anos 59 anos	A casa. A família. O ciclo da vida. Vida Social. Diversões.	Digitado



Assim, o *corpus* compreende 16 horas de registro magnetofônico e representa o desempenho lingüístico de vinte e quatro informantes de ambos os sexos. Dessa forma, o levantamento de dados será feito em dezoito inquéritos, sendo seis do tipo D2, enfocando as três modalidades de participantes – dois do tipo masculino-masculino, dois do tipo feminino-feminino e dois do tipo masculino-feminino – e doze do tipo DID – sendo seis informantes masculinos e seis femininos.

A razão de ter sido escolhido este e não outro *corpus*, baseou-se no fato de o *corpus* do Projeto NURC encontrar-se constituído dentro de uma homogeneidade de critérios que permite uma análise sistemática e de ser um *corpus* que já se encontra constituído, com alguns inquéritos transcritos e outros não, e à disposição para pesquisadores, e também por já conhecer tais inquéritos e se constatar que os informantes que neles participam demonstraram disposição para falar, não se negando a responder às perguntas feitas pelos inquiridores, com o gravador ligado.

Além disso, a eleição desses tipos de inquéritos como ponto central para a investigação justifica-se pela possibilidade que oferecem para um estudo sistemático dos marcadores temporais, relacionando-os com as variáveis gênero, faixa etária, área temática, natureza do inquérito e tempo real.

#### 4.2. METODOLOGIA

Ao se estudar a língua em uso numa comunidade, defronta-se com a realidade da variação. Os membros da comunidade são falantes homens e mulheres de idades diferentes, desenvolvendo atividades variadas, e é natural que essas diferenças, identificadas como sociais ou externas, atuem na forma de cada um expressar-se.

Dessa forma, a variação lingüística é uma das características universais das línguas naturais que convive sistemática e regularmente em todas as línguas. Conforme esclarece Mollica (2003, p. 27), “aparentemente caótica e aleatória, a face heterogênea imanente da língua é regular, sistemática e previsível, porque os usos são controláveis por variáveis estruturais e sociais. Eles podem ser agentes internos e externos ao sistema lingüístico”.

Nesta pesquisa, das variáveis externas ou não-lingüísticas, registram-se o gênero (masculino/feminino), o tema (no caso dos inquéritos DID, por meio de áreas temáticas como: *A cidade. O comércio; O vestuário; Vida social. Diversões; Alimentação; Transportes e viagens; A família, o ciclo da vida e a saúde; Viagens e turismo*); e no caso dos inquéritos D2

por grupos de áreas como o grupo II: *A casa. A família. O ciclo da vida. Vida social. Diversões* e o grupo III: *A cidade. O comércio. Transportes e viagens. Os meios de comunicação e difusão. Cinema. TV. Rádio. Teatro*), a natureza do inquérito (diálogo entre informante e documentador e diálogo entre dois informantes, nesse último tipo ainda a considerar-se o caso dos inquéritos entre dois informantes, se os participantes são do mesmo gênero ou de gêneros distintos: masculino-masculino; feminino-feminino; ou feminino-masculino) e o tempo real (inquéritos da década de 70 e da década de 90). Nas variáveis estruturais ou lingüísticas destacam-se os marcadores temporais.

As variáveis, tanto lingüísticas quanto não lingüísticas, não agem isoladamente, mas operam num conjunto complexo de correlações que inibem ou favorecem o emprego de formas variantes semanticamente equivalentes.

Assim, a análise da relação linguagem e identidade social de falantes pertencentes à terceira faixa etária da cidade de Salvador será feita com base na modalidade oral: inquéritos das décadas de setenta e de noventa do tipo DID – Diálogo entre Informante e Documentador – e D2 – Diálogo entre Dois Informantes.

No que diz respeito aos informantes, esses são todos de nível universitário, sendo doze masculinos e doze femininos, todos da terceira faixa etária, formados em profissões como: advogado, professor, médico, engenheiro, dentista e procurador.

No intuito de apresentar um perfil dos informantes, no quadro a seguir, resumem-se as suas características.

Quadro 4 – Características dos informantes

Tipo de inquérito	Número do inquérito	Número do informante	Gênero	Idade	Profissão
DID	094	109	Masculino	61 anos	Advogado e Professor
DID	159	203	Feminino	57 anos	Professora
DID	193	252	Feminino	77 anos	Médica
DID	209	275	Feminino	56 anos	Engenheira
DID	003R	112	Masculino	57 anos	Professor Universitário
DID	005R	408	Feminino	73 anos	Advogada

DID	006R	256	Masculino	68 anos	Engenheiro
DID	007R	235	Masculino	66 anos	Advogado
DID	008R	072	Feminino	63 anos	Professora
DID	009R	096	Masculino	70 anos	Médico
DID	13R	184	Feminino	75 anos	Professora
DID	14R	230	Masculino	61 anos	Professor Universitário
D2	298	375	Feminino	74 anos	Médica
		376	Masculino	89 anos	Dentista
D2	346	436	Masculino	65 anos	Médico
		437	Masculino	61 anos	Médico
D2	354	449	Feminino	62 anos	Enfermeira
		450	Feminino	56 anos	Enfermeira
D2	357	453	Feminino	58 anos	Procuradora
		454	Masculino	59 anos	Advogado e Professor Universitário
D2	361	460	Masculino	61 anos	Engenheiro Civil
		461	Masculino	58 anos	Engenheiro Civil e Eletricista
D2	362	462	Feminino	57 anos	Jardinista
		463	Feminino	59 anos	Dentista

Dessa forma, analisa-se na atividade discursiva falada como os falantes representam o jogo passado X presente em seus discursos, ou seja, quais são os marcadores temporais que emergem durante a interação que faz com que seja percebida a identidade de pessoas pertencentes à terceira faixa etária.

#### 4.3. LEVANTAMENTO DAS OCORRÊNCIAS ENCONTRADAS

Neste item apresentam-se, em forma de quadro, os marcadores temporais (estruturas pontuais e fraseológicas) presentes nos inquéritos do tipo DID e D2 que favorecem à emergência de identidade social de terceira faixa etária na cidade de Salvador, bem como o número de ocorrências e o contexto.

##### 4.3.1. Levantamento das ocorrências nos inquéritos DID

Neste item, serão apresentados 24 quadros, 12 quadros (Quadros 5-16) que mostram o levantamento das ocorrências de estruturas pontuais e 12 quadros (Quadros 17-28) que tratam das estruturas fraseológicas, contemplando o contexto no qual a ocorrência do marcador temporal está inserida nos inquéritos do tipo DID.

Quadro 5 – Estruturas pontuais no inquérito do tipo DID 094 da cidade de Salvador

Estruturas pontuais	Frequência	Contexto de ocorrência
Hoje	19	<p>(1). “[...] o Beco de Maria Paz, por exemplo. O beco era o tipo de rua que <i>hoje</i> está realmente desaparecendo e que se caracterizava principalmente pela estreiteza, né; então, alguns becos... <i>hoje</i> já há alguns, mas no meu tempo de menino vi muitos; é verdade que aí na parte... na antiga... da cidade antiga, propriamente dita, ainda se encontra muito isso; essas ruas típicas, ou os becos, ou aquelas travessas ou também chamadas transversais, né?” (linhas 169-177)</p> <p>(2). “Bom, esses... há uma série de sinais convencionais estipulados pelo trânsito internacional, <i>hoje</i> adotada em todas as cidades evidentemente”. (linhas 225-228)</p> <p>(3). “[...] bom, é verdade que em relação a pedestre não há um imp... não há uma proibição de tráfego, mas para os carros há as setas, indicando a direção que os carros devem seguir. É muito freqüente <i>hoje</i> a sinalização do tráfego”. (linhas 242-246)</p> <p>(4). “[...] as paradas proibidas, os estacionamento, não é, permitidos, etc. <i>hoje</i> se tem aquelas indicações todas que o carro não pode estacionar ali, outras permitindo estacionamento, outras proibindo estacionamento e assim por diante”. (linhas 250-254)</p> <p>(5). “[...] seriam os viadutos ou, em alguns casos, eles chamariam de pontes, em outros casos chamariam de viadutos, que permitiriam a passagem. E em out... em algumas cidades existem uma outra denominação que está muito usada, que seriam os elevados, <i>hoje</i>, atualmente”. (linhas 258-263)</p> <p>(6). “[...] essas faculdades destinadas naturalmente ao ensino das atividades de natureza superior, não é? Essas faculdades <i>hoje</i> com uma conotação especial que... por força da qual elas estão perdendo, por exemplo, aquela característica, que foi a do meu tempo, que <i>hoje</i> já não existe mais. Nós chamávamos de faculdade, o local ou centro de toda atividade de ensino superior. Por exemplo, na minha carteira... – eu sou bacharel em Direito – estudei na Faculdade de Direito, ali na Piedade, e ali nós fizemos todo curso durante cinco anos. <i>Hoje</i> não, <i>hoje</i> as faculdades estão organizadas sob a forma de instituto e, conseqüentemente o aluno... o aluno ou o estudante evidentemente já tem... já exerce as suas atividades como estudante em vários locais, em vários locais”.(linhas 338-354)</p>
		<p>(7). “[...] a iluminação... ho.... <i>hoje</i> a iluminação pode ser, inclusive, até subterrânea; podíamos seguir a sub... a iluminação aérea, dos meus tempos, e que <i>hoje</i> inda predomina, para a iluminação subterrânea, que está cada vez ganhando mais terreno, não é, essa iluminação; então, a iluminação é feita nas ruas através a posteação, que está também tendendo para um desaparecimento, ou, então, elas ficam suspensas da fiação. É o mais comum (superp)”. (linhas 510-519)</p> <p>(8). “[...] a iluminação de estradas, não me... pelo menos que eu saiba, não... eu não conheço. Aliás, não. Conheço. A Rio-São Paulo tem, evidentemente, tem uma grande extensão... ah...(inint) não sei se <i>hoje</i>, atualmente... eu não sei, mas uma grande extensão ela tinha [...] (linhas 551-556)</p> <p>(9). “[...] seria a fiação que <i>hoje</i> é muito freqüente ou é freqüentemente usado, porque antigamente nós não... mas <i>hoje</i> se usa com muita freqüência – e me parece como uma medida de proteção muito grande – dentro de tubos. Eles fazem <i>hoje</i> toda essa ligação, já não mais como se fazia antigamente, eu me lembro muito a nossa casa na Avenida Sete, toda ela era... a ligação pela parede e subia pela parede internamente, mas <i>hoje</i> não, eles põem esses fios dentro dos tubos e os tubos são conduzidos até os pontos de... de ligação” (linhas 600-610)</p> <p>(10). “<i>Doc.</i> E quando falta luz numa casa, muitas vezes, a depender do tipo de instalação, é devido a quê? <i>Inf.</i> Bom, isso normalmente ou pode ser provocado por um circuito, o que é muito freqüente acontecer, técnicos chamem de circuito <i>hoje</i> a todas essas manifestações”. (linhas 622-628)</p> <p>(11). “<i>Doc.</i> E para se regularizar a voltagem... eh... eu digo em relação a televisão ou a rádio (inint) (superp) <i>Inf.</i> Bom, eles... <i>hoje</i> nós temos (superp) um aparelho, que esse aparelho tem a função de estabelecer o equilíbrio, de manter o equilíbrio. Esse aparelho tem um nome específico, eu tenho até... eu não uso nessa, porque essa é <i>stabilimatic</i>, essa</p>

		nossa grande, mas eu tenho uma outra que eu mandei consertar, que eu chamo este aparelho, chama-se... me escapou o nome. Eu conheço muito esse aparelho... eh... o nome me escapou”. (linhas 720-731)
Antigamente	2	(1). “[...] seria a fiação que hoje é muito freqüente ou é freqüentemente usado, porque <i>antigamente</i> nós não... mas hoje se usa com muita freqüência – e me parece como uma medida de proteção muito grande – dentro de tubos. Eles fazem hoje toda essa ligação, já não mais como se fazia <i>antigamente</i> ”. (linhas 600-605)
Atualmente	3	(1). “[...] seriam os viadutos ou, em alguns casos, eles chamariam de pontes, em outros casos chamariam de viadutos, que permitiriam a passagem. E em out... em algumas cidades existem uma outra denominação que está muito usada, que seriam os elevados, hoje, <i>atualmente</i> ”. (linhas 258-263) (2). “Há um vocábulo... ôh... <i>atualmente</i> a expressão inglesa ou americana que denomina essas áreas, as quais as crianças... ou dedicadas às crianças, ou para uso das crianças... eh... a conhecida por <i>playground</i> , hum, expressão... aqui nós chamamos normalmente uma área de brinquedo”. (linhas 72-80) (3). “[...] a iluminação de estradas, não me... pelo menos que eu saiba, não... eu não conheço. Aliás, não. Conheço. A Rio-São Paulo tem, evidentemente, tem uma grande extensão... ah...(inint) não sei se hoje, <i>atualmente</i> ... eu não sei, mas uma grande extensão ela tinha”. (linhas 551-556)

Quadro 6 – Estruturas pontuais no inquérito do tipo DID 159 da cidade de Salvador

Estruturas pontuais	Frequência	Contexto de ocorrência
---------------------	------------	------------------------

Hoje	13	<p>(1). “Eu ainda me lembro, quando eu era bem menina e que nós precisávamos de um médico e ele aparecia em minha casa, assim... era casaca que usavam naquele tempo, imagine, em plena rua, em pleno dia (rindo). E nós achávamos aquilo tão natural, nem... <i>Hoje</i>, é... quando eu penso, assim, é que acho aquilo (inint) esquisita, né?” (linhas 07-13)</p> <p>(2). “E, com o correr do tempo, não só a casaca desapareceu das ruas, como até aquele traje que se usava nos dias de Sexta-Feira Santa e para os enterros, aquela calça listada e o paletó preto; até isso, que era... naquele tempo, era tão simples, até isso <i>hoje</i> já desapareceu”. (linhas 13-18)</p> <p>(3). “[...] ainda <i>hoje</i> um professor universitário ou, um homem que exerce assim um cargo importante, ele ainda usa calça, paletó, camisa social e gravata [...]”. (linhas 21-24)</p> <p>(4). “As calças masculinas... (rindo) eu acho que o que fez mais diferença e que não é nada funcional, é que eles estão tirando os bolsos dos homens. Então, eles <i>hoje</i> não têm mais (rindo) onde guardar um lenço, onde guardar (rindo) coisa alguma; são obrigados a usar o... a bolsinha, que tem o nome de... acho que é capanga, né?”. (linhas 70-76)</p> <p>(5). “Bom, os paletós... é... que usaram muito tempo um jaquetão, transpassado com quatro ou seis botões, <i>hoje</i> está praticamente abolido, a não ser que venha uma nova moda”. (linhas 86-88)</p> <p>(6). “Os religiosos estão deixando o hábito, né, e usando, de início, o <i>clergyman</i>, né? Mas <i>hoje</i> eles botam sua camisinha esporte e, às vezes, uma cruzinha na lapela ou na gola da... da camisa esporte; isso quando colocam, né?” (linhas 133-137)</p> <p>(7). “O ideal seria o linho... mas impraticável <i>hoje</i>, porque não se encontra quem conserve uma roupa, isto é, quem lave e passe bem, então, <i>hoje</i> não é mais prático. Temos que ir pro tergal, pra... pra esses tecidos sintéticos, né?” (linhas 297-301)</p> <p>(8). “Bom, há uma convenção, os homens geralmente, ou melhor, a roupa dos homens, geralmente, tem botões fixados na parte direita e a casa fica a esquerda e para as senhoras o contrário, mas existe <i>hoje</i> uma moda unissex vai também desaparecendo isso”. (linhas 392-399)</p> <p>(9). “Os homens guardavam as carteiras de dinheiro, quando não estavam de paletó, né, no bolso traseiro; quer dizer, no bolso que ficava bem atrás mesmo e não... n... de lado, né? Mas isso, <i>hoje</i>, acho que já é impraticável”. (linhas 470-474)</p> <p>(10). “O casaco, ele varia de comprimento em geral, né? pode ser folgado de ombros largos independente da moda, por que nós estamos <i>hoje</i> de mangas largas, mas por uma questão somente de moda [...]” (linhas 424-428)</p> <p>(11). “Muitos usavam um alfinete de gravata para fixar, achavam necessário, <i>hoje</i> ninguém usa e não acha necessário”. (linhas 661-663)</p> <p>(12). “[...] <i>hoje</i> ninguém mais ousa perguntar a um neto meu o que é um capote que ele não sabe o que é”. (linhas 707-708)</p>
Antigamente	3	<p>(1). “[...] o colarinho... <i>antigamente</i>, o colarinho duro era... ele tinha essa consistência devido à quantidade de goma empregada... quando havia quem fosse capaz de passar o colarinho e ficar impecável, mas isso foi desaparecendo. <i>Antigamente</i>, usavam goma e parafina, etc. Agora, os colarinhos têm entretela e pela... pelo lado do avesso vem uma parte com um pospontozinho, onde se introduz uma como que lingüeta de matéria plástica, para que o colarinho fique bem apumado”. (linhas 350-362)</p> <p>(2). “[...] e a mulher cha... nós chamamos um casaco, um manto, <i>antigamente</i>, quando eu era menina se chamava capote”. (linhas 703-705)</p>
Agora	7	<p>(1). “[...] eu não observo muito. Mas por esses apresentadores de televisão, (rindo) eu creio que as golas <i>agora</i> es... estão mais largas do que, vamos dizer, há um ano passado ou dois; mas também nisso não houve muita diferença não”. (linhas 100-104)</p>

		<p>(2). “[...] é pra ficar bom, tem que ter uma calça com, mas tem que ter uma perneira, mas eu acho que <i>agora</i> não usa mais assim né?” (linhas 148-151)</p> <p>(3). “[...] o colarinho... antigamente, o colarinho duro era... ele tinha essa consistência devido à quantidade de goma empregada... quando havia quem fosse capaz de passar o colarinho e ficar impecável, mas isso foi desaparecendo. Antigamente, usavam goma e parafina, etc. <i>Agora</i>, os colarinhos têm entretela e pela... pelo lado do avesso vem uma parte com um pospontozinho, onde se introduz uma como que lingüeta de matéria plástica, para que o colarinho fique bem apumado”. (linhas 350-362)</p> <p>(4). “[...] <i>agora</i> nós estamos usando m... mangas largas, mas por uma questão somente de... de moda. Mas o casaco não, porque é feito para ser colocado em cima numa outra roupa. E a gola, em geral, é uma gola farta, que permita, num caso da temperatura baixar mais, ser levantada e agasalhar a... vamos dizer, uma parte do rosto”. (linhas 426-432)</p> <p>(5). “Bom, mas normalmente um homem usa lenço, uma carteira de cédulas, uma carteira para documentos – uma carteirinha... <i>agora</i> estão vendendo, né, essas... especial mesmo pra isso, pra carteira de identidade, etc. –, e uma caneta, uma lapiseira, uma cadernetinha de notas e papéis outros que ele possa utilizar ou tenha utilizado durante o dia”. (linhas 683-690)</p> <p>(6). “O mais comum é o chapéu. E <i>agora</i> nós vamos retornando a moda do boné”. (linhas 736-737)</p> <p>(7). “<i>Doc.</i> <i>Agora</i>, os chapéus mais resistentes para trabalhadores de minas ou para militares?”</p> <p><i>Inf.</i> Para os... os trabalhadores não só de minas, como <i>agora</i> até o das construções, não é?” (linhas 780-783)</p>
--	--	---

Quadro 7 – Estruturas pontuais no inquérito DID 193 da cidade de Salvador

Estruturas pontuais	Freqüência	Contexto de ocorrência
Hoje	17	<p>(1). “[...] eu tinha colegas ótimas, extraordinárias e isto era um estímulo pra mim, cada qual procurava mais sabe? Compreender tudo e nós conseguimos fazer um curso ótimo, eu tinha como companheira uma senhora casada, eu tinha como colega e <i>hoje</i> somos amigas”. (linhas 16-19)</p> <p>(2). “[...] uns partos naturais, outros já têm partos mais difíceis, onde aplicam-se <i>hoje</i> a cesaria, a cesariana que antigamente praticava-se o fórceps, não é mas já caiu muito, <i>hoje</i> os obstetistas condenam o fórceps, como o caso de gordo assim sabe nos casos em que a criança esteja um pouquinho alta então eles fazem, mas o usual mesmo é a cesaria”. (linhas 47-51)</p> <p>(3). “[...] não é comum toda criança engatinhar não, e dizem até que as crianças que engatinham só como é? Demoram mais de andar, ficam preguiçosas, tem medo de se equilibrar, por isso que se bota logo ela no... e <i>hoje</i> tem os carrinhos, aquelas casinhas que botam as crianças, mas é condenado porque dizem que a criança cria complexo, ficam presas ali dentro daquele quadro não é?” (linhas 91-95)</p> <p>(4). “Aí <i>hoje</i>, os médicos, os pediatras condenam achando que não que as crianças ficam muito presas, ficam com complexo”. (linhas 97-98)</p> <p>(5). “Comer sólido assim, passado triturados sabe, o que é carne <i>hoje</i> é tritura no liquidificador, aquela carne bem trituradazinha e dá a elas e já ficou até mais prático... <i>hoje</i> já se encontra preparados nos supermercados, nas farmácias já vendem aquelas comidinhas da Nestlé, já vendem tudo pronto”. (linhas 103-106)</p> <p>(6). “<i>Hoje</i> não se faz mais nada, antigamente a gente comemorava tudo mesmo né, <i>hoje</i> não, <i>hoje</i>, como é que se chama na gíria é cafonice, não existe mais nada, simplesmente ele chega na casa e diz ao pai eu quero casar com sua filha, eu vou casar, nós vamos nos casar, antigamente é que se comemorava tudo, se chegava, apresentava aos pais não é, estou gostando de Fulano, aí os pais procuravam ter informação, não dava logo a mão em casamento não é, ainda ia tirar informações dele, informações a respeito do indivíduo pra então saber a quem ele ia confiar a filha, mas <i>hoje</i> é a moca quem escolhe e ela mesmo é quem resolve e não interessa a opinião dos pais em lhe dizer que quer e nem que não quer, então ela mesma</p>

		<p>resolve por ela” .(linhas 216-224)</p> <p>(7). “[...] buscavam logo mais informações porque não davam logo o sim no mesmo dia e nem na mesma hora não, marcavam uma data, reunia os familiares, principalmente os pais, se tinha pai, irmão ou algum responsável, procurava se informar daquele indivíduo, qual era o estado civil dele se não tinha outra família e se tivesse uma família constituída se fosse um desquitado, eles não aceitariam como <i>hoje</i> se aceita, não é enfim”.(linhas 239-243)</p> <p>(8). “A igreja manda procurar logo a certidão de batismo de ambos e exigia a profissão e <i>hoje</i> eles acrescentam o preparo religioso antes de ambos não do noivo e da noiva e dos padrinhos, eles querem... os padres <i>hoje</i> querem que ele forme mãe, faz uma pregação, uns dois dias, três dias para os noivos assistirem, falar sobre as obrigações da esposa, da esposa, os deveres (risos)”. (linhas 254-258)</p> <p>(9). “É marcado na Igreja, um local que pertence aquele bairro onde a criança nasceu, <i>hoje</i> já se fazem batizados em capelas, antigamente não era só nas igrejas que se faziam”. (linhas 333-334)</p> <p>(10). “Crisma agora só pode ser de adulto né? (...) Não se crisma mais criança não, (...) só adulto, antigamente se fazia mais <i>hoje</i> não”. (linhas 341-345)</p> <p>(11). “Painho, paizinho, papai, pai, varia de acordo não é e como a gente ensina e <i>hoje</i> já se chama até pelo nome não é?” (linhas 354-355)</p>
Antigamente	5	<p>(1). “[...] uns partos naturais, outros já têm partos mais difíceis, onde aplicam-se hoje a cesaria, a cesariana que <i>antigamente</i> praticava-se o fórceps, não é mas já caiu muito, hoje os obstretistas condenam o fórceps, como o caso de gordo assim sabe nos casos em que a criança esteja um pouquinho alta então eles fazem, mas o usual mesmo é a cesaria”.(linhas 47-51)</p> <p>(2). “Hoje não se faz mais nada, <i>antigamente</i> a gente comemorava tudo mesmo né, hoje não, hoje, como é que se chama na gíria é cafonice, não existe mais nada, simplesmente ele chega na casa e diz ao pai eu quero casar com sua filha, eu vou casar, nós vamos nos casar, não existe mais isso, <i>antigamente</i> é que se comemorava tudo, se chegava, apresentava aos pais não é, estou gostando de Fulano, aí os pais procuravam ter informação, não dava logo a mão em casamento não é, ainda ia tirar informações dele, informações a respeito do indivíduo pra então saber a quem ele ia confiar a filha”. (linhas 216-222)</p> <p>(3). “É marcado na Igreja, um local que pertence aquele bairro onde a criança nasceu, hoje já se fazem batizados em capelas, <i>antigamente</i> não era só nas igrejas que se faziam”. (linhas 333-334)</p> <p>(4). “Crisma agora só pode ser de adulto né? (...) não se crisma mais criança não, (...) só adulto, <i>antigamente</i> se fazia mais hoje não”. (linhas 341-345)</p>
Agora	1	<p>(1). “Doc. Hum, que bom, e agora como é que é? Inf. <i>Agora</i> é lua-de-mel não é? Eles fogem imediatamente da igreja não é? Alguns costumam... não oferecem nem recepção, nada e outros que têm posse e gostam, oferecem uma recepção as pessoas amigas e outros não”. (linhas 288-291)</p>

Quadro 8 – Estruturas pontuais no inquérito do tipo DID 209 da cidade de Salvador

Estruturas pontuais	Freqüência	Contexto de ocorrência
Hoje	1	(1). “Antigamente, usavam pá, picaretas, <i>hoje</i> já existem os instrumentos mais aperfeiçoados não é? Que já permitem as construções serem mais rápidas e [...]” (linhas 22-23)
Antigamente	2	<p>(1). “<i>Antigamente</i>, usavam pá, picaretas, hoje já existem os instrumentos mais aperfeiçoados não é? Que já permitem as construções serem mais rápidas e [...]” (linhas 22-23)</p> <p>(2). “Pode ser colchão de mola, <i>antigamente</i> se usava colchão de crina, de martela, que mais meu Deus? Atualmente se usa mais de, mola já se usou muito, agora está se usando pouco e está se usando mais esses colchões que eles chamam colchões anatômicos né? Pra quem tem problemas de coluna.” (linhas 312-315)</p>
Atualmente	2	(1). “Não, os antigos, cama, os antigos e atuais, os antigos temos os armários com lavatórios, temos também o toailete, <i>atualmente</i> , já não, os armários já são embutidos, toaletes já não se usa mais no quarto, já ficam no banheiro, no quarto de banho, tapete se quiser no quarto, na cama”.(linhas 300-303)



		(2). “Pode ser colchão de mola, antigamente se usava colchão de crina, de martela, que mais meu Deus? <i>Atualmente</i> se usa mais de mola já se usou muito, agora está se usando pouco e está se usando mais esses colchões que eles chamam colchões anatômicos né? Pra quem tem problemas de coluna”.(linhas 312-315)
Agora	1	(1). “Pode ser colchão de mola, antigamente se usava colchão de crina, de martela, que mais meu Deus? Atualmente se usa mais de, mola já se usou muito, <i>agora</i> está se usando pouco e está se usando mais esses colchões que eles chamam colchões anatômicos né? Pra quem tem problemas de coluna.” (linhas 312-315)

Quadro 9 – Estruturas pontuais no inquérito do tipo DID 003 R da cidade de Salvador

Estruturas pontuais	Frequência	Contexto de ocorrência
Hoje	33	<p>(1). “[...] a questão da classe social do ponto de vista eh... tradicionalmente marxista, essa aí, <i>hoje</i>, está um pouco complicada porque antes se imaginava classe social como a classe operária que iria crescer ao ponto de ser majoritária e chegar ao poder e o que a gente vê, <i>hoje</i>, é a... é o decréscimo cada vez em número da classe operária”. (linhas 12-16)</p> <p>(2). “[...] então, <i>hoje</i>, eu diria que o problema, <i>hoje</i>, que tem que se enfrentar é... são os que possuem e os que não possuem”. (linhas 18-20)</p> <p>(3). “[...] eu acho que a esquerda, <i>hoje</i>, não está entendendo bem que a grande luta da esquerda, <i>hoje</i>, é acabar com as desigualdades, tá?” (linhas 22-23)</p> <p>(4). “Então, pra mim, classes <i>hoje</i>, eu estou naquela, naquela esquerda <i>hoje</i> que o problema é distribuição de renda, emprego e proteção dessa nossa casinha pequena chamada terra. Quer dizer, é isso que a gente tem que enfrentar <i>hoje</i>”. (linhas 25-28).</p> <p>(5). “[...] esse século foi o século das utopias, tivemos várias, né? E estamos terminando o século sem nenhuma... sem nenhuma... esse é o grande problema. E ninguém vive sem sonhar, mas a verdade é que não existe uma utopia <i>hoje</i>”. (linhas 29-32).</p> <p>(6). “Então, eu criei isso, de pequeno, de que eu chamo de senhor as pessoas muito mais velhas. Mas como não tem (inint) <i>hoje</i> gente muito mais velha do que eu, tá certo? (rindo) com cinqüenta e seis anos, aí pronto, <i>hoje</i>, não tem mais (inint) pras pessoas de doutor, dentista, chamar doutor”. (linhas 54-57)</p> <p>(7). “A questão de visita <i>hoje</i> está complicada, as pessoas se encontram, <i>hoje</i>, em bares, né, normalmente, né?” (linhas 62-63)</p> <p>(8). “[...] o costume, <i>hoje</i>, é de encontrar em bares pra tomar cerveja, beber etc., [...]”. (linhas 64-65)</p> <p>(9). “[...] <i>hoje</i> acabou esse negócio, então toma banho em qualquer lugar, mas lá em baixo é difícil tomar banho”. (linhas 97-98)</p> <p>(10). “[...] Bogari era uma praia eh... freqüentada, as pessoas queriam ir pra lá, as moças queriam ir pra lá, <i>hoje</i> chega lá, é cheio de barraca, uma em cima da outra, jogo de dominó, tudo bem”. (linhas 114-116)</p> <p>(11). “[...] já, já me interessei, o que é que eu jogava? Jogava vôlei. <i>Hoje</i>, com cinqüenta e seis anos, tem que tomar cuidado com (ininterrup)”. (linhas 186-187).</p> <p>(12). “[...] <i>hoje</i>, de vez em quando, eu tenho violão e <i>hoje</i>, de vez em quando eu pego e toco. Mas estou desaprendendo. Perdi mais. Duas coisas que eu estou desaprendendo, é o violão e o inglês, viu? Por falta de uso”. (linhas 265-268).</p> <p>(13). “Eu falo, as pessoas me entendem, mas eu não entendo, mas eu não entendo, eu, eu... tenho <i>hoje</i> a dificuldade de entender as pessoas falarem, principalmente americano”. (linhas 272-274)</p> <p>(14). “<i>Hoje</i> você tem entrada pra Saubara, pra Cabuçu, antigamente não existia nada disso, Bom Jesus dos Pobres, Salinas, antigamente o acesso era o mar mesmo”. (linhas 295-297)</p> <p>(15). “[...] a dificuldade <i>hoje</i> de nadar é porque eu não gosto de piscina... eu gosto de... então a dificuldade pra nadar eu tenho que ir lá para a Cidade Baixa porque ali não dá, ah, e piscina eu não gosto, eu acho muito pesada a água, não, e não tem graça, não tem muita graça em piscina não, então pra nadar eu tenho que ir pra Cidade Baixa. Então eu vou pra Ribeira ou pra Ilha de Maré e aí eu nado [...]”.</p>

		<p>(linhas 308-313)</p> <p>(16). “Pelourinho <i>hoje</i> já tem um setor que estão elitizando mais. Ali próximo ali da... do estacionamento já tem até a Rua dos Artistas, o Bar dos Artistas, né, então começaram a elitizar”. (linhas 339-341)</p> <p>(17). “[...] é uma grande diversão, pra mim a universidade é uma grande diversão, uma coisa extremamente séria, mas uma grande diversão, eu gosto, eu curto isso aqui, tá, sei que ela está muito ruim, <i>hoje</i>, estou esperando acabar com essas – que me perdoem vocês – acabar com essas coisas chamadas regime jurídico único, isonomia, né, a gente precisa acabar com isso imediatamente porque isso acabou com a, prejudicou muito a universidade”. (linhas 352-357)</p> <p>(18). “Sarney queria acabar com o recolhimento do fundo de garantia e aí resolveu criar o regime jurídico único porque não tinha que (inint) recolher fundo de garantia e <i>hoje</i>, e <i>hoje</i> as esquerdas que eram contra, tá certo, se batem pra ficar com esse guarda-chuva do regime jurídico único”. (linhas 666-670)</p> <p>(19). “<i>Hoje</i> todos nós ganhamos mal, né? Claro que se nivela por baixo, né, quer dizer, perdeu-se a qualificação, perdeu-se a excelência e <i>hoje</i> todos nós ganhamos mal.” (linhas 674-676)</p> <p>(20). “[...] e também outra coisa que é <i>hoje</i> muito discutida, né, essa questão da indissociabilidade de ensino e pesquisa, é uma coisa bastante discutida, tem saído muitos, muitos artigos <i>hoje</i> mostrando que isso não, obrigatoriamente, é verdadeiro”. (linhas 696-699)</p> <p>(21). “[...] a política do governo que só ajuda se houver pesquisa. Quer dizer, (inint) a coisa é geral, não é só na cabeça dos professores, não. É (inint) do governo também. O CNPq <i>hoje</i> só pensa... o CNPq, tudo bem, porque CNPq é centro de pesquisa, e a CAPES, <i>hoje</i>, só dá ajuda se tiver envolvido com pesquisa, né.” (linhas 715-719)</p>
Antigamente	3	<p>(1). “[...] <i>antigamente</i>, quando eu era pequeno, tomar, o <i>status</i> era tomar banho na Barra, né?” (linhas 96-97)</p> <p>(2). “Hoje você tem entrada pra Saubara, pra Cabuçu, <i>antigamente</i> não existia nada disso, Bom Jesus dos Pobres, Salinas, <i>antigamente</i> o acesso era o mar mesmo”. (linhas 295-297)</p>
Antes	1	<p>(1). “[...] a questão da classe social do ponto de vista eh... tradicionalmente marxista, essa aí, hoje, está um pouco complicada porque <i>antes</i> se imaginava classe social como a classe operária que iria crescer ao ponto de ser majoritária e chegar ao poder e o que a gente vê, hoje, é a... é o decréscimo cada vez em número da classe operária”. (linhas 12-16)</p>

Quadro 10 – Estruturas pontuais no inquérito DID 005 R da cidade de Salvador

Estruturas pontuais	Frequência	Contexto de ocorrência
Hoje	8	<p>(1). “[...] <i>hoje</i> tenho o hábito de aos sábados e domingos eu almoço em casa da minha irmã, entendeu?” (linhas 16-18)</p> <p>(2). “[...] ah... bem, fogão. Primeiro, depois de ... de... tratar como se diz, né? É... peixe, carne, ave, etc., então vai, tempera, temperar e leva para o ... a panela, entendeu? Em geral, são panelas de alumínio. <i>Hoje</i> têm as panelas de ágata, têm panelas de vidro, ah... e pirex que se leva ao forno também, né?” (linhas 21-25)</p> <p>(3). “Como, verduras (interrup) eu gosto e como, entendeu? E... <i>hoje</i> eu estou mais restringindo aquelas... aqueles alimentos que se transformam em açúcar no sangue, entendeu?” (linhas 26-28)</p> <p>(4). “Eu almoço, janto, aliás, <i>hoje</i> já não janto mais. À noite, eu tomo um... um café, eu... às vê... às vezes uma sopa que é pra não engordar, manter a... a linha (risos)” (linhas 42-45)</p> <p>(5). “[...] bem... é... tem um... um... uma gama de... de... de copos, vamos chamar assim... é... do champanhe a... a taça própria no champanhe que <i>hoje</i> é comprida e tem uma antiga que é aberta que eu gosto mais. Tem copo pra água, copo pra vinho branco, copo pra vinho tinto ou cálice pra licor”. (linhas 58-62)</p> <p>(6). “[...] nós morávamos ali no Tororó e no fundo, onde <i>hoje</i> é a Estação da Lapa, tinha várias hortas, inclusive com estábulo e... lá mamãe mandou a empregada</p>

		<p>levar, comprar, tomar o leite, só que o leite não foi puro não, foi com mastruz. A partir daí eu nunca mais tomei leite, viu? (risos) <i>Hoje</i>, não tolero leite (risos)” (linhas 63-69)</p> <p>(7). “[...] de manhã? Não, de manhã não tomo, só... só faço isso, entendeu? Pão ou... ou... biscoito sempre, biscoito de águas e um... um queijo, um... o requeijão, entendeu? Uma geléia que <i>hoje</i> eu já restringi por causa do... do perigo da glicemia alimentar, entendeu?” (linhas 72-75)</p>
Agora	2	<p>(1). “[...] bem... eu... eu só faço duas refeições: almoço e jantar (inint) negócio de... <i>agora</i> que eu estou aposentada, entendeu? <i>Agora</i> que estou aposentada e faço parte de uns clubes aí ou o <i>Internation Womens Club</i>”. (linhas 35-38)</p>
Antiga	1	<p>(1). “[...] bem... é... tem um... um... uma gama de... de... de copos, vamos chamar assim... é... do champanhe a... a taça própria no champanhe que hoje é comprida e tem uma <i>antiga</i> que é aberta que eu gosto mais. Tem copo pra água, copo pra vinho branco, copo pra vinho tinto ou cálice pra licor”. (linhas 58-62)</p>

Quadro 11 – Estruturas pontuais no inquérito DID 006 R da cidade de Salvador

Estruturas pontuais	Frequência	Contexto de ocorrência
Hoje	4	<p>(1). “Não sei se havia bondes desse tipo pra Barra, pra Amaralina, não sei porque a minha frequência a esses bairros era muito pequena, minha vida se limitava a cidade, Santo Antônio, Soledade. Por que Soledade? Porque eu estudava no Ginásio Carneiro Ribeiro. Então era esse o trecho que eu fazia com muita frequência e nas férias Itapagipe, Barra, Amaralina era um passeio que a gente dava como você <i>hoje</i> vai a Mar Grande”. (linhas 58-62)</p> <p>(2). “E na época da guerra nós tivemos aqui muitas tropas americanas. A Base Naval que tem aí embaixo <i>hoje</i>, foi base americana.” (linhas 367-368)</p> <p>(3). “Abricó, Abricó era muito engraçado. Eles vendiam tudo, vendiam legumes, frutas, mas era muito comuns os vendedores carregando suas mercadorias nos caçuás com burros. Provavelmente eles não circulavam na Barra, na Barra Avenida. Mas em Santo Antônio, Lapinha. Liberdade e Barbalho naquele tempo eram muito comuns. E ... havia umas coisas muito curiosas que <i>hoje</i> não tem mais.” (linhas 463-467)</p> <p>(4). “[...] e <i>hoje</i> você encontra em algumas cidades balão: pra passeios turísticos, etc. eu nunca andei de balão. Em algumas cidades, você encontra submarinos, pra fazer passeios submarinos, você tem isso nos Estados Unidos”. (linhas 602-605)</p>

Quadro 12 – Estruturas pontuais no inquérito do tipo DID 007 R da cidade de Salvador

Estruturas pontuais	Frequência	Contexto de ocorrência
Hoje	32	<p>(1). “É, houve uma variação muito grande do vestuário de... quarenta anos atr... atrás, né? Antigamente se usava muito o Tropical, a roupa branca, chapéu, hum. <i>Hoje</i> ninguém... não se usa mais chapéu né? <i>Hoje</i> o tropical é... é raro. Mesmo assim o... a roupa substituiu muito pela... pelo... pelo o que vestia antes, pela calça, então... o jeans. Também... se usava também paletó e gravata. <i>Hoje</i> é... é... só... só se usava para o tipo de vestuário... Hum? Em atividades profissionais. O que não acontecia antigamente. Isso se havia comumente. Há também vestuário típico. Continua igual, fiel o... os das Baianas. Antigamente era a mesma coisa. Se manteve a tradição. Sapato também mudou. Os tipos de sapato. <i>Hoje</i> é... o que se usa mais é... (inint)... tênis. Antigamente o sapato de couro que era comum”. (linhas 8-19)</p> <p>(2). “[...] os homens o... o <i>hoje</i>, usam, o normal é calça, tênis e camisa”. (linha 32)</p> <p>(3). “[...] as camisas que se usam ultimamente são tudo padronizadas do tipo... O jeans tomou conta da... do vestuário... ih... o pessoal usa sempre as calças jeans e... cami... certamente vem pelo fato de ser mais útil e mais econômico. Em função mesmo do processo econômico... da carência <i>hoje</i>, né, de dinheiro como está [...]”. (linhas 34-38)</p> <p>(4). “Aí ele usa éh... na praia, por exemplo, calção camiseta – <i>hoje</i> está muito em moda o uso da camiseta com... carimbos... com gravuras... <i>Hoje</i> o vestuário é muito mais opcional do que antes... antigamente”. (linhas 43-45)</p> <p>(5). “É cueca, meia também – tem muita gente <i>hoje</i> que já não está mais usando, sapato ou tênis e camisa, gravata – quando se tem uma atividade social mais acentuada [...]”. (linhas 52-54)</p> <p>(6). “A roupa normalmente são... é adquirida, ou pronta – <i>hoje</i>, também se tornou uma... uma prática normal, comprar roupa pronta, né em loja especializada. Acabou a figura classe do... alfaiate familiar que era antigamente, que existia antigamente [...]”. (linhas 66-69)</p> <p>(7). “[...] em serviço é sempre, eh, paletó e gravata e calça. Já fora você, pode usar calça jam... jeans. Pode usar também bermuda, camiseta... Mas <i>hoje</i> até somente a bermuda sem camiseta”. (linhas 97-99)</p> <p>(8). “[...] o guarda chuva, <i>hoje</i> está... se afastando, está desaparecendo esse us... costume. Só no dia assim que dá uma tempestade, um negócio qualquer que, se compra em camelô. Antigamente havia quem usasse o guarda-chuva, o guarda-sol permanentemente. <i>Hoje</i>, não [...]”. (linhas 122-125)</p> <p>(9). “Ah, na cabeça <i>hoje</i> não... não se usa mais chapéu, que era... quase um... um complemento obrigatório da vestimenta [...]”. (linhas 134-135)</p> <p>(10). “Ah, antigamente tinha panamá, o chapéu... social, cartolas. Cartola, <i>hoje</i>, só em... em condições excepcionalfssimas, em festas. Nessas festas também se usa também, as vezes até obrigatoriamente, o <i>smoking</i> [...]”. (linhas 137-139)</p> <p>(11). “Para dormir se usa pijama. Usava-se muito pijamas, <i>hoje</i> está usando menos, né. Ou então, bermudas, ou... uma camiseta. Há também quem durma nu, sem usar nada [...]”. (linhas 155-157)</p> <p>(12). “[...] o vestimento padronizado... chama da farda, aí... <i>hoje</i> a farda... uma e uma camisa, normalmente, e um cinto, um sapato preto ou um tênis pra exercícios... é... bermudas, calções e camisetas”. (linhas 207-209)</p> <p>(13). “Oi... pequenas diferenças, viu. <i>Hoje</i> está se padronizando muito... o tipo de vestimenta... escolar e... inclusive nas militares, agora... o soldado em si, né? <i>Hoje</i>, esse usa um... uma farda especial, também padronizada pra todos os... os componentes, com diferenciação apenas... nos... nos... nas estrelas... nos discos, né? pra di... diferenciar os... os postos”. (linhas 211-215)</p> <p>(14). “A... as mulheres <i>hoje</i> não... também quase se... vestindo igual aos homens, [ININT] o uso do jeans, né? A sua vestimenta, roupa é... saia, ou vestido inteiro ou saia com camisa, fora os adereços, pulseiras, colares, etc, argolas”. (linhas 226-229)</p> <p>(15). “Normalmente, <i>hoje</i>, em lojas, antigamente usava muito... fazer em casa, né? ou fazer pelas costureiras, também diminui muito <i>hoje</i>, o... o volume de confecção, de costureira, se compra <i>hoje</i> padronizada em fábrica, em loja”. (linhas 232-234)</p> <p>(16). “Forro, parte externa, não é isso? É... antigamente se usava muito combinação que <i>hoje</i> não está se usando mais. Calçola, sutiã [...]”. (linhas 244-245).</p>

		<p>(17). “Aí... em cada situação... precisa de uma roupa especial, né? Em festa, geralmente vai se usar um... um mais apurado. O comum <i>hoje</i> também é o uso do jeans para o trabalho, botando saia e blusa”.(linhas 248-250)</p> <p>(18). “É... e produtos aplicados pra... conservação de pele... e... o uso mais comum <i>hoje</i> é a cirurgia plástica, pra levantar os seios, tirar a barriga, tirar as gorduras das pernas, né? Acabar com as rugas [...]”. (linhas 272-274)</p> <p>(19). “Antigamente se usava muito chapéu, <i>hoje</i>... se é raro o uso de chapéu, né?” (linhas 280-281)</p> <p>(20). “Ahn... ela usa solto ou preso com... tranças né? (inint) encaracolados, <i>hoje</i> se tornou comum o cabelo encaracolado, né? Que é até mais bonitinho”. (linhas 287-289)</p> <p>(21). “Argolinha, no ouvido... na orelha, também no nariz, <i>hoje</i> também tá na moda, usa no nariz, pulseira, corrente”. (linhas 306-307)</p> <p>(22). “(superp) <i>Hoje</i> tem mais opções. Tem um bocado de tipo de salão... cremes, antigamente não existia. Existia em pequenas, menor quantidade”. (linhas 325-326)</p> <p>(23). “Roupinhas e... antigamente se usava muito roupinhas de marinheiro, <i>hoje</i>... já é... calcinha e camisinha, os meninos, <i>hoje</i>, inclusive, existe é... a indústria especializada em fazer roupa pra criança. Acho que ficou muito mais fácil comprar, né?” (linhas 336-339)</p>
Antigamente	16	<p>(1). “É, houve uma variação muito grande do vestuário de... quarenta anos atrás, né? <i>Antigamente</i> se usava muito o Tropical, a roupa branca, chapéu, hum. Hoje ninguém... não se usa mais chapéu né? Hoje o tropical é... é raro. Mesmo assim o... a roupa substituiu muito pela... pelo pelo o que vestia antes, pela calça, então... o jeans. Também... se usava também paletó e gravata. Hoje é... é só... só se usava para o tipo de vestuário... Hum? Em atividades profissionais. O que não acontecia <i>antigamente</i>. Isso se havia comumente. Há também vestuário típico. Continua igual, fiel o... os das Baianas. <i>Antigamente</i> era a mesma coisa. Se manteve a tradição. Sapato também mudou. Os tipos de sapato. Hoje é... o que se usa mais é... (inint)... tênis. <i>Antigamente</i> o sapato de couro que era comum”. (linhas 8-19)</p> <p>(2). “Aí ele usa éh... na praia, por exemplo, calção camiseta – hoje está muito em moda o uso da camiseta com... carimbos... com gravuras... Hoje o vestuário é muito mais opcional do que antes... <i>antigamente</i>”. (linhas 43-45)</p> <p>(3). “A roupa normalmente são... é adquirida, ou pronta – hoje, também se tornou uma... uma prática normal, comprar roupa pronta, né em loja especializada. Acabou a figura classe do... alfaiate familiar que era <i>antigamente</i>, que existia <i>antigamente</i> [...]”. (linhas 66-69)</p> <p>(4). “Na frente da camisa usualmente é botão. <i>Antigamente</i> se usava mais essas presilhas [...]”. (linhas 76-77)</p> <p>(5). “o guarda chuva, hoje está... se afastando, está desaparecendo esse us... costume. Só no dia assim que dá uma tempestade, um negócio qualquer que, se compra em camelô. <i>Antigamente</i> havia quem usasse o guarda-chuva, o guarda-sol permanentemente. Hoje, não [...]”. (linhas 122-125)</p> <p>(6). “Ah, <i>antigamente</i> tinha panamá, o chapéu... social, cartolas. Cartola, hoje, só em... em condições excepcionalíssimas, em festas. Nessas festas também se usa também, as vezes até obrigatoriamente, o <i>smoking</i> [...]”. (linhas 137-139)</p> <p>(7). “Hoje em dia não tem mais lavagem a domicílio, a casa. Só de camisas e cuecas é que se lava em residência. <i>Antigamente</i> se pegava e lavava tudo em casa”. (linhas 203-206)</p> <p>(8). “Normalmente, hoje, em lojas, <i>antigamente</i> usava muito... fazer em casa, né? ou fazer pelas costureiras, também diminui muito hoje, o... o volume de confecção, de costureira, se compra hoje padronizada em fábrica, em loja”. (linhas 232-234)</p> <p>(9). “Forro, parte externa, não é isso? É... <i>antigamente</i> se usava muito combinação que hoje não está se usando mais. Calçola, sutiã [...]”. (linhas 244-245).</p> <p>(10). “<i>Antigamente</i> se usava muito chapéu, hoje... se é raro o uso de chapéu, né?” (linhas 280-281)</p> <p>(11). “(superp) Hoje tem mais opções. Tem um bocado de tipo de salão... cremes, <i>antigamente</i> não existia. Existia em pequenas, menor quantidade”. (linhas 325-326)</p> <p>(12). “Roupinhas e... <i>antigamente</i> se usava muito roupinhas de marinheiro, hoje... já é... calcinha e camisinha, os meninos, hoje, inclusive, existe é... a indústria especializada em fazer roupa pra criança. Acho que ficou muito mais fácil comprar,</p>

		né?” (linhas 336-339)
Antes	2	(1). “É, houve uma variação muito grande do vestuário de... quarenta anos atr... atrás, né? Antigamente se usava muito o Tropical, a roupa branca, chapéu, hum. Hoje ninguém... não se usa mais chapéu né? Hoje o tropical é... é raro. Mesmo assim o... a roupa substituiu muito pela... pelo pelo o que vestia <i>antes</i> , pela calça, então... o jeans. Também... se usava também paletó e gravata. Hoje é... é só... só se usava para o tipo de vestuário... Hum? (linhas 8-13) (2). “Aí ele usa éh... na praia, por exemplo, calção camiseta – hoje está muito em moda o uso da camiseta com... carimbos... com gravuras... Hoje o vestuário é muito mais opcional do que <i>antes</i> ... antigamente”. (linhas 43-45)
Agora	1	(1). “Oi... pequenas diferenças, viu. Hoje está se padronizando muito... o tipo de vestimenta... escolar e... inclusive nas militares, <i>agora</i> ... o soldado em si, né? Esse usa um... uma farda especial, também padronizada pra todos os... os componentes, com diferenciação apenas... nos... nos... nas estrelas... nos discos, né? Pra di... diferenciar os... os postos”. (linhas 211-215)
Ultimamente	1	(1). “As camisas que se usam <i>ultimamente</i> são tudo padronizadas do tipo... O jeans tomou conta da... do vestuário... ih... o pessoal usa sempre as calças jeans e... cami... certamente vem pelo fato de ser mais útil e mais econômico. Em função mesmo do processo econômico... da carência hoje, né, de dinheiro como está [...]”. (linhas 34-38)
Usualmente	1	(1). “Na frente da camisa <i>usualmente</i> é botão. Antigamente se usava mais essas presilhas [...]”. (linhas 76-77)

Quadro 13 – Estruturas pontuais no inquérito DID 008 R da cidade de Salvador

Estruturas pontuais	Frequência	Contexto de ocorrência
Hoje	13	(1). “ <i>Hoje</i> não dá pra ver diferença não, não é, porque os religiosos tiraram as batinas, as túnicas. Então a... a... Túnica, a baTIna, os MANtos estão se restringindo a lugares sacros, né? a... a rituais... e os religiosos usam um... uma roupa comum me parece, eh... pelo que eu... vejo[...]”. (linhas 51-53) (2). “Que eu sei existe, né, muitos tipos... agora, como os primeiros tipos que chegaram de óculos solares são <i>ray-ban</i> ... é o único que eu sei. Eu sei que existem muitas marcas <i>hoje</i> , mas realmente... que eu me lembre... é só <i>ray-ban</i> ”. (linhas 125-127) (3). “ <i>Hoje</i> tem as pochetes, né?” (linha 162) (4). “ <i>Hoje</i> a costureira, que seria a... tradicionalmente seria a... a... que ela costurava pra mulher, <i>hoje</i> faz roupa de homem e os alfaiates, que seriam os costureiros pra homem, tem aí... já fazem trajes pras mulheres. Então <i>hoje</i> já misturou, unissex, né? Os alfaiates tanto costumam pra homem como pra mulher e as costureiras também... pra homens e mulheres [...]”. (linhas 202-205) (5). “Há tempos atrás exis... existia o sutiã mentiroso, que tinha um forro pra botar busto em quem não tinha. <i>Hoje</i> não tem tanto, né? E o suti... muitos são sem forro... <i>hoje</i> mais feitos com lycra, né, que é um tipo de tecido”. (linhas 255-257) (6). “Bom... eh... existe, que eu saiba, dois tipos, né... o maiô, que é uma peça única e o biquíni, que são duas peças. Agora tem ou... tem muitos tipos de biquíni ah... <i>hoje</i> ... que eu não sei o nome. Tem um quase que a gente tem que procurar pra ver se acha (risos)” (linhas 280-282) (7). “Ah... às vezes sim, não é, que existem relógios unissex <i>hoje</i> . Mas às vezes o relógio feminino é menor e mais enfeitado e o masculino é maior e me... mais sim... menos enfeitado”. (linhas 296-297) (8). “Pronto... eu ouço falar em... em base, em... antigamente se dizia <i>rouge</i> , <i>hoje</i> se diz outras coisas que eu não sei o nome... que é aquele colorido pra... pras maçãs do rosto... batons... eh... delineadores [...]”. (linhas 377-379) (9). “Ah... depilar. <i>Hoje</i> não se faz, graças a Deus... acho que não estão mais depilando a sobrancelha não, né? (risos) Acho que não... cada um está curtindo a sua sobrancelha”. (linhas 387-388) (10). “O calca... o calcanheira... ou o batedor de calcanho que chama <i>hoje</i> , né... que tem muita gente como que pisa mal como eu pisei a vida toda batendo o

		calcanhar no chão... então... eh... cria um tipo de... de... de formação no osso, que começa a espetar o músculo por dentro e... romper, às vezes, a carne”. (linhas 463-465)
Antigamente	3	(1). “Ceroulas de <i>antigamente</i> ... (inint), né, samba-canção, mas é... cinto, e que outra peça usa? (risos)”. (linha 45) (2). “[Ah... sim] (superp) tem uns alfinetes de gravata que não sei... acho que aqueles prendedores de gravata que <i>antigamente</i> chamava-se alfinete, né, de gravata e eu não sei nem se usa mais (risos)”. (linhas 93-94) (3). “Pronto... eu ouço falar em... em base, em... <i>antigamente</i> se dizia <i>rouge</i> , hoje se diz outras coisas que eu não sei o nome... que é aquele colorido pra... pras maçãs do rosto... batons... eh... delineadores [...]”. (linhas 377-379)
Agora	1	(1). “Que eu sei existe, né, muitos tipos... <i>agora</i> , como os primeiros tipos que chegaram de óculos solares são <i>ray-ban</i> ... é o único que eu sei. Eu sei que existem muitas marcas hoje, mas realmente... que eu me lembre... é só <i>ray-ban</i> ”. (linhas 125-127)

Quadro 14 – Estruturas pontuais no inquérito DID 009 R da cidade de Salvador

Estruturas pontuais	Frequência	Contexto de ocorrência
Hoje	14	(1). “Por exemplo um enterro, chamava o fulano, sabia que tinha morrido um amigo não sei o quê bê, bê, bê, muitos compareciam ao enterro como se dono do defunto fosse, que iam absolutamente vestidos de preto, roupa preta tinha, roupa preta, roupa preta pra ir, pra, pra meu pai é um deles, que ia pra o enterro, seja lá de quem fosse, parece que ele era o dono do defunto. <i>Hoje</i> já não existe isso, o fulano, por causa da dinâmica de vida, então o homem está <i>hoje</i> no escritório, daqui a pouco recebe um telefonema, ou o fulano ouviu pelo rádio qualquer coisa, tem um enterro, aí diz: ‘Tem um enterro fulano, e tal, é agora as onze horas e não sei quê’. Ele está de manga de camisa, ele vai de manga de camisa, pode está [...]”. (linhas 10-18) (2). “[...] o homem hoje em dia simplificou muito, ele está numa calça esporte, numa calça <i>jeans</i> ou numa calça de <i>nylon</i> , enfim eu já me referi que não machuca, um sapato cômodo, uma camisa esporte agradável, boa, nisso aí ele está vestido, ele vai a um enterro, ele vai a casamento, se ele souber de última hora, vai assim mesmo, que o cara que está casando é amigo dele, ele dá um abraço na porta da igreja, enfim o dinamismo da atividade humana <i>hoje</i> , a luta é muito grande para um punhado de... de coisas... de objetivos, ele tem que ser muito agressivo, e agressivo que ele está é naquela maneira de se vestir”. (linhas 85-92) (3). “[...] <i>hoje</i> praticamente ninguém usa chapéu, só as pessoas que se habituaram mesmo a usar chapéu”. (linhas 126-127) (4). “[...] a meia <i>hoje</i> eu diria é unicor, porque só tem uma cor, ela é preta, ela é cinzenta, ela é branca, ela é marrom, ela é creme, ela é cinza-claro, cinza-escuro, grafite, mas tudo de uma cor só”. (linhas 178-180) (5). “Eu acerca de cinquenta anos eu uso <i>ray-ban</i> , isso desde a época das forças americanas, pela força aérea americana, eu me lembro que o primeiro óculos <i>ray-ban</i> que tive foi bauxilon legítimo comprado numa botique que tinha na base aérea, que era base naval de Aratu, que a base naval de Aratu era dos americanos, quer dizer era não foi feita por eles. Então eles vendiam tudo, e daí pra cá tem... <i>hoje</i> , eu uso [ININT] coisa já não são bauxilon, mas são verdes”. (linhas 194-199) (6). “Tem, tem <i>hoje</i> está muito em moda a lente de contato, que o homem também é muito vaidoso, talvez seja mais vaidoso que algumas mulheres, então ele usa lente de contato”. (linhas 202-203) (7). “[...] os... os sapatos <i>hoje</i> , de um modo geral, eles são muito bem impermeabilizados e a mocidade, o que usa é o tal é... é... a... a tal botina de basquete e vôlei”. (linhas 244-246) (8). “[...] de um modo geral você não vê aquele indivíduo com capa... de gabardine ou chapéu, chapéu de feltro ou tem guarda-chuva inglês na mão e galocha. <i>Hoje</i> não tem ninguém que use mais isso, de jeito nenhum”. (linhas 278-280) (9). “Eu morava no Salete, era uma casa muito grande, então, tinha gomadeira e

		<p>lavadeira permanente trabalhando em casa, era das N., me lembro <i>hoje</i>, era gomadeira, I. era a lavadeira”. (linhas 340-342)</p> <p>(10). “<i>Hoje</i> tem muita empregada que se veste melhor do que a patroa, não é verdade?” (linhas 347-348)</p> <p>(11). “É... ah... a mulher, ela ia para o enterro, ela parecia mais a semelhança do homem, que eu disse anteriormente, parecia mais... era a dona do defunto, ia completamente de preto, ia totalmente de preto, não tinha negócio de ir com vestido, <i>hoje</i> vai com vestido amarelo, vestido listrado, vestido... <i>hoje</i> vai de qualquer maneira. Mas, naquele tempo não mudava de roupa. Para ir para o enterro assim: meias sempre de meias, nunca vi uma mulher que não estivesse com meias, tudo tinha meias.” (linhas 355-360)</p> <p>(12). “[...] diretoria vinha toda para a porta da palavra do Baiano de Tênis, ali onde vocês conhecem quem vai para a Barra Avenida, ficavam em fila e uma parte de um lado, uma parte do outro, fazendo uma... uma como é que se diz... sim a diretoria distribuída assim dos dois lados, do lado esquerdo e do lado direito, aguardando o governador O. M.... antes de meia noite ele chegava, ele chegava o ajudante de ordens ia entrando logo, avisava que ele vinha, ali, entrava ele, Dona E., ele com o... o... <i>smoking</i> impecável, impecável... camisa de peito duro, aquela engomada, do peito duro com os botões de ouro, colarinho de ponta virada, gravata de borboleta, muito bem, sapato de verniz, e Dona E., que era mais alta que ele, veja, elegantemente vestida, com vestido longo, aí ele de braço dado com ela, saía ela só olhava de um lado para outro, sorriso, e a cabeça balançando assim... e ele cumprimentando e tudo, e o presidente do Baiano vinha com sua esposa e tal... cumprimentava ele e os outros cumprimentavam, aí tal... início da festa. Então o início da festa. <i>Hoje</i> o pessoal não sabe,... vocês não sabem o que é uma festa dessas. Vocês não sabem”. (linhas 378-392)</p>
Antigamente	10	<p>(1). “Ainda é mantido pelos homens o... quase o mesmo tipo de roupa que se usava, digamos, há anos atrás. Nas... nas... nas entrevistas, agora há uma diferença, fundamental, a diferença é o seguinte: <i>antigamente</i>, há vinte e três anos atrás, refiro a vinte três que foi a data, foi a quantidade de anos que retroagindo eu fui encontrar a minha primeira é... a minha primeira gravação sobre o assunto certo?” (linhas 4-8)</p> <p>(2). “Hoje em dia está em moda (ININT) a espessura da sola é tremendo, isso já houve <i>antigamente</i> um sapato canoa, o nome já está dizendo, o bico do sapato era pra cima, e o formato do sapato era assim, então você calçava seu pé ficava assim, de bico pra cima, aquilo a sola bem grossa pra resistir”. (linhas 153-157)</p> <p>(3). “Pra dormir? <i>Antigamente</i> o que se usava era o tal pijama, pijama de perna longa, até embaixo, de manga cumprida até aqui com gola toda fechada, e isso evidente tendo em vista que o fulano dormia de janela aberta, porque não tinha é maneira outra de refrigerar ou qualquer coisa”. (linhas 182-185)</p> <p>(4). “<i>Antigamente</i> tinha muito um óculos chamado <i>piscinê</i>”. (linha 228)</p> <p>(5). “Na época de chuva, <i>antigamente</i>, tinha galocha (ININT) galocha, nada mais é do que uma capa feita de borracha é... que reveste o sapato (ININT) pessoa que pega a galocha, veste o sapato com aquilo e pode andar... aí na rua (inint) onde tiver molhado, pode andar o tempo todo, ficando certo de que os pés dele jamais ficarão unidos. Hoje em dia já é um pouco difícil se encontrar galocha, entendeu?” (linhas 240-244)</p> <p>(6). “Então a... a galocha hoje em dia é... ele nem se fabricam mais galocha. Não vejo mais ninguém usar galocha. Mas têm sapatos excelentes, impermeáveis e, não exis... não existe (inint) hoje em dia tanta paleta como <i>antigamente</i>”. (linhas 248-251)</p> <p>(7). “Bom, aí <i>antigamente</i>. É bom fazer um comparativo com <i>antigamente</i> (...) Minha mãe hum... eu me recordo que ela usava sutiã, tinha como se fosse umas rosetas do tecido, é... sobrepondo eh... (inint) menor, simplesmente porque minha mãe tinha seios pequenos, e era moda (inint) uma moda que a mulher tinha de ter seios de razoável volume, não avantajados, imagine”. (linhas 308-313)</p> <p>(8). “Camisa, sutiã, já disse como era a combinação, a combinação de um tecido melhor, isso em seda de um modo geral, colorida para combinar com os diversos vestidos etc... etc... cabelo penteado, chapéu, quem usava chapéu, luvas, bolsa. Então, a pessoa tava dentro do figurino, isso <i>antigamente</i>. Hoje em dia a coisa...</p>



		evoluiu. Evoluiu por quê? Evoluiu por causa do... primeiro despendiu, segundo calor; terceiro ser prático, porque <i>antigamente</i> uma pessoa que... uma família de classe média tinha, por exemplo, no caso de meu pai (inint)". (linhas 334-340)
Habitualmente	1	(1). "[...] hoje em dia, o homem mesmo só usava paletó e gravata se ele estiver numa posição de destaque, se ele estiver em banco, trabalhando em banco, e olhe lá [ININT] banco, ele como gerente, como subgerente ele tem que usar paletó e gravata, mas o resto não pode entrar no banco todo mundo de manga de camisa, ou de manga curta ou de manga comprida, mas está de manga de camisa, e o o os os grandes executivos, secretários de estado e tal, diretores de autarquia e tal, esses usam, como eu por exemplo usava <i>habitualmente</i> paletó e gravata". (linhas 79-85)
Nunca	1	(1). "Mas, naquele tempo não mudava de roupa. Para ir para o enterro assim: meias sempre de meias, <i>nunca</i> vi uma mulher que não estivesse com meias; tudo tinha meias". (linhas 358-360)
Agora	1	(1). "Ainda é mantido pelos homens o... quase o mesmo tipo de roupa que se usava, digamos, há anos atrás. Nas... nas... nas entrevistas, <i>agora</i> há uma diferença, fundamental, a diferença é o seguinte: antigamente, há vinte e três anos atrás, refiro a vinte três que foi a data, foi a quantidade de anos que retroagindo eu fui encontrar a minha primeira é... a minha primeira gravação sobre o assunto certo?" (linhas 4-8)

Quadro 15 – Estruturas pontuais no inquérito DID 13 R da cidade de Salvador

Estruturas pontuais	Frequência	Contexto de ocorrência
Hoje	19	<p>(1). "Eu me lembro até de um episódio interessante ocorrido em bonde, em doutor L. vinha no mesmo bonde comigo e naquela época o curso de filosofia estava iniciando, e quase não se falava em filosofia, filosofia era assim algo como <i>hoje</i> você fala em astronáutica, não se lia filosofia". (linhas 10-13)</p> <p>(2). "[...] o Farol da Barra era um <i>footing</i> contínuo né, os, os homens ficavam na balastrada parados e as mulheres passeando de braços dados, a mesma coisa na Rua Chile né, o Natal, a, a véspera de Natal na Rua Chile era, é, era equivalente <i>hoje</i> ao <i>footing</i> no shopping, todo mundo se vestia da melhor maneira possível né e ia fazer um <i>footing</i> na rua Chile". (linhas 41-45)</p> <p>(3). "[...] aqui nessa quadra existia somente essa casa, na quadra de lá existiam várias casas que <i>hoje</i> tudo transformadas em de, em apartamentos, em prédios de apartamentos, e ali daqui, meu, o quarto de meu filho era esse aqui e não, eu não havia comprado esse terreno". (linhas 88-91)</p> <p>(4). "[...] há sim um progresso muito grande, muitos automóveis também né, <i>hoje</i> todo mundo tem o poder aquisitivo eh, embora tivesse para alguns piorado mas eu acho que melhorou, porque as minhas empregadas <i>hoje</i> elas têm o que as minhas empregadas no início nem sonhavam ter, essa que é a verdade, fala-se muito do nível do padrão de vida, e eu concordo que não é um padrão de vida digno como deveria ser, mas tenho de observar isso que eu faço a distinção muito grande, as empregadas que eu tinha mal podiam ter um sapatinho, uma roupinha". (linhas 97-104)</p> <p>(5). "É, tem um nome próprio que se dá quando uma rua não tem saída, mas eu esqueci agora, mas não tinha então ali eu brincava muito de todo, também o seguinte, as ruas eram palco e espaço para as crianças brincarem, os adolescentes namorarem né, também paquerarem, namorarem, andarem de bicicleta, e treinar início de, de direção, tudo isso, <i>hoje</i> não é mais possível". (linhas 132-136)</p> <p>(6). "<i>Hoje</i> é, e nem mesmo essas ruas da Pituba, nem mesmo essas transversais do Itaigara, não são mais, no Itaigara um pouco mais porque aquelas ruas são mais calmas naqueles morros, porque o Itaigara é feito, construído em morros, ali é mais fácil você, no Caminho da Árvores mais tudo mais muito perigoso por causa dos assaltos, sim há uma diferença muito grande né". (linhas 138-142)</p> <p>(7). "[...] eu acho que os <i>outdoors</i> estão mais bem comportados, mais limpos, antigamente os <i>outdoors</i> eram umas... umas coisas feias, colocadas inadequadamente em lugares inadequados, com a... a própria... o próprio, o próprio tipo do cartaz não era agradável, <i>hoje</i> os <i>outdoors</i> são bonitos". (linhas 245-248)</p>

		<p>(8). “[...] todos crêem na imortalidade da alma, e todos crêem na imortalidade do espírito, portanto todos, e a maioria dos espiritualistas acredita na reencarnação, <i>hoje</i> metade do mundo acredita na reencarnação porque a, a Ásia é um quinto do lar do mundo em termo de habi, de população, um quinto da população do mundo [...]”. (linhas 278-282)</p> <p>(9). “Porque eu acho assim, eu acho dependeria, precisaria fazer um trabalho muito grande com, com a parte psicológica interna, dos valores éticos desses homens, porque não adianta muita arma na mão não (inint) atirar ele atira, como você disse muito bem, passa pro lado oposto, eu sei que é muito sério, poucos ainda <i>hoje</i> pensam que vão morrer né, defendendo a pátria”. (linhas 344-348)</p> <p>(10). “Eu vejo, mesmo para o pessoal pobre porque o que se gasta de um, em um comércio x pra outro eu acho que não sei se compensa não, a especulação tem que, que o pobre faz especulação pra comprar mais barato (...) esse percurso eu acho, sobretudo <i>hoje</i> com tantos assaltos, com tantas dificuldades, os <i>shoppings</i> eu acho”. (linhas 387-392)</p> <p>(11). “Produtos finos, importados, e a <i>Slooper</i> tinha um rosto especial, era muito bonito, as vitrines muitas bonitas mas nem chegam aos pés das de <i>hoje</i> em beleza, que são deslumbrantes”. (linhas 415-417)</p> <p>(12). “[...] os detalhes de gola né (...) armarinhos <i>hoje</i> não têm essa, esse, esse destaque”. (linhas 460-462)</p> <p>(13). “Do outro lado da Transamérica tem um morro muito chique, que só tem <i>hoje</i> casas muito chiquérrimas”. (linhas 493-494)</p> <p>(14). “Heim? Seguríssimo, tranquilíssimo, os estudantes faziam as excursões, as embaixadas íamos todos de trem, quem ia pensar em avião, quem ia pensar de carro, porque <i>hoje</i> vai, todo mundo de carro, era de trem, era gostoso, porque nós encontrávamos, cantávamos, brincávamos, fazíamos brincadeiras, namorávamos”. (linhas 554-557)</p> <p>(15). E porque tinha que colocar na cidade, aqui não tinha colégios como <i>hoje</i> tem grandes colégios né, na Pituba, mas aqui não tinha, então meus filhos estudaram no, na escola nova com S... na Barra, estudaram no, no colégio Militar, meu filho estudou no colégio Militar”. (linhas 585-588)</p> <p>(16). “Já era mais perto, sim e os meninos usavam muito ir à escola de bicicleta, <i>hoje</i> não faz não né, meus filhos iam de bicicleta pra escola... saudável, muito saudável, mas <i>hoje</i> não pode, meu, meu filho proibiu os filhos dele de irem pro colégio de bicicleta porque foram assaltados”. (linhas 592-593)</p> <p>(17). “[...] o que eu acho que está acontecendo é a família di... dissolvida, não só dissolvida por pais separados não, dissolvida pelo trabalho, cada um indo para o seu trabalho, para as suas atividades e as crianças e os adolescentes ficam muito soltos então vem a televisão, e vem a internet, vem o computador, vem todos os subsidiário né que estão substituindo a convivência familiar porque antigamente a mãe saía tinha a avó, tinha a tia dentro de casa, era uma casa onde o adolescente chegava ou a criança chegava e tinha os adultos, <i>hoje</i> os adolescentes chega... a criança chega só tem os empregados, e os empregados não podem educar ninguém”. (linhas 646-653)</p>
Antigamente	4	<p>(1). “[...] eu acho que os <i>outdoors</i> estão mais bem comportados, mais limpos, <i>antigamente</i> os <i>outdoors</i> eram umas... umas coisas feias, colocadas inadequadamente em lugares inadequados, com a... a própria... o próprio, o próprio tipo do cartaz não era agradável, hoje os <i>outdoors</i> são bonitos”. (linhas 245-248)</p> <p>(2). “[...] <i>antigamente</i> havia os armazéns, eu me lembro que minha mãe eh... vinha todo sábado... vinha a compra né, os quilos de farinha, de tudo, e tinha uma cadernetinha eu me lembro, onde ela botava o que ela queria na próxima semana, chegava no outro sábado vinha no armazém, pagava no fim do mês, certo né”. (linhas 465-468)</p> <p>(3). “[...] o que eu acho que está acontecendo é a família di... dissolvida, não só dissolvida por pais separados não, dissolvida pelo trabalho, cada um indo para o seu trabalho, para as suas atividades e as crianças e os adolescentes ficam muito soltos então vem a televisão, e vem a internet, vem o computador, vem todos os subsidiários né que estão substituindo a convivência familiar porque <i>antigamente</i> a mãe saía tinha a avó, tinha a tia dentro de casa, era uma casa onde o adolescente chegava ou a criança chegava e tinha os adultos, hoje os adolescentes chega... a</p>

		criança chega só tem os empregados, e os empregados não podem educar ninguém”. (linhas 646-653) (4). “(sobre a facilidade de se comprar) E <i>antigamente</i> não tinha, essa que é uma grande verdade, outra vez os pobres, pobres têm me dito, ‘Dona L... eu nunca comi tão bem como nesse governo’”. (linhas 699-700)
Agora	2	(1). “[...] esse terreno eu comprei posteriormente, ele via o mar porque aqueles prédios ali não existiam, então começou a edificação na... nessa zona bastante intensa né, essa é outra fase, e <i>agora</i> é a atual fase da cidade de Salvador, que é uma cidade muito movimentada... uma cidade que... eh... você tem, encontra aqui, eh... produtos, mercadorias em termo de moda, em termos de alimentação, em termos de... de higiene, você encontra o que encontra nas grandes cidades do sul, não tenha a menor dúvida”. (linhas 91-97) (2). “[...] você está vendo <i>agora</i> os colégios fechando, os colégios menores, por inadimplência e porque houve assim uma chuva de colégios se abrindo, colégios pequenos, e aí o que é que aconteceu, pulverizou os candidatos, tem poucos meninos em... em poucos, em... em muitas escolas (superp)”. (linhas 674-677)
Antes	1	(1). “Ah, as compras <i>antes</i> eram assim você pe... se você morava na Cidade Baixa, era Baixa de Sapateiros e a Calçada né, aí você percorria aquilo tudo né pra achar o que você queria, direitinho, também você tinha tempo, mais tempo[...]” (linhas 402-404)

Quadro 16 – Estruturas Pontuais no inquérito DID 14 R da cidade de Salvador

Estruturas pontuais	Frequência	Contexto de ocorrência
Hoje	25	(1). “[...] os ingleses, quando vieram para os trópicos, a primeira coisa que fizeram foi exatamente colocar bermudão... e <i>hoje</i> se observa... em muitas repartições, não é o caso da nossa Universidade que é bastante... não é... como é que eu digo... como é que eu posso dizer aí... é mais aberta, é mais democrática, a Universidade sempre foi uma porta aberta pra todos os... aos... setores da comunidade. Mas, observa-se isso em algumas repartições de... federais mesmo, Polícia Federal, Justiça Federal e esses lugares são... não são próprios pra... o que se exige não é próprio pra o clima nosso”. (linhas 8-15) (2). “Eh... quando se fala nas roupas a rigor e nessas... essas solenidades, vem à mente sempre o paletó, a gravata, a calça vincada, o sapato liso, mas <i>hoje</i> os casamentos já permitem a(s) camisa(s) de mangas compridas, não é, as igrejas não... não fazem nenhuma restrição... e... eu, pessoalmente, tenho ido assim de camisa porque já não tenho mais uma... uma roupa (rindo) uma roupa, assim, social. Mas, <i>hoje</i> o social esportivo é aquela roupa que até inclusive não usa gravata, né, tem... blazer mais claro, com calças de cores variadas, até coloridas, e os... e o pessoal do... da mídia, que frequenta esses ambientes, tipo J.B. ... diga outro aí da mídia, deix’eu pensar em outro aqui, é porque J.B. morou na Ondina e naquela época ele era estudante, não tinha sucesso ainda, mas... e era talvez um cara mais sóbrio também, né, menos exposto, <i>hoje</i> ele já (es)tá mais exposto, aí já fica mais difícil com... manter contato”. (linhas 44-55) (3). “Sim. Tem por exemplo profissionais da área mecânica, da área de... de jardinagem... <i>Hoje</i> já se vê esses profissionais vestindo trajes adequados também p(a)ra o trabalho [...]”. (linhas 139-141) (4). “[...] outros profissionais... por exemplo o... o comerciante, né... o comerciante se veste com... como a população em geral, a pesar de que, <i>hoje</i> , as empresas americanas e outras... a tendência parece que é mundial... adotavam o... o <i>friday</i> , né, livre... como é que chama?... <i>friday</i> ... ele tem um termo lá em inglês... só na sexta-feira... um traje mais informal... e <i>hoje</i> parece que todos os dias... e o <i>today</i> não sei o quê... esqueci agora o termo (risos)”. (linhas 154-159) (5). “[...] as mulheres é que lançaram esse negócio do... do plástico no calçado, né, <i>hoje</i> até aquele plástico transparente, eu não sei o nome que dão, mas parece uma fita transparente, né... e que já emigrou disso aí, já está no sutiã, já está no biquíni, entendeu, já está em todo lugar, quer dizer... eh... o vestuário <i>hoje</i> (es)tá uma coisa formidável, não tem mais... no tempo de menino, por exemplo, Salvador era uma

	<p>cidade bastante tradicional, bastante... como é que eu posso dizer, Salvador na década de cinqüenta, quando eu tinha doze anos, tinha ainda as festas de largo do Rio Vermelho, ainda tinha o plano anunciador do Rio Vermelho, ainda tinha o carnaval do bairro da... da Liberdade, daquele carnaval que era autóctone, dali que saía o carnaval pra ir pra... pra o Pelourinho, pra a Avenida Sete...aquele carnaval é que era o autêntico certo, o pessoal vinha aos blocos cantando Marina Morena, até, não é, descendo a ladeira ali do... pela Estrada da Liberdade, que <i>hoje</i> é Lima e Silva, mas devia continuar Estrada da Liberdade mesmo, descendo pela Soledade, passando pelos lugares históricos até da Cidade do Salvador... e chegando ao Pelourinho e daí pra frente, a própria Avenida Sete, que ainda era um carnaval de ida e volta pela mesma avenida, né”. (linhas 200-215)</p> <p>(6). “[...] as pessoas iam assistir o carnaval de rua vestido mais... mais bem vestidos do... antes do que <i>hoje</i>, né... <i>hoje</i> (vo)cê vai pro carnaval de mini-saia, de tanga, e tal, mas naquele tempo não, se você não (est)ava fantasiado, ia assistir o carnaval sentado nos bancos, colocava os bancos na avenida, aí ia vestido de vestido, não se usava muita calça, né... mulher não usava muita calça... os rapazes de calça e blusa [...]”. (linhas 227-232)</p> <p>(7). “O homem usava um calção comprido mesmo, às vezes até aqui perto do joelho... que também era uma malhazinha... tipo uma malhazinha... ou mesmo de algodão, não é... mas já se usava uma malhazinha talvez não tão fina como as que <i>hoje</i>... (es)tão fabricando, mas era uma malha que já se usava, acho que devia usar muito desse tipo de tecido [...]”. (linhas 299-303)</p> <p>(8). “[...] o Rio quando fez aquilo ali como fez o samba... sambódromo, todo mundo criticou muito, mas <i>hoje</i> são áreas frequentadíssimas que atraem o capital estrangeiro”. (linhas 344-346)</p> <p>(9). “[...] o tráfego é caótico no centro da cidade e (vo)cê tem que abrir mais isso. Cidades que se modernizaram, <i>hoje</i> dispararam. Paris é uma cidade de... que tem metrô a mais de cem anos, no entanto Paris é uma cidade moderna [...]”. (linhas 351-353)</p> <p>(10). “Você falou uma coisa... falou uma coisa aí que é comum se ver isso... No tempo mais atrás, não é... no tempo mais atrás o comportamento definia o trajar, não é... o traje definia o comportamento... então, no tempo mais atrás o jovem rebelde ele se trajava daquela maneira agressiva porque ele tinha o comportamento assim mesmo, mas <i>hoje</i> nós vemos que o traje não tem mais o que ver com essa, não é”. (linhas 384-389)</p> <p>(11). “[...] eu digo que já se incorporou até a nossa cultura, né, do brasileiro, né, a querer usar sempre aquilo que está na moda, que está diferente o que está agra... o que está chamando a atenção mesmo... então eu acredito que a vestimenta, <i>hoje</i> diferente, não... não necessariamente, não defina uma pessoa com o comportamento assim ou assado, entendeu, às vezes a pessoa é toda certinha e usa uma roupa parecida com o outro que não é todo certinho, não é”. (linhas 389-395)</p> <p>(12). “[...] os jovens deixou de ser <i>hippie</i> assim, mas ainda se espelha muito no movimento <i>hippie</i>, mas ele já... usa o cabelo bastante fácil de arranjar, né... uma passada de pente já resolve, <i>hoje</i> (inint)... mais comprido ou mais curto e você vê que até as pessoas mais idosas <i>hoje</i> né, ninguém critica porque está com os cabelos desgrenhados ou amarrado em cabo... rabo-de-cavalo, eu acho interessante (inint)... o cabelo amarrado, eu vou achando interessante”. (linhas 403-408)</p> <p>(13). “[...] o cotidiano, né, da vida como é que era e que as pessoas não tomavam banho mesmo com medo de pegar... uma... uma doença... sei lá, alguma coisa, mas <i>hoje</i> eu noto ainda nos transportes coletivos... nos ambientes coletivos que a população de Salvador ainda guarda certos preceitos, por exemplo,... se uma pessoa se levanta num... num banco, o outro se senta logo, fica... sentado assim um pouco de lado, esperando esfriar porque aquilo já arraigou, não é, na cultura... <i>hoje</i>... a ciência já não prova nada que isso traga... traga nenhum pro... nenhuma... prejuízo pras pessoas... nenhum problema de saúde”. (linhas 423-430)</p> <p>(14). “[...] até os dias atuais... <i>hoje</i> você vê que as crianças já usam mais le(r) nos livros, né... as estórias em... de livros são mais usadas do que aquelas estórias que nós chamávamos de estórias da carochinha, <i>hoje</i> têm um nome muito interessante, parlendas, né, parlendas, não é... aquelas estórias... aquela, por exemplo, o que você dizia que... “boi, boi, boi... boi que a cara preta”, não é... qual é a outra...</p>
--	---

		dessas estorinhas... “sete e sete são quatorze... com mais sete vinte e um”... são parlandas, não é... e com relação a... (inint)... do cabelo... eu acho que... (inint)... não tem muita diferença não... então <i>hoje... hoje</i> eu acredito que muita gente já usa... (inint)... mais sofisticados, não é... como shampoo, o creme... eu não uso ainda... não acostumei, mas... minha mulher até se reclama comigo porque... reclama muito comigo porque eu não consigo usar o shampoo... eu não sei... eu não consigo fazer espuma direito com aquilo e o sabão eu faço mesmo várias vezes e consigo fazer uma espuma boa, aí, pronto”. (linhas 433-444)
Antes	1	(1). “O homem usava um calção comprido mesmo, às vezes até aqui perto do joelho... que também era uma malhazinha... tipo uma malhazinha... ou mesmo de algodão, não é... mas já se usava uma malhazinha talvez não tão fina como as que hoje... (es)tão fabricando, mas era uma as pessoas iam assistir o carnaval de rua vestido mais... mais bem vestidos do... <i>antes</i> do que hoje, né... hoje (vo)cê vai pro carnaval de mini-saia, de tanga, e tal, mas naquele tempo não, se você não (es)tava fantasiado, ia assistir o carnaval sentado nos bancos, colocava os bancos na avenida, aí ia vestido de vestido, não se usava muita calça, né... mulher não usava muita calça... os rapazes de calça e blusa [...]”. (linhas 225-232)

Quadro 17 – Estruturas fraseológicas no inquérito DID 094 da cidade de Salvador

Estruturas fraseológicas	Frequência	Contexto de ocorrência
Do(s) meu(s) tempo(s)	2	(1). “[...] Essas faculdades destinadas naturalmente ao ensino das atividades de natureza superior, não é? essas faculdades hoje com uma conotação especial que... por força da qual elas estão perdendo, por exemplo, aquela característica, que foi a <i>do meu tempo</i> , que hoje já não existe mais”. (linhas 338- 344) (2). “[...] a iluminação... ho... hoje a iluminação pode ser, inclusive, até subterrânea, podíamos seguir a sub... a iluminação aérea, <i>dos meus tempos</i> , e que hoje inda predomina, para a iluminação subterrânea, que está cada vez ganhando mais terreno, não é, essa iluminação, então, a iluminação é feita nas ruas através a posteação, que está também tendendo para um desaparecimento, ou, então, elas ficam suspensas da fiação. É o mais comum (superp)”. (linhas 510-519)
No meu tempo de menino	1	(1). “[...] o Beco de Maria Paz, por exemplo. O beco era o tipo de rua que hoje está realmente desaparecendo e que se caracterizava principalmente pela estreiteza, né; então, alguns becos... hoje já há alguns, mas <i>no meu tempo de menino</i> vi muitos, é verdade que aí na parte... na antiga... da cidade antiga, propriamente dita, ainda se encontra muito isso, essas ruas típicas, ou os becos, ou aquelas travessas ou também chamadas transversais, né?” (linhas 169-177)

Quadro 18 – Estruturas fraseológicas no inquérito DID 159 da cidade de Salvador

Estruturas fraseológicas	Frequência	Contexto de ocorrência
Naquele tempo	3	(1). “[...] eu ainda me lembro, quando eu ainda era bem menina e que nós precisávamos de um médico e ele aparecia em minha casa, assim... era casaca que usavam <i>naquele tempo</i> , imagine, em plena luz, em pleno dia (rindo). E nós achávamos aquilo tão natural, nem... Hoje, é... quando eu penso, assim, é que acho aquilo (inint) esquisita, né?” (linhas 07-13) (2). “E, com o correr do tempo, não só a casaca desapareceu das ruas, como até aquele traje que se usava nos dias de Sexta-Feira Santa e para os enterros, aquela calça listada e o paletó preto, até isso, que era... <i>naquele tempo</i> , era tão simples, até isso hoje já desapareceu”. (linhas 13-18) (3). “[...] se usava muito enchimento nas ombreiras <i>naquele tempo</i> e os homens achavam que ficavam mais másculos, mais largos por força do enchimento”. (linhas 90-93)
Hoje em dia	1	(1). “Somente para mergulhadores <i>hoje em dia</i> né, somente isso eu acho que é o que é mais usado pra operários é mais um macacão, excepcionalmente, um calção, né somente um calção, mas de maneira geral um macacão” (linhas 115-121)
Do ano passado	1	(1). “[...] eu não observo muito mas por esses apresentadores de televisão (risos) eu creio que as golas agora estão mais largas do que as <i>do ano passado</i> ou dois, isso mesmo” (linhas 100-103)
Ao século passado	1	(1). “Essa parte da frente, esse peitilho, vamos dizer, era pregueado, ou então de fustão e, se nós voltarmos <i>ao século passado</i> , teríamos cola... ah... – Como é que chama? O que foi que eu falei? – o peitilho era bordado, com rendinhas, fitinhas. (risos)” (linhas 365-370)
Quando eu ainda era bem menina	1	(1). “[...] eu ainda me lembro, <i>quando eu ainda era bem menina</i> e que nós precisávamos de um médico e ele aparecia em minha casa, assim... era casaca que usavam naquele tempo, imagine, em plena luz, em pleno dia (rindo). E nós achávamos aquilo tão natural, nem... Hoje, é... quando eu penso, assim, é que acho aquilo (inint) esquisita, né?” (linhas 07-13)
Já tem tanto tempo que eu já esqueci	1	(1). “É tem gente que não acha o fraque muito bonito, acha a casaca mais alinhada e os homens também guardam o traje pra festas, em geral era um paletó branco avulso porque era usado com uma calça de qualquer cor e mangas compridas naturalmente e uma gola inteira parecendo um traje de garçom, meu marido tinha até um paletó, mas <u>já tem tanto tempo que eu já esqueci</u> o nome”. (linhas 252-260)
Quando eu era menina	1	(1). “[...] e a mulher cha nós chamamos um casaco, um manto, antigamente, <i>quando eu era menina se chamava capote</i> ” (linhas 703-705)
Há um ano passado ou dois	1	(1). “[...] eu não observo muito. Mas por esses apresentadores de televisão, (rindo) eu creio que as golas agora es... estão mais largas do que, vamos dizer, <i>há um ano passado ou dois</i> , mas também nisso não houve muita diferença não”. (linhas 100-104)
Há muito tempo	1	(1). “Nós conhecemos, <i>há muito tempo</i> , um... uma família mesmo... os senhores que usavam botões de punho com algumas pedras preciosas até”. (linhas 333-336)
Há uns... alguns anos passados	1	(1). “ <i>Há uns... alguns anos passados</i> começaram a introduzir essa... rosa e azul para os homens, não é, como o próprio <i>smoking</i> , mas eu acho que eles estavam fazendo essa variedade, mas isso não pegou não, porque não era realmente alinhado, bonito, porque o.. o <i>smoking</i> é bonito preto, né, não sei se é porque a gente já se habituou com aquela imagem do <i>smoking</i> preto. Eu cheguei ver, algumas vezes, aqui na Bahia, <i>smoking</i> em cor, mas não é bonito não”. (linhas 627-637)

Quadro 19 – Estruturas fraseológicas no inquérito DID 193 da cidade de Salvador

Estruturas fraseológicas	Frequência	Contexto de ocorrência
Naquela época	1	(1). “Estudei no Ginásio da Bahia, eu fiz o curso ginásial, depois, cursei o vestibular porque <i>naquela época</i> não existia ainda o científico nem o colegial e só existia o curso ginásial e depois de se fazer os quatro anos de ginásio, então saí para fazer o vestibular, cursar um vestibular, nós fazíamos o vestibular um ano e fazíamos na faculdade de Medicina”. (linhas 8-11)
Na época	1	(1). “[...] fiz um curso muito bom, fiquei muito feliz e deixei boa impressão, acho que deixei, porque sempre alcancei boas notas, sou muito caprichosa, conto a parte e a modéstia (risos) mas <i>na época</i> o mínimo era o estudo, algo sobre o estudo”. (linhas 13-15)
Hoje em dia	1	(1). “Mas se ela coitada também passa um regime de fome, de miséria, onde ela vai buscar o leite, tem o leite, mas o leite é pobre, não alimenta a criança, na mesma hora que ela puxa aquela água, aquele leite que não vale nada, não tem nenhum teor nutritivo pra que a criança procrie, causa a morte, a desnutrição, as crianças desnutridas, você vê a mortalidade infantil <i>hoje em dia</i> é deslumbre, é a falta de alimentação”. (linhas 468-472)

Quadro 20 – Estruturas fraseológicas no inquérito DID 209 da cidade de Salvador

Estruturas fraseológicas	Frequência	Contexto de ocorrência
Hoje em dia	3	(1). “Marceneiro com carpinteiro, eu faço confusão, eu sei que eles usam seu serrote não é? <i>Hoje em dia</i> já existem esses negócios elétricos que já facilitam a eles não é? <i>Hoje em dia</i> , não precisa empregar tanta força não é? <i>Hoje em dia</i> não tem mais isso não”. (linhas 27-29)
As atuais	1	(1). “Não, os antigos, cama, os antigos e <i>as atuais</i> , os antigos temos os armários com lavatórios, temos também o toailete, atualmente, já não, os armários já são embutidos, toaletes já não se usa mais no quarto, já ficam no banheiro, no quarto de banho, tapete se quiser no quarto, na cama”. (linhas 300-303)
Naqueles tipos antigos	1	(1). “Não variam né, uns são lisos outros trabalhados, como eu disse <i>naqueles tipos antigos</i> né? As atuais têm muitas que não se têm nem onde segurar, as mais modernas”.(linhas 208-210)
Os antigos	3	(1). “Não, <i>os antigos</i> , cama, <i>os antigos</i> e as atuais, agora <i>os antigos</i> temos os armários com lavatórios, temos também o toailete, atualmente, já não, os armários já são embutidos, toaletes já não se usa mais no quarto, já ficam no banheiro, no quarto de banho, tapete se quiser no quarto, na cama”.(linhas 300-303)

Quadro 21 – Estruturas fraseológicas no inquérito DID 003 R da cidade de Salvador

Estruturas fraseológicas	Frequência	Contexto de ocorrência
Naquela época	1	(1). “Na época que houve a primeira travessia de Salvador a Itaparica, <i>naquela época</i> já nadava muito, pensei até concorrer, ah, mas precisava de muita disciplina, aí não podia porque também já estava metido com... em escola etc.” (linhas 285-287)
Esse século	1	(1). “[...] <i>esse século</i> foi o século das utopias, tivemos várias, né? E estamos terminando o século sem nenhuma... sem nenhuma... esse é o grande problema. E ninguém vive sem sonhar, mas a verdade é que não existe uma utopia hoje”. (linhas 29-32)
Na época	3	(1). “ <i>Na época</i> que houve a primeira travessia de Salvador a Itaparica, naquela época já nadava muito, pensei até concorrer, ah, mas precisava de muita disciplina, aí não podia porque também já estava metido com... em escola etc.” (linhas 285-287) (2). “ <i>Na época</i> que (inint) muitas vezes o acesso a muitas dessas localidades, o único acesso possível era o mar. Hoje você tem entrada pra Saubara, pra Cabuçu, antigamente não existia nada disso, Bom Jesus dos Pobres, Salinas, antigamente o acesso era o mar mesmo”. (linhas 293-297) (3). “Na prisão, eu aprendi a tocar violão, eu sempre tive vontade de aprender violão, mas nunca tinha tempo. Minha tia tocava violão, uma das primeiras mulheres aqui nessa cidade de Salvador a tocar violão, <i>na época</i> que tocar violão era coisa de moleque, né?”. (linhas 247-251)
Até hoje	1	(1). “[...] nadava muito, e <i>até hoje</i> eu gosto de nadar, aliás eu gosto também da Bahia de Todos os Santos por isso, porque nas praias da Bahia você nada, tá, o mar é tranqüilo, aí você pode nadar, dar fora etc.” (linhas 190-192)
Até a década de quarenta mais ou menos	1	(1). “[...] então, eu gostava que ela tocava violão, tocava aquelas músicas: primeira, segunda, eh... preparação, terceira etc. aquelas músicas que, muito comuns <i>até a década de quarenta mais ou menos</i> ”. (linhas 255-257)
Desde treze anos de idade	1	(1). “[...] <i>desde treze anos de idade</i> que meu divertimento era sempre velejar na Bahia de Todos os Santos, conheço todas as praias da Bahia, velejando”. (linhas 292-293)
Quando se fazia política universitária	1	(1). “ <i>Quando se fazia política universitária</i> , eu fui um dos criadores da APUB etc., então, nós nunca quisemos isso, quer dizer, o, a ditadura nos presenteou com esse regime jurídico aí e a constituição e a direita nos presenteou com essa, aliás o regime jurídico foi a direita, foi a constituição de oitenta e oito”. (linhas 663-666)
Não sei se isso é do tempo de vocês	1	(1). “eu não sou funcionário público, professor da universidade não pode ser funcionário, não pode aquele regime de funcionário público, então prejudicou muito a universidade não pode ser funcionário, não pode aquele regime de funcionário público, então prejudicou muito a universidade. A isonomia também, queríamos ganhar igual ao que ganhava o pessoal das fundações, lembram? <i>Não sei se isso é do tempo de vocês</i> .” (linhas 670-674)
Quando eu era pequeno	1	(1). “[...] antigamente, <i>quando eu era pequeno</i> , tomar... o <i>status</i> era tomar banho na Barra, né?” (linhas 96-97)
Do meu tempo	1	(1). “[...] a praia do Bogari, que é uma praia linda, está completamente destruída, é só barraca, não há um local, a praia bonita <i>do meu tempo</i> , Bogari era uma praia eh... freqüentada, as pessoas queriam ir pra lá, as moças queriam ir pra lá, hoje chega lá, é cheio de barraca, uma em cima da outra, jogo de dominó, tudo bem!” (linhas 114-116)
Pelos anos de mil novecentos e dez, mil novecentos e quinze, vinte mais ou menos	1	(1). “Então lá <i>pelos anos de mil novecentos e dez, mil novecentos e quinze, vinte mais ou menos</i> , ela tocava violão. Meu pai (inint) diz que meu avô, meu bisavô, meu avô queria expulsar ela de casa porque moleca, não, em casa”. (linhas 253-255)



Da década de quarenta, trinta, quarenta	1	(1). “Eh... eh... o que eu gosto no Pelourinho, o que eu, a parte mais bonita de Salvador pra mim é essa, é o Centro Histórico, eu gosto é o Corredor da Vitória, acho bonito, é uma arquitetura bem diferente do Pelourinho, como é diferente da Conceição da Praia e do Santo Antônio Além do Carmo, né, e já a parte da Ribeira etc. Já é uma coisa <i>da década de quarenta, trinta, quarenta</i> . Monte Serrat, eu morei no Monte Serrat, foi um dos primeiros loteamentos, aquilo foi <i>na década de quarenta</i> ”. (linhas 320-326)
Na década de quarenta	1	
Quando eu morava no Monte Serrat	1	(1). “[...] eu fui lá na... num restaurante que abriu, que fizeram, ali na Conceição da Praia, Trapiche Adelaide. Esse Trapiche Adelaide tem até uma história, né, por... quer dizer, pra mim tem uma lembrança porque <i>quando eu morava no Monte Serrat, em quarenta e oito</i> , esse trapiche pegou fogo e nós íamos pro Forte do Monte Serrat de noite, eu ficou, pegou fogo e ficou dias incendiando, né, então a gente ia lá, a gente via aqueles barris Pum! Subia, explodia e subia, né, parece que esses barris pertenciam à família (inint) Carneiro, como é? Correia Ribeiro, parecia”. (linhas 355-362)
Em quarenta e oito	1	
Desse fim de século	1	(1). “Qualquer música que dança separado, eu estou fora, tá certo? Então, eu danço samba, danço bossa-nova, danço lambada. A lambada eu acho uma das grandes invenções <i>desse fim de século</i> , né? Eu gosto muito de dançar lambada, baião, forró, samba – eu gosto muito de dançar samba –, <i>blues</i> , eu só não gosto de dançar separado. Qualquer ritmo que seja pra dançar junto, eu danço. Separado, eu não gosto”. (linhas 761-766)

Quadro 22 – Estruturas fraseológicas no inquérito DID 005R da cidade de Salvador

Estruturas fraseológicas	Frequência	Contexto de ocorrência
Com a minha idade que já não é pequena	1	(1). “[...] não gosto muito de carne, como pouca carne. Como mais peixes, mariscos e crustáceos. Embora <i>com a minha idade que já não é pequena</i> , né? Eu <i>já estou meio avançada</i> (inint) mesmo assim como muito camarão e la (risos) gosta que pra colesterol...” (linhas 16-21)
Já estou meio avançada	1	
Quando criança	1	(1). “[...] <i>quando criança</i> eu tive coqueluche e alguém falou pra minha mãe que era bom dar o leite, como chama? O leite cru do peito da vaca, então nós morávamos ali no Tororó e no fundo, onde hoje é a Estação da Lapa, tinha várias hortas, inclusive com estábulo e... lá mamãe mandou a empregada levar, comprar, tomar o leite, só que o leite não foi puro não, foi com mastruz. A partir daí eu nunca mais tomei leite, viu? (risos) não tolero leite (risos)”. (linhas 63-69)
Outro clube de terceira idade	1	(1). “Agora que estou aposentada e faço parte de uns clubes aí ou o <i>Internation Womens Club</i> e um clube... um <i>outro clube de terceira idade</i> , entendeu. (linhas 35-39)
Quando eu fui a primeira vez à Europa	2	(1). “Ah! De vez em quando eu tomo. Quando tenho companhia tomo um aperitivo, entendeu? Vinho... eu gosto muito de vinho branco, suave. Eh! <i>Quando eu fui a primeira vez à Europa</i> que foi pra estudar, eu só tomava coca-cola e ainda briguei lá... na... por lá porque queria coca-cola gelada e só me dava “ao tempo”, na temperatura ambiente, né?” (linhas 81-85) (2). “ <i>Quando eu fui a primeira vez à Europa</i> , eu passei em Casablanca e as ruas eram arborizadas com tamareira, uma coisa linda. Aqueles cacho da... das tâmaras, coisa linda... linda”. (linhas 347-349)
Em mil novecentos e oitenta e sete	1	(1). “Eu não... e quando não tenho... tenho a casa de mamãe (risos) não... não está mais viva. Minha mãe morreu com 91 anos <i>em mil novecentos e oitenta e sete</i> , entendeu?” (linhas 231-233)
Na época	1	(1). “[...] aonde eu morava era um... em hotel... uma pensão que <i>na época</i> eu dizia uma pensão metida à besta que tinha o nome de hotel e era eu e mais três companheiras que nós fomos como bolsistas do Instituto de Cultura Hispânica”. (linhas 246-249)

Quadro 23 – Estruturas fraseológicas no inquérito DID 006R da cidade de Salvador

Estruturas fraseológicas	Frequência	Contexto de ocorrência
Na época	8	(1). “[...] depois de algum tempo, surgiram os chamados bondes que foram apelidados <i>na época</i> de "Sossega Leão" hum, hum. Eram bondes fechados, muito luxuosos”. (linhas 240-242) (2). “[...] em todos os bondes estava escrito: <b>Não fume nos primeiros bancos. Não fale com o motorista</b> e havia um anúncio muito curioso, ligado a um cabaré que o <i>Rumba Dancing</i> . É... estava escrito lá. O anúncio era assim: <b>Psiu, motorista, leve-me ao Rumba Dancing</b> . Era um apelo para tomar táxi que não chamava táxi <i>na época</i> chamava carro de Praça, táxi é uma coisa recente. Não tinha taxímetro então, se contratava a corrida. <i>Na época</i> se perguntava, quanto é que você quer pra me levar em Santo Antônio. A depender do motorista, do passageiro, da hora, etc. variava o preço”. (linhas 268-275) (3). “ <i>Na época</i> da guerra havia uns balões chamados blimps que tinha a forma de um Zepelim, <i>na época</i> , eu acho que esses balões eram uma forma de defesa de certos lugares estratégicos, porque se havia aqueles balões, aviões que poderiam passar em vôo rasante, <i>na época</i> que era pra isto. E <i>na época</i> da guerra nós tivemos aqui muitas tropas americanas. A Base Naval que tem aí embaixo hoje, foi <i>na época</i> base americana.” (linhas 367-368)
As pessoas da minha geração	1	(1). “Me lembro, um Nazaré, dois Barra, três Canela, quatro Barra Avenida, cinco Barris, seis Graça, sete Federação, oito Liberdade, nove Santo Antônio, dez Barbalho, onze Brotas, doze Cabula e assim por diante ah, ah, ah, (risos prolongados). Me lembro dessa numeração. É um costume, <i>as pessoas da minha geração</i> , a gente faz esse teste em bonde”. (linhas 363-368)
Naquela época	1	(1). “[...] os blimps, que eram balões, balões em forma de Zepelim, não era um transporte, mas tinham uma forma de Zepelim que foi aquele transporte muito badalado que <i>naquela época</i> acabou porque era... ele era movido a gás hélio que era de alta combustão e aí um pegou fogo e matou todo mundo”. (linhas 360-363)
Há um ano passado ou dois Naquele tempo	1 3	(1). “Abricó, Abricó era muito engraçado. Eles vendiam tudo, vendiam legumes, frutas, mas era muito comuns os vendedores carregando suas mercadorias nos caçuás com burros. Provavelmente eles não circulavam na Barra, na Barra Avenida. Mas em Santo Antônio, Lapinha, Liberdade e Barbalho <i>naquele tempo</i> eram muito comuns. E ... havia umas coisas muito curiosas que hoje não tem mais. Inda <i>há um ano passado ou dois</i> eu falava com meus filhos. Pão, bolacha, bolachão <i>naquele tempo</i> os vendedores traziam o balaio. Então parava na porta de sua casa você escolhia os pães, não é. <i>Naquele tempo</i> , era prático”. (linhas 463-469)
Até a Revolução de sessenta e quatro mais sessenta e oito A partir de sessenta e oito	1 2	(1). “ <i>Até a Revolução de sessenta e quatro mais sessenta e oito</i> , eu viajava de avião mas com muito medo, <i>a partir de sessenta e oito</i> em razão de compromissos profissionais, defesa de políticos, etc., eu fui obrigado a viajar muito de avião, mas isso só <i>a partir de sessenta e oito</i> e essa frequência de viagens me fez perder, por inteiro o medo.” (linhas 14-17)
Em mil novecentos e cinqüenta e dois	1	(1). “Viajei de trem <i>em mil novecentos e cinqüenta e dois</i> ... mil novecentos e cinqüenta e dois à Europa fiz alguns, alguns, muito deslocamentos de trem”. (linhas 127-128)
Há uns cinco anos, seis, oito anos	1	(1). “[...] <i>há uns cinco anos, seis, oito anos</i> , eu não me lembro, eu saí com minha mulher, de Genebra pra Paris no TGV. Compramos toda excursão aqui, inclusive marcamos os lugares aqui, só que quando chegamos nos lugares marcados por nós, não sabíamos, eram de costa e minha mulher enjoa. Então foi uma viagem muito trabalhosa porque eu tive de pedir a vários passageiros que em cada trecho trocasse de lugar com ela, essa coisa entendeu?” (linhas 135-141)
Na minha infância, na minha adolescência,	1	(1). “[...] o bonde foi muito presente <i>na minha infância, na minha adolescência até quando eu me casei</i> , foi quando eu me mudei dali, né. Andei de bonde a vida toda, gostava de andar de bonde”. (linhas 223-225)

até quando eu me casei		
Depois de algum tempo	1	(1). “[...] <i>depois de algum tempo</i> , surgiram os chamados bondes que foram apelidados na época de "Sossega Leão" hum, hum. Eram bondes fechados, muito luxuosos”. (linhas 240-242)

Quadro 24 – Estruturas fraseológicas no inquérito DID 007R da cidade de Salvador

Estruturas fraseológicas	Frequência	Contexto de ocorrência
Hoje em dia	3	(1). “ <i>Hoje em dia</i> se usa, eh... guarda-chuva, mas muito raramente...” (linha 130) (2). “ <i>Hoje em dia</i> não tem mais lavagem a domicílio, a casa. Só de camisas e cuecas é que se lava em residência. Antigamente se pegava e lavava tudo em casa”. (linhas 203-206) (3). “Lavagem de cabelo, é... permanente é... (inint) fazer unha... (inint), cuidar da pele, fazer (inint). Em conformidade com a moda <i>hoje em dia</i> ”. (linhas 297-298)
De quarenta anos atrás	1	(1). “É, houve uma variação muito grande do vestuário <i>de... quarenta anos atrás</i> , né? Antigamente se usava muito o Tropical, a roupa branca, chapéu, hum. Hoje ninguém... não se usa mais chapéu né? Hoje o tropical é... é raro. Mesmo assim o... a roupa substituiu muito pela... pelo... pelo o que vestia antes, pela calça, então... o jeans. Também... se usava também paletó e gravata. Hoje é... é... só... só se usava para o tipo de vestuário... Hum?”. (linhas 8-13)

Quadro 25 – Estruturas fraseológicas no inquérito DID 008 R da cidade de Salvador

Estruturas fraseológicas	Frequência	Contexto de ocorrência
Há tempos atrás	1	(1). “[...] <i>há tempos atrás</i> exis... existia o sutiã mentiroso, que tinha um forro pra botar busto em quem não tinha. Hoje não tem tanto, né? E o suti... muitos são sem forro... hoje mais feitos com lycra, né, que é um tipo de tecido”. (linhas 255-257)
O princípio do século	1	(1). “Tem o caso da minha tia (risos) minha tia-avó, viu. Imagine que é <i>o princípio do século</i> ... (risos) Disse que a bota que ela usava era tão difícil de abotoar... era cheia de botãozinho (risos)... cheia de botãozinhos. Pior que ela tinha uma festa no outro dia de manhã. Aí ela dormiu já com a bota no pé (rindo) (risos) Eu não me esqueço disso... dormiu tesa lá com a bota no pé porque não dava tempo de amarrar com a bota no outro dia de manhã...” (linhas 484-488)

Quadro 26 – Estruturas fraseológicas no inquérito DID 009 R da cidade de Salvador

Estruturas fraseológicas	Frequência	Contexto de ocorrência
Naquele tempo	1	(1). “Mas, <i>naquele tempo</i> não mudava de roupa. Para ir para o enterro assim: meias sempre de meias, nunca vi uma mulher que não estivesse com meias; tudo tinha meias”. (linhas 358-360)
Hoje em dia	10	(1). “A roupa, de um modo geral, é de... de tropical de (inint) inglesa já é muito difícil encontrar, que temos também casimira fabricada no Brasil, de muito boa qualidade, mas também o clima, por sua vez, já está empurrando isso, de tal maneira que o indivíduo está usando mais, <i>hoje em dia</i> , são calças de linho ou um blazer de linho, ele está muito bem vestido se for com um blazer de linho”. (linhas 38-42) (2). “ <i>Hoje em dia</i> já é muito caro um corte de linho desse custa muito caro, então os tecidos sintéticos satisfazem plenamente, porque são muito bonitos são muito bons e não deformam, então a calça que é enfiada senta aí, pode ficar, botar as pernas para cima, para baixo (inint)”. (linhas 74-77) (3). “[...] <i>hoje em dia</i> , o homem mesmo só usava paletó e gravata se ele estiver numa posição de destaque, se ele estiver em banco, trabalhando em banco, e olhe lá (inint) banco, ele como gerente, como subgerente ele tem que usar paletó e gravata, mas o resto não pode entrar no banco todo mundo de manga de camisa, ou de

		<p>manga curta ou de manga comprida, mas está de manga de camisa, e o... o... os... os grandes executivos, secretários de estado e tal, diretores de autarquia e tal, esses usam, como eu, por exemplo, usava habitualmente, paletó e gravata”. (linhas 79-85)</p> <p>(4). “[...] o homem <i>hoje em dia</i> simplificou muito, ele está numa calça esporte, numa calça <i>jeans</i> ou numa calça de <i>nylon</i>, enfim eu já me referi que não machuca, um sapato cômodo, uma camisa esporte agradável, boa, nisso aí ele está vestido, ele vai a um enterro, ele vai a casamento, se ele souber de última hora, vai assim mesmo, que o cara que está casando é amigo dele, ele dá um abraço na porta da igreja, enfim o dinamismo da atividade humana hoje, a luta é muito grande para um punhado de... de coisas... de objetivos, ele tem que ser muito agressivo, e agressivo que ele está é naquela maneira de se vestir”. (linhas 85-92)</p> <p>(5). “[...] ficar de manga de camisa de jeito nenhum, nem nós sentávamos a mesa de manga de camisa, sente a mesa até com paletó de pijama, manga de camisa não, o jeito era colocar um paletó de pijama ou um blazer ou um paletó qualquer pra sentar. Então eles exigiam isso era comum, <i>hoje em dia</i> já era diferente, fulano tem que está aqui, daqui a pouco fulano diz: ‘Oh! Rapaz tem que estar agora’. E avisa pra casa toda: ‘me arrume aí bote o... me arrume o trivial numa que eu vou aí buscá-la, que eu estou indo para o Rio de Janeiro’. Então o homem está mais dinâmico, ao... ao aumentar o dinamismo dele, ele não pode se dar ao... luxo de ficar olhando a roupa e tal, vou vestir aquela, vou vestir aquela, vou vestir aquela”. (linhas 105-113)</p> <p>(6). “<i>Hoje em dia</i> está em moda (inint) a espessura da sola é tremendo, isso já houve antigamente um sapato canoa, o nome já está dizendo, o bico do sapato era pra cima, e o formato do sapato era assim, então você calçava seu pé ficava assim, de bico pra cima, aquilo a sola bem grossa pra resistir”. (linhas 153-157)</p> <p>(7). “Na época de chuva, antigamente, tinha galocha (inint) galocha, nada mais é do que uma capa feita de borracha é... que reveste o sapato (inint) pessoa que pega a galocha, veste o sapato com aquilo e pode andar... aí na rua (inint) onde tiver molhado, pode andar o tempo todo, ficando certo de que os pés dele jamais ficarão unidos. <i>Hoje em dia</i> já é um pouco difícil se encontrar galocha, entendeu?” (linhas 240-244)</p> <p>(8). “Então a... a galocha <i>hoje em dia</i> é... ele nem se fabricam mais galocha. Não vejo mais ninguém usar galocha. Mas têm sapatos excelentes, impermeáveis e, não exis... não existe (inint) <i>hoje em dia</i> tanta paleta como antigamente”. (linhas 248-251)</p> <p>(9). “Camisa, sutiã, já disse como era a combinação, a combinação de um tecido melhor, isso em seda de um modo geral, colorida para combinar com os diversos vestidos etc... etc... cabelo penteado, chapéu, quem usava chapéu, luvas, bolsa. Então, a pessoa tava dentro do figurino, isso antigamente. <i>Hoje em dia</i> a coisa... evoluiu. Evoluiu por quê? Evoluiu por causa do primeiro despendiu, segundo calor; terceiro ser prático, porque antigamente uma pessoa que... uma família de classe média tinha, por exemplo, no caso de meu pai (inint)”. (linhas 334-340)</p>
Na época	1	(1). “ <i>Na época</i> de chuva, antigamente, tinha galocha (inint) galocha; nada mais é do que uma capa feita de borracha é... que reveste o sapato (inint) pessoa que pega a galocha, veste o sapato com aquilo e pode andar... aí na rua (inint) onde tiver molhado, pode andar o tempo todo, ficando certo de que os pés dele jamais ficarão unidos. <i>Hoje em dia</i> já é um pouco difícil se encontrar galocha, entendeu?” (linhas 240-244)
Há anos atrás Há vinte e três anos atrás	1 1	(1). “Ainda é mantido pelos homens o... quase o mesmo tipo de roupa que se usava, digamos, <i>há anos atrás</i> . Nas... nas... nas... entrevistas, agora há uma diferença, fundamental, a diferença é o seguinte: antigamente, <i>há vinte e três anos atrás</i> , refiro a vinte três que foi a data, foi a quantidade de anos que retroagindo eu fui encontrar a minha primeira é... a minha primeira gravação sobre o assunto certo?” (linhas 4-8)
Século XVIII	1	(1). “[...] quem inventou esse negócio de salto alto foi realmente Luiz XV, rei de França, porque ele era pequenininho, então, ele para não se sentir inferiorizado em tá no meio de seus vassallos, dos seus ministros etc., etc., um tampinha, ele passou a usar os sapatos de salto alto, então, o chamado Luiz XV. Mas, a turma do puxa também aderiu, então, ele continuou pequeno (inint) mas era sapato de salto alto (inint) até o... iniciar do <i>século XVIII</i> ”. (linhas 327-332)

A cerca de cinquenta anos Desde a época das forças americanas	1 1	(1). “Eu <i>a cerca de cinquenta anos</i> eu uso rayban, isso <i>desde a época das forças americanas</i> , pela força aérea americana, eu me lembro que o primeiro óculos rayban que tive foi bauxilon legítimo comprado numa botique que tinha na base aérea, que era base naval de Aratu, que a base naval de Aratu era dos americanos, quer dizer era não foi feita por eles. Então, eles vendiam tudo, e daí pra cá tem... hoje, eu uso (inint) coisa já não são bauxilon, mas são verdes”. (linhas 194-199)
--	--------	--

Quadro 27 – Estruturas fraseológicas no inquérito DID 13R da cidade de Salvador

Estruturas fraseológicas	Frequência	Contexto de ocorrência
Naquele tempo	1	(1). “[...] aí eu expliquei a ele que eu estava estudando filosofia, aí ele ficou assim super admirado, foi num bonde, nos bondes se namorava, nos bondes se paquerava, <i>naquele tempo</i> não era paquera, era flerte, se flertava, os... os paqueras viam, passar o bonde viam uma... uma... uma moça que eles queriam pa... paquerar eles trepavam no... no estribo do bonde né, pra dar uma palavrinha depois saltavam né, em outro ponto”. (linhas 16-21)
Naquela época	3	(1). “Eu me lembro até de um episódio interessante ocorrido em bonde, em doutor L... vinha no mesmo bonde comigo e <i>naquela época</i> o curso de filosofia estava iniciando, e quase não se falava em filosofia, filosofia era assim algo como hoje você fala em Astronáutica, não se lia filosofia”. (linhas 10-13) (2). “É, <i>naquela época</i> como a vida era mais no centro então as ruas eram, tinha avenida mas tinha as ruas estreitas do Cabeça, do Paraíso né, do Politeama onde eu vivi minha infância e minha adolescência toda, vivi no Politeama, não tinha saída, era uma... era uma rua... era uma... uma rua sem saída, né, e como se diz, tem um nome próprio, eu me esqueci agora”. (linhas 124-128) (3). “Ah sim, deixa eu falar nos armarinhos, que os armarinhos eram uma coisa muito importante <i>naquela época</i> ... mas muito importante, muito importante os armarinhos, tinha tudo ali tinha, tinha novela, lâ, agulha, tudo o que você quisesse estava lá”. (linhas 445-449)
Na época	1	(1). “[...] a melhora, a melhora é tremendamente sensível, era horrível você falar no telefone, você levava meia hora pra um ruído e depois quando você conseguia o ruído já era difícil a comunicação, aí você desligava, novamente a meia hora, outra coisa também, você não falava pros outros estados, você precisava ficar dependendo de um rádio amador, e como tinha um grande amigo nosso um rádio amador que morava ali defrente e meu noivo, <i>na época</i> eu era noiva, não eu já era casada, mentira, eu era casada, pra falar com ele domingo era pedindo pelo amor de Deus pra ele ligar (... inint ...) rádio amador”. (linhas 614-621)
Há muitos anos	1	(1). “Infelizmente, infelizmente, isso eu já dizia modéstia a parte, <i>há muitos anos</i> , tanto que eu tenho até um artigo ‘As perspectivas axiológicas da educação’, já mostrava isso, não adianta tanta intelectualidade não adianta, o indivíduo só porque ele é inteligente, capaz, tem capacidade de articular-se etcetera, mas ele ... se ele não tem ele vai usar tudo isso deturpadoramente”. (linhas 361-366)
Os atuais	2	(1). “[...] os prédios, eh... os prédios, <i>os atuais</i> são muito bonitos, modernos, a arquitetura, eu acho que a Bahia tem bons arquitetos, (inint) é um grande arquiteto, o P... são bons arquitetos né, e construíram aqui na, eh, a Casa do Comércio mesmo é um... um edifício digno de qualquer turista [...]”. (linhas 176-179). (2). “[...] mais ainda do que cidadania, mas ainda é preciso que o indivíduo seja um homem ético, temos de formar os homens éticos, porque <i>os atuais</i> não são não, o roubo vem de cima”. (linhas 355-357)
A minha fase de infância	1	(1). “Bem, eu... eu distingo assim três fases relativa naturalmente a minha vida pessoal, a minha... a... os meus momentos né, eu distingo bem <i>a minha fase de infância</i> onde os bondes transitavam, onde eu estudava nos bondes porque eu... eu... eh... ia pra faculdade de Filosofia em Nazaré, daqui que eu chegasse a Barra, que eu tinha que tomar dois bondes, né, e aí nesse período que era bastante longo dava pra ler muitas páginas, metade de um livro”. (linhas 3-8)
Em outra fase da minha	1	(1). “[...] eu, por exemplo, fui vítima de um acidente, eh, ocorrido num bonde da Barra, da ladeira da Barra, eu vinha da faculdade já dando aula <i>em outra fase da</i>

vida		<i>minha vida</i> mas ainda de bonde, eu já era professora do departamento de filosofia, era jovem ainda, tinha vinte e cinco anos, e de repente entrou um indivíduo no... no bonde e tudo bem como qualquer outro passageiro, de repente ele tira uma arma e começa a to... a... a... atirar desesperadamente e sem direção”. (linhas 23-29)
Isso existiu muito tempo	1	(1). “[...] e aí mesmo toda Antônio Carlos Magalhães muito bonita né, prédios muito bonitos, e depois houve também aquele incentivo a arte que era obrigação, era uma lei municipal, não sei se lei ou de um decreto, não sei, obrigando aos prédios terem uma obra de arte no seu <i>playground</i> , não sei se vocês lembraram disso mas <i>isso existiu muito tempo</i> ”. (linhas 185-189)
De uns dez há quinze anos passados	1	(1). “[...] <i>de uns dez há quinze anos passados</i> eles tinham, têm sempre uma obra de arte eh, no seu <i>playground</i> ”. (linhas 194-195)
Quando os aviões pousavam em Itapagipe na água	1	(1). “Eu sou velha, eu viajei em hidroavião, <i>quando os aviões pousavam em Itapagipe na água</i> , hidroaviões”. (linhas 525-526)
Da década de trinta, da década de trinta, em trinta e nove	1	(1). “Da década de, deixa eu dizer, <i>da década de trinta, da década de trinta, em trinta e nove</i> , esse aeroporto era o chiquérrimo da Bahia, tinha um... o administrador, o gerente, o administrador dele era um rapaz belíssimo, chamava-se doutor O. ..., eu me lembro muito bem, e ele era quem gerenciava o aero... o aeroporto, e era Itapagipe lá, e era chiquérrimo esse aí, hidroavião, (... inint...), tomar avião era uma coisa, e eu ia pra Aracaju, pertinho, minha mãe também... eu ia passar férias em Aracaju, adoro Aracaju, eu tenho saudades de Aracaju”. (linhas 542-548)
Quando começaram a construção dos Vales	1	(1). “Os tempos dourados etcetera, isso acontece também, e aí, aí veio a outra fase da... da cidade de Salvador, <i>quando começaram a construção dos Vales</i> porque os engarrafamentos eram patéticos, simplesmente insuportáveis né, porque havia aquela avenida principal que era a Avenida Sete né”. (linhas 56-59)
Faz quarenta e seis anos mais ou menos	1	(1). “Itaigara bem depois, aí eu pré, eu comprei portanto esse terreno, já <i>faz quarenta e seis anos mais ou menos</i> né, e comprei esse terreno aqui já com indicações de engenheiros, de arquitetos, que valia a pena, comprei por uma bobagem, que era areal puro, totalmente areia (inint)” (linhas 72-75)
De agora	1	(1). “[...] a gente sente naturalmente que as igrejas <i>de agora</i> não podem ter a pompa que tinham as igrejas né, mas são bonitas [...]”. (linhas 300-301)

Quadro 28 – Estruturas fraseológicas no inquérito DID 14R da cidade de Salvador

Estruturas fraseológicas	Frequência	Contexto de ocorrência
Naquele tempo	3	<p>(1). “[...] além da população de modo geral, apesar de usar lança perfume que era inoce... era muito inocente <i>naquele tempo</i>, já tinha jovem fazendo uso dele, não de modo inocente, mas a população, de modo geral, usava com bastante inocência, só jogando a lança perfume no vizinho, no... nas pessoas que passavam, pra eles extrair aquele fresquinho”. (linhas 223-227)</p> <p>(2). “[...] as pessoas iam assistir o carnaval de rua vestido mais... mais bem vestidos do... antes do que hoje, né... hoje (vo)cê vai pro carnaval de mini-saia, de tanga, e tal, mas <i>naquele tempo</i> não, se você não (es)tava fantasiado, ia assistir o carnaval sentado nos bancos, colocava os bancos na avenida, aí ia vestido de vestido, não se usava muita calça, né... mulher não usava muita calça... os rapazes de calça e blusa [...]”. (linhas 227-232)</p> <p>(3). “[...] as moças das escolas mais tradicionais tipo, Sophia Costa Pinto, não existe mais... é uma pena Sophia Costa Pinto lançou moda aqui na Bahia, inclusive com as moças aqui jogando... praticando vários esportes que era mais difícil praticarem... vários esportes... o vôlei, o basquete, era o... e o <i>hokey</i>, o <i>hokey naquele tempo</i> era muito praticado nas escolas da Bahia”. (linhas 251-256)</p>
Naquela época	1	<p>(1). “Eh... quando se fala nas roupas a rigor e nessas... essas solenidades, vem à mente sempre o paletó, a gravata, a calça vincada, o sapato liso, mas hoje os casamentos já permitem a(s) camisa(s) de mangas compridas, não é, as igrejas não... não fazem nenhuma restrição... e... eu, pessoalmente, tenho ido assim de camisa porque já não tenho mais uma... uma roupa (rindo) uma roupa, assim, social. Mas, hoje o social esportivo é aquela roupa que até inclusive não usa gravata, né, tem... blazer mais claro, com calças de cores variadas, até coloridas, e os... e o pessoal do... da mídia, que freqüenta esses ambientes, tipo J.B. ... diga outro aí da mídia, deix’eu pensar em outro aqui, é porque J.B. morou na Ondina e <i>naquela época</i> ele era estudante, não tinha sucesso ainda, mas... e era talvez um cara mais sóbrio também, né, menos exposto, hoje ele já (es)tá mais exposto, aí já fica mais difícil com... manter contato”. (linhas 44-55)</p>
Na época	3	<p>(1). “[...] teve a morte do embaixador no Meridien, <i>na época</i>, no Meridien não era aquele prédio bonito que (es)tá ali, mas o embaixador era uma pessoa... do país aí, estrangeiro que era embaixador mesmo e esse cara foi assassino aqui, em pleno Rio Vermelho, quer dizer, era um bairro que não tinha nada de violência no cotidiano, mas apesar disso, não é... de vez em quando aparecia casos como esse... e (es)tá registrado ali na biblioteca Juracy Magalhães Júnior, no Rio Vermelho, tem alguns casos, fatos registrados [...]”. (linhas 239-245)</p> <p>(2). “Eu estudei no Carneiro Ribeiro, por exemplo, era uma escola fraca em termos didáticos, mas já usava “hogbi”, o vôlei, o basquete... pra competir com as escolas de outros bairros, né, e a escola geralmente que estava... uma das escolas que não era particular <i>na época</i>, mas que estava no mesmo grupo das escolas grandes, Maristas já existia e... Vieira já existiam essas escolas grandes...” (linhas 256-260)</p> <p>(3). “[...] voltando ao nosso... traje esportivo aqui na Bahia quando começou... quando, eu me lembro, né, que começou a se praticar esportes, eu posso (es)tar também... divagan(d)o um pouco... mas as mulheres, por exemplo, pra o voleibol, o basquete e o <i>hokey</i>... elas usavam um saiote, (vo)cê não sabe aqueles saiotos de M.E.B., não é, tinha sunga por dentro e o saiozinho pra jogar o tênis, não é. M.E.B. lançou esse tipo de traje pro tênis... aliás, esse tipo de traje eu acho que é comum pro tênis feminino... mas, esse tipo de traje era usado <i>na época</i> pelas mulheres... tecidozinho leve... geralmente não se usava esse tecido sintéticos todo que se fala, né, mas já existia o jersey”. (linhas 287-295)</p>
Os anos sessenta, sei lá, sessenta e oito	1	<p>(1). “[...] a sunga já veio com... com <i>os anos sessenta, sei lá, sessenta e oito</i>, por exemplo, foi um ano... um ano que marcou muito, muito o Brasil, né, em vários... em várias áreas do conhecimento e do comportamento, do comportamento de <i>sessenta e oito</i> porque <i>a década de sessenta</i> já existia em outros... nos outros países do mundo, não é [...]”. (linhas 310-314)</p>
Sessenta e oito	1	
A década de sessenta	1	

Na época de rapaz No meu tempo	1 1	(1). “[...] eu, <i>na época de rapaz</i> , acredito que já sa... que já se usava muitas cores que... <i>no meu tempo</i> , quem me vestia era D.C., vocês não conhecem D.C., mas teve um atelier ali, na Carlos Gomes... ali... na Avenida Sete, perto do Relógio de São Pedro”. (linhas 67-70)
No tempo de menino Na década de cinquenta Quando eu tinha doze anos	1 1 1	(1). “[...] as mulheres é que lançaram esse negócio do... do plástico no calçado, né, hoje até aquele plástico transparente, eu não sei o nome que dão, mas parece uma fita transparente, né... e que já emigrou disso aí, já está no sutiã, já está no biquíni, entendeu, já está em todo lugar, quer dizer... eh... o vestuário hoje (es)tá uma coisa formidável, não tem mais... <i>no tempo de menino</i> , por exemplo, Salvador era uma cidade bastante tradicional, bastante... como é que eu posso dizer, Salvador <i>na década de cinquenta</i> , <i>quando eu tinha doze anos</i> , tinha ainda as festas de largo do Rio Vermelho, ainda tinha o plano anunciador do Rio Vermelho, ainda tinha o carnaval do bairro da... da Liberdade, daquele carnaval que era autóctone, dali que saía o carnaval pra ir pra... pra o Pelourinho, pra a Avenida Sete...aquele carnaval é que era o autêntico certo, o pessoal vinha aos blocos cantando Marina Morena, até, não é, descendo a ladeira ali do... pela Estrada da Liberdade, que hoje é Lima e Silva, mas devia continuar Estrada da Liberdade mesmo, descendo pela Soledade, passando pelos lugares históricos até da Cidade do Salvador... e chegando ao Pelourinho e daí pra frente, a própria Avenida Sete, que ainda era um carnaval de ida e volta pela mesma avenida, né. Então, o carnaval daqueles tempos, se respeitava muito [...]”. (linhas 200-216)
No tempo mais atrás	3	(1). “Você falou uma coisa... falou uma coisa aí que é comum se ver isso... <i>No tempo mais atrás</i> , não é... <i>no tempo mais atrás</i> o comportamento definia o trajar, não é... o traje definia o comportamento... então, <i>no tempo mais atrás</i> o jovem rebelde ele se trajava daquela maneira agressiva porque ele tinha o comportamento assim mesmo, mas hoje nós vemos que o traje não tem mais o que ver com essa, não é”. (linhas 384-389)
Da década de sessenta pra cá	1	(1). “ <i>Da década de sessenta pra cá</i> , você vê que o jovem masculino usou já o cabelo solto, né, já... e vem... essa tendência apesar de ter modificado, ter se... se urbanizado, vamos dizer assim, né”. (linhas 400-403)
Até os dias atuais	1	(1). “[...] <i>até os dias atuais</i> ... hoje você vê que as crianças já usam mais le(r) nos livros, né, as estórias em... de livros são mais usadas do que aquelas estórias que nós chamávamos de estórias da carochinha, hoje têm um nome muito interessante, parlandas, né, parlandas, não é, aquelas estórias... aquela, por exemplo, o que você dizia que... ‘boi, boi, boi... boi que a cara preta’, não é... qual é a outra... dessas estorinhas... ‘sete e sete são quatorze... com mais sete vinte e um’... são parlandas, não é [...]”. (linhas 433-438)
Daquele(s) tempo(s)	2	(1). “[...] as mulheres é que lançaram esse negócio do... do plástico no calçado, né, hoje até aquele plástico transparente, eu não sei o nome que dão, mas parece uma fita transparente, né... e que já emigrou disso aí, já está no sutiã, já está no biquíni, entendeu, já está em todo lugar, quer dizer... eh... o vestuário hoje (es)tá uma coisa formidável, não tem mais... <i>no tempo de menino</i> , por exemplo, Salvador era uma cidade bastante tradicional, bastante... como é que eu posso dizer, Salvador <i>na década de cinquenta</i> , <i>quando eu tinha doze anos</i> , tinha ainda as festas de largo do Rio Vermelho, ainda tinha o plano anunciador do Rio Vermelho, ainda tinha o carnaval do bairro da... da Liberdade, daquele carnaval que era autóctone, dali que saía o carnaval pra ir pra... pra o Pelourinho, pra a Avenida Sete... aquele carnaval é que era o autêntico certo, o pessoal vinha aos blocos cantando Marina Morena, até, não é, descendo a ladeira ali do... pela Estrada da Liberdade, que hoje é Lima e Silva, mas devia continuar Estrada da Liberdade mesmo, descendo pela Soledade, passando pelos lugares históricos até da Cidade do Salvador... e chegando ao Pelourinho e daí pra frente, a própria Avenida Sete, que ainda era um carnaval de ida e volta pela mesma avenida, né. Então, o carnaval <i>daqueles tempos</i> , se respeitava muito [...]”. (linhas 200-216)  (2). “[...] e o material das calças <i>daquele tempo</i> , que as escolas exigiam trajes... trajes... com... completo, era calça com colete, a blusa branca, colete com gravata pros homens e... pra mulheres a saia plissada em azul, não pros homens, deix’eu continuar... era cáqui o tom mais usado... era um... brim, não é... um brim cáqui, aquele tem ali assim... camisa branca, gravata escura, preta geralmente... e as calças eram corte reto, né, não tinha muito pliss... plissado nem nada... era um corte reto,



		tinha a bainha virada pra... pra... o contrário aqui na... calça dos homens”. (linhas 245-251)
--	--	--

### 4.3.2 Levantamento das ocorrências nos inquéritos D2

Nesse item, serão apresentadas 12 quadros, 6 quadros (Quadros 29-34) que mostram o levantamento das ocorrências de estruturas pontuais e 6 quadros (Quadros 35-40) que tratam das estruturas fraseológicas presentes em inquéritos D2. Assim, como foi realizado no item 4.3.1, neste item também os quadros contêm o contexto no qual a ocorrência do marcador temporal está inserida.

Quadro 29 – Estruturas pontuais no inquérito D2-298 da cidade de Salvador

Estruturas pontuais	Frequência	Contexto de ocorrência
Hoje	31	<p>(1). “<i>Inf. 2.</i> Em princípio os bondes de uma... e de vistoria estreita vinham para o Tororó e etc., os bondinhos que mal viravam e as pessoas saiam e colocavam de volta no trilho, e era uma coisa engraçada os bondinhos, mas eu estou aí, trabalhando no comércio, muito satisfeito naquele tempo, naquele tempo que não tinha certa condução e certas coisas de... de hábitos caseiros que <i>hoje</i> tem, mas trabalhei cinco anos no comércio muito satisfeito, muito satisfeito”. (linhas 36-40)</p> <p>(2). “<i>Inf. 2.</i> minha mãe era uma coisa extraordinária aí eu não posso deixar de fazer elogio porque eu não sei aonde que vai parar porque se não fosse talvez minha mãe, eu não seria o que sou <i>hoje</i>, estou dizendo o que sinto porque conversando como se diz amigavelmente de onde eu venho, né, então fiquei empregado no comércio até os dezenove anos, dezenove anos um amigo disse, não fiz terceiro ano de ginásio porque não podia continuar, não havia capital pra isso, então não sei como arranjaram os cinquenta mirréis para me matricular no primeiro ano, me matriculei e passei, passei no segundo também, passei que era cinquenta mirréis a matrícula e em vez de seguir como dentista, comecei a negociar com os artigos de Dentista e fui muito bem e graças a Deus, estou aqui, muito satisfeito porque conheci o que precisa para ir a qualquer lugar, eu fiz UFBA e eu fui para Pituba e lá era mata, não se via nada, tudo coberto, eu logo vou na Pituba estava veraneando numa casa de praia não havia de telha, só havia de palha com algumas casinhas, saltávamos não Rio Vermelho e <i>hoje</i> a Pituba é o que é... e assim por diante né, eu vim para qui aquele fundo do hospital só se via era mata, mata completamente, e isso tudo evolui de maneira assombrosa que eu mesmo nem sei onde vai parar isso com a idade hoje oitenta e nove, vendo tanta coisa, ah, quem que queria tá <i>hoje</i> aqui... aqui, nesse bairro de Nazaré como eu já conhecia há muitos anos”. (linhas 40-53)</p> <p>(3). “<i>Inf. 2.</i> Eu entrei pro ginásio com dez anos em mil e novecentos e em mil e aí eu fui aluno do ginásio em mil e novecentos com o seu marido e os três, os três velhos P., O., e T. com os colegas, depois de pequeno no ginásio, não gostava muito de estudar e minha mãe não admitia absolutamente e ficava peralta, não admitia absolutamente graças a Deus, graças a Deus e ela me puxava assim venha pegar o livro, venha estudar, quem é que está na porta, olhando pro tempo e conversando coisas que não deve conversar com o companheiro porque o companheiro não... não tem raciocínio e com certeza bota você pro mal, venha pra dentro, venha para dentro e eu tinha que vir pra dentro, o que <i>hoje</i> eu fico admirado, o que eu fico admirado”. (linhas 71-77)</p> <p>(4). “<i>Inf. 1.</i> Até ficou de mandar pra ela e ela me mandar por (inint) que é um professor aposentado <i>hoje</i> de licença médica e que fez a a apologia do (inint) e eu</p>

	<p>puxo a cadeira e ele foi (...) um homem muito capaz e muito simples (inint)". (linhas 115-118)</p> <p>(5). "Inf. 2. Trabalhava, trabalhava nos intervalos e eu perdi meu pai com dezenove anos. Portanto me formei em dez e eu perdi meu pai em sete e tinha que dá um jeito apesar de mamãe que me auxiliava muito na postura e etc., e eu também ia fazendo uma coisinha né? E pronto e fui...e fui vencendo... fui vencendo, não fui levando como <i>hoje</i> se diz aí não, vai levando, não... não tem nada de vai levando não". (linhas 124-127)</p> <p>(6). "Inf. 2. Gosto, gosto, <i>hoje</i> devido a minha idade não posso mais, não vou me meter e não é só a idade não, nós não temos auxiliares, nós não temos auxiliares pra nada, pra nada, portanto antigamente se tinha auxiliares e tudo era mais... tudo era fácil... agora não é mais fácil, aí não é comigo não". (linhas 139-141)</p> <p>(7). "Inf. 2. Éééé e eu já tive qualquer coisa e <i>hoje</i> eu já tenho, e como diz a televisão vai levando, vai levando, eu não sou do tempo de vai levando nem a senhora que, eu vou dizer o que era São Pedro, por exemplo, uma bela igreja". (linhas 143-145)</p> <p>(8). "Inf. 2. A Avenida Sete de Setembro foi (inint) com aquela abertura onde teme o quartel no Forte de São Pedro que ali era fechado e no passeio público a gente podia ir, morava até ali a família do doutor M., E. M. a mãe dele dona Clarinha, lá morava afinal de contas o Seabra vinha dali até lá no Campo Grande e eu tenho uma dúvida, uma dúvida e ele <i>hoje</i> não reconhece nada dos (inint) nada... nada... é assim, é assim mesmo o que é que vamos fazer?" (linhas 157-161)</p> <p>(9). "Inf. 1. Agora o que é notório é que além das igrejas destruídas, <i>hoje</i> há uma organização de novas construções, novas construções, não é?" (linhas 170-171)</p> <p>(10). "Inf. 2. Era, <i>hoje</i> não, <i>hoje</i> acabou antigamente, nada do antigo, é um caixão, um verdadeiro caixão, quando é que se constrói o gabinete português, não é pedra, mas para se fazer esse trabalho fica muito bem né? Não teve que cortar o senado, o antigo senado pra passar a avenida, não há dúvida". (linhas 184-186)</p> <p>(11). "Inf. 2. Era solta... buda solta, saia do terreiro da Sé, da praça da Sé onde tinha a estação dos burros, dos animais e dizia que era um horror, então ali o bonde fazia a curva não é? E descia com dois ou três, com quatro saia com quatro e quando chegava na rua Chile, na casa de E. M. né? Aí tirava os burros e tirava até os largos do teatro que <i>hoje</i> se chamava Teatro Castro Alves, até o largo do teatro que eu conheci ali então o homem descia e lá vinha os burros". (linhas 207-211)</p> <p>(12). "Inf. 2. Rua de Baixo que <i>hoje</i> é a rua Carlos Gomes e que era estreita também, que era estreitíssima". (linha 215)</p> <p>(13). "Inf. 2. O que era a Sé, o que era a Sé, estreitíssima, mas bem quando chegava aí subia os bondes e iam, Graça, Barra e o que ia pra Graça passava no Hospital Português que <i>hoje</i> era a casa de seu J. de S.". (linhas 221-222)</p> <p>(14). "Inf. 2. O de V. eu tenho um livrinho pequeno, mas não conta sobre o elevador, pois tinha o elevador e outro dia eu dizendo a um neto posição A. M., e a gente tinha o elevador, não podia ser e quantos vezes a gente gostava e queria ver assim um pedacinho de elevador, mas nunca, mas nunca e <i>hoje</i> tem aquele edifício de Ouro Preto, Ouro Branca e ali descia uma rampa, mas era uma rampa tão alta". (linhas 238-241)</p> <p>(15). "Inf. 2. Outra companhia, muita modificação a rua do colégio que era... é... <i>hoje</i> não tem mais nome da... da... rua (...) Desapareceu, desapareceu porque era tão estreito de um lado e do outro com aquelas casas do centro, depois destruíram tudo aquilo e ficou a Praça da Sé e até que derrubaram". (linhas 296-300)</p> <p>(16). "Inf. 2. Porque prejudicava muito a circular e a circular vivia de certa importância por causa da despesa com os trilhos e os trilhos tinham uma certa importância naquelas curvas... naquela curva, uma, duas, três, quatro curvas e se gastava muito trilho não deram pra derrubar e então ficou direto como <i>hoje</i> é, mas derrubaram a Sé, derrubaram a Sé". (linhas 304-307)</p> <p>(17). "Inf. 2. Sim, sim, onde guardava, porém o fantoche é de meu tempo, fantoche é de meu tempo, na esquina da rua da força aí no primeira andar, eu lembro e depois mudou-se para o palácio de Costa Santa na Vitória, é de meu tempo, mas o jogo foi se acabando e os sócios foram se acabando e <i>hoje</i> não sei se vale a pena, não sei se vale a pena". (linhas 411-414)</p> <p>(18). "Inf. 2. Todos fardados, não nos passeios de um do lado do outro, na conde da</p>
--	--

		<p>procissão que descesse então iam fechando o circuito sabe? Para acompanhar, todos fardados, o bombo e os tambores cobertos de crepe ruivavam tristemente, não vemos mais isso <i>hoje</i>, acabou-se completamente, eu sinto em dizer o que era a procissão do Senhor Morto o respeito que havia meu Deus, o respeito que havia”. (linhas 436-439)</p> <p>(19). “<i>Inf. 2.</i> Tudo isto, na procissão do Senhor Morto tem mais o povo né? Colocou mais o povo, mas <i>hoje</i> não tem mais”. (linhas 444-445)</p> <p>(20). “<i>Inf. 2.</i> Pronto, o preto, o branco, o cinzento, olha a minha filha ali, oh, batalhando, olha a minha filha, e a gente vê acompanhe aí minha filha para cantar aí, era <i>hoje</i>... não quem tem uma filha, imagem de confete, absolutamente acabou”. (linhas 461-463)</p> <p>(21). “<i>Inf. 1. Hoje</i> mesmo eu vi um programa naquele de M. T. programa de um rapaz que diz que toca piano desde sete, oito anos mas que agora é concertista, mas há vinte anos que ele toca violão, o problema é só um é que nem todos sabem dar preço a música, mas naquela época era mais fácil, porque as famílias mesmo reuniam-se para... para o pequeno sarau, mas reuniam-se também para fazer uma uma como é que se diz uma declamação a música e as luizinhas que faziam o entusiasmo da época, não faziam o entusiasmo da época?” (linhas 513-517)</p> <p>(22). “<i>Inf. 2.</i> Havia, não me recordo assim, aí meu tio que era irmão de meu avô, meu avô era professor de piano, e aí nós nos reuníamos todos ali para tocar e nos divertir, <i>hoje</i>, nada... nada... nada... quanta gente se limita a acompanhar uma ave-maria né? Aí no coração de Jesus tiraram harmônicos pessoal toca muito violão”. (linhas 537-539)</p> <p>(23). “<i>Inf. 2.</i> É o antigo edifício do correio não era? Que tinha o elevador Lacerda não era? Que não é o que é <i>hoje</i> não é? Edifício movido a... a lenha.” (linhas 587-588)</p> <p>(24). “<i>Inf. 2.</i> Não é a Visconde de Cairu ali é? Senhora, a Visconde de Cairu é ali na frente... no fundo... no fundo... não tem aquela estátua que se eleva todo o ano aquela festa em o Caxias, é ali tem uma doca muito grande o bar de Caxias e muitas vezes alteia e tudo aquilo vinha até a alfândega era mar... mar, guindaches que vinha tudo por alvarengas certo? Alfândega, tudo era mar, não tinha completamente nada, a navegação baiana era aí nessa esquina onde tinha um café, o café cabral na esquina onde é, <i>hoje</i> é onde tem o Banco do Brasil, onde tem o Banco do Brasil, ali era a Companhia baiana, a navegação baiana, ali era o fruto do mar que vinha até aí, com a com o entulho pra fazer as docas conciliada com os ministros entulhando então levou a companhia baiana lá pra esquina, onde é <i>hoje</i> ainda lá na navegação baiana, aí alcança”. (linhas 594-602)</p> <p>(25). “<i>Inf. 2.</i> E tinha muitos saveiros e de barragem, e <i>hoje</i> eles estão acabando não é? tem umas lanchinhas essas coisas etc, tinha viagem também de cachoeiras né? Tinha o tal Conselheiro Dantas que daí saía no maior vapor”. (linhas 610-612)</p> <p>(26). “Isso eu po... isso eu posso falar, porque propriamente eu nunca fui professora lá assim, fui assistente, o que <i>hoje</i> vocês chamam de professor auxiliar, eu trabalhei com A. S. C. no ano de trinta e um até quase trinta e quatro, aí trabalhei em mil novecentos e cinquenta, eu passei um período grande trabalhando como médica do estado, e também fui professora um ano do Ginásio e fui sete anos professora aqui da escola normal”. (linhas 639-642)</p> <p>(27). “<i>Inf. 1.</i> Agora <i>hoje</i>, estou com meus documentos em Brasília sem resolver minha aposentadoria, porque eu me aposentei em sessenta e oito, eu me aposentei por idade, sessenta e cinco anos, mas agora eu preciso provar porque a faculdade vai criar uma verba porque nós estamos recebendo muito pelo médico, então eles querem que nós voltemos a faculdade pra resolver a situação não é assim?” (linhas 652-657)</p>
Antigamente	2	<p>(1). “<i>Inf. 2.</i> Gosto, gosto, hoje devido a minha idade não posso mais, não vou me meter e não é só a idade não, nós não temos auxiliares, nós não temos auxiliares pra nada, pra nada, portanto <i>antigamente</i> se tinha auxiliares e tudo era mais... tudo era fácil... agora não é mais fácil, aí não é comigo não”. (linhas 139-141)</p> <p>(2). “<i>Inf. 2.</i> É e depois da construção foram tirando, tinha uma cruz muito velha também na entrada da rua Alfredo Brito <i>antigamente</i> tinha aí um crucifixo na rua, na casa da esquina”. (linhas 343-344)</p>

Agora	5	<p>(1). “<i>Inf. 1.</i> Eu com dezessete anos já era professora e meus irmãos também seguiram a trilha com vinte e um anos já era bacharel tudo isso pela bondade de mamãe, pelos cuidados dela e também pela insistência de doutor (inint) e ela então encucou os três mais velhos no ginásio e então vivemos aquela vida de trabalho de dedicação, dos alunos pra nós e de nós pra eles, <i>agora</i> com o tempo tudo isso tem uma razão de ser, que ela era realmente muito lúcida embora sem certa instrução, mas ela me colocou (inint) e meu pai foi professor do ginásio, mas ele era uma pessoa especial e aí ele viveu, cheia de tradição, ele era mais velho, mas nós precisávamos estudar e ela foi capaz de dar apesar do estado grave né? Depois de perda do parto, continuou aquela dedicação de verdade com todos os filhos e foi um dos preceitos dela”. (linhas 90-97)</p> <p>(2). “<i>Inf. 2.</i> Gosto, gosto, hoje devido a minha idade não posso mais, não vou me meter e não é só a idade não, nós não temos auxiliares, nós não temos auxiliares pra nada, pra nada, portanto antigamente se tinha auxiliares e tudo era mais... tudo era fácil... <i>agora</i> não é mais fácil, aí não é comigo não”. (linhas 139-141)</p> <p>(3). “<i>Inf. 2.</i> Complica a situação e o povo pobre que vive lá em Itaparica pra vir a cidade, <i>agora, agora</i>, parece que vão botar, parece que vão botar um vaporzinho, não pode deixar de ter, não pode deixar de ter, ali o Centro de Itaparica, quanta gente vem ali muito mais perto de que bom despacho, muito mais perto e muito mais barato porque nunca teve automóvel pra trazer aquela gente que vinha lá do, lá do cemitério, da ponte, da Viga, não pode, lá de cima do Alto de Santo Antônio, desciam e ia logo tomar o vapor ali, o vapor trazia de sete horas trazia o pessoal da cidade e saía às quatro horas e levava, acabaram completamente, <i>agora</i> parece que vão botar novamente”. (linhas 630-636)</p>
-------	---	---

Quadro 30 – Estruturas pontuais no inquérito D2-346 da cidade de Salvador

Estruturas pontuais	Frequência	Contexto de ocorrência
Hoje	19	<p>(1). “<i>Inf. 1.</i> Sim, estudei... estudei... estudei aqui, logo que me formei saí e trabalhei quatro anos em Campos do Jordão em São Paulo, de lá vim pra aqui, aqui fiz concurso lá pra Santa Terezinha e fiquei aqui definitivamente e <i>hoje</i> estou amargando (risos)”. (linhas 5-7)</p> <p>(2). “<i>Inf. 1.</i> Não, eu acho o seguinte, Salvador... Salvador que eu conheci, já faz um bocado de tempo mesmo, era completamente diferente, todo dia eu comento o fato que lá na Pituba, a coisa que mais me impressionava e eu conheço alguns países, alguns estados, o Brasil, eu conheço quase todo, era o horizonte, era o que mais me chamava atenção, a beleza, era um traço certo no horizonte, <i>hoje</i> eu vejo lá na Pituba dez horas do dia, você não vê o horizonte, não vê horizonte, por outro lado, nós estamos vivendo chuva em... em época que não chovia de maneira nenhuma até as cores”. (linhas 20-25)</p> <p>(3). “<i>Inf. 1.</i> É... a... a... as ruas eram um deserto, você ia pra Brotas, não tinha casa nenhuma, ali eram chácaras, você ia na Federação também, no Canela também, em qualquer canto que você estivesse era só mato, era só mato e <i>hoje</i> não só se constrói muito como se aglomera muito”. (linhas 40-42)</p> <p>(4). “<i>Inf. 1.</i> É se aglomera muito, e então vem as dificuldades outras, eu, por exemplo, como moro na Pituba, que era um lugar que nunca faltou água, que era um local privilegiado, mas vamos dizer que numa população de cinquenta mil pessoas vamos dizer, <i>hoje</i> tem de trezentos mil”. (linhas 46-48)</p> <p>(5). “<i>Inf. 2.</i> Tem dias que tem que deixar a casa totalmente aberta, dormir toda aberta porque não cai a menor viração, ali onde eu moro (...) <i>Hoje</i> mesmo está um calor bárbaro”. (linhas 53-56)</p> <p>(6). “<i>Inf. 2.</i> Eu pra falar a verdade, eu acho que trabalhar é ótimo se a gente não tem o que fazer (risos), eu acho uma delícia não ter o que fazer, mas se a gente tem o que fazer, não vejo nenhuma vantagem, já gostei de trabalhar (risos), quando era mais novo e tal, eu trabalhei, eu tinha entusiasmo com minha profissão, eu jogava, eu sentia prazer de fazer, mas <i>hoje</i> eu já não tenho... honestamente é o que eu posso falar”. (linhas 234-237)</p> <p>(7). “<i>Inf. 2.</i> Não, não é só sobre esse aspecto não... eu senti um (inint) muito grande</p>

	<p>da profissão, <i>hoje</i> eu não sei se por um meio de socialização da... da Medicina, perdeu muito aquele encanto que eu tinha pela profissão, perdi o empenho, honestamente eu <i>hoje</i> trabalho como se fosse um trabalho qualquer, antigamente eu trabalhava como um médico, infelizmente, <i>hoje</i>, não existe mais esse médico, pode existir, mas isso se modificou e como eu resisti a modificação eu sofri um desencanto entendeu?” (linhas 239-243)</p> <p>(8). “<i>Inf. 2.</i> É tirar é uma coisa, pra quem viveu uma época mais atrasada não pode aceitar como é <i>hoje</i>, eu <i>hoje</i> monto uma clínica e vou funcionar como uma empresa comercial porque eu emprego capital e tenho que buscar capital, então uma empresa, aquilo me choca, eu não acho que é errado não, apenas me desencanta”. (linhas 245-247)</p> <p>(9). “<i>Inf. 2.</i> Está... está completamente abandonado, mas era uma beleza o hospital, então nós tínhamos um interesse novo, nós estudávamos bastante, nós discutíamos muito, dia de Domingo nós fazíamos autopsia, abrir cadáver etc., era um entusiasmo novo que tínhamos por aqui, agora quem viveu aqui e vê a coisa <i>hoje</i> desse jeito, é natural que se desanime, mas também na hora de eu me afastar, eu tô me afastando aos poucos, eu deixei o consultório, eu acabei com química, me aposentei no Estado, me aposentei na Fundação Otávio Mangabeira, só me resta agora o interno sabe? E esse é pra se distrair como eu disse e pra ficar um pouco longe da mulher né? (risos) pra ver se ela sente saudades, pra ver se ela vê saudades”. (linhas 262-268)</p> <p>(10). “<i>Inf. 1.</i> Eu não tenho muito conhecimento não, eu sempre morei na cidade, o interior que eu morei foi Campos de Jordão, sempre morei em cidade e Campos de Jordão é um interior diferente porque lá tem uma zona diferente, tem uma zona de granfino de pessoas que têm casas lá, e <i>hoje</i> tem uma série de problemas, então você estaciona lá e faz de lá uma casa de veraneio é uma casa, uma coisa diferente”. (linhas 287-290)</p> <p>(11). “<i>Inf. 1.</i> Tem... tem... tem umas casas muito boas, mas <i>hoje</i> tem hotéis explosivos, e no final tem um lá que é muito bom, toda vez que eu planejo ir lá acontece qualquer coisa que eu não vou, nunca mais fui lá, tem muitos anos que eu não vou lá”. (linhas 292-294)</p> <p>(12). “<i>Inf. 2.</i> Porque <i>hoje</i> eu não tenho tempo, minha mulher não tem tempo de ir para esses cantos por causa da condução, aí infelizmente quem não tem o carro na mão em Salvador. <i>Inf. 1.</i> É <i>hoje</i> tá difícil.” (linhas 479-481)</p> <p>(13). “<i>Inf. 1.</i> Não jogar não, que eu não tenho coragem, eu tenho medo de tudo, mas eu levava o bombeiro na canoa, e era só o prazer de panhar o peixe e distribuir e a quantidade é uma coisa absurda e eu estava olhando ali na Madre de Deus e eu estava olhando <i>hoje</i>... <i>Inf. 2.</i> Não tem peixe, não tem mais peixe... <i>Inf. 1.</i> E <i>hoje</i> não tem mais Bom Jesus é bomba”. (linhas 525-529)</p> <p>(14). “<i>Inf. 1.</i> Eu tenho um colega, P.N., ele gosta muito de pescar, você bota lá, o peixe pega, olha a tainha, somente pra enrolar, mas <i>hoje</i> ele tem medo de pescar, porque ele vê passar muito essa história de assalto”. (linhas 537-539)</p>
Antigamente	<p>2</p> <p>(1). “<i>Inf. 2.</i> Não, não é só sobre esse aspecto não... eu senti um (inint) muito grande da profissão, hoje eu não sei se por um meio de socialização da... da Medicina, perdeu muito aquele encanto que eu tinha pela profissão, perdi o empenho, honestamente eu hoje trabalho como se fosse um trabalho qualquer, <i>antigamente</i> eu trabalhava como um médico, infelizmente, hoje, não existe mais esse médico, pode existir, mas isso se modificou e como eu resisti a modificação eu sofri um desencanto entendeu?” (linhas 239-243)</p> <p>(2). “<i>Inf. 1.</i> Tinha um negócio de guerra e eles exportavam laranja, uns engradados, era dois mil réis um engradado de laranja, sabe? Era uma dificuldade porque eles tinham lá plantado pra exportação, <i>antigamente</i> se vender laranja pra exportação, se vende por pé, laranja por pé, laranja com pé, mas lá eles fizeram uma experiência maior, porque as colônias que foram para lá já eram colônias experientes entendeu? E com alguns recursos, algum recurso, o governo ajudou e eles se espalharam aqui o pobre miserável já passando fome coitado, não dá você faz, eu conheço uma colega que fala em sítio, e se orgulham e diz sábado passado peguei não sei quantos quilos de couve, não sei quantos quilos de alface, você vai ver cada quilo de</p>

		couve é trinta e cinco mil cruzeiros, cada alface custa noventa e cinco mil cruzeiros”. (linhas 340-348)
Agora	12	<p>(1). “<i>Inf. 2.</i> Eu acho que deve ter sido ou deve ser a... o desmatamento total da cidade porque todas as casas de Salvador tinham os quintais, todas as casas tinham árvores, nós vamos ver, por exemplo, essa zona daqui quando tinha o bonde na linha de baixo e na linha de cima era necessário que a companhia vinha regular mandasse podar porque ficava os galhos penetrando os bondes, hoje em dia não, hoje em dia estão construindo e antes de construir vêm os tratores e arrasam a cidade, nós temos mesmo um aqui, a recém-construída e a nova Garibaldi, <i>agora</i> estão plantando algumas árvores, o resultado de tudo isso é este calor, no inverno que nós estamos, tá um calor tremendo na cidade de Salvador”. (linhas 30-36)</p> <p>(2). “<i>Inf. 1.</i> Devassou, depois prejudicou na ventilação, mas em compensação protegeu do sol, porque de tarde, meu amigo tinha sol de ponta a ponta, mas <i>agora</i> não, <i>agora</i> não tem sol, o sol vem meio-dia fica na varanda e depois vai embora, é o que dá pra rir, dá pra chorar, tudo tem seu lado bom e seu lado ruim”. (linhas 174-176)</p> <p>(3). “<i>Inf. 2.</i> A chuva na Pituba inunda tudo, ali na Manoel Dias é um problema sério e até hoje não resolveu, qualquer goteirinha ali inunda tudo, <i>agora</i> lá na zona não tem, lá não tem esse problema não, não tem”. (linhas 179-180)</p> <p>(4). “<i>Inf. 1.</i> Mas comecei a plantar com dez mil cruzeiros (risos), mais de dez mil cruzeiros e eu desisti, e depois eu fui ficando mais preguiçoso, no começo eu acordava cedinho, entusiasmado com a mangueira em punho, a mulher gostava muito, a mulher gosta até hoje, lá em casa é planta na varanda, quando eu era menino, na casa de meu pai, sempre teve muita planta e <i>agora</i> em apartamento ninguém mais, <i>agora</i> a moda é todo mundo ter planta, lá em casa é uma epidemia, mas lá na casa nós tínhamos sapatizeiro, tinha fruta-pão, lá tinha um fruta-pão enorme, mas um dia cheguei lá fiquei resfriado não fui trabalhar, aí chegavam lá tem fruta-pão? Minha filha velhinha arranhou uma preguicinha, era gente lá atrás do fruta-pão e ela ganhando dinheiro, eu mandei cortar uma e deixei só a outra que o pessoal pediu para ficar pra acabar com o negócio lá, toda hora chegava alguém lá pra comprar fruta-pão (risos)”. (linhas 410-418)</p> <p>(5). “<i>Inf. 1.</i> É ele era peixeiro porque pescador já tá mais difícil porque o pescador já tem o peixeiro que... que compra na mão dele e <i>agora</i> na feira eu chego na Pituba, o pescador já tá lá em cima porque o pescador já tem os terceiros que... que... que compram na mão dele, e na feira, toda feira tem disso aí lá na Pituba não tem problema, eu achei curioso, eu fui tinha um sonho, eu tinha um sonho de conhecer uma chapada muito grande aqui na Bahia, um lugar”. (linhas 436-440)</p> <p>(6). “<i>Inf. 1.</i> Monte Chapéu, eu tinha uma vontade de conhecer Monte Chapéu porque falava Alto Sertão, e eu conheci o Sertão quando era garoto, tinha treze anos, eu conheci Criciúma, Monte Santo e tal, mas <i>agora</i> eu ouvia falar em Monte Chapéu e a coisa era formidável era Alto Sertão com frio e tal, e eu gosto de frio, de agasalho”. (linhas 442-445)</p> <p>(7). “<i>Inf. 2.</i> Entendeu? Porque não vou perder tempo primeiro é o contato com esse povo em geral vendedores a não ser que tenha uma camaradagem porque não é com a atividade, <i>agora</i> mesmo na Semana Santa eu resolvi o problema saí do Rio Vermelho pra ir buscar peixe, uma coisa incrível, sabe aonde eu vim buscar peixe, buscar peixe inteiro? Defronte do curso normal, o peixe vem de Valença, vai para uma casa de Santo Antônio além do Carmo, essa casa distribui para este, é um açougue defronte o Instituto Normal, o peixe, onde tava vendendo a quarenta e cinco, cinquenta”. (linhas 460-465)</p> <p>(8). “<i>Inf. 1.</i> E <i>agora</i> a moda <i>agora</i> é seguinte, tem um negócio de calda, e <i>agora</i> eles estão fazendo esses negócios em calda, calda de sururu com ostra não sei o que e tal, muito gostoso, com um chopinho cai bem e uma caipirinha (risos)”. (linhas 585-587)</p>
Depois	1	(1). “ <i>Inf. 1.</i> Mas comecei a plantar com dez mil cruzeiros (risos), mais de dez mil cruzeiros e eu desisti, e <i>depois</i> eu fui ficando mais preguiçoso, no começo eu acordava cedinho, entusiasmado com a mangueira em punho, a mulher gostava muito, a mulher gosta até hoje, lá em casa é planta na varanda, quando eu era menino, na casa de meu pai, sempre teve muita planta e <i>agora</i> em apartamento ninguém mais, <i>agora</i> a moda é todo mundo ter planta, lá em casa é uma epidemia

		mas lá na casa nós tínhamos sapatizeiro, tinha fruta-pão, lá tinha um fruta-pão enorme, mas um dia cheguei lá fiquei resfriado não fui trabalhar, aí chegavam lá tem fruta-pão? Minha filha velhinha arranhou uma preguicinha, era gente lá atrás do fruta-pão e ela ganhando dinheiro eu mandei cortar uma e deixei só a outra que o pessoal pediu para ficar pra acabar com o negócio lá, toda hora chegava alguém lá pra comprar fruta-pão (risos)". (linhas 410-418)
Atualmente	1	(1). " <i>Inf. 2.</i> César fez um hospital muito bonito, era uma coisa que chocava até aqui a Bahia, porque era uma coisa que estava assim acima. <i>Inf. 1. E atualmente</i> está abandonado <i>Inf. 2.</i> Está... está completamente abandonado, mas era uma beleza o hospital, então nós tínhamos um interesse novo, nós estudávamos bastante, nós discutíamos muito, dia de Domingo nós fazíamos autopsia, abrir cadáver etc., era um entusiasmo novo que tínhamos por aqui, agora quem viveu aqui e vê a coisa hoje desse jeito, é natural que se desanime, mas também na hora de eu me afastar, eu tô me afastando aos poucos, eu deixei o consultório, eu acabei com química, me aposentei no Estado, me aposentei na Fundação Otávio Mangabeira, só me resta agora o interno sabe? E esse é pra se distrair como eu disse e pra ficar um pouco longe da mulher né? (risos) pra ver se ela sente saudades, pra ver se ela vê saudades". (linhas 262-268)

Quadro 31 – Estruturas pontuais no inquérito D2-354 da cidade de Salvador

Estruturas pontuais	Frequência	Contexto de ocorrência
Hoje	11	<p>(1). "<i>Inf. 2.</i> Nasci em 1922, onde minha mãe nasceu né? Minha nasceu em Brejundes naquele tempo era distrito de Amargosa né? <i>Hoje...</i> é cidade, meu pai nasceu aqui em Salvador". (linhas 12-13)</p> <p>(2). "<i>Inf. 2.</i> O que estou achando da cidade <i>hoje</i>, comparando com os nossos tempos (risos) quais as dificuldades que nós tínhamos". (linhas 36-37)</p> <p>(3). "<i>Inf. 1.</i> E ele, sim, me convidou pra ser madrinha, seria no dia seguinte e eu não teria tempo porque o estágio era até tarde e eu não teria tempo de ir ao salão, então eu fiz a unha e ia com um cuidado assim (a informante demonstra como fazia para ter cuidado), mas ela percebeu, quando eu peguei na pinça, ela disse, dona O., aí eu disse o que é, unhas anti-profissionais, eu disse ah, mas porque amanhã é a formatura do C. C., mas eu chamava C., é a formatura do C., dona I., e eu não vou ter tempo de ir ao salão e é cedo a missa, e ela disse não senhora, faz favor de tirar, imagine o dinheiro todo que eu tinha (risos), <i>hoje</i> não né? O salário melhorou muito, mas eu era professora primária, uma babá de europita mil réis, e isso há vinte e seis anos passados, vinte e cinco ou mais vinte e nove, já pensou". (linhas 148-156)</p> <p>(4). "<i>Inf. 1.</i> Sabe porque eu me lembro a gente tinha pouca base n'era? todas tinham o curso de colégio completo n'era? Que <i>hoje</i> é o primeiro e segundo grau, todas tinham, mas não tínhamos e eu me sentia fraca, porque eu acho que eu dei química no normal não foi?" (linhas 288-290)</p> <p>(5). "<i>Inf. 1.</i> É <i>hoje</i>, eu já estou lecionando dentro de casa". (linha 601)</p> <p>(6). "<i>Inf. 1.</i> <i>Hoje</i>, às 4 horas será sepultado o maior superentendente que o Hospital das Clínicas já teve J. C., J. M.". (linhas 650-651)</p> <p>(7). "<i>Inf. 1.</i> É verdade, quando eu vejo as crianças com aquelas máquinas de calcular, é verdade... eu era dois vezes dois, quatro e <i>hoje</i> pronto né?" (linhas 861-862)</p> <p>(8). "<i>Inf. 1.</i> A operação num sabe... e eu disse minha Nossa Senhora, vamos gente, vamos cantar, depois do almoço, soltei dez minutos antes, depois do almoço E., E. você passe lá em casa pra eu ir na casa de um médico amigo meu, você me procure que eu soluciono esse problema, ele tá certo, tá certo, menina aí eu cheguei em casa aí a mulher do médico, dona N. disse O., <i>hoje</i> tem o que você adora, eu disse o que é? Galinha de molho pardo, ah, que beleza, ela disse tá doente? Aí eu disse mais ou</p>

		<p>menos, a aritmética do menino, e eu disse meu Deus, o professor estou desmoralizada, eu só pensava nisso e eu mais ou menos, não estou muito bem não, quer dizer, o medo, e ela, o que é? O que é? O medo que você fosse no Marista, me ajude, o que O.? Me fale de Medicina minha amiga, <i>hoje</i> eu só sei Medicina, nada de Matemática e Matemática, eu digo meu Deus, estava São Gerônimo e a sogra dele, a mãe da dona da casa, aí tinha um São Gerônimo, assim sentada, até hoje eu rezo sempre a ele, porque ele fez um milagre, eu considero, porque o aperto que eu estava, eu considero, eu queria morrer, queria morrer, menina, e ele tava assim, o Leão junto, o Leão e ele aqui com o livro aí eu disse ah... meu São Gerônimo, ajoelhada, meu São Gerônimo, me socorra, eu vou ficar desmoralizada, num centro de responsabilidade, eu vou ficar desmoralizada, eu tenho que ir embora, meu Deus, meu São Gerônimo, eu me sentei, não fui almoçar, menina, e está todo mundo reunido, depois quando eu tiver fome eu lhe digo, todo mundo almoçando e eu paim paim, meu São Gerônimo. Minha filha eu cheguei a conclusão porque tinha resultado, mas a... a... engrenagem, a solução para chegar a aquela conclusão sabe? Eu não me lembrava, trajano como se fosse o pai do curso superior, já pensou? Menina quando eu a... o vi, eu vou esperá-lo, contei a ela, ela viu a recusa do marido, o fora, aí eu na janela, quando lá vem ele e um grupo de cinco, um time, seis e ele com a bola, e eu disse E. venha cá desde o <i>hoje</i> que eu lhe espero menino, ele disse o que é? Eu disse o seu livro, menino, e o problema? Aí ele disse, ah, dona O, eu vou cuidar da minha bola (risos), oh, meu Deus”. (linhas 888-912)</p> <p>(9). “<i>Inf. 2.</i> Mas tem questão que é diferente de <i>hoje</i>, né? Muito problema né pra resolver”. (linha 923)</p>
Antigamente	6	<p>(1). “<i>Inf. 1.</i> O prefeito mandou me buscar, no princípio de novembro, aí eu disse não eu vou até o dia quinze porque eu preparei trabalhos pra exposição e dramas, a gente preparava dramas pra exposição que a gente fazia não era <i>Z. antigamente?</i>” (linhas 579-581)</p> <p>(2). “<i>Inf. 2.</i> Eu sempre trabalhei em hospital né? <i>Antigamente</i> era o hospital de reidratação, somente, era o hospital de reidratação e recuperação, o paciente se internava um dia para fazer a reidratação e depois então passava um dia recuperando e saía. Mas, agora é pediatria tudo, qualquer caso que chegue não pode voltar e também tem aquilo dos casos que chegue né? Qualquer caso que chegue já pode voltar, <i>antigamente</i> tinha a faixa de idade né? Era de recém-nascido até três anos, agora não se respeita mais a faixa, é de zero até, dez, doze, treze, quatorze anos, a gente tá recebendo porque a ordem é essa, mas não tem condições de receber crianças de dez, doze, mais de quatorze anos, se chega lá, às vezes, é uma emergência e bota lá na maca, se improvisa e receita mesmo e se faz sem condições mesmo, não é? Mas o nosso serviço mesmo era só o de recuperação”. (linhas 736-746)</p> <p>(3). “<i>Inf. 2.</i> Mas eu tenho uma média... deixa eu ver que era <i>antigamente</i>, era <i>antigamente</i> de dois que fazia o plantão de doze em doze horas, então têm os médicos antigos que dão quatro horas e têm os novos que tão dando doze, então os antigos começam mais cedo, agora têm os novos, doutor (inint), doutor A, dois, doutor A três, doutor, uma média, nós temos uma média de uns dez médicos, juntando os antigos com os novos”. (linhas 773-777)</p> <p>(4). “<i>Inf.1.</i> É no tempo B, era para aula primário, chegava o aluno já na hora de cantar, escola <i>antigamente</i>, começava com o hino e terminava com o hino né? bom, na hora de cantar eu (inint) porções, já na hora de cantar, ele veio, já rapaz, porque eu tinha abuso só tamanho né? Do primeiro ao quarto ano, a mãe não botava logo na escola, aí ficava o menino grande na escola e o menino, o professora com a aritmética trajando o curso superior, mas professora não pode errar, tem que conhecer, e aí disse assim ôh, dona Odete eu gostaria que a senhora me ensinasse pra resolver esses problemas aqui... eu olhei, eu digo que trajano, meu Deus, mas tinha solução, tinha resultado, mas não tinha como”. (linhas 880-886)</p>
Agora	19	<p>(1). “<i>Inf. 1.</i> Eu estou há vinte anos na Petrobrás  <i>Inf. 2.</i> É o mesmo tempo que eu tenho na legião  <i>Inf. 1.</i> Legião?  <i>Inf. 2.</i> É naquele tempo  <i>Inf. 1.</i> Grande diferença daqueles tempos pra <i>agora</i>, naquele tempo</p>



	<p>disseram que era pra dar para donas de casa</p> <p><i>Inf. 2.</i> Ah, é, ainda é o bairro de Canela, era para fazer a Saúde Pública, os estágios né?” (linhas 622-628)</p> <p>(2). “<i>Inf. 2.</i> Não, a Legião é uma oligarquia, mas <i>agora</i> pertence ao Ministério da Previdência e <i>agora</i> está tudo junto né? Era privada, <i>agora</i> consolidada com as leis trabalhistas, a verba não é estadual, mas não é federal, não era estadual (risos), na verdade é uma confusão né?” (linhas 732-734)</p> <p>(3). “<i>Inf. 2.</i> Eu sempre trabalhei em hospital né? Antigamente era o hospital de reidratação, somente, era o hospital de reidratação e recuperação, o paciente se internava um dia para fazer a reidratação e depois então passava um dia recuperando e saía. Mas, <i>agora</i> é pediatria tudo, qualquer caso que chegue não pode voltar e também tem aquilo dos casos que chegue né? Qualquer caso que chegue já pode voltar, antigamente tinha a faixa de idade né? Era de recém-nascido até três anos, <i>agora</i> não se respeita mais a faixa, é de zero até, dez, doze, treze, quatorze anos, a gente tá recebendo porque a ordem é essa, mas não tem condições de receber crianças de dez, doze, mais de quatorze anos, se chega lá, às vezes, é uma emergência e bota lá na maca, se improvisa e receita mesmo e se faz sem condições mesmo, não é? Mas o nosso serviço mesmo era só o de recuperação”. (linhas 736-746)</p> <p>(4). “<i>Inf. 2.</i> Bem, venho atendendo assim, <i>agora</i>, de uns tempos pra cá é que está nessa faixa de plano de idade e pediatria, mas até uns três anos atrás era somente de recuperação e reidratação, e a gente se sentia assim, mas não era, rotina não, rotina a qualquer casa que chega e não volta”. (linhas 748-750)</p> <p>(5). “<i>Inf. 2.</i> Olhe seria, lá onde nós recebemos o quarto extrato, quer dizer pessoas lá independentes de tudo, mas o que acontece é que elas negam, aos responsáveis que levam as crianças, nunca sentem tudo, raramente elas falam a verdade, ainda mais porque elas querem ser atendidas, então chego a conclusão de que tem que atender todo mundo, tendo ou não tendo, porque umas falam a verdade e diz logo e outras dizem que não têm e quando a gente vai investigar às vezes têm, então não adianta chegou atendeu, tendo ou não o Instituto, porque não adiantava dizer que não tinha pra ser atendida, <i>agora</i> é tem? Tem, não tem? Não tem, pronto”. (linhas 754-760)</p> <p>(6). “<i>Inf. 2.</i> Mas eu tenho uma média... deixa eu ver... que era antigamente, era antigamente de dois que fazia o plantão de doze em doze horas, então têm os médicos antigos que dão quatro horas e têm os novos que tão dando doze, então os antigos começam mais cedo, <i>agora</i> têm os novos, doutor (inint), doutor A, dois, doutor A três, doutor, uma média, nós temos uma média de uns dez médicos, juntando os antigos com os novos”. (linhas 773-777)</p> <p>(7). “<i>Inf. 2.</i> É eu gosto muito de cinema, mas <i>agora</i> também com esse negócio de conjuntivite, de visão, eu não posso apurar muito e esse negócio de leitura também, mas já estou reduzindo tudo por isso”. (linhas 816-817)</p> <p>(8). “<i>Inf. 2.</i> Eu sempre tive essa conjuntivite, <i>agora</i>... de novembro pra cá... eu piorei de novembro pra cá, <i>agora</i> eu não sei se sou alérgica né? <i>Agora</i> alergia a quê?”. (linhas 819-820)</p> <p>(9). “<i>Inf. 2.</i> <i>Agora</i> eu piorei pra cá de novembro pra cá, eu fui piorando, piorando, já botei o grau pra ver se era”. (linha 842)</p> <p>(10). “<i>Inf. 1.</i> Mas <i>agora</i> estagnou tudo</p> <p><i>Inf. 2.</i> Parou? Mas você lia muito, não sei <i>agora</i>, eu <i>agora</i>, eu parei de ler por causa desse negócio dos meus olhos.</p> <p><i>Doc.</i> E que livro você está lendo agora?</p> <p><i>Inf. 1.</i> Nenhum.</p> <p><i>Inf. 2.</i> E <i>agora</i> os jovens estão <i>agora</i> com essas máquinas de calcular né? Interessante, P. é um sobrinho que eu tenho, ele tem seis anos, ele aprendeu a falar máquina de calcular (risos), <i>agora</i> é que ele não vai aprender nunca mais Matemática, porque tinha a máquina né? Nessa fase, eu disse não, não dê não, não dê a máquina de calcular a ele não porque senão vai prejudicar o raciocínio”. (linhas 851-859)</p>
--	--

Quadro 32 – Estruturas pontuais no inquérito D2-357 da cidade de Salvador

Estruturas pontuais	Frequência	Contexto de ocorrência
Hoje	39	<p>(1). “<i>Inf. 1.</i> Aí não confio. (rindo) Então, pra mim, eu acho isso uma... é um problema que é... é a única coisa, <i>hoje</i>, que eu acho que me angustia ainda assim... que eu estou doida pra vê-la casada, que é justamente casada, a gente já sabe que já tem um amparo ali, já é diferente”. (linhas 174-176)</p> <p>(2). “<i>Inf. 2.</i> [...] eu acho que nós, pais, devemos nos conscientizar de que não podemos ser o freio para esta geração, porque ela é fruto de uma evolução de época, a contemporaneidade dos fatos, talvez, a guerra, talvez a disputa que mais acendradamente <i>hoje</i> ocorre e, sobretudo, o que eu sinto nos jovens é a ânsia de um bem-estar, nós nos acomodamos em ter a meta do bem-estar, mas eles <i>hoje</i> têm o bem-estar como o que... algo que deve ser apanhado ao primeiro instante”. (linhas 192-197)</p> <p>(3). “<i>Inf. 2.</i> [...] de qualquer sorte, há uma afirmativa teológica que vale a pena se repetir: ‘a família que reza unida, vive unida’. Então, quando os pais procuram se unir aos filhos, existe relativamente a união, é certo que os perigos estão aí a todo instante, sobretudo, quando estamos sentindo <i>hoje</i> um problema que é o mais asfxiante de todos, que é o problema tóxico. Este não existia na nossa época [...] (superp)...</p> <p><i>Inf. 1.</i> Na nossa época, (superp) exato, exato...</p> <p><i>Inf. 2.</i> Porque nós éramos tímidos até em beber...</p> <p><i>Doc.</i> Hum, hum...</p> <p><i>Inf. 2.</i> Mas <i>hoje</i> a licenciosidade da bebida já fez com que eles fossem à busca de outros atrativos ou, porque mesmo não dizer, outros motivos de excitação ou coisas que o valha”. (linhas 209-219)</p> <p>(4). “<i>Inf. 1.</i> Exato. Agora, o que eu acho, o que eu sinto nesses jovens <i>hoje</i> é que eles são mais autênticos, eles sabem realmente aquilo, pelo... pelo menos me dão a impressão de que eles sabem que é aquilo que eles querem realmente. Antigamente, no meu tempo, eu podia querer muitas coisas, e não tinha nem coragem às vezes nem... (superp)”. (linhas 227-230)</p> <p>(5). “<i>Inf. 2.</i> Mas, <i>hoje não. Hoje</i>, nós... oh... eu tenho um exemplo... às vezes que... quando conversávamos em casa, é que antigamente, não fugiam de avião porque não existia, mas fugiam de automóvel (risos), de... de a cavalo... (risos)”. (linhas 245-247)</p> <p>(6). “<i>Inf. 1.</i> A não ser naquelas datas festivas: um aniversário, casamento, umas bodas, que nós sempre temos muito prazer em rever os amigos, mas não tem mais aquela oportunidade de... de encontro, de passar a tarde, de tomar chá na casa de fulano, ou ir mesmo pra um bate-papo, a não ser um telefone mais rápido. De maneira que eu tenho até um grande número de amigos amigas e que eu raramente encontro em ... só... com... digo... com... repito, só nessas oportunidades assim. Então, justamente, eu acho que a vida moderna, a vida atual, com todos os seus problemas, suas ocupações... porque, <i>hoje</i> é a mulher que faz feira, é a mulher que faz mercado, é a mulher que leva filho pro colégio, vai buscar no colégio, leva pro médico, quer dizer, então, <i>hoje</i> não tem apesar... ain... ain... ainda, além de trabalhar, não tem essa oportunidade de estar em casa descansada, ou pra receber amigos, ou pra ir à casa de amigos. Eu acho isso.” (linhas 353-363)</p> <p>(7). “<i>Inf. 2.</i> Eu aprovo a sua afirmativa, achando o seguinte: nós... a vida social <i>hoje</i> é mais individualista do que aquela, que era comunitária”. (linhas 367-368)</p> <p>(8). “<i>Inf. 2.</i>... ou motivos, que não vêm aqui, mas em verdade, as reuniões <i>hoje</i> passar... deixaram de ser aquelas caseiras para serem aquelas... uma etapa de clubes, e, <i>hoje</i>, a etapa das boates”. (linhas 376-378)</p> <p>(9). “<i>Inf. 2.</i> ... aquele conagraçamento de afeição que havia, <i>hoje</i> há sempre uma motivação para o encontro, mas esta motivação é menos [...]”. (linhas 382-383)</p> <p>(10). “<i>Inf. 2.</i> Porque quem estudou música, quem pode penetrar, como você o fez, não é, no estudo profundo daqueles grandes clássicos, em verdade, <i>hoje</i>, deve ser uma aberração o que nós ouvimos.” (linhas 510-512)</p> <p>(11). “<i>Inf. 2.</i> A medicina é muito mais preventiva do que curativa, então, esta conscientização popular da prevenção à doença, ou seja, o sano é que está, ainda, à cabeceira de muita propaganda, porque, <i>hoje</i>, iniludivelmente, a propaganda ainda</p>

	<p>corresponde ao melhor objeto que se pode ter no convencimento, seja em qualquer setor que estejamos a encarar. Agora, se estamos falando assim na saúde, na sua generalidade... (superp)". (linhas 619-623)</p> <p>(12). "<i>Inf. 2.</i> [...] a nossa fase adulta, exterminando tantos entes queridos, <i>hoje</i>, nós estamos sentindo que, graças ao desenvolvimento científico, esta preservação está sendo possível, então, estamos sendo mais longevos e gozando, individualmente, de melhor saúde. Agora, é que nós reclamamos mais... (risos)". (linhas 636-639)</p> <p>(13). "<i>Inf. 1.</i> É... (risos) em compensação, N., eu também acho que os meios de comunicação de antigamente, eu acho que proporcionavam já uma saúde muito mais sólida, pra... pra nossos avós, por exemplo, porque é uma das coisas que mais me... que eu me chamo atenção é quando eu olho nos jornais <i>hoje</i> a notícia... aqueles falecimentos, né, foram enterrados, assim... Então, a pessoa nota que é tanta gente, por exemplo, de idade superior a setenta anos que morre atualmente, quando na mesma... ali mesmo, nós estamos vendo crianças de sete, de dias, de meses e jovens, eu acho que a alimentação antigamente, como era muito mais salutar, e muito mais fácil de ser adquirida, e de melhor espécie, não é, eu acho que aquilo facilitava para que as pessoas tivessem uma vida um pouco longa. Tem essa parte da prevenção <i>hoje</i> que, de fato, está muito mais evoluída, e todos estão mais conscientes disso. Mas, antigamente, na sua própria ignorância, a pessoa, eu acho que, vivia... tinha mais saúde, porque tinha as... as condições de vida eram melhores, mais favoráveis, eu acho isso". (linhas 657-669)</p> <p>(14). "<i>Inf. 2.</i> [...] de alimentação, uma condição melhor... Não, o... esta diversidade que lemos diariamente nos jornais de obituário de infantes e já na senectude, isto decorre, evidentemente, da densidade demográfica, causando maior espécie os falecimentos, os obituários dos jovens e dos encanecidos. Agora, quanto à alimentação, me parece que, na verdade, <i>hoje</i>, através do sistema do nutricionismo, não é, de uma melhor orientação da saúde, isto não é fator tão preponderante assim. Ago... se... aí, é que eu quero divergir [...]". (linhas 674-683)</p> <p>(15). "<i>Inf. 2.</i> Da sua opinião. O que me parece é que <i>hoje</i>, em razão desta vida tão febricitante, tão ativa, como nós temos por necessidade até de sobrevivência, não é, este problema, a que você se refere, alimentar é um pouco afastado, e o problema também dos cuidados necessários à preservação da saúde <i>hoje</i> são menores, porque os contágios são maiores".</p> <p><i>Inf. 1.</i> Hum, hum.</p> <p><i>Inf. 2.</i> <i>Hoje</i>... Nós vivíamos em castas, então, tínhamos uma convivência em determinados locais, vocês, <i>hoje</i>, na sua atividade profissional, você atende tanto ao liberal, quanto o professor universitário, quanto o operário, e cada um deles sendo um veículo transmissor de enfermidades [...]". (linhas 682-690)</p> <p>(16). "<i>Inf. 1.</i> (risos) Bom, eu acho ótimo, e sempre digo, eu devia ter tido mais uma filha, só tenho três, mas, eu acho que <i>hoje</i> não é mais possível se ter filhos em grande número, porque, quer ver, eu tenho a impressão... cada vez se torna... tenho a impressão, não, cada vez... vejo que cada vez se torna mais difícil se educar um filho, então, eu acho que o filho não é para se botar no mundo e deixar aí, não, ao léu, o filho é pra gente dar condições de educação, de su... de vida e de sobrevivência futura. Então, se a pessoa, podendo ter filhos, pode criá-los, pode educá-los, eu acho que uma família grande é muito mais agradável, muito mais interessante... e... aquele convívio, no dia de reunião, eu acho ótimo, quando nós nos reunimos ainda hoje, que nós temos hábito de reunir todo... toda semana em casa de minha mãe, né, ela faz questão de reunir os filhos todos, os netos casados, com as mulheres, não é, eu acho aquilo lindo, eu acho formidável pra dar... todo mundo discute, suas opiniões as mais diversas possíveis". (linhas 954-964)</p> <p>(17). "<i>Inf. 2.</i> [...] <i>hoje</i>, nós sabemos porque o surgimento dos pivetes, é que o pai sai para trabalhar... no fim do dia, ele traz trinta cruzeiros, quarenta cruzeiros, cinquenta cruzeiros, que é quanto se paga <i>hoje</i>, o salário-dia, então, aos seis anos, aos sete anos, ele encaminha o filho menos para o colégio do que para tomar conta do automóvel. Então, quem de nós que dispõe de um veículo não é capaz de tirar um cruzeiro, dois cruzeiros... (superp)". (linhas 1000-1004)</p> <p>(18). "<i>Inf. 1.</i> o matrimônio <i>hoje</i> não é mais... eu não sei se é porque os jovens estão se casando jovens demais, ou porque eles têm essa liberdade sexual maior, então, está se vendo às vezes... (superp)</p>
--	---

		<p><i>Inf. 2.</i> Você é favorável (superp) à liberdade sexual?</p> <p><i>Inf. 1.</i> Não... Não... eu ainda não sou, (risos) eu ainda não sou, porque eu acho que essa liberdade sexual está trazendo esses problemas que está se vendo <i>hoje</i>. São esses jovens que estão casando <i>hoje</i> e, amanhã, por isso ou por aquilo, eles se separam, e pronto. Então não luta pra ter... pra que seu casamento continue pra vida inteira; então, eles não têm isso. E. por is... mas isso é decorrência justamente dessa liberdade sexual. Se eles não tivessem essa liberdade sexual, eles talvez só viessem a se casar com aquelas pessoas, pelo menos, não digo definitiva, mas, pelo, menos, que eles pensassem que fosse a pessoa certa. Então, eles <i>hoje</i> começam a namorar, é aquela intimidade, daqui a pouco está ela de neném, aí, e tal... o problema, casa, pronto. É como diz Jô Soares: “casa e descasa, casa e descasa”. É isso que está se dando <i>hoje</i>. Então, eu não encaro esse problema sex... essa liberdade sexual favorável não; eu não sou favorável a ela de jeito nenhum, por isso. E acho que casamento é pra vida toda, a não ser quando há incompatibilidade mesmo de gênios, mas depois de muito esforço, de parte a parte pra que se leve o casamento ao fim. E é essa orientação que eu sempre dou, até as minhas filhas”. (linhas 1052-1070)</p> <p>(19). “<i>Inf. 2.</i> Mas o que... eh... me parece é que, dentro daquela sinceridade, a que você se referiu, do jovem, ele, <i>hoje</i>, está se... se conscientizando de que não lhe convém a teia dos grilhões, quando a sua liberdade fala mais alto, o seu bem-estar individual, por que o casamento jovem... eu lhe diria, ao contrário, os jovens estão casando-se mais tarde.</p> <p><i>Inf. 1.</i> É?</p> <p><i>Inf. 2.</i> É. Porque nós ouvimos contar as histórias: casou-se aos quinze anos, casou-se aos quatorze, casou-se aos... aos... aos dezessete. <i>Hoje não, hoje</i> eles marcam quando devem casar. Então, eles, tendo essa liberdade sexual a que você se refere eles já não têm mais aquele anseio [...]”. (linhas 1091-1099)</p> <p>(20). “<i>Inf. 2.</i> É. Há a fixação, não é? Eles, <i>hoje</i>, se namoram facilmente e não se conscientizam, não se apercebem das altas responsabilidades que hão de advir da constituição do núcleo familiar. De modo que, na verdade, os jovens passam por essa transição, mas transição que não é só dos jovens, não, já os encanecidos já estão também chegando a este [...] (risos)”. (linhas 1112-1115)</p> <p>(21). “<i>Inf. 2.</i> Eh... são muitas... muitas as motivações, não é? Antigamente a mulher era dona da casa, ela, <i>hoje</i>, já não... ah... não mais o é, ela é uma colaboradora do marido em todos os sentidos, até mesmo no sentido financeiro, econômico. Então, essa liberdade a que permitiu dar à mulher lhe abriu melhor campo, melhor horizonte, não é, e onde há mais fogo, há maior perigo de queima”. (linhas 1122-1126)</p> <p>(22). “<i>Inf. 2.</i> (risos) Então, ele me pedia que eu aceitasse <i>hoje</i> um problema de partilha que já vem rolando há mais de dez anos. Disse: ‘Então, consigo, eu faço’. E eu lhe perguntei, assim, sem nenhum propósito: ‘Você quer se divorciar, agora, não é?’ Ele disse: ‘Não, não penso em fazer divórcio’ (risos)”. (linhas 1155-1158)</p> <p>(23). “<i>Inf. 1.</i> Aqui é o Instituto de Letras, não é? Nós estamos <i>hoje</i> a cinco de setembro de mil novecentos e setenta e oito, no Instituto de Letras, numa... da Universidade Federal da Bahia”. (linhas 1336-1338)</p>
Antigamente	7	<p>(1). “<i>Inf. 1.</i> Exato. Agora, o que eu acho, o que eu sinto nesses jovens hoje é que eles são mais autênticos, eles sabem realmente aquilo, pelo... pelo menos me dão a impressão de que eles sabem que é aquilo que eles querem realmente. <i>Antigamente</i>, no meu tempo, eu podia querer muitas coisas, e não tinha nem coragem às vezes nem... (superp)”. (linhas 227-230)</p> <p>(2). “<i>Inf. 2.</i> Mas, hoje não. Hoje, nós... oh... eu tenho um exemplo... às vezes que... quando conversávamos em casa, é que <i>antigamente</i>, não fugiam de avião porque não existia, mas fugiam de automóvel (risos), de... de a cavalo... (risos)”. (linhas 245-247)</p> <p>(3). “<i>Inf. 1.</i> Hum... Eu encaro a vida social muito... eu acho que é meio diferente, sabe, do que eu tinha quando era mais jovem, pelo seguinte: eu achava q... a vida social, <i>antigamente</i>, muito mais entrosamento entre as famílias, entre os amigos... a... na... no... quando nós era... eu era muito mais jovem, nós tínhamos a oportunidade de passar a tarde com fulana, a tarde com sicrana. Hoje em dia, não, o relacionamento é muito ocasional”. (linhas 347-351)</p> <p>(4). “<i>Inf. 1.</i> É... (risos) em compensação, N., eu também acho que os meios de</p>

		<p>alimentação de <i>antigamente</i>, eu acho que proporcionavam já uma saúde muito mais sólida, pra... pra nossos avós, por exemplo, porque é uma das coisas que mais me... que eu me chamo atenção é quando eu olho nos jornais hoje a notícia... aqueles falecimentos, né, foram enterrados, assim... Então, a pessoa nota que é tanta gente, por exemplo, de idade superior a setenta anos que morre atualmente, quando na mesma... ali mesmo, nós estamos vendo crianças de sete, de dias, de meses e jovens, eu acho que a alimentação <i>antigamente</i>, como era muito mais salutar, e muito mais fácil de ser adquirida, e de melhor espécie, não é, eu acho que aquilo facilitava para que as pessoas tivessem uma vida um pouco longa. Tem essa parte da prevenção hoje que, de fato, está muito mais evoluída, e todos estão mais conscientes disso. Mas, <i>antigamente</i>, na sua própria ignorância, a pessoa, eu acho que, vivia... tinha mais saúde, porque tinha as... as condições de vida eram melhores, mais favoráveis, eu acho isso”. (linhas 657-669)</p> <p>(5). “<i>Inf. 2.</i> Eh... são muitas... muitas as motivações, não é? <i>Antigamente</i> a mulher era dona da casa; ela, hoje, já não... ah... não mais o é, ela é uma colaboradora do marido em todos os sentidos, até mesmo no sentido financeiro, econômico. Então, essa liberdade a que permitiu dar à mulher lhe abriu melhor campo, melhor horizonte, não é, e onde há mais fogo, há maior perigo de queima”. (linhas 1122-1126)</p>
Agora	1	<p>(1). “<i>Inf. 2.</i> [...] a nossa fase adulta, exterminando tantos entes queridos, hoje, nós estamos sentindo que, graças ao desenvolvimento científico, esta preservação está sendo possível, então, estamos sendo mais longevos e gozando, individualmente, de melhor saúde. <i>Agora</i>, é que nós reclamamos mais... (risos)” (linhas 636-639)</p>
Atualmente	1	<p>(1). “<i>Inf. 1.</i> É... (risos) em compensação, N., eu também acho que os meios de alimentação de <i>antigamente</i>, eu acho que proporcionavam já uma saúde muito mais sólida, pra... pra nossos avós, por exemplo, porque é uma das coisas que mais me... que eu me chamo atenção é quando eu olho nos jornais hoje a notícia... aqueles falecimentos, né, foram enterrados, assim... Então, a pessoa nota que é tanta gente, por exemplo, de idade superior a setenta anos que morre <i>atualmente</i>, quando na mesma... ali mesmo, nós estamos vendo crianças de sete, de dias, de meses e jovens, eu acho que a alimentação <i>antigamente</i>, como era muito mais salutar, e muito mais fácil de ser adquirida, e de melhor espécie, não é, eu acho que aquilo facilitava para que as pessoas tivessem uma vida um pouco longa. Tem essa parte da prevenção hoje que, de fato, está muito mais evoluída, e todos estão mais conscientes disso. Mas, <i>antigamente</i>, na sua própria ignorância, a pessoa, eu acho que, vivia... tinha mais saúde, porque tinha as... as condições de vida eram melhores, mais favoráveis, eu acho isso”. (linhas 657-669)</p>

Quadro 33 – Estruturas pontuais no inquérito D2-361 da cidade de Salvador

Estruturas pontuais	Frequência	Contexto de ocorrência
Hoje	4	<p>(1). “<i>Inf. 2.</i> Eu não tenho muita lembrança porque eu vivi na (inint) e tinha um rapaizinho lá da chácara e <i>hoje</i> já é considerado já parente da família e tá lá, ele tem quase quarenta anos ou mais”. (linhas 42-43)</p> <p>(2). “<i>Inf. 2.</i> Estão fazendo agora um planejamento com o prefeito lá na televisão fazendo uma campanha de Salvador para fazer um loteamento para melhor né? Mas às vezes eu tenho a impressão que a situação tá melhorando, os invasores vão fazer casa com material coletivo e <i>hoje</i> já vai fazer uma casa com melhores condições”. (linhas 235-238)</p> <p>(3). “<i>Inf. 2.</i> Com basquetebol e tênis, tinha meninas que jogavam muito bem e tinha meninas muito boas e a gente fazia de competições de basquetebol, tinha bons jogadores de basquetebol e o que vale é que na época não era, não era muito conhecido, naturalmente que agora é diferente, porque <i>hoje</i> as moças jogam com as malas próprias, naquele tempo, não, era com aqueles negócios de baú, aí não era fácil não”. (linhas 431-435)</p> <p>(4). “<i>Inf. 2.</i> [...] a fome está levando o país a uma raça subdesenvolvida, a uma... a uma raça super-raquítica, predominando até aí uma raça de nanicos, agora eu acho que é uma falta de recursos, uma falta de visão, uma falta de interesses, porque se houver o interesse de olhar o pobre, o pobre queria muita saúde, antigamente o povo tinha mais saúde do que <i>hoje</i>”. (linhas 482-486)</p>
Antigamente	3	<p>(1). “<i>Inf. 2</i> Por isso que dizem que <i>antigamente</i> se era mais feliz... <i>Inf. 1.</i> (risos) É deixa... <i>Inf. 2.</i> Eu acho assim que o pessoal de baixa renda, chamando de baixa renda as pessoas que ganham abaixo de um salário mínimo, enfim que viva de maneira que dá para fazer uma habitação eu acho que <i>antigamente</i> quem vivia de aluguel, vivia melhor porque o aluguel ele era contratado por uma propriedade num novo inquilino, o meu pai, ele não podia comprar a casa onde eu nasci, a casa era alugada, não era nossa, não era dele, e quando ele foi alugar essa casa, ele foi perguntar ao proprietário qual era o preço do aluguel e pensava realmente no preço do aluguel, mas o que é que nós vamos fazer se nós estamos realmente precisando né?” (linhas 158-167)</p> <p>(2). “<i>Inf. 2.</i> [...] a fome está levando o país a uma raça subdesenvolvida, a uma... a uma raça super-raquítica, predominando até aí uma raça de nanicos, agora eu acho que é uma falta de recursos, uma falta de visão, uma falta de interesses, porque se houver o interesse de olhar o pobre, o pobre queria muita saúde, <i>antigamente</i> o povo tinha mais saúde do que <i>hoje</i>”. (linhas 482-486)</p>
Agora	4	<p>(1). “<i>Inf. 2.</i> [...] e finalmente fui para Bento Gonçalves, onde estou vivendo atualmente como eu lhe falei, minha mãe adora morar de aluguel, inclusive esse apartamento que eu estou <i>agora</i> me mandaram uma nota, o senhor mora em apartamento?” (linhas 50-52)</p> <p>(2). “<i>Inf. 2.</i> E foi passando, passando e a gente vivendo do aluguel, eu nasci nessa casa alugada, <i>agora</i>, atualmente... atualmente o povo de baixa renda não tem condição de morar, nem também de comprar, deveria se fazer um planejamento não pra fornecer casas prontas, mas pra fornecer um arruamento qualquer que tivesse cem metros quadrados ou duzentos metros quadrados, que tivesse água, tivesse energia, a gente não teria problema, a gente não ia ter problema, mas não adianta fazer planejamento de pnh tipo esse projeto Maranduba, é Maranduba né?” (linhas 167-173)</p> <p>(3). “<i>Inf. 2.</i> Estão fazendo <i>agora</i> um planejamento com o prefeito lá na televisão fazendo uma campanha de Salvador para fazer um loteamento para melhor né? Mas às vezes eu tenho a impressão que a situação tá melhorando, os invasores vão fazer casa com material coletivo e <i>hoje</i> já vai fazer uma casa com melhores condições”. (linhas 235-238)</p> <p>(4). “<i>Inf. 2.</i> Com basquetebol e tênis, tinha meninas que jogavam muito bem e tinha meninas muito boas e a gente fazia de competições de basquetebol, tinha bons jogadores de basquetebol e o que vale é que na época não era, não era muito conhecido, naturalmente que <i>agora</i> é diferente, porque <i>hoje</i> as moças jogam com as malas próprias, naquele tempo, não, era com aqueles negócios de baú, aí não era</p>

		fácil não”. (linhas 431-435)
Atualmente	4	(1). “ <i>Inf. 2.</i> [...] e finalmente fui para Bento Gonçalves, onde estou vivendo <i>atualmente</i> como eu lhe falei, minha mãe adora morar de aluguel, inclusive esse apartamento que eu estou agora me mandaram uma nota, o senhor mora em apartamento?” (linhas 50-52) (2). “ <i>Inf. 1.</i> Bom, eu... eu nunca residi em apartamento, eu morava numa casa em Brotas, passei para uma outra casa grande, depois fui residir em outra casa e <i>atualmente</i> vivo em uma casa nos Barris e é uma casa bem aberta onde chega muito a sucessão de ar”. (linhas 93-95) (3) “ <i>Inf. 2.</i> E foi passando, passando e a gente vivendo do aluguel, eu nasci nessa casa alugada, agora, <i>atualmente... atualmente</i> o povo de baixa renda não tem condição de morar, nem também de comprar, deveria se fazer um planejamento não pra fornecer casas prontas, mas pra fornecer um arruamento qualquer que tivesse cem metros quadrados ou duzentos metros quadrados, que tivesse água, tivesse energia, a gente não teria problema, a gente não ia ter problema, mas não adianta fazer planejamento de pnh tipo esse projeto Maranduba, é Maranduba né?” (linhas 167-173)
Depois	1	(1). “ <i>Inf. 1.</i> Bom, eu...eu nunca residi em apartamento, eu morava numa casa em Brotas, passei para uma outra casa grande, <i>depois</i> fui residir em outra casa e atualmente vivo em uma casa nos Barris e é uma casa bem aberta onde chega muito a sucessão de ar”. (linhas 93-95)

Quadro 34– Estruturas pontuais no inquérito D2-362 da cidade de Salvador

Estruturas pontuais	Frequência	Contexto de ocorrência
Hoje	12	(1). “ <i>Doc.</i> Sua profissão? <i>Inf. 1.</i> Eu já tive diversas, me formei em Geografia e História, fui Budista e <i>hoje</i> eu sou Jardinista”. (linhas 4-5) (2). “ <i>Inf. 1.</i> Olhe vale como experiência, nessa experiência que eu tive mesmo na (inint) as calças ficam molhadas e a distância, a gente não vê tem aquela montanha, é uma coisa interessante, agora, <i>hoje</i> , nove horas, já, o sol abre, e a cidade tem sempre um clima muito bom né? A água muito boa e achei interessante porque é muito perto de Salvador e pra gente observar esse fenômeno”. (linhas 136-139) (3). “ <i>Inf. 2.</i> Bom a gente era envolvida naquele... naquele clima de... de pavor, porque aquilo era falado na cidade e todo mundo se tocava com aquilo e atingia a todos né? Então a gente não, você veja naquele tempo os meios de locomoção não eram os de <i>hoje</i> né? Era os bondes, tinham os bondes.” (linhas 168-170) (4). “ <i>Inf. 1.</i> Na hora da chuva, coitado, ele se molhava todo, nem todos tinham capinha, mas ele não tinha chuva, ele ia pelos trilhos do bonde e era aquele faz favor, faz favor, porque usava naquele tempo né? <i>Hoje</i> , não tem mais faz favor, se cobra é de qualquer forma, mas usava muito o faz favor, e ele levantava cada... cada flanelinha daquela, cada cortina, ele ia levantava, cobrava, geralmente as cinco pessoas e aí ele fechava a cortina”. (linhas 194-198) (5). “ <i>Inf. 1.</i> Ah e causavam muito porque as casas eram de telhado muitas não tinham o que se chamava de... não sei se ainda <i>hoje</i> se usa esse termo é o forro e geralmente era de madeira, e então apareciam as goteiras e tanto que tinham, é uma coisa, é uma profissão que sumiu, é a profissão de pedreiro que cuidava do telhado, eu não me lembro bem como é que eles se chamavam eu sei que eles eram especialista em arrumar as telhas porque com o tempo chovia e o vento né e outra coisa não sei se <i>hoje</i> tem tanto, mas tinha muito gato no telhado, gato usava muito ficar no telhado”. (linhas 207-212) (6). “ <i>Inf. 1.</i> É porque <i>hoje</i> , como a gente mora em apartamento não dá pra gente ver a chuva, essa coisa da gente está ligado na televisão”. (linhas 230-231). (7). “ <i>Inf. 1.</i> E era ruim porque aqueles raios e <i>hoje</i> não tem muita iluminação e aqueles prédios todos iluminados, às vezes o raio tá lá se acabando e ninguém tá vendo”. (linhas 239-240) (8). “ <i>Inf. 1.</i> Por causa de tanta luz na cidade a gente não vê, era um espetáculo e <i>hoje</i> eu acho que a criança nem sabe o que é que é tempestade”. (linhas 242-243)

		<p>(9). “<i>Inf. 2.</i> É parece que havia mais tranqüilidade, parece que havia mais tempo para se viver a vida, parece que a gente <i>hoje</i> não tem mais tempo”. (linhas 249-250)</p> <p>(10). “<i>Inf. 2.</i> Olha, você sabe, que com toda agitação de vida que eu tenho, porque eu quando fui morar nesse sítio, eu programei minha vida diferente, eu disse ah, eu tenho duas filhas de vinte e vinte e um anos e eu venho à cidade, mas nunca acontece isso, no princípio eu ficava... eu ficava, Sexta, Sábado, Domingo e Segunda, mas isso eu não consegui no tempo, porque eu não conseguia... eu não conseguia dar estabilidade assim dessa maneira e eu tinha que trabalhar mais? E ainda mais esse ano, esse ano foi um ano que <i>hoje</i> pra quem não tem emprego, foi um ano terrível porque a gente tem empregado com os ordenados subindo de seis em seis meses, você é obrigado a trabalhar mais para assumir aquele custo porque você não pode também subir os preços do que você faz de uma maneira, porque senão você não vai trabalhar e ninguém vai fazer nada, então o que é que acontece você tem realmente a necessidade de dar mais de si para você cobrir aquilo tudo”. (linhas 545-554)</p> <p>(11). “<i>Inf. 1.</i> [...] adoro relógio, gosto do relógio, do progresso é uma das coisas que eu gosto, achei uma maravilha, <i>hoje</i> tem relógios-computador, nunca vi não, mas acho que são ótimos, não conheço não, nunca tive a ocasião de conhecer, mas essa espontaneidade, essa coisa, tudo que é da arte”. (linhas 585-588)</p>
Agora	8	<p>(1). “<i>Inf. 2.</i> Isso veio mudando de uns cinco anos pra cá, mas ainda tocavam músicas assim clássicas, mas <i>agora</i> não há nenhum respeito, nenhuma diferença, também devido ao problema de televisão e do rádio”. (linhas 341-342)</p> <p>(2). “<i>Inf. 1.</i> Quem sabe assim eu não tenho muito tempo, <i>agora</i> não, quando eu tenho alguém assim pra conversar é muito legal, mas, geralmente pra fazer, já tardinha da noite, vem aquele, um pouco de cansaço”. (linhas 374-376)</p> <p>(3). “<i>Inf. 2.</i> Acorda, é... esse é o problema mesmo o tempo <i>agora</i> não porque <i>agora</i> eu fico mais a vontade né? Porque <i>agora</i> minha irmã tá procurando emprego e de repente vocês estão aí gravando e qualquer pessoa que esteja já ouvindo meu papo pode se interessar e mas mesmo com os meus afazeres no meu dia-a-dia é muito cansativo, eu quero saber o que vai passar, mas nossa eu sempre perguntei, hoje em dia eu não tenho mais tempo de estar tentando”. (linhas 421-425)</p> <p>(4). “Não é tão caro não V. é ao contrário, você pensa que é caro, não é caro, se você compra um peru da Sadia de porte médio, não sei <i>agora, agora, agora,</i> mas há... há um ano atrás eu... eu comprava muito para fazer e eu notava que era mais interessante porque rende”. (linhas 803-805)</p>
Ultimamente	1	<p>(1). “<i>Inf. 1.</i> Agora fora disso, <i>ultimamente</i> a gente não encontra assim uma infraestrutura né? Eu acho que eles não se preocupam muito em equilibrar pra... na ocasião da chuva não acontecer uma coisa dessas”. (linhas 162-163)</p>



Quadro 35 – Estruturas fraseológicas no inquérito D2-298 da cidade de Salvador

Estruturas fraseológicas	Frequência	Contexto de ocorrência
Do antigo	1	(1). “ <i>Inf. 2.</i> Era, hoje não, hoje acabou antigamente, nada <i>do antigo</i> , é um caixão, um verdadeiro caixão, quando é que se constrói o gabinete português, não é pedra, mas para se fazer esse trabalho fica muito bem né? Não teve que cortar o senado, o antigo senado pra passar a avenida, não há dúvida”. (linhas 184-186)
Há dezessete anos	1	(1). “ <i>Inf. 1.</i> Eu sou diplomada por essa escola <i>há dezessete anos</i> , depois fiz preparatório (inint) estudei Medicina, estudei no preparatório porque naquela época não havia facilidade de se fazer ginásio imediatamente e eu fiquei extremamente nervoso de como é que eu ia fazer dois anos de preparatórios, tinha que fazer dois em três anos, aí matriculei <i>em vinte e cinco</i> e saí <i>em trinta</i> com o meu diploma e estudei em ensino normal <i>até</i> (pigarreou) <i>vinte</i> e fiz Medicina <i>até trinta</i> ”. (linhas 1-5)
Em vinte e cinco	1	
Em trinta	1	
Até vinte	1	
Até trinta	1	
Em mil novecentos e dez	1	(1). “ <i>Inf. 2.</i> Em Dentista, me formei <i>em mil novecentos e dez</i> ”. (linha 19)
Naquele tempo	2	(1). “ <i>Inf. 2.</i> Em princípio os bondes de uma e de vistoria estreita vinham para o Tororó e etc., os bondinhos que mal viravam e as pessoas saíam e colocavam de volta no trilho, e era uma coisa engraçada os bondinhos, mas eu estou aí, trabalhando no comércio, muito satisfeito <i>naquele tempo, naquele tempo</i> que não tinha certa condução e certas coisas de... de hábitos caseiros que hoje tem, mas trabalhei cinco anos no comércio muito satisfeito, muito satisfeito”. (linhas 36-40)
De vinte e nove de abril de oitenta e oito	1	(1). “Faz cinco anos, eu sou <i>de vinte e nove de abril de oitenta e oito</i> , nasci na rua da Faisca”. (linha 10)
Até os dezenove anos	1	(1). “ <i>Inf. 2.</i> [...] se não fosse talvez minha mãe, eu não seria o que sou hoje, estou dizendo o que sinto porque conversando como se diz amigavelmente de onde eu venho, né, então fiquei empregado no comércio <i>até os dezenove anos, dezenove anos</i> um amigo disse, não fiz terceiro ano de ginásio porque não podia continuar, não havia capital pra isso, então não sei como arranjaram os cinqüenta mirréis para me matricular no primeiro ano, me matriculei e passei... passei no segundo também, passei que era cinqüenta mirréis a matrícula e em vez de seguir como dentista, comecei a negociar com os artigos de Dentista e fui muito bem e graças a Deus, estou aqui, muito satisfeito porque conheci o que precisa para ir a qualquer lugar, eu fiz UFBA e eu fui para Pituba e lá era mato, mato, não se via nada, tudo coberto, eu logo vou na Pituba estava veraneando numa casa de praia não havia de telha, só havia de palha com algumas casinhas, saltávamos no Rio Vermelho e hoje a Pituba é o que é... e assim por diante né, eu vim para qui aquele fundo do hospital só se via era mato, mato completamente, e isso tudo evolui de maneira assombrosa que eu mesmo nem sei onde vai parar isso <i>com a idade hoje oitenta e nove</i> , vendo tanta coisa, ah, quem que queria tá hoje aqui... aqui, nesse bairro de Nazaré como eu já conhecia <i>há muitos anos</i> ”. (linhas 40-53)
Dezenove anos	1	
Com a idade hoje oitenta e nove	1	
Há muitos anos	1	
Desde os sete anos	1	(1). “ <i>Inf. 2.</i> <i>Desde os sete anos</i> que eu viajo pra’qui porque meu bisavô era proprietário do Severino Filho e meu avô trazia, vamos na casa de vovô velho, vamos na casa de vovô velho e lá vinha eu muito satisfeito com meu avô que era (inint), então vinha passava aí alguns minutinhos e voltava mais uma vez para a comunidade de João Ferreira, onde morei <i>de três a treze</i> e vim pra’qui”. (linhas 53-56)
De três a treze	1	
Em mil e novecentos	2	(1). “ <i>Inf. 2.</i> Eu entrei pro ginásio <i>em mil e novecentos</i> e aí eu fui aluno do ginásio <i>em mil e novecentos</i> com o seu marido e os três, os três velhos P., O. e T. com os colegas, <i>depois de pequeno</i> no ginásio, não gostava muito de estudar e minha mãe não admitia absolutamente e ficava peralta, não admitia absolutamente graças a Deus, graças a Deus e ela me puxava assim venha pegar o livro, venha estudar, quem é que está na porta, olhando pro tempo e conversando coisas que não deve conversar com o companheiro porque o companheiro não... não tem raciocínio e com certeza bota você pro mal, vinha pra dentro, venha para dentro e eu tinha que vir pra dentro, o que hoje eu fico admirado, o que eu fico admirado”. (linhas 71-77)
Depois de pequeno	1	

Com nove anos	1	(1). “ <i>Inf. 1.</i> Seis, vi (inint) nascer <i>com nove anos</i> e o último nasceu <i>três meses antes</i> da morte de meu pai e logo ele faleceu traumatizado, ela fez aquilo que mãe faz com a... a gente e nós ficamos à mercê de parentes e amigos entre eles a família S. que ele falou, meu pai estava muito, então ele se enterrou, ela era moça <i>com trinta e três anos</i> , o que é pior é que essa situação não nos deu estabilidade aqui dentro, tivemos amigos que nos ajudaram porque ganhávamos um salário só do meu pai, meu pai era médico e ele prometeu ajudar assim, tivemos que fazer uma hipoteca de uma casa que nós tínhamos em Brotas que era da família de meu pai e minha mãe teve que dar a partilha, esse problema todo e ela então comprou uma outra casa no Tororó onde (inint) e aí... então ela e mais minha avó... três senhoras e mais um parente que tinha e vivíamos aquela vida de trabalho, eu <i>com dezessete anos</i> já era professora e meus irmãos também seguiram a trilha <i>com vinte e um anos</i> já era bacharel tudo isso pela bondade de mamãe, pelos cuidados dela e também pela insistência de doutor (inint) e ela então encucou os três mais velhos no ginásio e então vivemos aquela vida de trabalho de dedicação, dos alunos pra nós e de nós pra eles, agora <i>com o tempo</i> tudo isso tem uma razão de ser, que ela era realmente muito lúcida embora sem certa instrução, mas ela me colocou (inint) e meu pai foi professor do ginásio, mas ele era uma pessoa especial e aí ele viveu, cheia de tradição, ele era mais velho, mas nós precisávamos estudar e ela foi capaz de dar apesar do estado grave né? Depois de perda do parto, continuou aquela dedicação de verdade com todos os filhos e foi um dos preceitos dela”. (linhas 82-97)
Três meses antes	1	
Com trinta e três anos	1	
Com dezessete anos	1	
Com vinte e um anos	1	
Com o tempo	1	
Com dezenove anos	1	(1). “ <i>Inf. 2.</i> Trabalhava, trabalhava nos intervalos e eu perdi meu pai <i>com dezenove anos</i> . Portanto me formei <i>em dez</i> e eu perdi meu pai <i>em sete</i> e tinha que dá um jeito apesar de mamãe que me auxiliava muito na postura e etc., e eu também ia fazendo uma coisinha né? E pronto e fui... e fui vencendo... fui vencendo, não fui levando como hoje se diz aí não, vai levando, não... não tem nada de vai levando não”. (linhas 124-127)
Em dez	1	
Em sete	1	
É do seu tempo	2	(1). “ <i>Inf. 2.</i> Muito pouco, muito poucos meses eu fiquei no que era a prática de palácio, o antigo elevador, os bondes passando pelo lado de fora, <i>é do seu tempo?</i> Os bondes vinham de Nazaré e passava por fora do palácio daquelas casas todas da rua Chile, vinha e o viaduto, ele descia passava por trás e descia em frente ao elevador e o elevador tinha aqueles bancos na praça de pedra mármore muito bem iluminada à gás e tinha a descida e tinha a descida pra ladeira da misericórdia, aí que acabaram com a construção daqueles edifícios da biblioteca e as esquinas virou um gabinete, há pouco tempo que eu estava sentado esperando”. (linhas 129-134) (2). “ <i>Inf. 2.</i> Na época, na casa de meu tio J. P., reunia-se ali, ouvíamos músicas de Agnaldo Rayol, <i>é do seu tempo?</i> ” (linhas 520-521)
Há pouco tempo	1	(1). “ <i>Inf. 2.</i> Muito pouco, muito poucos meses eu fiquei no que era a prática de palácio, o antigo elevador, os bondes passando pelo lado de fora, <i>é do seu tempo?</i> Os bondes vinham de Nazaré e passava por fora do palácio daquelas casas todas da rua Chile, vinha e o viaduto, ele descia passava por trás e descia em frente ao elevador e o elevador tinha aqueles bancos na praça de pedra mármore muito bem iluminada à gás e tinha a descida e tinha a descida pra ladeira da misericórdia, aí que acabaram com a construção daqueles edifícios da biblioteca e as esquinas virou um gabinete, <i>há pouco tempo</i> que eu estava sentado esperando”. (linhas 129-134)
Não sou do tempo	1	(1). “ <i>Inf. 2.</i> Éééé e eu já tive qualquer coisa e hoje eu já tenho, e como diz a televisão vai levando, vai levando, eu <i>não sou do tempo</i> de vai levando nem a senhora que, eu vou dizer o que era São Pedro, por exemplo, uma bela igreja”. (linhas 143-145)
Em mil novecentos e doze	1	(1). “ <i>Inf. 1.</i> Foi num período de renuncia, (...) <i>em mil novecentos e doze</i> ”. (linhas 150-152)
No meu tempo	1	(1). “ <i>Inf. 2.</i> É e aí chegava um pouco a diante parava, tinha um elevador, coisa que ninguém, nenhuma pessoa, <i>no meu tempo</i> não tem, tinha um elevador aí parava o bonde... o bonde, mas não descia porque era bom, dali”. (linhas 224-225)
Outro dia	1	(1). “ <i>Inf. 2.</i> O de V. eu tenho um livrinho pequeno, mas não conta sobre o elevador, pois tinha o elevador e <i>outro dia</i> eu dizendo a um neto postigo A M. e a gente tinha o elevador, não podia ser e quantos vezes a gente gostava e queria ver assim um pedacinho de elevador, mas nunca, mas nunca e hoje tem aquele edifício de Ouro Preto, Ouro Branca e ali descia uma rampa, mas era uma rampa tão alta”. (linhas

		238-241)
Em mil novecentos e um	1	(1). “ <i>Inf. 2.</i> Quando vim pra esta casa que moro, <i>em mil novecentos e um</i> , era bonde de burro”. (linha 287)
A cada ano	1	(1). “ <i>Inf. 1.</i> Lá perto da Sé, o senhor não está falando da porta do Carmo lá tinha um também, lá na Igreja de São Domingo talvez porque ali era um encontro, esta ainda se faz <i>a cada ano</i> a posição do encontro com a (...) o encontro de Nossa Senhora com o Senhor dos Passos está ali na Igreja São Domingos”. (linhas 355-358)
É de meu tempo	3	(1). “ <i>Inf. 2.</i> [...] o fantoche <i>é de meu tempo</i> , fantoche <i>é de meu tempo</i> , na esquina da rua da força aí no primeira andar, eu lembro e depois mudou-se para o palácio de Costa Santa na Vitória, <i>é de meu tempo</i> , mas o jogo foi se acabando e os sócios foram se acabando e hoje não sei se vale a pena, não sei se vale a pena”. (linhas 411-414)
Há vinte anos Desde sete, oito anos	1 1	(1). “ <i>Inf. 1.</i> Hoje mesmo eu vi um programa naquele de M. T. programa de um rapaz que diz que toca piano <i>desde sete, oito anos</i> e que é concertista, mas <i>há vinte anos</i> que ele toca violão, o problema é só um é que nem todos sabem dar preço a música, mas naquela época era mais fácil, porque as famílias mesmo reuniam-se para... para o pequeno sarau, mas reuniam-se também para fazer uma uma... como é que se diz uma declamação a música e as luizinhas que faziam o entusiasmo da época... não faziam o entusiasmo da época?”. (linhas 513-517)
Naquela época	2	(1). “ <i>Inf. 1.</i> Eu sou diplomada por essa escola há dezessete anos, depois fiz preparatório (inint) estudei Medicina, estudei no preparatório porque <i>naquela época</i> não havia facilidade de se fazer ginásio imediatamente e eu fiquei extremamente nervoso de como é que eu ia fazer dois anos de preparatórios, tinha que fazer dois em três anos, aí matriculei em vinte e cinco e saí em trinta com o meu diploma e estudei em ensino normal até (pigarreou) vinte e fiz Medicina até trinta”. (linhas 1-5) (2). “ <i>Inf. 1.</i> Hoje mesmo eu vi um programa naquele de M. T. programa de um rapaz que diz que toca piano desde sete, oito anos mas que agora é concertista, mas há 20 anos que ele toca violão, o problema é só um é que nem todos sabem dar preço a música, mas <i>naquela época</i> era mais fácil, porque as famílias mesmo reuniam-se para... para o pequeno sarau, mas reuniam-se também para fazer uma... uma como é que se diz uma declamação a música e as luizinhas que faziam o entusiasmo da época... não faziam o entusiasmo da época?”. (linhas 513-517)
Da época	2	(1). “ <i>Inf. 1.</i> Hoje mesmo eu vi um programa naquele de M. T. programa de um rapaz que diz que toca piano desde sete, oito anos mas e que é concertista, mas há vinte anos que ele toca violão, o problema é só um é que nem todos sabem dar preço a música, mas naquela época era mais fácil, porque as famílias mesmo reuniam-se para... para o pequeno sarau, mas reuniam-se também para fazer uma... uma como é que se diz uma declamação a música e as luizinhas que faziam o entusiasmo <i>da época...</i> , não faziam o entusiasmo <i>da época?</i> ”. (linhas 513-517)
Na época	2	(1). “ <i>Inf. 2. Na época</i> , na casa de meu tio J. P., reunia-se ali, ouvíamos músicas de Agnaldo Rayol”. (linhas 520-521) (2). “[...] minha mãe que era doutora aqui, <i>na época</i> , eles não tinham empregada, nós arranjávamos pra preparar refeição e mandar pra eles (risos) não é assim?”. (linhas 664-666)
Em mil novecentos e sessenta	1	(1). “ <i>Inf. 2.</i> Dizia meu avô que o mar batia na Conceição da Praia, isso lá <i>em mil novecentos e sessenta</i> , eu já alcancei aquela rua muito estreita onde tinha o correio”. (linhas 584-585)
No ano de trinta e um até quase trinta e quatro	1	(1). “ <i>Inf. 1.</i> Isso eu po... isso eu posso falar, porque propriamente eu nunca fui professora lá assim, fui assistente, o que hoje vocês chamam de professor auxiliar, eu trabalhei com A S. C. <i>no ano de trinta e um até quase trinta e quatro</i> , depois trabalhei <i>em mil novecentos e cinqüenta</i> , eu passei um período grande trabalhando como médica do estado, e também fui professora um ano do Ginásio e fui sete anos professora aqui da escola normal, agora a partir propriamente de Medicina, eu fiz na cadeira de A S. T., <i>em trinta e quatro</i> , depois trabalhei com O, meu marido, até quando ele se aposentou, depois com F., J. F., depois continuei com M. N. de quem eu fui assistente até a morte dele, depois eu me aposentei já com, como professora auxiliar daquele rapaz J. D., e a parte de ensino propriamente, a parte de hospital eu trabalhei uma boa parte aí no Santa Izabel, naquela parte de clínica, aí eu passei a
Em mil novecentos e cinquenta	1	
Em trinta e quatro	1	

		trabalhar diretamente na Faculdade, é uma atividade que nós médicos apreciamos a parte de patologia, mas como assistente eu cresci também como assistente de higiene, quando houve aí um precal que não vale a pena referir, havia alguém que queria o lugar pra mulher então eu tive que deixar e me aposentar pra poder dar o lugar a pessoa”. (linhas 639-650)
Em sessenta e oito	1	(1). “ <i>Inf. 1.</i> Estou com meus documentos em Brasília sem resolver minha aposentadoria, porque eu me aposentei <i>em sessenta e oito</i> , eu me aposentei por idade 65 anos, mas agora eu preciso provar porque a faculdade vai criar uma verba porque nós estamos recebendo muito pelo médico, então eles querem que nós voltemos a faculdade pra resolver a situação, não é assim?”. (linhas 654-657)
Em mil novecentos e um, quatro de maio	1	(1). “ <i>Inf. 2.</i> O, o, o, porque da cidade eu não quero nem lembrar, quando eu vim para aí eu <i>em mil novecentos e um, quatro de maio</i> , trás do muro das freiras, que era estreitíssimo mal passava, passava as duas linhas de bonde, bonde porém tão junto ao muro que não podia parar nem nada, tinha que ir correndo, daí melhorou com o governo Seabra, foi que então recuou o muro e passou o muro das freiras, por trás do muro das freiras pra entrar essa rua larga a avenida Joana Angélica”. (linhas 26-30)

Quadro 36 – Estruturas fraseológicas no inquérito D2-346 da cidade de Salvador

Estruturas fraseológicas	Frequência	Contexto de ocorrência
Naquela época	2	(1). “ <i>Inf. 2.</i> É tirar é uma coisa, pra quem viveu uma época mais atrasada não pode aceitar como é hoje, eu hoje monto uma clínica e vou funcionar como uma empresa comercial porque eu emprego capital e tenho que buscar capital, então uma empresa, aquilo me choca, eu não acho que é errado não, apenas me desencanta. <i>Inf. 1.</i> Não tinha a beleza que a Medicina tinha <i>naquela época</i> ”. (linhas 245-248) (2). “ <i>Inf. 1.</i> Fomos levar uma molera de uma baleia lá em Itapagipe, fomos levar a molera que <i>naquela época</i> se tirava o óleo, não sei o que tal, então nós fomos, inclusive meu pai foi também, estava com um motorzinho. F., conhece F.? É o que foi meu vizinho lá no Uruguai”. (linhas 617-619)
Hoje em dia	3	(1). “ <i>Inf. 2.</i> Eu acho que deve ter sido ou deve ser a... o... desmatamento total da cidade porque todas as casas de Salvador tinham os quintais, todas as casas tinham árvores, nós vamos ver, por exemplo, essa zona daqui quando tinha o bonde na linha de baixo e na linha de cima era necessário que a companhia vinha regular mandasse podar porque ficava os galhos penetrando os bondes, <i>hoje em dia</i> não, <i>hoje em dia</i> estão construindo e antes de construir vêm os tratores e arrasam a cidade, nós temos mesmo um aqui, a recém-construída e a nova Garibaldi, agora estão plantando algumas árvores, o resultado de tudo isso é este calor, no inverno que nós estamos, tá um calor tremendo na cidade de Salvador”. (linhas 30-36) (2). “ <i>Inf. 2.</i> Em pleno cais aqui de Salvador, eu assisti e muitas vezes eu ficava de junto, eu fui pescar e fui pescar em quantidade em pleno cais eu tomava a barca pra atravessar o quebra-mar e pescava ali em quantidade, <i>hoje em dia</i> você não vê mais ninguém pescar por ali não, raríssimas pessoas porque não há condições, não têm mesmo”. (linhas 533-535)
Até hoje	2	(1). “ <i>Inf. 2.</i> A chuva na Pituba inunda tudo, ali na Manoel Dias é um problema sério e <i>até hoje</i> não resolveu, qualquer goteirinha ali inunda tudo, agora lá na zona não tem, lá não tem esse problema não, não tem”. (linhas 179-180) (2). “ <i>Inf. 1.</i> Mas comecei a plantar com dez mil cruzeiros (risos), mais de dez mil cruzeiros e eu desisti, e depois eu fui ficando mais preguiçoso, no começo eu acordava cedinho, entusiasmado com a mangueira em punho, a mulher gostava muito, a mulher gosta <i>até hoje</i> , lá em casa é planta na varanda, quando eu era menino, na casa de meu pai, sempre teve muita planta e agora em apartamento ninguém mais, agora a moda é todo mundo ter planta, lá em casa é uma epidemia agora, mas lá na casa nós tínhamos saputizeiro, tinha fruta-pão, lá tinha um fruta-pão enorme, mas um dia cheguei lá fiquei resfriado não fui trabalhar, aí chegavam lá tem fruta-pão? Minha filha velhinha arranhou uma preguicinha, era gente lá atrás do fruta-pão e ela ganhando dinheiro eu mandei cortar uma e deixei só a outra que o pessoal pediu para ficar pra acabar com o negócio lá, toda hora chegava alguém lá

		pra comprar fruta-pão (risos)”. (linhas 410-418)
Já faz um bocado de tempo mesmo Em época que	1  1	(1). “ <i>Inf. 1.</i> Não, eu acho o seguinte, Salvador... Salvador que eu conheci, <i>já faz um bocado de tempo mesmo</i> , era completamente diferente, todo dia eu comento o fato que lá na Pituba, a coisa que mais me impressionava e eu conheço alguns países, alguns estados, o Brasil, eu conheço quase todo, era o horizonte, era o que mais me chamava atenção, a beleza, era um traço certo no horizonte, hoje eu vejo lá na Pituba dez horas do dia, você não vê o horizonte, não vê horizonte, por outro lado, nós estamos vivendo chuva em... <i>em época que</i> não chovia de maneira nenhuma até as cores”. (linhas 20-25)
Quando tinha o bonde na linha de baixo e na linha de cima	1	(1). “ <i>Inf. 2.</i> Eu acho que deve ter sido ou deve ser a... o desmatamento total da cidade porque todas as casas de Salvador tinham os quintais, todas as casas tinham árvores, nós vamos ver, por exemplo, essa zona daqui <i>quando tinha o bonde na linha de baixo e na linha de cima</i> era necessário que a companhia vinha regular, mandasse podar porque ficava os galhos penetrando os bondes, hoje em dia não, hoje em dia estão construindo e antes de construir vêm os tratores e arrasam a cidade, nós temos mesmo um aqui, a recém-construída e a nova Garibaldi, agora estão plantando algumas árvores, o resultado de tudo isso é este calor, no inverno que nós estamos, tá um calor tremendo na cidade de Salvador”. (linhas 30-36)
Até agora	1	(1). “ <i>Inf. 1.</i> Para mim, eu não tem hora, da mesma maneira que eu trabalho durante o dia, eu trabalho durante a noite, eu vou com a mesma disposição para o serviço normalmente, eu sou um indivíduo que dificilmente durmo, eu cochilo muito se eu estiver assistindo a televisão assim, daquiapouco eu tô dormindo, se acordei não durmo mais. Eu vou logo cedo, vou trabalhar, vou lá pra secretaria fico até tarde, não tô sentindo a hora, venho em casa, tomo um banho, às vezes uma, duas horas da manhã, daquiapouco já estou novamente me preparando pra sair porque tem que acordar uma das filhas R. M. pra sair umas seis, seis e pouco, então depois tem que pegar a outra que tem que estar às sete horas na aula e até essa hora estou disposto normalmente <i>até agora</i> não senti ainda apesar de estar com sessenta e dois anos”. (linhas 226-233)
Quando era mais novo	1	(1). “ <i>Inf. 2.</i> Eu pra falar a verdade, eu acho que trabalhar é ótimo se a gente não tem o que fazer (risos), eu acho uma delícia não ter o que fazer, mas se a gente tem o que fazer, não vejo nenhuma vantagem, já gostei de trabalhar (risos), <i>quando era mais novo</i> e tal, eu trabalhei, eu tinha entusiasmo com minha profissão, eu jogava, eu sentia prazer de fazer, mas hoje eu já não tenho... honestamente é o que eu posso falar”. (linhas 234-237)
Uma época mais atrasada	1	(1). “ <i>Inf. 2.</i> É tirar é uma coisa, pra quem viveu <i>uma época mais atrasada</i> não pode aceitar como é hoje, eu hoje monto uma clínica e vou funcionar como uma empresa comercial porque eu emprego capital e tenho que buscar capital, então uma empresa, aquilo me choca, eu não acho que é errado não... apenas me desencanta”. (linhas 245-247)
Quando eu era menino	1	(1). “ <i>Inf. 1.</i> Mas comecei a plantar com dez mil cruzeiros (risos), mais de dez mil cruzeiros e eu desisti, e depois eu fui ficando mais preguiçoso, no começo eu acordava cedinho, entusiasmado com a mangueira em punho, a mulher gostava muito, a mulher gosta até hoje, lá em casa é planta na varanda, <i>quando eu era menino</i> , na casa de meu pai, sempre teve muita planta e agora em apartamento ninguém mais, agora a moda é todo mundo ter planta, lá em casa é uma epidemia agora, mas lá na casa nós tínhamos sapatizeiro, tinha fruta-pão, lá tinha um fruta-pão enorme, mas um dia cheguei lá fiquei resfriado não fui trabalhar, aí chegavam lá tem fruta-pão? Minha filha velhinha arranhou uma preguicinha, era gente lá atrás do fruta-pão e ela ganhando dinheiro, eu mandei cortar uma e deixei só a outra que o pessoal pediu para ficar pra acabar com o negócio lá, toda hora chegava alguém lá pra comprar fruta-pão (risos)”. (linhas 410-418)
Quando era garoto	1	(1). “ <i>Inf. 1.</i> Monte Chapéu, eu tinha uma vontade de conhecer Monte Chapéu porque falava Alto Sertão, e eu conheci o Sertão <i>quando era garoto</i> , tinha treze anos, eu conheci Criciúma, Monte Santo e tal, mas agora eu ouvia falar em Monte Chapéu e a coisa era formidável era Alto Sertão com frio e tal, e eu gosto de frio, de agasalho”. (linhas 442-445)



Quadro 37 – Estruturas fraseológicas no inquérito D2-354 da cidade de Salvador

Estruturas fraseológicas	Frequência	Contexto de ocorrência
Naquele tempo	13	<p>(1). “<i>Inf. 2.</i> Nasci em mil novecentos e vinte e dois, onde minha mãe nasceu né? Minha nasceu em Brejundes <i>naquele tempo</i> era distrito de Amargosa né? Hoje... é cidade, meu pai nasceu aqui em Salvador”. (linhas 9-10)</p> <p>(2). “<i>Inf. 2.</i> Fui alfabetizada lá, mas fiz o curso primário completo aqui em Salvador numa escola particular e o último ano também porque <i>naquele tempo</i> tinha o quarto ano primário e eu fiz no Notoresio e o curso fundamental nos Perdões, nos Perdões, depois fiz o curso normal aqui, na escola normal, aqui, terminei o curso em quarenta né... curso pedagógico <i>naquele tempo</i> era normal né? Normal”. (linhas 17-20)</p> <p>(3). “<i>Inf. 2.</i> É <i>naquele tempo</i>, era muito exigente... <i>Inf. 1.</i> Era muita exigência e <i>naquele tempo</i>, a tal da idade, quer dizer, a da escola, todo mundo sabia a pobre da velha, Dona B. e ela era conhecida assim, pobre da velha, pobre da velha, então a velha muito exigente e gostava de todas as supervisoras e então ela dizia apanhe, ali, em tal clínica isso assim, então eu fui depressa”. (linhas 134-138)</p> <p>(4). “<i>Inf. 2.</i> E <i>naquele tempo</i>, os namoros, era um namoros simples, ficava ali mesmo não era?” (linha 442)</p> <p>(5). “<i>Inf. 2.</i> [...] eu mesmo, eu saía vendendo, <i>naquele tempo</i> era... pão de mel”. (linha 454)</p> <p>(6). “<i>Inf. 2.</i> [...] <i>naquele tempo</i> nós não tínhamos medo de chegar tarde em casa, também <i>naquele tempo</i> nós não chegávamos tarde em casa, nós saíamos de noite né? E tinha muito o intensivo, era muito puxado”. (linhas 481-483)</p> <p>(7). “<i>Inf. 1.</i> Era porque <i>naquele tempo</i>, a escola não seguia o currículo universitário, né? Nós só tínhamos quinze dias de férias no final do ano e uma semana em julho, não tinha feriado, não, carnaval”. (linhas 487-488)</p> <p>(8). “<i>Inf. 1.</i> Teatro, então eu ensinava a eles, coitado, já estava tudo preparado, eu não vou frustrá-lo, mas <i>naquele tempo</i> não existia a palavra frustrar não, eu não vou decepcioná-lo não, aí fiquei, passei de março, abril, maio, junho, julho e não morri (risos)”. (linhas 583-585)</p> <p>(9). “<i>Inf. 1.</i> Eu estou há vinte anos na Petrobrás... <i>Inf. 2.</i> É o mesmo tempo que eu tenho na Legião... <i>Inf. 1.</i> Legião? <i>Inf. 2.</i> É <i>naquele tempo</i>... <i>Inf. 1.</i> Grande diferença daqueles tempos pra agora, <i>naquele tempo</i> disseram que era pra dar para donas de casa... <i>Inf. 2.</i> Ah, é, ainda é o bairro de Canela, era para fazer a Saúde Pública, os estágios né?” (linhas 622-628)</p>
Hoje em dia	1	(1). “ <i>Inf. 2.</i> Não mais e <i>hoje em dia</i> poucas pessoas não têm Instituto né? As domésticas todas têm, a gente não tem, às vezes também o pai paga o Instituto, mas não tem o cartão, não tem o cartão do Instituto”. (linhas 766-767)
Em quarenta	1	(1). “ <i>Inf. 2.</i> Fui alfabetizada lá, mas fiz o curso primário completo aqui em Salvador numa escola particular e o último ano também porque <i>naquele tempo</i> tinha o quarto ano primário e eu fiz no Notoresio e o curso fundamental nos Perdões, nos Perdões, depois fiz o curso normal aqui, na escola normal, aqui, terminei o curso <i>em quarenta</i> né... curso pedagógico <i>naquele tempo</i> era normal né? Normal”. (linhas 17-20)
Os nossos tempos	1	(1). “ <i>Inf. 2.</i> O que estou achando da cidade hoje, comparando com <i>os nossos tempos</i> (risos) quais as dificuldades que nós tínhamos [...]”. (linhas 36-37)
Até hoje	7	<p>(1). “<i>Inf. 1.</i> Eu aqui só tenho nelvralgia, como essa noite eu tive pela manhã é horrível e eu vou pra cama, uma vez eu tive quase pneumonia, minha irmã que me tratou, me levou pra casa dela, recém-casada e eu sou gratíssima <i>até hoje</i>”. (linhas 50-52)</p> <p>(2). “<i>Inf. 1.</i> Você gostaria de voltar a morar ali? É uma morada pequena muito adequada, a minha professora quando eu fui pra escola na hora de se despedir <i>até hoje</i> parece que eu estou sentindo, eu tinha seis anos, como eu sofri, depois veio a outra mais velha, H., tava até freqüentando a mesma escola, eu tomei até uma surra, uma vez, porque ela era muito alta, gorda e eu magrinha, na espinha, então ela era</p>

		<p>umas das pessoas fortes e aí falaram mas você é irmã de H. é? Você é magrinha, ela é gorda, corada, e tal e eu achava muito bonito dizer parte de pai, parte de mãe, irmã, e eu dizia porque eu sou irmã dela por parte de pai, aí ela disse ah, é, então por isso que você é diferente, ela ouviu e disse em casa minha mãe H. está espalhando na escola que eu sou irmã dela por parte de pai, minha mãe menina, o quê? Mas como você está né? Que promessa, uma grande mentirosa, e o que é isso, aí eu tomei uma surra, nunca mais eu falei na escola”. (linhas 117-126)</p> <p>(3). “<i>Inf. 1. É e até hoje</i>, eu tenho colegas que chamam ela de mãe, mãe porque ela é maternal mesmo, eu ia pra casa dela e lá nós estudávamos no quintal, mas o curso é muito puxado, muito puxado, não era o curso intensivo?”</p> <p><i>Inf. 2. Mas, a nossa turma era muito unida, até hoje</i>”. (linhas 295-298)</p> <p>(4). “<i>Inf. 2. Ah, O. é inesquecível da turma até hoje</i>”. (linha 338)</p> <p>(5). “<i>Inf. 1. Ah, sim, só foi, ele disse olhe volte aqui pra me dá notícias, viu, volte aqui pra me dá, aí eu paguei o dinheiro que minha prima me emprestou, G., aí eu voltei fiquei na sala de espera, todo mundo entrando e eu disse ih meu Deus, eu não posso entrar aí, tem que pagar nova consulta e dessa vez ela não me arranjou, G., minha prima, aí eu escrevi sono o sinal mais, memória o sinal menos, desejo uma medicação para inverter os termos, não tenho médico ainda, porque a minha situação financeira não permite, aí a moça disse, a senhora aguarda, aí ele foi lá e depois quando ela vem, ele mandou dizer que senhora entrasse, eu disse a senhora entregou o bilhete a ele? Aí ela disse entreguei, mas ele disse que a senhora fosse lá, quando eu entrei ele estava se acabando de rir com um jornal, rindo, aí eu sentei aqui e tal, e ele disse olhe eu vou prescrever outra medicação, então abriu a gaveta, aí eu fiquei tão assustada porque eu não paguei a consulta, ele abriu a gaveta pra me dar amostra, aí eu disse não, não precisa não, eu compro, aí ele disse ôh e o bilhete, eu digo ah sim, mas foi muito boa aquela, tá é o que mais, quer dizer, foi o que mais marcou todo mundo até a granfinas, as granfinas não que elas não admitiam, ela não admitia o seguinte ser chamada de granfina né? Ela dizia olhe, O., nós não somos granfina, porque o nível social muito mais elevado né? E até hoje elas dizem todas, né?” (linhas 346-361).</i></p> <p>(6). “<i>Inf. 1. A operação num sabe... e eu disse minha Nossa Senhora, vamos gente, vamos cantar, depois do almoço, soltei dez minutos antes, depois do almoço E., E você passe lá em casa pra eu ir na casa de um médico amigo meu, você me procure que eu soluciono esse problema, ele tá certo... tá certo, menina aí eu cheguei em casa aí a mulher do médico, dona N. disse O..., hoje tem o que você adora, eu disse ‘o que é?’ ‘Galinha de molho pardo’, ‘ah, que beleza’, ela disse ‘tá doente?’ Aí eu disse ‘mais ou menos’... a aritmética do menino, e eu disse ‘meu Deus’, o professor... estou desmoralizada, eu só pensava nisso e eu mais ou menos, não estou muito bem não, quer dizer, o medo, e ela, ‘o que é?’ ‘O que é?’ O medo que você fosse no Marista, ‘me ajude’, ‘o que O.?’ ‘Me fale de Medicina, minha amiga, hoje eu só sei Medicina, nada de Matemática e Matemática’, eu digo ‘meu Deus’, estava São Gerônimo e a sogra dele, a mãe da dona da casa, aí tinha um São Gerônimo, assim sentada... até hoje eu rezo sempre a ele, porque ele fez um milagre, eu considero, porque o aperto que eu estava, eu considero, eu queria morrer... queria morrer, menina, e ele tava assim, o Leão junto... o Leão e ele aqui com o livro aí eu disse ah! Meu São Gerônimo, ajoelhada, meu São Gerônimo, me socorra, eu vou ficar desmoralizada, num centro de responsabilidade... eu vou ficar desmoralizada... eu tenho que ir embora, meu Deus, meu São Gerônimo, eu me sentei, não fui almoçar, menina, e está todo mundo reunido, depois, quando eu tiver fome eu lhe digo, todo mundo almoçando e eu paim paim, meu São Gerônimo, minha filha, eu cheguei a conclusão porque tinha resultado, mas a... a... engrenagem, a solução para chegar a aquela conclusão sabe? Eu não me lembrava, trajano como se fosse o pai do curso superior, já pensou? Menina quando eu a... o... vi, eu vou esperá-lo, contei a ela, ela viu a recusa do marido, o fora, aí eu na janela, quando lá vem ele e um grupo de cinco, um time, seis e ele com a bola, e eu disse Enaldo venha cá desde o hoje que eu lhe espero menino, ele disse o que é? Eu disse o seu livro, menino, e o problema? Aí ele disse, ah, dona O., eu vou cuidar da minha bola (risos), oh, meu Deus” (linhas 888-912)</i></p>
Este ano	1	(1). (Sobre roupa de frio)
Na época	2	“ <i>Inf. 1. É este ano</i> é que eu estou usando aqui, mas eu cheguei lá super-neném pra



		adquirir, pra trazer pra qui pra guardar... <i>Inf. 2.</i> Foi de avião? <i>Inf. 1.</i> Não, <i>na época</i> , eu fui de ônibus... <i>Inf. 2.</i> Foi? <i>Inf. 1.</i> Foi, foi até <i>na época</i> pela empresa eu até gostei... <i>Inf. 2.</i> Uma viagem boa? <i>Inf. 1.</i> Boa, hein?" (linhas 69-76)
Há um tempo atrás	1	(1). " <i>Inf. 1. Há um tempo atrás</i> me chamaram pra um <i>show</i> de Psiri (inint) e eu falei só se for à tarde porque à noite eu não saio". (linhas 95-96)
Há vinte e seis anos passados, vinte e cinco ou mais vinte e nove	1	(1). " <i>Inf. 1.</i> E ele, sim, me convidou pra ser madrinha, seria no dia seguinte e eu não teria tempo porque o estágio era até tarde e eu não teria tempo de ir ao salão, então eu fiz a unha e ia com um cuidado assim (o informante demonstra como fazia para ter cuidado), mas ela percebeu, quando eu peguei na pinça, ela disse, dona O., aí eu disse que é, unhas anti-profissionais, eu disse ah, mas porque amanhã é a formatura do C., era C., mas eu chamada C., é a formatura do C., dona I., e eu não vou ter tempo de ir ao salão e é cedo a missa, e ela disse não senhora, faz favor de tirar, imagine o dinheiro todo que eu tinha (risos), hoje não né? O salário melhorou muito, mas eu era professora primária, uma babá de europita mil réis, e isso <i>há vinte e seis anos passados, vinte e cinco ou mais vinte e nove [...]</i> ". (linhas 148-156)
Em trinta e oito	1	(1). " <i>Inf. 1.</i> Onde estava a... <i>Inf. 2.</i> A família dele?
Em quarenta e sete	1	<i>Inf. 1.</i> A família dele, esposa, mãe, filha e etc., mas ele achou e decaptou as três que ou não sei se foi isso, porque isso foi <i>em trinta e oito</i> viu? <i>Em quarenta e sete...</i>
Em quarenta e oito	2	<i>Inf. 2. Em quarenta e oito...</i>
Dez anos depois	1	<i>Inf. 1. Em quarenta e oito, dez anos depois</i> eu tive aquela reação, quando eu vi a cabeça do velho eu acho que eu associei porque eu não me lembro, estava no subconsciente, porque eu não me lembro, eu sei que foi assim, uma coisa assim, uma reação que eu tive, e as colegas M. D., O. você conhecia ele, eu digo não". (linhas 239-246)
Há vinte e cinco anos	1	(1). " <i>Inf. 2.</i> É a única turma que se reúne né? É a nossa... <i>Inf. 1.</i> <i>Há vinte e cinco anos</i> né? E nos reunimos, todo nove de dezembro... <i>Inf. 2.</i> Todos os anos né? <i>Inf. 1.</i> Agora <i>esse ano</i> eu não vou mais não, porque eu vou tá lá de cacete na mão, precisa acabar com isso Z.". (linhas 301-304)
Esse ano	1	
Há muito tempo	1	(1). " <i>Inf. 1.</i> Pois é, conte agora as suas Z., me lembre, vamos relembrar <i>há muito tempo</i> que nós não nos encontramos, mas graças a Deus você foi tão feliz com seus filhos, suas jóias, é como a mãe dos G., eu não posso me esquecer disso da história universal e uma... uma pote errada mostrando as jóias e a lua olhando e admirando e ela disse e você não tem jóias e ela tá com dois, ela disse eis as minha jóias e foram os G. né? Como se diz que fizeram muito pelo mundo, que são os G. né? Então você também Deus lhe deu duas jóias, alunos que receberam medalhas, você sempre teve muito equilíbrio, quando eu dizia, oh, Z. eu não tolero Psicologia, você dizia 'ah, O. eu gosto', eu gosto mais de coisas concretas assim que eu pegue, 'ah mas O. é tão bonito o estudo da alma'". (linhas 312-319)
Quando nós nos reunimos	1	(1). " <i>Inf. 1. Quando nós nos reunimos</i> , foi o melhor tempo, foi a melhor época, quer dizer, todas muito bem casadas, realizadas, com os filhos normais, algumas já com netos, mas todas dizem foi a melhor época da minha vida, T., M. D., os passeios né?". (linhas 363-365)
De cinquenta e dois	1	(1). " <i>Inf. 2.</i> Não, mas era uma turma muito animada, muito alegre, muito conhecida, na escola, já sabia da turma <i>de cinquenta e dois</i> ". (linhas 379-380)
Em trinta e três	1	(1). " <i>Inf. 1.</i> Em Bebedourro? Olhe eu passei, eu fui em março viu? E em outubro os cangaceiros entraram lá, não eu fui em março, e eu me formei em, tão longe menina, essas coisas do século passado, eu não consigo me lembrar, per' aí, eu me formei <i>em trinta e três...</i> <i>em trinta e quatro</i> foi a minha primeira investidura não sabe? Por isso que nas festas quando me chamavam pra dançar eu dizia não sei mais, a última vez que dancei foi com D. Pedro II (risos), sim, minha primeira investidura foi <i>em trinta e quatro</i> ". (linhas 547-551)
Em trinta e quatro	2	
Em trinta e oito	2	(1). " <i>Inf. 1.</i> [...] acabasse de morrer fora do ambiente dela pra eu beber aquela água, usava dois dedos, então aí eu bebia o que tava por cima e aí eu pensei eu vou

Em março de sessenta e oito No princípio de novembro	1 1	morrer... eu vou morrer e eu quero ir pra lá, apaixonada... apaixonada um grande amor da minha vida (risos) que eu tinha, não (inint), sim... aí ele me deixou ensinando na sede e aí eu tava muito bem ensinando com a minha irmã e tudo, mas a segunda vez que eu fui <i>em trinta e oito</i> eu tive que ir pra lá, tava tinha mais progresso e tudo foi quando os cangaceiros entraram para lá, foi <i>em trinta e oito</i> , foi quando Lampião morreu... morreu em julho, quer dizer passamos março e abril lá, depois mandaram me buscar, o prefeito mandou me buscar, e eu fui embora por causa da a travessia, catorze léguas atravessa o rio Cláudia Barris catorze vezes e são catorze léguas, as catorze vezes, cada légua uma virada do rio, aí eu ia a cavalo assim, aí eu saía da cela e o que ia me levando dizia, mas a senhora parece uma cigana, e eu leve, leve, viajando à cavalo, botava pra estipar, vai, sim, e depois eu passei , fui <i>em março de sessenta e oito</i> ... fui em março e fiquei até outubro, novembro, porque o prefeito, eles entraram em outubro... os cangaceiros e em novembro o prefeito mandou me buscar, <i>no princípio de novembro</i> , aí eu disse não eu vou até o dia 15 porque eu preparei trabalhos pra exposição e dramas, a gente preparava dramas pra exposição que a gente fazia não era Z. antigamente?" (linhas 566-581)
Há vinte anos	1	(1). " <i>Inf. 1. Eu estou há vinte anos na Petrobrás...</i> <i>Inf. 2. É o mesmo tempo que eu tenho na Legião</i> ". (linhas 622-623)
Daqueles tempos	1	(1). " <i>Inf. 1. Eu estou há vinte anos na Petrobrás...</i> <i>Inf. 2. É o mesmo tempo que eu tenho na Legião...</i> <i>Inf. 1. Legião?</i> <i>Inf. 2. É naquele tempo...</i> <i>Inf. 1. Grande diferença daqueles tempos pra agora, naquele tempo disseram que era pra dar para donas de casa...</i> <i>Inf. 2. Ah, é, ainda é o bairro de Canela, era para fazer a Saúde Pública, os estágios né?</i> " (linhas 622-628)
De uns tempos pra cá Até uns três anos atrás	1 1	(1). " <i>Inf. 2. Bem, venho atendendo assim, agora, de uns tempos pra cá é que está nessa faixa de plano de idade e pediatria, mas até uns três anos atrás era somente de recuperação e reidratação, e a gente se sentia assim, mas não era, rotina não, rotina a qualquer casa que chega e não volta</i> ". (linhas 748-750)
Até ano passado	1	(1). " <i>Inf. 2. É aí eu... aí na Paróquia São Cosme né? Até ano passado eu dei umas aulas do que foi possível de enfermagem e pretendo me aposentar ainda e continuar a fazer o que eu gosto</i> ". (linhas 801-802)
Daqui a mais uns dois ou três anos	1	(1). " <i>Inf. 2. É quer dizer, a aposentadoria já estou requerendo, eu acho que daqui a mais uns dois ou três anos, porque já tive outros tempos</i> ". (linhas 809-810)
De novembro pra cá	2	(1). " <i>Inf. 2. Eu sempre tive essa conjuntivite, agora... de novembro pra cá... eu piorei de novembro pra cá, agora eu não sei se sou alérgica né? Agora alergia a quê?</i> ". (linhas 819-820)

Quadro 38 – Estruturas fraseológicas no inquérito D2-357 da cidade de Salvador

Estruturas fraseológicas	Frequência	Contexto de ocorrência
Até hoje	1	(1). “ <i>Inf. 2.</i> Eu, como inicialmente tive a oportunidade de registrar, passei dois anos em Irará, depois fui para Amargosa e de Amargosa, vim para Salvador <i>até hoje</i> . Mas Irará, local para onde ainda não pude me transportar, matando as saudades ou a curiosidade, me deixou, aos dois para quatro anos, com registros muito profundos. Eu tenho em mente... (superp)”. (linhas 22-26)
Hoje em dia	1	(1). “ <i>Inf. 1. Hum...</i> Eu encaro a vida social muito... eu acho que é meio diferente, sabe, do que eu tinha quando era mais jovem, pelo seguinte: eu achava q... a vida social, antigamente, muito mais entrosamento entre as famílias, entre os amigos... a... na... no... quando nós era... eu era muito mais jovem, nós tínhamos a oportunidade de passar a tarde com fulana, a tarde com sicrana. <i>Hoje em dia</i> , não, o relacionamento é muito ocasional”. (linhas 347-351)
De hoje	1	(1). “ <i>Inf. 1. N.,</i> eu todo dia falo e digo, eu estou achando uma diferença enorme, da nossa juventude pra <i>de hoje</i> , eu digo pra... di... a diferença que há entre duas filhas que eu tive e que são as duas mais velhas e que, sendo a segunda, faz diferença pra terceira de oito anos e meio, então, eu já acho uma diferença fantástica”. (linhas 145-148)
Na nossa época	2	(1). “ <i>Inf. 2. [...]</i> de qualquer sorte, há uma afirmativa teológica que vale a pena se repetir: ‘a família que reza unida, vive unida’. Então, quando os pais procuram se unir aos filhos, existe relativamente a união; é certo que os perigos estão aí a todo instante, sobretudo, quando estamos sentindo hoje um problema que é o mais asfíxiante de todos, que é o problema tóxico. Este não existia <i>na nossa época</i> ... (superp) <i>Inf. 1. Na nossa época, (superp) exato, exato</i> ”. (linhas 209-215)
No meu tempo	1	(1). “ <i>Inf. 1. Exato.</i> Agora, o que eu acho, o que eu sinto nesses jovens hoje é que eles são mais autênticos, eles sabem realmente aquilo, pelo... pelo menos me dão a impressão de que eles sabem que é aquilo que eles querem realmente. Antigamente, <i>no meu tempo</i> , eu podia querer muitas coisas, e não tinha nem coragem às vezes nem... (superp)”. (linhas 227-230)
Quando era mais jovem	1	(1). “ <i>Inf. 1. Hum...</i> Eu encaro a vida social muito... eu acho que é meio diferente, sabe, do que eu tinha <i>quando era mais jovem</i> , pelo seguinte: eu achava q... a vida social, antigamente, muito mais entrosamento entre as famílias, entre os amigos... a... na... no... quando nós era... eu era muito mais jovem, nós tínhamos a oportunidade de passar a tarde com fulana, a tarde com sicrana. Hoje em dia, não, o relacionamento é muito ocasional”. (linhas 347-351)
Naquele tempo	1	(1). “ <i>Inf. 1. [...]</i> não é bem recordação, mas aquilo me dá uma espécie de... de saudade de um tempo que passou, que eu não sei nem explicar como é, né, mas acho que aquilo é... aquilo dá um... um... um romantismo... como é que se vivia <i>naquele tempo</i> ... quando eu olho uma casa colonial, é sempre... eu automaticamente me reporto, assim, como é que teriam vivido aquelas pessoas <i>durante aquele tempo</i> , naquelas casas lindas, com aquelas... aqueles grades, aquelas... as janelas em arco, eu acho aquilo uma beleza, é o estilo que eu mais gosto, embora eu ache que o rústico é muito agradável à vista e funcional [...]”. (linhas 921-927)
Durante aquele tempo	1	
Ainda hoje	1	(1). “ <i>Inf. 1. (risos)</i> Bom, eu acho ótimo, e sempre digo, eu devia ter tido mais uma filha, só tenho três, mas, eu acho que hoje não é mais possível se ter filhos em grande número, porque, quer ver, eu tenho a impress... cada vez se torna... tenho a impressão, não, cada vez... vejo que cada vez se torna mais difícil se educar um filho, então, eu acho que o filho não é para se botar no mundo e deixar aí, não, ao léu, o filho é pra gente dar condições de educação, de su... de vida e de sobrevivência futura. Então, se a pessoa, podendo ter filhos, pode criá-los, pode educá-los, eu acho que uma família grande é muito mais agradável, muito mais interessante... e... aquele convívio, no dia de reunião, eu acho ótimo, quando nós nos reunimos <i>ainda hoje</i> , que nós temos hábito de reunir todo... toda semana em casa de minha mãe, né, ela faz questão de reunir os filhos todos, os netos casados, com as mulheres, não é, eu acho aquilo lindo, eu acho formidável pra dar... todo mundo discute, suas opiniões as mais diversas possíveis”. (linhas 954-964)
Há mais de dez anos	1	(1). “ <i>Inf. 2. “[...] (risos)</i> Então, ele me pedia que eu aceitasse hoje um problema de partilha que já vem rolando <i>há mais de dez anos</i> . Disse: ‘Então, consigo, eu faço’. E

		eu lhe perguntei, assim, sem nenhum propósito: ‘Você quer se divorciar, agora, não é?’ Ele disse: ‘Não, não penso em fazer divórcio’ (risos)’. (linhas 1155-1158)
Há alguns meses atrás	2	(1). “ <i>Inf. 2. [...] eu me lembro... há alguns meses atrás</i> , eu assistia a um filme de dez horas do dia de domingo quando um assalto foi perpetrado a um hotel, desviando os hóspedes para uma passagem de serviço à guisa de que estariam fazendo um asseio na entrada social, mas, em verdade, estavam era dominando porteiro e atendentes, e foram ao... ao cofre individual, onde os... os grandes hotéis dispõem dos cofres, onde guardamos os valores – e, através de uma máquina de fabricar chaves, eles conseguiram retirar todos os pertences dos hóspedes. Pois bem, exatamente <i>há alguns meses atrás</i> , coincidentemente, os jornais aqui noticiavam que dois hotéis na avenida Sete de Setembro tinham sido assaltados em similitude[...].” (linhas 459-467)
Dos nossos tempos	1	(1). “ <i>Inf. 2. [...] eu lhe devo dizer que eu aceito a música contemporânea, eu acho que ela, a música, representa um estágio da vida, então, nós não podemos pensar só na música dolente romântica dos nossos tempos [...].</i> ” (linhas 514-516)

Quadro 39 – Estruturas fraseológicas no inquérito D2-361 da cidade de Salvador

Estruturas fraseológicas	Frequência	Contexto de ocorrência
Naquela época	1	(1). “ <i>Inf. 2. E agora eu vou falar de Brotas, a minha residência em Brotas, a minha ida para Brotas, foi motivada por vontade da minha mãe, que ao contrário do pai de, o que... gostava de chácara, meu pai não gostava, quem gostava era a minha mãe e minha mãe forçava o meu pai, mas lá nós vivemos momentos de alegria imensa, inclusive o nascimento de dois irmãos, meus dois últimos irmãos nasceram lá... lá também tivemos outras alegrias, a formatura dos meus primos A. e A. e a formatura de uma outra prima D., lá também teve uma notícia triste que foi o falecimento do meu outro primo... e a vizinhança era muito boa, naquela época todo mundo se conhecia, lá na frente da minha casa, e era uma vida boa como numa chácara.</i> ” (linhas 75-83)
Naquele tempo	2	(1). “ <i>Inf. 1. [...] aí tem uma decorrência, tem uma decorrência é a desvalorização... desvalorização da moeda, quer dizer pessoas de nível relativamente baixo há anos atrás tinha condições de ter seu terrenozinho, hoje em dia basta ter um quarto ou meio apartamento a pessoa já está satisfeita porque naquele tempo a cabeça era outra nem que seja perto do ideal, uma casa isolada, uma casa própria para ir morar, sem... sem ter problemas mais.</i> ” (linhas 153-157) (2). “ <i>Inf. 2. Com basquetebol e tênis, tinha meninas que jogavam muito bem e tinha meninas muito boas e a gente fazia de competições de basquetebol, tinha bons jogadores de basquetebol e o que vale é que na época não era... não era muito conhecido, naturalmente que agora é diferente, porque hoje as moças jogam com as malas próprias, naquele tempo, não, era com aqueles negócios de baú, aí não era fácil não.</i> ” (linhas 431-435)
Hoje em dia	2	(1). “ <i>Inf. 1. [...] aí tem uma decorrência, tem uma decorrência é a desvalorização... desvalorização da moeda, quer dizer pessoas de nível relativamente baixo há anos atrás tinha condições de ter seu terrenozinho, hoje em dia basta ter um quarto ou meio apartamento a pessoa já está satisfeita porque naquele tempo a cabeça era outra nem que seja perto do ideal, uma casa isolada, uma casa própria para ir morar, sem... sem ter problemas mais [...].</i> ” (linhas 153-157) (2). “ <i>Inf. 2. É, não, houve ocasiões em que eu tive que trabalhar e levar seis, oito garrafas de água mineral, levava até um frasco que eu largava por lá que eu não queria ter o trabalho de voltar com o casco, dava mais trabalho de trazer o frasco do que receber a importância do valor do frasco, jogava por lá mesmo, hoje em dia só bebo água mineral</i> ” (linhas 568-571)
Há vários anos	1	(1). “ <i>Inf. 1. Nasci na cidade de Salvador, no bairro dos Barris, meus pais... meu pai, em Salvador e minha mãe, em Piraji, interior, profissão Engenheiro Civil, exercendo já há vários anos uma função na área ambiental.</i> ” (linhas 1-3)
Por volta de	1	(1). “ <i>Inf. 2. Bom, as casas eram simples, com dois quartos e varanda, eu não lembro</i>

vinte e cinco, vinte e sete, vinte e oito		muito da casa porque eu me mudei dessa casa onde eu nasci para uma outra de acrônico <i>por volta de vinte e cinco, vinte e sete, vinte e oito</i> , não que eu não goste de acrônico, gosto sim, eu acho até que a gente tem que estar sempre lembrando porque ali (inint), em 1933 eu me mudei pra Brotas, onde eu cresci”. (linhas 23-27)
Em mil novecentos e trinta e três	1	(1). “ <i>Inf. 2.</i> Bom, as casas eram simples, com dois quartos e varanda, eu não lembro muito da casa porque eu me mudei dessa casa onde eu nasci para uma outra de acrônico por volta de vinte e cinco, vinte e sete, vinte e oito, não que eu não goste de acrônico, gosto sim, eu acho até que a gente tem que estar sempre lembrando porque ali (inint), em mil novecentos e trinta e três eu me mudei pra Brotas, onde eu cresci”. (linhas 23-27)
Quando minha família, meu pai, minha mãe, meus irmãos resolveram mudar	1	(1). “ <i>Inf. 1.</i> Eu achava (inint), eu era criança de colo, <i>quando minha família, meu pai, minha mãe, meus irmãos resolveram mudar</i> e aí tivemos uma vida de infância, de adolescência muito amada”. (linhas 28-30)
Até quando estava prestes a me formar	1	(1). “ <i>Inf. 1.</i> Foi lá que eu vivi, <i>até quando estava prestes a me formar</i> , foi lá que eu fiz o primário, o ginásio e parte do curso superior, então foi lá um lugar em que eu tive uma convivência muito apropriada porque eu tenho aí a família como também ter também parentes nas laterais, colegas e amigos que se sustentavam da nossa chácara, essa é uma lembrança que eu tenho da minha vida infantil e de adolescente como estudante”. (linhas 37-41)
Quase quarenta anos ou mais	1	(1). “ <i>Inf. 2.</i> Eu não tenho muita lembrança porque eu vivi na (inint) e tinha um rapaizinho lá da chácara e hoje já é considerado já parente da família e tá lá tem <i>quase quarenta anos ou mais</i> ”. (linhas 42-43)
Há anos atrás	1	(1). “ <i>Inf. 1.</i> [...] aí tem uma decorrência, tem uma decorrência é a desvalorização... desvalorização da moeda, quer dizer pessoas de nível relativamente baixo <u>há anos atrás</u> tinha condições de ter seu terrenozinho, hoje em dia basta ter um quarto ou meio apartamento a pessoa já está satisfeita porque naquele tempo a cabeça era outra nem que seja perto do ideal, uma casa isolada, uma casa própria para ir morar, sem... sem ter problemas mais”. (linhas 153-157)
Há muitos anos atrás	1	(1). “ <i>Inf. 2.</i> Viu o que causou também o aumento de preço do solo nessa região foi uma medida tomada pela prefeitura <i>há muito anos, atrás de vinte atrás pra cá</i> , Salvador tinha a maior área de terrenos no litoral, então depois <i>de vinte anos pra cá</i> , que a gente vê <i>de vinte anos pra cá</i> tem existido a venda dos terrenos todos que estavam parados, então as pessoas que adquiriram esses terrenos que estavam parados na prefeitura passaram a ser proprietários e naturalmente passaram a exigir condições para que houvesse um planejamento pra que nem está havendo esse concurso que tá passando na televisão”. (linhas 226-233)
De vinte atrás pra cá	1	(1). “ <i>Inf. 2.</i> É, eu tenho um bocado de parente, eu conheci uma pessoa <i>há um tempo atrás</i> , ele era cabo eleitoral de um candidato daqui da Bahia, ele se chamava D. P. era o D. e o D. me chamando, uma vez chamando eu de doutor que os meus avós se orgulhavam com isso (risos) e por uma parte ele tinha razão, eu gostaria que ele fosse muito meu parente da parte de meu pai”. (linhas 253-257)
De vinte anos pra cá	2	
Há um tempo atrás	1	(1). “ <i>Inf. 2.</i> A vida social quem tinha era O. mas que abandonou porque ele tocava violino, você lembra bem <i>dessa época?</i> ” (linhas 304-305)
Dessa época	1	(1). “ <i>Inf. 2.</i> Ah, eu gostava muito de cinema, ia muito ali na Baixa dos Sapateiros e gostava muito de ir ali, porque <i>na época</i> assisti muito filme fúnebre e de filme fúnebre, eu sempre preferia mais o segundo.” (linhas 348-349)
Na época	2	(2). “ <i>Inf. 2.</i> Com basquetebol e tênis, tinha meninas que jogavam muito bem e tinha meninas muito boas e a gente fazia de competições de basquetebol, tinha bons jogadores de basquetebol e o que vale é que <i>na época</i> não era, não era muito conhecido, naturalmente que agora é diferente, porque hoje as moças jogam com as malas próprias, naquele tempo, não, era com aqueles negócios de baú, aí não era fácil não”. (linhas 431-435)
Quando era menino	1	(1). “ <i>Inf. 2.</i> Quer dizer uma bolinha que eu digo é o futebol, eu gostava muito de jogar futebol <i>quando era menino</i> , mas joguei futebol muito cedo e depois eu vi que se eu fosse jogar futebol, eu não ia jogar muito bem, então não ia me mostrar

		porque fazer uma coisa que eu não gosto não vale a pena, então deixei o futebol e pendurei as chuteiras, eu tinha uns colegas que jogavam em Vitalícia e eu falei você tá doido rapaz, primeiro eu não sou espanhol o que é que eu vou fazer lá? Não vou não”. (linhas 415-420)
No tempo de Brotas	1	(1). “ <i>Inf. 2.</i> [...] que tá levando o país a uma raça subdesenvolvida, a uma... a uma raça super-raquítica, predominando até aí uma raça de nanicos, agora eu acho que é uma falta de recursos, uma falta de visão, uma falta de interesses, porque se houver o interesse de olhar o pobre, o pobre queria muita saúde, antigamente o povo tinha mais saúde do que hoje, <i>no tempo de Brotas</i> eu me lembro que... <i>Inf. 1.</i> Hum... <i>Inf. 2.</i> Tinha uns camaradas que eram pobres mesmo, mas tinha uma saúde, se alimentavam direitinho”. (linhas 482-489)
Logo que eu tinha me formado na minha profissão	1	(1). “ <i>Inf. 2</i> [...] eu me lembro de uma certa ocasião que... <i>logo que eu tinha me formado na minha profissão</i> , eu tinha deixado o albergue e fui trabalhar numa cidade com agricultura, e numa cidade do interior, eu pedi um copo d’água, quando me trouxeram o copo d’água eu disse... eu pedi água, não pedi refresco, verde, verde de lima, e eu tive que beber que eu não podia ficar com sede”. (linhas 514-518)
Nesse tempo	1	(1). “ <i>Inf. 2.</i> Engordei foi, <i>nesse tempo</i> eu tava magro (risos)”. (linha 522)
Quando o teatro Castro Alves pegou fogo	1	(1). “ <i>Inf. 2.</i> Mas isso, mas isso, esse negócio dessa água verde que eu bebi, isso foi dentro de um município do interior, isso... foi pra matar a sede, se eu não bebia a água, eu morria de sede, então eu me recordo bem de uma ocasião, foi <i>quando o teatro Castro Alves pegou fogo</i> , eu estava em Bocuicuba, você sabe onde é Bocuicuba, não?” (linhas 537-540)
Desde mil novecentos e sessenta e sete	1	(1). “ <i>Inf. 2.</i> Eu bebo água mineral <i>desde mil novecentos e sessenta e sete</i> , quando eu tive hepatite, de lá pra cá eu só bebo água mineral”. (linhas 580-581)
Até agora	1	(1). “ <i>Inf. 1.</i> Mas nem isso me impede de... de ter minhas atividades, pelo menos <i>até agora não</i> ”. (linha 586)

Quadro 40 – Estruturas fraseológicas no inquérito D2-362 da cidade de Salvador

Estruturas fraseológicas	Frequência	Contexto de ocorrência
Naquele tempo	4	(1). “ <i>Inf. 2.</i> Bom a gente era envolvida naquele... naquele clima de... de pavor, porque aquilo era falado na cidade e todo mundo se tocava com aquilo e atingia a todos né? Então a gente não, você veja <i>naquele tempo</i> os meios de locomoção não eram os de hoje né? Era os bondes, tinham os bondes.” (linhas 168-170) (2). “ <i>Inf. 1.</i> Na hora da chuva, coitado, ele se molhava todo, nem todos tinham capinha, mas ele não tinha chuva, ele ia pelos trilhos do bonde e era aquele faz favor... faz favor, porque usava <i>naquele tempo</i> né? Hoje, não tem mais faz favor, se cobra é de qualquer forma, mas usava muito o faz favor, e ele levantava cada... cada flanelinha daquela, cada cortina, ele ia levantava, cobrava, geralmente as cinco pessoas e aí ele fechava a cortina”. (linhas 194-198) (3). “ <i>Inf. 2.</i> Eu acho que <i>naquele tempo</i> , parece que se chovia mais né?” “ <i>Inf. 1</i> E <i>naquele tempo</i> se parava pra assistir a uma tempestade”. (linha 227-228)
Há pouco tempo	1	(1). “ <i>Inf. 1.</i> Agora fora disso, ultimamente a gente não encontra assim uma infra-estrutura né? Eu acho que eles não se preocupam muito em equilibrar pra... na ocasião da chuva não acontecer uma coisa dessas... <i>Inf. 2.</i> É ainda <i>há pouco tempo</i> teve... <i>Inf. 1.</i> Você tinha medo quando era criança Z.? <i>Inf. 2.</i> De quê? <i>Inf. 1.</i> Das chuvas”. (linhas 162-167)
Hoje em dia	8	(1). “ <i>Inf. 2.</i> É porque eles marcaram uma época mais alta daqui porque se podia pegar o bonde para ir a qualquer lugar porque se ia apreciando a paisagem né? E você ia apreciando, aquilo você tinha tempo e você ia tranqüila, mas <i>hoje em dia</i> se

		<p>you pegar um bonde you fica doida porque you tem que chegar logo e o bonde demora daqui que ele vá né? Nos trilhos”. (linhas 174-177).</p> <p>(2). “<i>Inf. 2. Hoje em dia</i> já é uma luta, que a gente tem porque eu, por exemplo, já tenho a minha família, as minhas irmãs já têm as famílias delas, mas nós procuramos e eu tenho até dificuldade, quer dizer, porque geralmente eu tenho dificuldade de hospedar todos e também na Semana Santa”. (linhas 315-317)</p> <p>(3). “<i>Inf. 2. E hoje em dia</i> por exemplo como a minha morada é um pouco distante, mamãe ficou de vir, porque eu não faço questão de acompanhar na Igreja tudo”. (linhas 324-325)</p> <p>(4). “<i>Inf. 2. Acorda, é... esse é o problema mesmo o tempo agora não porque agora eu fico mais a vontade né? Porque agora minha irmã tá procurando emprego e de repente vocês estão aí gravando e qualquer pessoa que esteja já ouvindo meu papo pode se interessar e mas mesmo com os meus afazeres no meu dia-a-dia é muito cansativo, eu quero saber o que vai passar, mas nossa eu sempre perguntei, hoje em dia eu não tenho mais tempo de estar tentando... Inf. 1. E hoje em dia se você vai programar... Doc. E você? Inf. 1. Ah, eu programo obrigações e cumpro direitinho, eu me cobro</i>”. (linhas 421-428)</p> <p>(5). “<i>Inf. 2. Ah, o peru... peru também gosto muito de peru, mas o peru é uma ave que você não pode fazer uso né? Não é tão... tão aceitado assim no dia-a-dia como a galinha, não sei se é porque a gente se habituou a isso, mas o certo é que hoje em dia peru é uma coisa até fácil de ser adquirida a depender dos congelados</i>”. (linhas 799-801)</p> <p>(6). “<i>Inf. 2. Porque geralmente hoje em dia, ninguém tem um determinado horário para descanso né? Então, hoje em dia, todas as pessoas têm suas obrigações, as donas de casas têm suas obrigações, às vezes, a gente vai, por exemplo, fazer um jardim, mas a dona de casa tem que apanhar o filho na escola, tem que... ela trabalha também, então ela tem aquele horário rígido e a gente tem que acompanhar aqueles horários exatamente, e eu gosto de chegar na hora, eu não gosto de me atrasar, me contraria chegar atrasada a qualquer... a qualquer compromisso, eu gosto, eu me sinto feliz se eu consigo cumprir a risca, chegar no horário, fazer tudo certinho, eu fico feliz com isso, eu gosto de fazer as coisas tudo certinho</i>”. (linhas 496-502)</p>
Nessa época	1	(1). “ <i>Inf. 2. É eu lembro também, eu era menina também nessa época, e eu me lembro perfeitamente, foi uma coisa... foi uma calamidade pública aquilo né?</i> ”. (linhas 160-161)
Quando era criança	1	(1). “ <i>Inf. 1. Agora fora disso, ultimamente a gente não encontra assim uma infraestrutura né? Eu acho que eles não se preocupam muito em equilibrar pra... na ocasião da chuva não acontecer uma coisa dessas... Inf. 2. É ainda há pouco tempo teve... Inf. 1. Você tinha medo quando era criança Z.? Inf. 2. De quê? Inf. 1. Das chuvas</i> ”. (linhas 162-167)
Uma época	4	(1). “ <i>Inf. 2. É porque eles marcaram uma época mais alta daqui porque se podia pegar o bonde para ir a qualquer lugar porque se ia apreciando a paisagem né? E você ia apreciando, aquilo você tinha tempo e você ia tranqüila, mas hoje em dia se você pegar um bonde you fica doida porque you tem que chegar logo e o bonde demora daqui que ele vá né? Nos trilhos</i> ”. (linhas 174-177) <p>(2). “<i>Inf. 2. Felizmente, eu lembro muito de acordo com as festas assim do Natal e do Ano Novo, esse período assim eu acho que é a vida toda, é uma época que é o símbolo de vida não é?</i>” (linhas 301-302)</p> <p>(3). “<i>Inf. 1. Uma coisa também interessante de ver, era a coisa da normalasca, por sinal, é era aqui nessa prédio, que funcionava a escola normal, eu não me lembro parece que era uma a... a saía cáqui, a blusa branca e tinha um chapéu, eu não me lembro, o chapéu era cáqui também, então e isso tinha Inf. 2. Mas era uma época bem Inf. 1. É uma vez que tinha que aparecer</i>”. (linhas 358-362)</p> <p>(4). “<i>Inf. 2. Não, eu... eu acho o ritmo atual muito puxado, é como eu digo a gente</i></p>

		não tem tempo de viver, eu gostaria desde uma época, eu vou alcançar ainda isso, eu tenho esperança, eu ainda vou ter <i>uma época</i> mais tranqüila porque a pessoa que tem um pequeno negócio, uma empresa pequena, como a nossa, que os elementos são poucos e... e a pessoa que tem... tem mais contato com o público sou eu mesmo, mas até porque meu marido toma mais conta da parte comercial porque quem tem contato sou eu, então a gente não tem quase disponibilidade”. (linhas 504-509)
Quando era mocinha	1	(1). “ <i>Inf. 2.</i> Oh, (inint) você se lembra que era uma coisa muito boa que a gente <i>quando era mocinha, quando a gente era mocinha</i> , darmos um passeio de bonde, dar uma volta na Barra, ou em Nazaré, <i>quando a gente era mocinha...</i> a gente fazia uma coisa dessa”. (linhas 184-186)
Quando a gente era mocinha	2	
Da mesma época	1	(1). “ <i>Inf. 1.</i> Tanto eu como ela, eu acho que nós somos <i>da mesma época</i> ”. (linha 258)
Este ano	2	(1). “ <i>Inf. 2.</i> Outro dia mesmo, eu tive a oportunidade de observar isso porque o... o... o rapaz que cuida do do horto que eu dirijo, ele gosta muito de plantar em abril por causa das chuvas e teve um ano mesmo, eu não me lembro bem, se foi, não foi <i>este ano</i> , não... <i>este ano</i> , não, foi <i>no ano passado</i> , não foi este... <i>este ano de oitenta e três</i> , não... foi <i>abril de oitenta e três</i> , foi <i>abril de oitenta e dois</i> , ele esperou as chuvas de abril o ano, o mês inteiro, e elas não vieram, não choveu em abril de maneira alguma”. (linhas 271-275)
No ano passado	1	
Este ano de oitenta e três	1	
Abril de oitenta e três	1	
Abril de oitenta e dois	1	
Dezenove de março	2	(1). “ <i>Inf. 2.</i> Olhe era característica a chuva do dia de <i>dezenove de março</i> <i>Inf. 1.</i> São José... <i>Inf. 2.</i> Era a chuva de São José que era quando se plantava o milho né? <i>Inf. 1.</i> É... <i>Inf. 2.</i> Oh e passa tanto <i>dezenove de março</i> que não chove né? <i>Inf. 1.</i> É... é... <i>Inf. 2.</i> Olhe e aliás aqui planta um milho um pouquinho antes, planta o milho um pouquinho antes para esperar a chuva de São José”. (linhas 281-288)
No meu tempo de adolescência	1	(1). “ <i>Inf. 1.</i> Não, mas eu acho que vai sofrer uma transformação como, por exemplo, o Natal né? Muitas das famílias comemoram essa festa completamente diferente do que foram, é comemoradas <i>no meu tempo de adolescência</i> ”. (linhas 309-311)
De uns cinco anos pra cá	1	(1). “ <i>Inf. 2.</i> Isso veio mudando <i>de uns cinco anos pra cá</i> , mas ainda tocavam músicas assim clássicas, mas agora não há nenhum respeito, nenhuma diferença, também devido ao problema de televisão e do rádio”. (linhas 341-342)
O ritmo atual	1	(1). “ <i>Inf. 2.</i> Não, eu... eu acho <i>o ritmo atual</i> .muito puxado, é como eu digo a gente não tem tempo de viver, eu gostaria <i>desde uma época</i> , eu vou alcançar ainda isso, eu tenho esperança, eu ainda vou ter uma época mais tranqüila porque a pessoa que tem um pequeno negócio, uma empresa pequena, como a nossa, que os elementos são poucos e... e a pessoa que tem... tem mais contato com o público sou eu mesmo, mas até porque meu marido toma mais conta da parte comercial porque quem tem contato sou eu, então a gente não tem quase disponibilidade”. (linhas 504-509)
Desde uma época	1	
Quando fui morar nesse sítio	1	(1). “ <i>Inf. 2.</i> Olha, você sabe, que com toda agitação de vida que eu tenho, porque eu <i>quando fui morar nesse sítio</i> , eu programei minha vida diferente, eu disse ah, eu tenho duas filhas de vinte e vinte e um anos e eu venho à cidade, mas nunca acontece isso, no princípio eu ficava... eu ficava, Sexta, Sábado, Domingo e Segunda, mas isso eu não consegui no tempo, porque eu não conseguia... eu não conseguia dar estabilidade assim dessa maneira e eu tinha que trabalhar mais? E ainda mais <i>esse ano, esse ano</i> foi um ano que hoje pra quem não tem emprego, foi um ano terrível porque a gente tem empregado com os ordenados subindo de seis em seis meses, você é obrigado a trabalhar mais para assumir aquele custo porque você não pode também subir os preços do que você faz de uma maneira, porque senão você não vai trabalhar e ninguém vai fazer nada, então o que é que acontece você tem realmente a necessidade de dar mais de si para você cobrir aquilo tudo”. (linhas 545-554)
Esse ano	3	(2). “ <i>Inf. 2.</i> Eu me sinto numa encruzilhada ou você mantém a firma ou desisti de tudo e eu não quero desistir de tudo... eu não quero desistir de tudo, eu quero trabalhar, eu quero fazer ainda alguma coisa entendeu? Então, a gente fica assim porque não há... não há a possibilidade de você trabalhar menos, não há... não é



		questão de você querer ganhar mais, é questão de você querer se equilibrar, sobreviver, <i>esse ano</i> a gente trabalhou pra sobreviver, entendeu?” (linhas 563-567)
No meu tempo de estudo	1	(1). “ <i>Inf. 2. No meu tempo de... de estudo</i> , eu lembro que eu estudava a Física e tinha uma parte dessa de termômetro né? Essa coisa toda, aí a gente via aquelas várias fases, mas realmente eu não me ligo não, mas eu me ligo em várias coisas tive tempo, não aquele tempo tipo aquela ampulhetas né? Que vira assim com aquelas areias aquilo tudo a gente... eu estudei”. (linhas 621-624)
No momento Nessa fase	1 1	(1). “ <i>Inf. 1. Não</i> , não se afasta eu vivi muito tempo sobre rotina e <i>no momento</i> eu estou vivendo uma fase assim só de entreter... <i>Inf. 2. Hum, hum, ah, isso é maravilhoso, é maravilhoso...</i> <i>Inf. 1. É muito bom...</i> <i>Inf. 2. Felizmente é maravilhoso, infelizmente eu ainda não estou nessa fase</i> porque eu ainda não me aposentei, mas eu acho maravilhoso juntamente você ficar em disponibilidade para fazer o que lhe atrai, isso é muito bom”. (linhas 451-457)
Há um ano atrás	1	(1). “ <i>Inf. 2. Não é tão caro não V. é ao contrário</i> , você pensa que é caro, não é caro, se você compra um peru da Sadia de porte médio, não sei agora, agora, agora, mas <i>há... há um ano atrás</i> eu... eu comprava muito para fazer e eu notava que era mais interessante porque rende”. (linhas 803-805)

4.4. COMO SE APRESENTAM OS MARCADORES TEMPORAIS NOS INQUÉRITOS:  
SÍNTESE DAS OCORRÊNCIAS ENCONTRADAS.

Quadro 41  
Tipos de marcadores: estruturas pontuais – DID

Estruturas pontuais	Informantes femininas						Informantes masculinos			
	DID 159	DID 193	DID 209	DID 005R	DID 008R	DID 13R	DID 94	DID 003R	DID 006R	DID 007R
Hoje	13	17	1	8	13	19	19	33	4	32
Antigamente	3	5	2		3	4	2	3		10
Atualmente			2				3			
Agora	7	1	1	2	1	2				14
Antes						1		1		2
Antiga				1						
Ultimamente										1
Usualmente										1
Habitualmente										
Nunca										
<b>Totais por informante</b>	<b>23</b>	<b>23</b>	<b>6</b>	<b>11</b>	<b>17</b>	<b>26</b>	<b>24</b>	<b>37</b>	<b>4</b>	<b>55</b>
<b>Totais por gênero</b>	<b>106</b>						<b>171</b>			

Quadro 42  
Tipos de marcadores: estruturas fraseológicas – DID

Estruturas fraseológicas	Informantes femininas						Informantes masculinos			
	DID 159	DID 193	DID 209	DID 005R	DID 008R	DID 13R	DID 94	DID 003R	DID 006R	DID 007R
No meu tempo de menino							1			
Do(s) meu(s) tempo(s)							2	1		
Naquele tempo	3					1			3	
Hoje em dia	1	1	3							3
Do ano passado	1									
Ao século passado	1									
Naquela época		1				3		1	1	
Na época		1		1		1		3	8	
Os/As atuais			1			2				
Os antigos			3							
Esse século								1		
Até hoje								1		
As pessoas da minha geração									1	
Há muito tempo	1									
Há um ano passado ou dois	1								1	
Há uns... alguns anos passados	1									
Há anos atrás										
Até a Revolução de sessenta e quatro mais sessenta e oito									1	
A partir de sessenta e oito									2	
De quarenta anos atrás										1
Há tempos atrás					1					
O princípio do século					1					
Século XVIII										
Acerca de cinquenta anos										
Há muitos anos						1				
Desde a época das forças americanas										
Quando eu era pequeno								1		
Pelos anos de mil novecentos e dez, mil novecentos e quinze, vinte mais ou menos								1		

Da década de quarenta, trinta, quarenta								1		
Na década de quarenta								1		
Em quarenta e oito								1		
Quando eu morava no Monte Serrat								1		
Desse fim de século								1		
Há vinte e três anos atrás										
A minha fase de infância						1				
Em outra fase da minha vida						1				
Isso existiu muito tempo						1				
De uns dez há quinze anos passados						1				
Sessenta e oito										
Quando eu ainda era bem menina	1									
Já tem tanto tempo que eu já esqueci	1									
Quando eu era menina	1									
Naqueles tipos antigos			1							
Até a década de quarenta mais ou menos								1		
Quando eu fui a primeira vez à Europa				2						
Em mil novecentos e oitenta e sete				1						
Desde treze anos de idade								1		
Quando se fazia política universitária								1		
Não sei se isso é do tempo de vocês								1		
Com a minha idade que já não é pequena				1						
Já estou meio avançada				1						
Quando criança				1						
Outro clube de terceira idade				1						

Em mil novecentos e cinqüenta e dois									1	
Há uns cinco anos, seis, oito anos									1	
Na minha infância, na minha adolescência, até quando eu me casei									1	
De agora						1				
Quando os aviões pousavam em Itapagipe na água						1				
Da década de trinta, da década de trinta, em trinta e nove						1				
Quando começaram a construção dos Vales						1				
Faz quarenta e seis anos mais ou menos						1				
Depois de algum tempo									1	
Na época de rapaz										
No meu tempo										
Na década de cinqüenta										
Quando eu tinha doze anos										
A década de sessenta										
No tempo de menino										
Os anos sessenta, sei lá, sessenta e oito										
No tempo mais atrás										
Da década de sessenta pra cá										
Até os dias atuais										
Daquele(s) tempo(s)										
<b>Totais por informante</b>	<b>12</b>	<b>3</b>	<b>8</b>	<b>8</b>	<b>2</b>	<b>17</b>	<b>3</b>	<b>18</b>	<b>21</b>	<b>4</b>
<b>Totais por gênero</b>	<b>50</b>						<b>85</b>			





Quadro 43  
Tipos de marcadores: estruturas pontuais – D2

Estruturas pontuais	Feminino-Feminino		Masculino-Masculino		Feminino-Masculino		Totais por tipo de estrutura
	D2-354	D2-362	D2-346	D2-361	D2-298	D2-357	
Hoje	11	12	19	4	31	39	<b>116</b>
Antigamente	6		2	3	2	7	<b>20</b>
Agora	19	8	12	4	5	1	<b>49</b>
Atualmente			1	4		1	<b>6</b>
Depois			1	1			<b>2</b>
Ultimamente		1					<b>1</b>
Totais por inquérito	<b>36</b>	<b>21</b>	<b>35</b>	<b>16</b>	<b>38</b>	<b>48</b>	
Totais por tipo de inquérito	<b>57</b>		<b>51</b>		<b>86</b>		

Quadro 44  
Tipos de marcadores: estruturas fraseológicas – D2

Estruturas Fraseológicas	Feminino-Feminino		Masculino-Masculino		Feminino-Masculino		Totais por tipo de estrutura
	D2-354	D2-362	D2-346	D2-361	D2-298	D2-357	
Naquela época			2	1	2		<b>5</b>
Em vinte e cinco					1		<b>1</b>
Em trinta					1		<b>1</b>
Até vinte					1		<b>1</b>
Até trinta					1		<b>1</b>
Em mil novecentos e dez					1		<b>1</b>
Há dezessete anos					1		<b>1</b>
Naquele tempo	13	4		2	2	1	<b>22</b>
Há muitos anos					1		<b>1</b>
Em dez					1		<b>1</b>
Em sete					1		<b>1</b>
Em mil novecentos e doze					1		<b>1</b>
Em mil novecentos e um					1		<b>1</b>
Em mil novecentos e sessenta					1		<b>1</b>
Em mil novecentos e cinquenta					1		<b>1</b>
Em trinta e quatro					1		<b>1</b>
Em sessenta e oito					1		<b>1</b>
No meu tempo					1	1	<b>2</b>
Em mil novecentos e um, quatro de					1		<b>1</b>



maio							
Até os dezenove anos					1		1
De vinte e nove de abril de oitenta e oito					1		1
Desde sete, oito anos					1		1
Há alguns meses atrás						2	2
Dezenove anos					1		1
Desde os sete anos					1		1
Depois de pequeno					1		1
Com nove anos					1		1
Com trinta e três anos					1		1
Com dezessete anos					1		1
É do seu tempo					2		2
Há pouco tempo		1			1		2
Com dezenove anos					1		1
Com o tempo					1		1
De três a treze					1		1
Em mil e novecentos					1		1
Outro dia					1		1
Três meses antes					1		1
Com vinte e sete anos					1		1
A cada ano					1		1
É do meu tempo					3		3
Há vinte anos					1		1
No ano de trinta e um até quase trinta e quatro					1		1
Da época					2		2
Com a idade hoje oitenta e nove					1		1
Do antigo					1		1
Hoje em dia	1	8	3	2		1	15
Até hoje	7		2			1	10
Não sou do tempo					1		1
Já faz um bocado de tempo mesmo			1				1
Quando era mais novo			1				1
Uma época mais atrasada			1				1
Quando (eu) era menino			1	1			2
Quando era garoto			1				1
Até agora			1	1			2

Quando tinha o bonde na linha de baixo e na linha de cima			1				1
Época que			1				1
Esse ano	1	3					4
Em quarenta	1						1
Este ano	1	2					3
Na época	2			2	2		6
Em trinta e oito	1						1
Em quarenta e sete	1						1
Em quarenta e oito	2						2
Os nossos tempos	1						1
Há um tempo atrás	1			1			2
Há vinte e seis anos passados, vinte e cinco ou mais vinte e nove	1						1
Até uns três anos atrás	1						1
Há vinte e cinco anos	1						1
De uns tempos pra cá	1						1
Em março de sessenta e oito	1						1
Há muito tempo	1						1
De cinqüenta e dois	1						1
Em trinta e três	1						1
Em trinta e quatro	2						2
Em trinta e oito	2						2
Até ano passado	1						1
Daqui a mais uns dois ou três anos	1						1
De novembro pra cá	2						2
Em mil novecentos e vinte e dois	1			1			2
Dez anos depois	1						1
Quando nós nos reunimos	1						1
No princípio de novembro	1						1
Há vinte anos	1						1
Daquele tempo	1						1
Na nossa época						2	2
Quando era mais jovem						1	1
De hoje						1	1
Ainda hoje						1	1

Há mais de dez anos						1	1
Durante aquele tempo						1	1
Dos nossos tempos						1	1
Em mil novecentos e trinta e três				1			1
Desde mil novecentos e sessenta e sete				1			1
Há vários anos				1			1
Nesse tempo				1			1
Por volta de vinte e cinco, vinte e sete, vinte e oito				1			1
Quando minha família, meu pai, minha mãe, meus irmãos resolveram mudar				1			1
Até quando estava prestes a me formar				1			1
Há muitos anos atrás				1			1
Há anos atrás				1			1
De vinte atrás para cá				1			1
De vinte anos pra cá				2			2
Quase quarenta anos ou mais				1			1
Dessa época				1			1
No tempo de Brotas				1			1
Quando o teatro Castro Alves pegou fogo				1			1
Logo que eu tinha me formado na minha profissão				1			1
Nessa época		1					1
No momento		1					1
Nessa fase		1					1
Uma época		4					4
Abril de oitenta e três		1					1
Abril de oitenta e dois		1					1
Dezenove de março		2					2
Quando era mocinha		1					1
Quando a gente		2					2

era mocinha							
O ritmo atual		1					1
Desde uma época		1					1
Quando fui morar nesse sítio		1					1
Da mesma época		1					1
Este ano de oitenta e três		1					1
No meu tempo de adolescência		1					1
No ano passado		1					1
De uns cinco anos pra cá		1					1
No meu tempo de estudo		1					1
Quando era criança		1					1
Há um ano atrás		1					1
Totais por inquérito	53	43	15	28	53	14	
Totais por tipo de inquérito	96		43		67		

Procurando dar uma visão mais simplificada dos dados discursivos aqui apresentados – cujo desejo de síntese, reconhece-se, não se pôde concretizar plenamente em função da natureza dos dados e da impossibilidade de restringi-los ou submetê-los a cortes – é fornecido um quadro no qual se distinguem apenas duas categorias: estruturas simples e estruturas complexas que vêm com indicação do número e do tipo de ocorrência.

Como estrutura simples entende-se aquela que não possui verbo e como estrutura complexa a que contém verbo.

A idéia de um quadro dessa natureza tem o objetivo de mostrar de forma concisa a preferência de uso das estruturas utilizadas pelos informantes nos inquéritos considerados.

Quadro 45  
Estruturas Fraseológicas I

Estruturas Fraseológicas	Nº de Ocorrências	Ocorrências registradas
Simples	3	Do(s) meu(s) tempo(s)
	34	Naquele tempo
	33	Hoje em dia
	1	Do ano passado
	1	Ao século passado
	12	Naquela época
	24	Na época
	3	Os/As atuais
	3	Os antigos
	1	Esse século
	11	Até hoje
	1	As pessoas da minha geração
	1	Até a Revolução de sessenta e quatro mais sessenta e oito
	2	A partir de sessenta e oito
	1	De quarenta anos atrás
	1	O princípio do século
	1	Século XVIII
	1	Acerca de cinquenta anos
	1	Desde a época das forças americanas
	1	A minha fase de infância
	1	Em outra fase da minha vida
	1	Sessenta e oito
	1	Naqueles tipos antigos
	1	Até a década de quarenta mais ou menos
	1	Desde treze anos de idade
	1	Quando criança
	1	Outro clube de terceira idade
	1	Em mil novecentos e cinquenta e dois
	1	Depois de algum tempo
	1	Na época de rapaz
	3	No meu tempo
	1	Na década de cinquenta
	1	A década de sessenta
	1	No tempo de menino
	3	No tempo mais atrás
	1	Da década de sessenta pra cá
	1	Até os dias atuais
	2	Daqueles tempos
	1	Em vinte e cinco
	1	Em trinta
	1	Até vinte
1	Até trinta	
1	Em mil novecentos e dez	
1	Em dez	
1	Em sete	
1	Em mil novecentos e doze	
1	Em mil novecentos e um	

1	Em mil novecentos e sessenta
1	Em mil novecentos e cinqüenta
1	Em trinta e quatro
1	Em sessenta e oito
1	Em mil novecentos e um, quatro de maio
1	Até os dezenove anos
1	Dezenove anos
1	Desde os sete anos
1	Depois de pequeno
1	Com nove anos
1	Com trinta e três anos
1	Com dezessete anos
1	Com dezenove anos
1	Com o tempo
1	De três a treze
1	Em mil e novecentos
1	Outro dia
1	Três meses antes
1	Com vinte e sete anos
1	A cada ano
1	No ano de trinta e um até quase trinta e quatro
2	Da época
1	Com a idade hoje oitenta e nove
1	Do antigo
1	Uma época mais atrasada
2	Até agora
1	Época que
4	Esse ano
1	Em quarenta
3	Este ano
1	Em quarenta e sete
2	Em quarenta e oito
1	Os nossos tempos
1	Até uns três anos atrás
1	De uns tempos pra cá
1	Em março de sessenta e oito
1	De cinqüenta e dois
1	Em trinta e três
2	Em trinta e quatro
2	Em trinta e oito
1	Até ano passado
1	Daqui a mais uns dois ou três anos
2	De novembro pra cá
2	Em mil novecentos e vinte e dois
1	Dez anos depois
1	No princípio de novembro
1	Daquele tempo
2	Na nossa época
1	De hoje
1	Ainda hoje
1	Durante aquele tempo
1	Em mil novecentos e trinta e três
1	Desde mil novecentos e sessenta e sete
1	Nesse tempo
1	Por volta de vinte e cinco, vinte e sete, vinte e oito
1	De vinte atrás para cá
2	De vinte anos pra cá
1	Quase quarenta anos ou mais

	1	Dessa época
	1	No tempo de Brotas
	1	Nessa época
	1	No momento
	1	Nessa fase
	4	Uma época
	1	Em mil novecentos e oitenta e sete
	1	Abril de oitenta e três
	1	Abril de oitenta e dois
	2	Dezenove de março
	1	O ritmo atual
	1	Desde uma época
	1	Da mesma época
	1	Este ano de oitenta e três
	1	No meu tempo de adolescência
	1	De uns cinco anos pra cá
	1	No meu tempo de estudo
	1	Pelos anos de mil novecentos e dez, mil novecentos e quinze, vinte mais ou menos
	1	De agora
	1	Da década de quarenta, trinta, quarenta
	1	Na década de quarenta
	1	Em quarenta e oito
	1	Desse fim de século
	1	Em mil novecentos e oitenta e sete
	1	De vinte e nove de abril de oitenta e oito
	1	Desde sete, oito anos
	1	Dos nossos tempos
	1	No ano passado
	1	Da década de trinta, da década de trinta, em trinta e nove
<b>TOTAL</b>	<b>273</b>	

Quadro 46  
Estruturas Fraseológicas II

Estruturas Fraseológicas	Nº de Ocorrências	Ocorrências registradas
Complexas	2	Há anos atrás
	1	Há muitos anos
	1	Há vinte e três anos atrás
	1	Isso existiu muito tempo
	1	De uns dez há quinze anos passados
	1	Quando eu ainda era bem menina
	1	Já tem tanto tempo que eu já esqueci
	1	Quando eu era menina
	1	Quando se fazia política universitária
	1	Não sei se isso é de tempo de vocês
	1	Com a minha idade que já não é pequena
	1	Já estou meio avançada
	1	Há uns cinco anos, seis, oito anos
	1	Na minha infância, na minha adolescência, até quando eu me casei
	1	Quando eu tinha doze anos
	1	Os anos sessenta, sei lá, sessenta e oito
	1	Há dezessete anos
	2	É do seu tempo
	2	Há pouco tempo
	3	É do meu tempo
	1	Há vinte anos
	1	Não sou do tempo
	1	Já faz um bocado de tempo mesmo
	1	Quando era mais novo
	2	Quando eu era menino
	1	Quando eu era garoto
	1	Quando tinha o bonde na linha de baixo e na linha de cima
	2	Há um tempo atrás
	1	Há vinte e seis anos passados, vinte e cinco ou mais vinte e nove
	1	Há vinte e cinco anos
	2	Há muito tempo
	1	Quando nós nos reunimos
	1	Há vinte anos
	1	Quando era mais jovem
	1	Há mais de dez anos
	1	Há vários anos
	1	Quando minha família, meu pai, minha mãe, meus irmãos resolveram mudar
	1	Até quando estava prestes a me formar
	1	Há muitos anos atrás
	1	Quando o Teatro Castro Alves pegou fogo
	1	Logo que eu tinha me formado na minha profissão
	1	Quando era mocinha
	2	Quando a gente era mocinha
1	Quando fui morar nesse sítio	
1	Quando era criança	
2	Há um ano passado ou dois	
1	Há um ano atrás	
1	Há uns... alguns anos passados	
1	Quando eu morava no Monte Serrat	
2	Quando eu fui a primeira vez à Europa	
1	Quando começaram a construção dos Vales	
1	Faz quarenta e seis anos mais ou menos	



	1	Quando os aviões pousavam em Itapagipe na água
	2	Há alguns meses atrás
	1	Quando eu era pequeno
<b>TOTAL</b>	<b>67</b>	

Resumindo-se os dados dos Quadros 45 e 46, busca-se com o Quadro 47 oferecer uma visão geral das estruturas fraseológicas.

Quadro 47  
Síntese das estruturas fraseológicas

Estruturas Fraseológicas	Nº de Ocorrências	Ocorrências
Simple	273	Do meu tempo, Naquele tempo, Hoje em dia, Do ano passado, Ao século passado, Naquela época, Na época, Os/As atuais, Os antigos, Esse século, Até hoje, As pessoas da minha geração, Até a Revolução de sessenta e quatro mais sessenta e oito, A partir de sessenta e oito, De quarenta anos atrás, O princípio do século, Século XVIII, Acerca de cinquenta anos, Desde a época das forças americanas, A minha fase de infância, Em outra fase da minha vida, Sessenta e oito, Naqueles tipos antigos, A década de quarenta mais ou menos, Desde treze anos de idade, Quando criança, Outro clube de terceira idade, Em mil novecentos e cinquenta e dois, Depois de algum tempo, Na época de rapaz, No meu tempo, Na década de cinquenta, A década de sessenta, No tempo de menino, No tempo mais atrás, Da década de sessenta pra cá, Até os dias atuais, Daqueles tempos, Em vinte e cinco, Em trinta, Até vinte, Até trinta, Em mil novecentos e dez, Em dez, Em sete, Em mil novecentos e doze, Em mil novecentos e um, Em mil novecentos e sessenta, Em mil novecentos e cinquenta, Em trinta, Em sessenta e oito, Em mil novecentos e um, Quatro de maio, Até os dezenove anos, Dezenove anos, Desde os sete anos, Depois de pequeno, Com nove anos, Com trinta e três anos, Com dezessete anos, Com dezenove anos, Com o tempo, De três a treze, Em mil e novecentos, Outro dia, Três meses antes, Com vinte e sete anos, A cada ano, No ano de

		<p>trinta e um até quase trinta e quatro, Da época, Com a idade hoje oitenta e nove, Do antigo, Uma época mais atrasada, Até agora, Em época que, Esse ano, Em quarenta, Este ano, Em quarenta e sete, Em quarenta e oito, Os nossos tempos, Até uns três anos atrás, De uns tempos pra cá, Em março de sessenta e oito, De cinqüenta e dois, Em trinta e três, Em trinta e quatro, Em trinta e oito, Até ano passado, Daqui a mais uns dois ou três anos, De novembro pra cá, Em mil novecentos e vinte e dois, dez anos depois, No princípio de novembro, Daquele tempo, Na nossa época, De hoje, Ainda hoje, Durante aquele tempo, Em mil novecentos e trinta e três, Desde mil novecentos e sessenta e sete, Nesse tempo, Por volta de vinte e cinco, vinte e sete, vinte e oito, De vinte atrás para cá, De vinte anos pra cá, Quase quarenta anos ou mais, Dessa época, No tempo de Brotas, Nessa época, No momento, Nessa fase, Uma época, Abril de oitenta e três, Abril de oitenta e dois, Dezenove de março, O ritmo atual, Desde uma época, Da mesma época, Este ano de oitenta e três, No meu tempo de adolescência, De uns cinco anos pra cá, No meu tempo de estudo, Pelos anos de mil novecentos e dez, mil novecentos e quinze, vinte mais ou menos, De agora, Da década de quarenta, trinta, quarenta, Na década de quarenta, Em quarenta e oito, Desse fim de século, Em mil novecentos e oitenta e sete, De vinte e nove de abril de oitenta e oito, Desde sete, oito anos, Dos nossos tempos, No ano passado, Da década de trinta, da década de trinta, em trinta e nove.</p>
Complexas	64	<p>Há anos atrás, Há muitos anos, Há vinte e três anos atrás, Isso existiu muito tempo, De uns dez há quinze anos passados, Quando eu ainda era bem menina, Já tem tanto tempo que eu já esqueci, Quando eu era menina, Quando se fazia política universitária, Não sei se isso é de tempo de vocês, Com a minha idade que já não é pequena, Já estou meio avançada, Há uns cinco anos, seis, oito anos, Na minha infância, na minha adolescência, até quando eu me casei, Quando eu tinha doze anos, Os anos sessenta, sei lá, sessenta e oito, Há dezessete anos, É do seu tempo, Há pouco tempo, É do meu tempo, Há vinte anos, Não sou do tempo, Já faz um bocado de tempo mesmo, Quando era mais novo, Quando eu era menino, Quando eu era garoto, Quando tinha o bonde na linha de baixo e na linha de cima, Há um tempo atrás, Há vinte e seis anos passados, vinte e cinco ou mais vinte e nove, Há vinte e cinco anos, Há muito tempo, Quando nós nos reunimos, Há vinte anos, Quando era mais jovem, Há mais de dez anos, Há vários anos, Quando minha família, meu pai, minha mãe, meus irmãos resolveram mudar, Até quando estava prestes a me formar, Há muitos anos atrás, Quando o Teatro Castro Alves pegou fogo, Logo que eu tinha me formado na minha profissão, Quando era mocinha, Quando a gente era mocinha, Quando fui morar nesse sítio, Quando era criança, Há um ano passado ou dois, Há uns... alguns anos passados, Quando eu morava no Monte Serrat, Quando eu fui a primeira vez à Europa, Quando começaram a construção dos Vales, Faz 46 anos mais ou menos, Quando os aviões pousavam em Itapagipe na água, Há alguns meses atrás, Quando eu era pequeno e Há um ano atrás.</p>

Como o quadro exhibe, são as estruturas fraseológicas simples, as que apresentam maior número de ocorrências, com o percentual de 80,63%, ao lado das estruturas fraseológicas complexas, com apenas 19,37% das ocorrências. Os dados demonstram uma clara preferência pelo uso das estruturas simples.

## 5 A REVELAÇÃO DOS DADOS

Neste capítulo apresenta-se uma abordagem sociolinguística do fato em estudo, buscando-se evidenciar a relação entre a variável estrutural ou linguística (marcadores temporais) e as variáveis extra-linguísticas (tema, tempo real e gênero), por entender-se que a vida social é estruturada em conjuntos de relações que, em interface, ou articuladas dinamicamente, lhe dão sentido (ou ensejam ao analista entrever um sentido...).

### 5.1 MARCADORES TEMPORAIS E A VARIÁVEL TEMA

As áreas temáticas dos inquéritos DID e D2 possuem diferentes formas de delimitação. Os inquéritos do tipo DID são organizados em áreas temáticas, das quais estão representadas neste trabalho as áreas: A cidade. O comércio; O vestuário; Vida social. Diversões; Alimentação; Transportes e viagens; A família, o ciclo da vida e a saúde; Viagens e turismo. Para os inquéritos do tipo D2, o Projeto NURC prevê grupos de áreas temáticas dos quais serviram de base a esta pesquisa o grupo II – *A casa. A família. O ciclo da vida. Vida social. Diversões* – e o grupo III – *A cidade. O comércio. Transportes e Viagens. Os meios de comunicação e difusão. Cinema. TV. Rádio. Teatro.*

Ao analisar o índice de ocorrências dos marcadores temporais, nos inquéritos do tipo DID, verificou-se que há maior predominância de marcadores temporais em inquéritos que versam sobre determinados temas. Assim, o tema *Vestuário* obteve 49,15% de incidência de marcadores. Em segundo lugar, apresenta-se a área temática *A cidade. O comércio*, com 16,95% de presença de marcadores e em terceiro lugar tem-se a temática *Vida social. Diversões* com a ocorrência de 13,32% de marcadores temporais.

Os demais temas – *a família, o ciclo da vida e a saúde; viagens e transportes; alimentação e viagens, turismo*; – apresentaram, respectivamente, as seguintes porcentagens: 6,30%, 6,05%, 4,60% e 3,63%. Pode-se perceber claramente um baixo índice de marcadores em relação às demais áreas temáticas consideradas neste trabalho, e isso parece explicar-se pelo fato de esses temas nos inquéritos DIDs analisados não apresentarem margem acentuada para realizar a oposição passado X presente.

Esta distribuição de marcadores temporais de acordo com a área temática demonstra que nos inquéritos DIDs um tema como o vestuário, que lidera índice de marcadores dos inquéritos DID, é mais propício para o estabelecimento de comparações passado X presente, uma vez que os ternos, os chambres, os chapéus e os vestidos são alvos de comparações entre passado e presente por grande parte dos informantes que demonstram uma grande memória de como seus parentes – tios, pais – vestiam-se para freqüentar certos lugares em ocasiões especiais e para trabalhar. No discurso da maioria dos informantes, pode ser observada a consciência do avanço da maneira de se vestir com mais praticidade e simplicidade.

Ao analisar o índice de ocorrências dos marcadores temporais, nos inquéritos do tipo D2, verificou-se como uma característica própria desse inquérito a maior predominância de marcadores temporais em inquéritos do grupo de área II – *A casa. A família. O ciclo da vida. Vida social. Diversões*, com 55,17% de presença de marcadores. Em segundo lugar, apresenta-se o grupo temático III: *A cidade. O comércio. Transportes e Viagens. Os meios de comunicação e difusão. Cinema. TV. Rádio. Teatro* que obteve 44,83% de incidência de marcadores.

Esta distribuição de marcadores temporais de acordo com a área temática demonstra que os inquéritos que tinham como grupo temático *A casa. A família. O ciclo da vida. Vida social. Diversões* apresentavam índice maior de ocorrência de comparações passado X presente, devido as inúmeras modificações pelas quais os valores familiares e sociais passaram da época da infância dos informantes da terceira faixa etária até a época da gravação dos inquéritos (década de 70). Essas mudanças são freqüentemente citadas pelos informantes em seus discursos, referindo-se aos avanços observados na década de 70, como a introdução da mulher no mercado de trabalho, o namoro e o cinema que são bastante discutidos como inovações de uma determinada época (a década de 70).

Já no grupo temático III, *A cidade. O comércio. Transportes e Viagens. Os meios de comunicação e difusão. Cinema. TV. Rádio. Teatro*, as mudanças ocorridas na cidade de Salvador da época da infância dos informantes da terceira faixa etária até a época da gravação dos inquéritos (década de 70) são colocadas em evidência no jogo passado X presente.

Estes resultados mostram que o jogo passado X presente estabelece uma relação mais nítida nos informantes que têm como pauta áreas temáticas e grupos temáticos os quais passaram por mudanças visíveis e acentuadas na sociedade soteropolitana, demonstrando a influência na vida dos informantes dos inquéritos selecionados.

Gráfico 1 – Marcadores temporais segundo a variável tema nos inquéritos DID

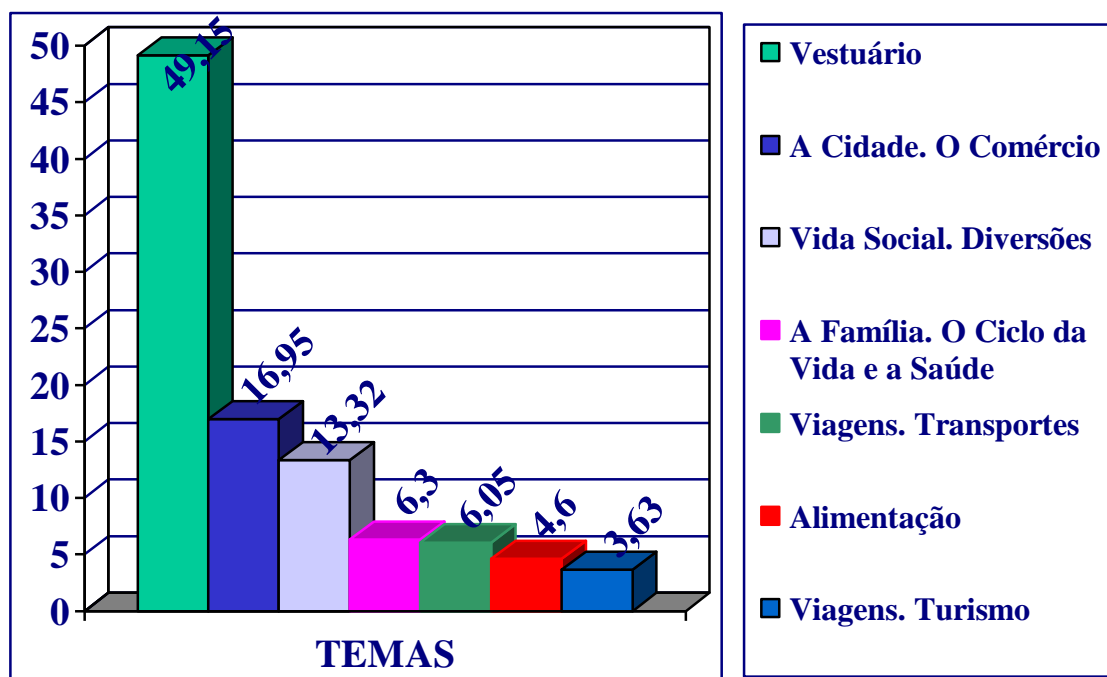
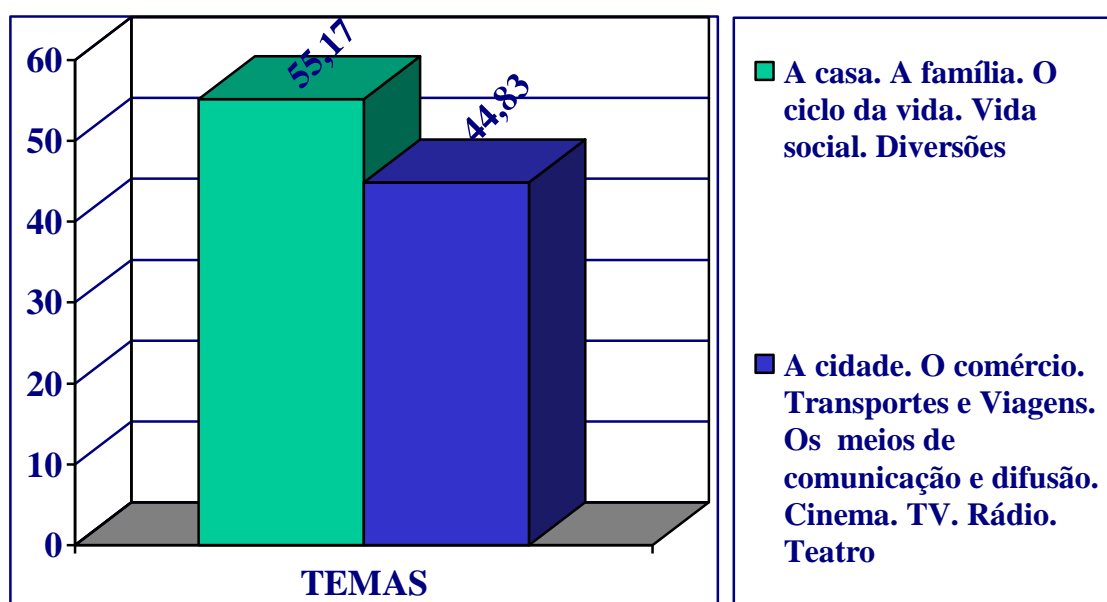


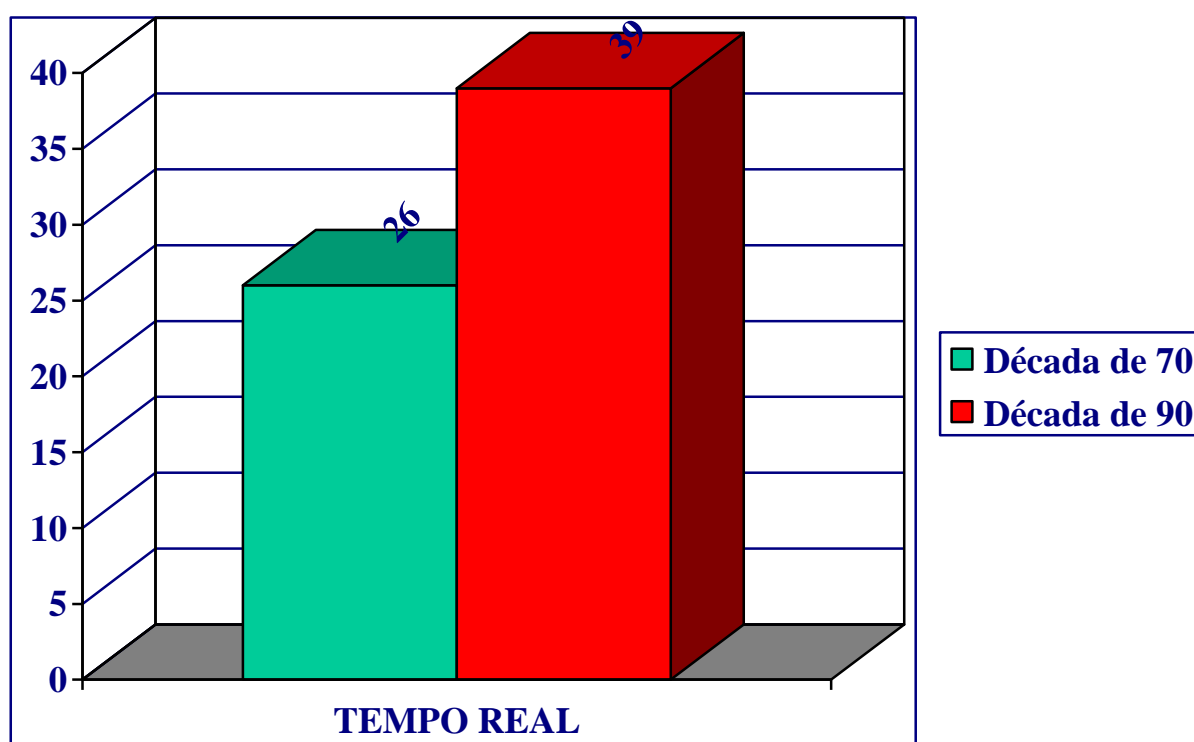
Gráfico 2 – Marcadores temporais segundo a variável tema nos inquéritos D2



## 5.2 MARCADORES TEMPORAIS E A VARIÁVEL TEMPO REAL

A análise de quatro inquéritos do tipo DID da década de 70 e oito da década de 90, revelou uma média de marcadores temporais de, respectivamente, 26% e 39%. Neste estudo foi analisada uma quantidade maior de inquéritos da década de 90, onde se observou uma incidência maior da média de marcadores temporais nos inquéritos dessa década com comparações passado X presente, típicas do discurso dos informantes de terceira faixa etária que se encontram representadas na forma de marcadores temporais.

Gráfico 3 – Média do número de marcadores temporais por entrevista segundo a variável tempo real





### 5.3 MARCADORES TEMPORAIS E A VARIÁVEL GÊNERO

Ao analisar os inquéritos sob o enfoque do gênero, percebe-se um dado bastante interessante com relação à natureza do inquérito e a predominância de marcadores temporais com relação ao gênero do informante.

Nos inquéritos do tipo DID, os homens sobressaem-se como aqueles que mais marcam temporalmente o seu discurso, com um índice de 256 marcadores, representando 61,99% enquanto que as mulheres apresentaram um índice de 156 marcadores, isto é, 38,01%. Já nos inquéritos do tipo D2, cujo tema está mais relacionado ao universo feminino, as mulheres apresentam uma incidência maior de marcadores em seu discurso, com um total de 153 marcadores, representando 38,18%, em relação aos 94 marcadores, isto é, 23,89%, nos inquéritos entre dois informantes masculinos. Os inquéritos entre informantes femininos e masculinos apresentam um número de 153 marcadores, o correspondente a 37,93%.

Essa diferença demonstra que, nos inquéritos entre duas informantes, a ocorrência de marcadores temporais é maior porque a conversação entre as mulheres tende a ser mais interativa uma vez que os grupos temáticos tratam de assuntos com maior vinculação com o mundo feminino, ocasionando um saudosismo maior com relação aos tempos passados, o que faz ocorrer um maior número de marcadores temporais.

O percentual elevado também se faz presente nos inquéritos mistos – entre informantes masculinos e femininos – em que se percebe uma grande dinâmica conversacional, rica em comparações passado X presente.

Tal cumplicidade não se torna evidente nos inquéritos entre dois homens, pois, em geral, os participantes demonstram um tipo de conversa, sem muito sentimentalismo, como ocorre nas interações entre as mulheres e nas interações mistas (entre homens e mulheres) devido a facilidade de condução do tema por parte dos informantes.

Gráfico 4 – Marcadores temporais e a variável gênero nos inquéritos DID.

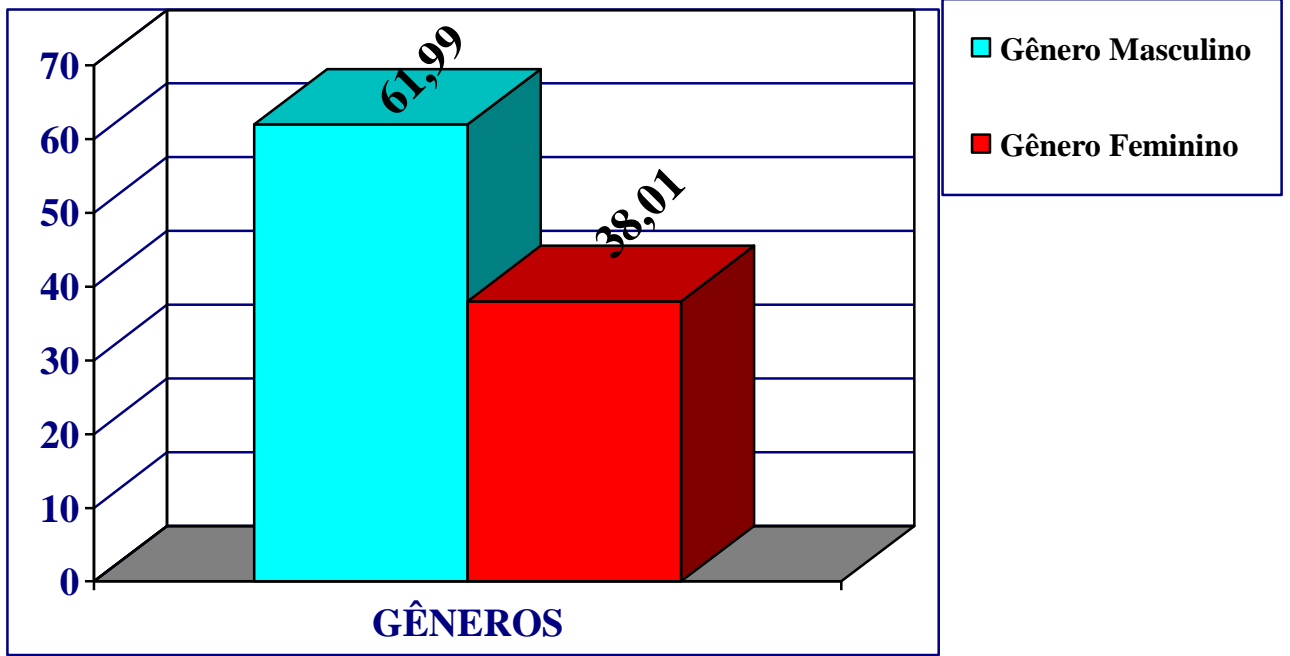
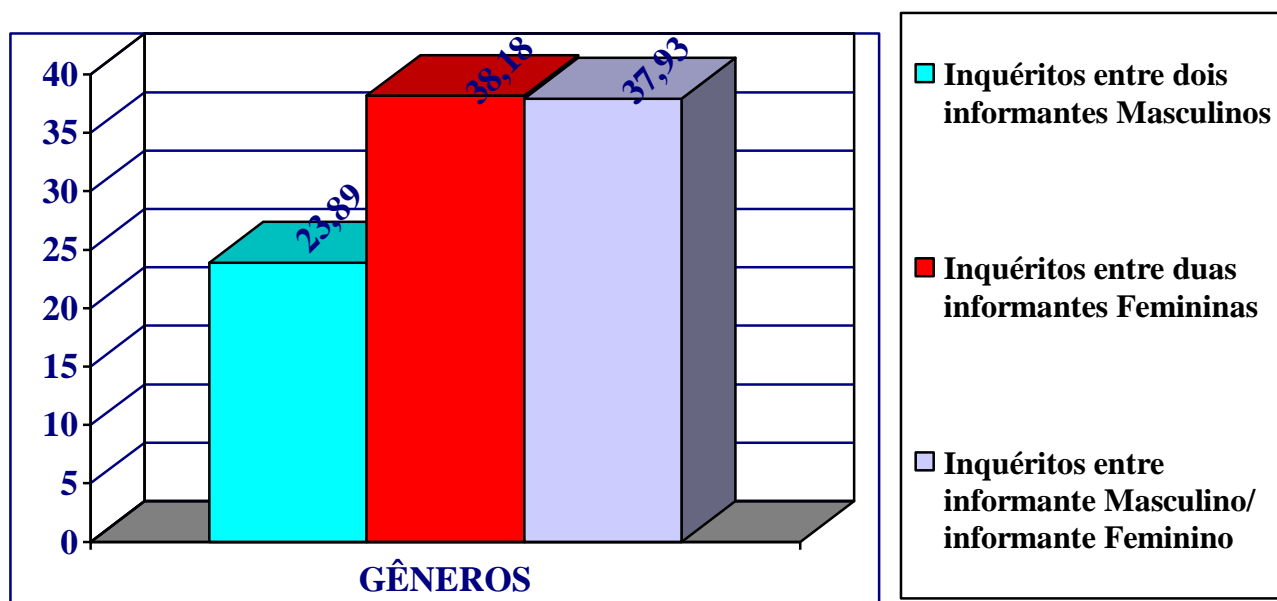


Gráfico 5 – Marcadores temporais e a variável gênero nos inquéritos D2.



#### 5.4 O CONFRONTO DOS INQUÉRITOS NA PERSPECTIVA DO TEMPO REAL: O CASO DOS RETORNADOS

Conforme esclarecem Paiva e Duarte (2003, p. 182), o estudo da mudança no tempo real constitui um recurso imprescindível não apenas para identificar o momento de aparecimento ou morte de uma determinada variante lingüística como também para verificar a regularidade na ação dos princípios que regem a variação e subjazem à implementação da mudança.

Diversos problemas têm de ser controlados pelo pesquisador que empreende o estudo da mudança a longo prazo. O primeiro deles é inevitável: a ausência de documentação oral de falantes nativos dessa língua relativa a sincronias anteriores o que obriga o pesquisador a recorrer a amostras da língua escrita e a analisar documentos considerados representativos de um determinado período, a partir do pressuposto de que eles registram os primeiros passos de um processo de mudança ou de que dão testemunho de formas existentes em uma dada sincronia e desaparecida em outra. Uma dificuldade é saber se, de fato, aquela amostra de que se dispõe representa a língua da comunidade de fala daquela época. Muitas vezes os documentos escritos sobrevivem por acaso e chegam até o pesquisador através de copistas e com os acréscimos julgados necessários pelos editores modernos.

Tal dificuldade não é tão presente nos estudos de tempo real de curta duração, afinal a direcionalidade de processos variáveis numa língua pode ser observada também em interstícios de tempos mais reduzidos, o que ficou conhecido como tempo real de curta duração. Embora diversos autores concordem quanto à necessidade de proceder a tal forma de

verificação das hipóteses investigadas através de estudos em tempo aparente, a maioria reconhece suas dificuldades operacionais. A forma mais simples de se proceder à verificação dos indícios depreendidos em tempo aparente é por meio da comparação dos resultados de uma análise com informações fornecidas, por exemplo, por atlas lingüísticos ou outros estudos já realizados, como os do Projeto NURC.

Essa forma de comparação apresenta, no entanto, alguns inconvenientes que exigem um certo cuidado por parte do pesquisador. As informações fornecidas pela literatura nem sempre são confiáveis: elas são, não raro, dispersas, impressionistas e refletem, muitas vezes, uma interpretação do autor.

Uma técnica mais controlada de acompanhar a direcionalidade dos fenômenos variáveis em uma dada comunidade de fala e nos falantes individualmente é através da comparação entre amostras distintas dessa mesma comunidade (estudo “tendência”) e dos mesmos indivíduos em dois pontos separados por um lapso de tempo (estudo “painel”). A vantagem desses dois tipos de estudo é permitir o confronto de duas sincronias do mesmo foco geográfico.

O estudo “painel” consiste no recontato e na obtenção de uma amostra de fala de indivíduos gravados há algum tempo, tarefa nem sempre facilmente realizável. A primeira questão que se pode colocar se refere ao interstício de tempo necessário entre as duas amostras para que se viabilize a observação de possíveis mudanças. Considera-se, geralmente, que o espaço de uma geração (cerca de 18 anos) é suficiente para fornecer indícios acerca da estabilidade ou mudança no comportamento lingüístico do indivíduo e da comunidade de fala. Já o estudo do tipo “tendência” se baseia na comparação de amostras aleatórias da mesma comunidade de fala, estratificadas com base nos mesmos parâmetros sociais, em dois momentos do tempo.

Nesta pesquisa, o tipo de estudo foi o de tempo real de curta duração e da modalidade “painel” nos oito inquéritos retornados do tipo DID. Dessa forma, parte-se do pressuposto de que a comparação das duas entrevistas com o mesmo falante permite discutir algumas questões diretamente relacionadas com a própria hipótese clássica acerca da aquisição da linguagem. Uma vez realizado o avanço de faixa etária pode o indivíduo mudar seu comportamento lingüístico quanto ao uso de marcadores temporais ao longo de sua vida? Em que fase de sua vida o indivíduo é mais suscetível a usar os marcadores temporais em comportamento lingüístico?

Ao confrontarem os oito inquéritos da década de setenta com as oito regravações da década de noventa, percebe-se que em dois inquéritos da década de setenta (inquéritos 196 e

072) os informantes apresentam maior número de marcadores temporais do que os seus correspondentes inquéritos da década de noventa (inquéritos retornados 006 e 008). Isso demonstra que os dois informantes em causa, um da faixa etária 1 e um da faixa etária 2, apresentaram em seu discurso mais marcadores temporais do que quando se encontravam na terceira faixa etária (inquéritos da década de 90), como demonstram as regravações citadas acima.

Por outro lado, ao se confrontarem os seis inquéritos da década de setenta (inquéritos antigos 096, 323, 184, 085, 149 e 178) com os respectivos inquéritos regravados na década de noventa (inquéritos retornados 003, 005, 007, 009, 13 e 14), percebe-se que os informantes, quando entrevistados no momento em que se encontravam na terceira faixa etária, apresentaram mais o uso de marcadores temporais em relação ao momento em que foram entrevistados na década de setenta.

Verifica-se, dessa forma, que a interação dinâmica entre indivíduo e comunidade pode caminhar em duas direções: por um lado, é possível, mesmo em uma porcentagem menor, que indivíduos apresentem um maior número de marcadores temporais na época em que eram mais jovens (faixas 1 e 2) e menos marcadores temporais na terceira faixa etária; por outro, é também possível, em uma porcentagem maior, que indivíduos da terceira faixa etária apresentem mais marcadores temporais, nessa fase de sua vida, do que quando eram mais jovens. Assim, a riqueza de detalhes e o apelo às narrativas estão mais presentes na linguagem dos idosos, pelo fato de possuírem uma larga experiência e alguns, ainda, a vontade de compartilhá-la.

Essa comparação através das amostras do Projeto NURC permite identificar que o indivíduo pode mudar seu comportamento lingüístico quanto à utilização dos marcadores temporais ao longo da sua vida e que pode apresentar um maior número de uso dessa estrutura lingüística em diferentes fases da vida. Sobre esse aspecto, encontra-se a reafirmação do fato de a identidade social não ser fixa e nem categórica e que o indivíduo pode evidenciar aspectos diferentes de sua identidade social, tais como faixa etária, classe social, sexo, profissão, dependendo de com quem está interagindo e da situação na qual se encontra.

Quadro 48  
Confronto dos inquéritos DID em tempo real

Década de 70				Década de 90		
Tema	Inquérito	EP	EF	Inquérito	EP	EF
VS	096	6	6	003R	37	18

A	323	5	4	005R	11	8
TV	196	15	35	006R	4	21
V	184	32	13	007R	53	4
V	072	23	14	008R	17	2
V	085	6	24	009R	27	17
CC	149	12	7	13R	26	17
V	178	14	9	14R	26	22

Legenda:

VS= Vida Social. Diversões.

A= Alimentação.

TV= Transportes. Viagens.

V= O Vestuário.

CC= A Cidade. O Comércio.

EP= Estrutura Pontual

EF= Estrutura Fraseológica

## 5.5 O DISCURSO DOS IDOSOS

Os diálogos gravados pelo Projeto NURC/SSA se desenvolvem sempre na presença de uma audiência, constituída por um ou dois documentadores. Essa situação, no entanto, oferece alguma variedade. Em alguns casos, o diálogo obedece a uma naturalidade satisfatória, a audiência representa papel passivo, sem qualquer interferência maior na conversação; em outros, a audiência se limita a breves intervenções, para estimular a recomposição de tópicos interrompidos com pausas mais longas, ou a reconduzir o diálogo para o tema proposto de início; e, finalmente, em outros ainda, a presença da audiência interfere a tal ponto os interlocutores que passam a regular seu discurso, tendo em vista a compreensão dos documentadores.

Em todos esses casos, é preciso ter presente que as circunstâncias desse diálogo, com situação e tema “encomendados” pela audiência, não poderão refletir uma conversação absolutamente natural, o que só ocorreria se a gravação tivesse sido secreta. Mas, apesar disso, tratando-se sempre de diálogos longos, com o desenvolvimento da gravação, em geral, a conversação ganha sempre mais naturalidade.

Quando se fala em discurso do idoso, refere-se àquele praticado por um grupo de minoria que tem seus problemas e necessidades, muitos dos quais são de fundo social, refletidos na comunicação. Essa perspectiva permite ligar o fenômeno do envelhecimento a uma linha de análise sociolinguística, como se tem feito para o estudo de grupos diferenciados por características socioculturais, psicofísicas, étnicas ou geográficas.

Entender, porém, a linguagem dos idosos como uma variante sociolinguística, implica uma generalização do grupo de idosos, difícil de se justificar, dado os problemas sociais que conduzem à indefinição do papel do idoso, mormente na sociedade contemporânea. Apesar disso, pode-se afirmar que existe um permanente estado de auto-adaptação dos idosos aos

novos tempos, escapando da marginalização e identificando-se, tanto quanto possível, com os mais moços. Sua linguagem não está ausente desse processo e esse parece um ponto importante, pois os pesquisadores não se devem deixar levar pela expectativa de que a fala dos idosos seja mais uma relíquia histórica. Um exemplo de como se manifesta essa linguagem dos idosos pode ser visto no exemplo 1:

Ex.:1

“[...] essas faculdades destinadas naturalmente ao ensino das atividades de natureza superior, não é? Essas faculdades *hoje* com uma conotação especial que... por força da qual elas estão perdendo, por exemplo, aquela característica, que foi a *do meu tempo*, que *hoje* já não existe mais. Nós chamávamos de faculdade, o local ou centro de toda atividade de ensino superior. Por exemplo, na minha carteira... – eu sou bacharel em Direito – estudei na Faculdade de Direito, ali na Piedade, e ali nós fizemos todo curso durante cinco anos. *Hoje* não, *hoje* as faculdades estão organizadas sob a forma de instituto e, conseqüentemente o aluno... o aluno ou o estudante evidentemente já tem... já exerce as suas atividades como estudante em vários locais, em vários locais”.(NURC/SSA – DID 94 – linhas 338-354)

Abordando um assunto de natureza rememorativa (as faculdades de antigamente e de hoje), o informante demonstra uma preocupação bem marcada ao longo do diálogo de esclarecer fatos, especificar coisas, rememorar locais, cujos referentes estão comprometidos com o tempo passado, revelando a identidade social de terceira faixa etária. Tal aspecto também está presente no exemplo 2:

Ex.: 2:

“As calças masculinas... (rindo) eu acho que o que fez mais diferença, e que não é nada funcional, é que eles estão tirando os bolsos dos homens. Então, eles *hoje* não têm mais (rindo) onde guardar um lenço, onde guardar (rindo) coisa alguma; são obrigados a usar o... a bolsinha, que tem o nome de... acho que é capanga, né?”. (NURC/SSA – DID 159 – linhas 70-76)

Neste trecho, percebe-se que a informante aproveita a oportunidade para exercitar e ativar a lembrança, indispensável à formulação de seu pensamento. Isso demonstra também a presença da experiência acumulada que reconhece o fato de as calças masculinas de antigamente serem mais funcionais porque com elas os homens podiam guardar lenços ou outras coisas.

Acerca do discurso dos idosos, pode-se pensar, então, numa categoria “tempo de vigência dos acontecimentos” dentro do qual o idoso construiria boa parte de seu discurso, relacionado com um passado sobre o qual ainda tem pleno domínio de memória, ao qual, ainda, de certa forma, está muito preso, e dentro do qual estão acontecimentos, lugares, coisas, pessoas,

fases, que fazem parte, ainda, de sua história e de sua maneira de analisar o tempo presente, como se vê no exemplo 3.

Ex.: 3:

“*Hoje* não se faz mais nada, *antigamente* a gente comemorava tudo mesmo né, *hoje* não, *hoje*, como é que se chama na gíria é cafonice, não existe mais nada, simplesmente ele chega na casa e diz ao pai eu quero casar com sua filha, eu vou casar, nós vamos nos casar, *antigamente* é que se comemorava tudo, se chegava, apresentava aos pais não é, estou gostando de Fulano, aí os pais procuravam ter informação, não dava logo a mão em casamento não é, ainda ia tirar informações dele, informações a respeito do indivíduo pra então saber a quem ele ia confiar a filha, mas *hoje* é a moça quem escolhe e ela mesmo é quem resolve e não interessa a opinião dos pais em lhe dizer que quer e nem que não quer, então ela mesma resolve por ela.” (NURC/SSA – DID 193 – linhas 216-224).

Essa característica de lembrar do passado não está ausente da linguagem de falantes de outras faixas etárias, pois todos têm um passado a que se referir, mas ganha uma projeção muito especial, na fala dos idosos que relata o passado e o projeta a todo o momento em seu presente, o que é uma grande marca da identidade social de terceira faixa etária.

A rememoração do passado faz parte da própria organização dos idosos e é feita por meio de vários tipos de informação, inclusive o de lembrar do passado para valorizar o presente, como demonstra o exemplo 4.

Ex.: 4:

“*Doc.* E quais em geral essas ferramentas que usam na construção de casa, que os mestres usam, que os operários usam né?

*Inf.* *Antigamente*, usavam pá, picaretas, *hoje* já existem os instrumentos mais aperfeiçoados não é? Que já permitem as construções serem mais rápidas e...

*Doc.* E o pedreiro, o que é que ainda usa?

*Inf.* O pedreiro ainda usa sua colerzinha não é?

*Doc.* E os marceneiros? A senhora falou aí dos marceneiros, o que é que eles usam?

*Inf.* Marceneiro com carpinteiro, eu faço confusão, eu sei que eles usam seu serrote não é?

*Hoje em dia* já existem esses negócios elétricos que já facilitam a eles não é? *Hoje em dia*, não precisa empregar tanta força não é? *Hoje em dia* não tem mais isso não”. (NURC/SSA – DID 209 – linhas 20-29)

A indicação de que o instrumento utilizado hoje é melhor, mais fácil de manusear, é realizada a partir de uma lembrança do passado onde não existiam instrumentos mais aperfeiçoados. Dessa forma, observa-se que na memória do idoso fica o que para ele significa, afinal o importante é o ato de refazer, lembrando o que foi feito e selecionando o que ainda tem sentido em sua vida atual. Não é o passado, objetivamente reconstruído, que o idoso exprime, mas o que ainda está carregado de sentido no presente, seja até para fazer crítica social, conforme demonstra o exemplo 5.

Ex.:5



“[...] a questão da classe social do ponto de vista eh... tradicionalmente marxista, essa aí, *hoje*, está um pouco complicada porque *antes* se imaginava classe social como a classe operária que iria crescer ao ponto de ser majoritária e chegar ao poder e o que a gente vê, *hoje*, é a... é o decréscimo cada vez em número da classe operária. A classe operária está sendo substituída por máquinas e quem está crescendo muito é o setor de serviços, quer dizer, isso modifica muito naquele conceito de... da... do controle da produção pela classe operária, então, *hoje*, eu diria que o problema, *hoje*, que tem que se enfrentar é... são os que possuem e os que não possuem”. (NURC/SSA – DID 003R – linhas 12-20)

A crítica social se faz presente a partir do momento em que o informante deixa claro que antes havia uma perspectiva de crescimento no número da classe operária e hoje há um decréscimo em número da classe operária que tende a ser substituída por máquinas.

O passado da informante também se encontra no exemplo a seguir, funcionando como pano de fundo para a revelação de seus hábitos atuais.

Ex.:6:

“[...] bem... eu... eu só faço duas refeições: almoço e jantar (inint) negócio de... *agora* que eu estou aposentada, entendeu? *Agora* que estou aposentada e faço parte de uns clubes aí ou o *Internation Womens Club* e um clube... um outro clube de terceira idade, entendeu, então eh... *todo dia* tem um evento, tem um chá, tem um... agora São João, por exemplo, foi chá, forró, o diabo a quatorze ouviu? (risos) e então a gente sai daquela linha de... de regime, né? Mas eu não tenho o hábito de... de fazer lanche. Eu almoço, janto, aliás, *hoje* já não janto mais. À noite, eu tomo um... um café, eu... às vê... às vezes uma sopa que é pra não engordar, manter a... a linha (risos)” (NURC/SSA – DID 005R – linhas 35-45)

Parece uma tendência natural dos idosos, por ocasião de seu envelhecimento, agarrar-se a valores do passado para marcar sua oposição a um tempo presente em que, por causa da idade, se sente progressivamente marginalizado. Dessa forma, em muitas passagens de seu discurso, os idosos manifestam a tendência psicológica defensiva do idoso, “protegendo” o passado, valorizando o “seu tempo” (o tempo de sua juventude), recorrendo constantemente a ele na comparação com o presente, como pode ser notado no exemplo 7.

Ex.:7:

“[...] Abrió, Abrió era muito engraçado. Eles vendiam tudo, vendiam legumes, frutas, mas era muito comuns os vendedores carregando suas mercadorias nos caçuás com burros. Provavelmente eles não circulavam na Barra, na Barra Avenida. Mas em Santo Antônio, Lapinha. Liberdade e Barbalho *naquele tempo* eram muito comuns. E ... havia umas coisas muito curiosas que *hoje* não tem mais. Inda *há um ano passado ou dois* eu falava com meus filhos. Pão, bolacha, bolachão *naquele tempo* os vendedores traziam o balaio. Então parava na porta de sua casa e você escolhia os pães, não é. *Naquele tempo*, era prático.” (NURC/SSA – DID 006R – linhas 463-469)

Valorizar, nesse exemplo, implica necessariamente confronto entre valores antigos e atuais, superestimando os primeiros, o que não deixa de ser uma forma de autovalorizar os

tempos antigos: “No meu tempo era diferente” deixa implícita a idéia de que “era melhor”. Além disso, a constante referência ao passado constitui uma forma de encaminhar a análise do presente, que só adquire significado a partir dos modelos a que é submetido. Essa análise do presente pode ser visualizada no exemplo 8:

Ex.: 8:

“Roupinhas e... *antigamente* se usava muito roupinhas de marinheiro, *hoje*... já é... calcinha e camisinha, os meninos, *hoje*, inclusive, existe é... a indústria especializada em fazer roupa pra criança. Acho que ficou muito mais fácil comprar, né?” (NURC/SSA – DID 007– linhas 336-339)

A partir do que é exposto pelo informante, infere-se que há uma consciência de que hoje as roupas para criança estão mais fáceis de serem compradas porque houve uma evolução da indústria especializada. Um outro exemplo de resultado da evolução é também percebido no exemplo a seguir:

Ex.:9:

“*Hoje* a costureira, que seria a... tradicionalmente seria a... a .... que ela costurava pra mulher, *hoje* faz roupa de homem e os alfaiates, que seriam os costureiros pra homem, tem aí... já fazem trajes pras mulheres. Então *hoje* já misturou, unissex, né? Os alfaiates tanto costuram pra homem como pra mulher e as costureiras também... pra homens e mulheres...” (NURC/SSA – DID 008R – linhas 202-205)

Como pode ser visualizado, a memória dos idosos trabalha com uma série de estereótipos, largamente empregados na estruturação de seus tópicos na conversação, como pode ser visto na rememoração presente no exemplo 10:

Ex.:10:

“[...] nas... nas recepções, recepções de alto nível, recepções em palácio, por exemplo: cumprimento do governador, é quando ele recebe cumprimento que é antes do natal mais ou menos. Então, diz-se principalmente o... o governador O. M., O. M. é um fulano frio [ININT] ele é delicado em tudo. Ele era educado o se vestir, era educado no seu andar, ele era educado na maneira de falar, ele era educado na maneira de tratar as pessoas. E lembro-me que o *reveillon* do Baiano de Tênis, que eu não perdia um. Então, quando chegava onze horas, onze e meia mais ou menos, quatro pra meia noite a diretoria do Baiano de Tênis, toda ela vinha de *smoking* com as respectivas esposas de vestido longo, decotados, sem alça, tomara que caia, a gente chamava tomara que caia o vestido que era... prendia somente aqui assim... tinha talvez uma armadura aqui, alguma coisa, o seio ajudava a segurar e tal, aquilo era..., principalmente as mulheres mais jovens entendeu? O colo era muito bonito, aquilo ostentando jóias, aquela coisa toda, essa diretoria vinha toda para a porta da palavra do Baiano de Tênis, ali onde vocês conhecem quem vai para a Barra Avenida, ficavam em fila e uma parte de um lado, uma parte do outro, fazendo uma... uma como é que se diz... sim a diretoria distribuída assim dos dois lados, do lado esquerdo e do lado direito, aguardando o governador O. M. antes de meia noite ele chegava, ele chegava o ajudante de ordens ia entrando logo, avisava que ele vinha, ali, entrava ele, Dona E., ele com o... o... *smoking* impecável, impecável... camisa de peito duro, aquela engomada, do peito duro com os botões de ouro, colarinho de ponta virada, gravata de

borboleta, muito bem, sapato de verniz, e Dona E., que era mais alta que ele, veja, elegantemente vestida, com vestido longo, aí ele de braço dado com ela, saía ela só olhava de um lado para outro, sorriso, e a cabeça balançando assim... e ele cumprimentando e tudo, e o presidente do Baiano vinha com sua esposa e tal... cumprimentava ele e os outros cumprimentavam, aí tal... início da festa. Então o início da festa. *Hoje* o pessoal não sabe,... vocês não sabem o que é uma festa dessas. Vocês não sabem”. (NURC/SSA – DID 009R – linhas 367-392)

Conforme demonstra o exemplo apresentado, os idosos têm, quase sempre, uma tendência muito grande para se tornarem contadores de histórias. Explica-se facilmente esse fato: há um destino educativo no seu papel social e para cumpri-lo existe uma exemplificação farta acumulada ao longo de sua vida. Além disso, há um interesse em lembrar o passado, valorizando-o em relação ao presente. O “seu tempo” para o idoso, isto é, o tempo de sua juventude, parece-lhe sempre melhor do que a realidade presente em que vive.

Por outro lado, na conversação, quando é dado aos falantes da terceira faixa etária a oportunidade de interagir naturalmente com outros falantes, o idoso tem a tendência de falar muito, relembrando nas narrativas a sua experiência e revelando muita habilidade em montar o seu discurso, opondo valores do passado a valores do presente. Assim, “no meu tempo...” mais do que um simples clichê, é uma estratégia da conversação dos idosos que pode, no entanto, se o contexto da conversa for desfavorável ao falante, até indispor-lo com seus interlocutores mais jovens que não hesitarão em classificar esse discurso de “conversa de velho”.

No caso do exemplo 10, a relação passado X presente poderia ser traduzida ao longo da conversação por uma série de sentimentos de ordem positiva, enaltecendo a sociedade antiga: recato e sofisticação. Dessa forma, direta ou indiretamente, o exemplo 10 procura introduzir essas e outras virtudes de ontem, opondo-as clara e implicitamente, aos defeitos da sociedade de hoje: leviandade e despudor.

A memória também está presente no exemplo a seguir:

Ex.:11:

“[...] o que eu acho que está acontecendo é a família di... dissolvida, não só dissolvida por pais separados não, dissolvida pelo trabalho, cada um indo para o seu trabalho, para as suas atividades e as crianças e os adolescentes ficam muito soltos então vem a televisão, e vem a internet, vem o computador, vem todos os subsidiário né que estão substituindo a convivência familiar porque *antigamente* a mãe saía tinha a avó, tinha a tia dentro de casa, era uma casa onde o adolescente chegava ou a criança chegava e tinha os adultos, *hoje* os adolescentes chega... a criança chega só tem os empregados, e os empregados não podem educar ninguém, eles precisam ser educados, eles não têm culpa, o que eu acho é isso, então a televisão ou ela bem usada, ela... ela em si talvez po... possamos dizer que ela seja até um pouco neutra, depende de como usar ela, depende de como você usar, você pode usar a televisão até muito bem, tem canais aí onde tem viagens, e viagens e viagens né, canais até mais educativos, programas até muito educativos mas é como... como a

internet, a criança usa né, a depender do seu gosto, e também na televisão usa-se se é pra fazer eh, ouvir filmes pornográficos, ou filme de horror depende de como você usar, essa que é a verdade”. (NURC/SSA – DID 13R – linhas 646-661)

Neste exemplo, pode ser percebido que os idosos lembram e dão expressão às suas lembranças. O papel da memória é tradicionalmente valorizado entre os mais velhos, assim como suas lembranças constituem patrimônio coletivo, expresso e revivido permanentemente no contato com novas gerações, sejam crianças ou adultos.

Esta rememoração do passado está também presente em:

Ex.:12:

“[...] as pessoas iam assistir o carnaval de rua vestido mais... mais bem vestidos do... *antes* do que *hoje*, né... *hoje* (vo)cê vai pro carnaval de mini-saia, de tanga, e tal, mas *naquele tempo* não, se você não (es)tava fantasiado, ia assistir o carnaval sentado nos bancos, colocava os bancos na avenida, aí ia vestido de vestido, não se usava muita calça, né... mulher não usava muita calça... os rapazes de calça e blusa...” (NURC/SSA – DID 14R – linhas 227-232)

A preservação da memória e da lembrança, mesmo tendo ocorrido as mudanças no carnaval de Salvador, são bastante presentes no discurso desse informante que ressalta as tradições e valores do carnaval de antigamente. Essa presença de tradições também manifesta-se no exemplo a seguir:

Ex.: 13:

“*Inf. 2.* O que era a procissão do Senhor Morto posso dizer porque eu ia para casa de meu tio, A. na rua do Passo né, ia e ficava pros colégios desde a Baixa de Sapateiro até chegar no Largo do Carmo, os aprendizes de marinho...”

*Inf. 1.* Em fila...

*Inf. 2.* Todos fardados, não nos passeios de um do lado do outro, na conde da procissão que descasse então iam fechando o circuito sabe? Para acompanhar, todos fardados, o bombo e os tambores cobertos de crepe ruivavam tristemente, não vemos mais isso *hoje*, acabou-se completamente, eu sinto em dizer o que era a procissão do Senhor Morto o respeito que havia meu Deus, o respeito que havia”. (NURC/SSA – D2-298 – linhas 432-439)

Neste exemplo, percebe-se claramente a intenção do informante 2, que com a ajuda do informante 1, demonstra a tradição do passado (a procissão do Senhor Morto) com uma contínua habilidade, não só como uma comparação com o presente (não vemos mais isso hoje), mas também como uma forma de crítica aos tempos modernos.

Discorrendo sobre a temática da cidade, no exemplo 14 o informante invoca sua biografia pessoal, estimulando-se um processo de autovalorização acompanhado de crítica aos tempos

modernos, o que é conseguido, seguindo a fórmula “no meu tempo era diferente; no meu tempo era melhor”, conforme pode ser visualizado:

Ex.:14:

“*Inf. 1.* Eu não tenho muito conhecimento não, eu sempre morei na cidade, o interior que eu morei foi Campos de Jordão, sempre morei em cidade e Campos de Jordão é um interior diferente porque lá tem uma zona diferente, tem uma zona de granfino de pessoas que têm casas lá, e *hoje* tem uma série de problemas, então você estaciona lá e faz de lá uma casa de veraneio é uma casa, uma coisa diferente”. (NURC/SSA – D2-346 – linhas 287-290)

Essa “defesa” do passado e essa posição de crítica ao presente também apresenta-se como uma constância da estrutura tópica: passado X presente no exemplo a seguir:

Ex.:15:

“*Inf. 2.* Eu sempre trabalhei em hospital né? *Antigamente* era o hospital de reidratação, somente, era o hospital de reidratação e recuperação, o paciente se internava um dia para fazer a reidratação e depois então passava um dia recuperando e saia. Mas, *agora* é pediatria tudo, qualquer caso que chegue não pode voltar e também tem aquilo dos casos que chegue né? Qualquer caso que chegue já pode voltar, *antigamente* tinha a faixa de idade né? Era de recém-nascido até três anos, *agora* não se respeita mais a faixa, é de zero até, dez, doze, treze, quatorze anos, a gente tá recebendo porque a ordem é essa, mas não tem condições de receber crianças de dez, doze, mais de quatorze anos, se chega lá, às vezes, é uma emergência e bota lá na maca, se improvisa e receita mesmo e se faz sem condições mesmo, não é? Mas o nosso serviço mesmo era só o de recuperação”. (NURC/SSA – D2-354 – linhas 736-746)

É claro que esse mecanismo, conforme demonstram os exemplos, não se realiza com a mesma agressividade de que são alvo os idosos por parte dos jovens. Pelo contrário, os exemplos demonstram a sutileza e os recursos de implicitude de que esses falantes se valem para a sua crítica.

Quanto à estrutura do discurso, observa-se que a categoria tempo percorre a construção dos tópicos, bipartindo-se entre o antes e o agora, conforme demonstra o exemplo:

Ex.:16:

“*Inf. 1.* Hum... Eu encaro a vida social muito... eu acho que é meio diferente, sabe, do que eu tinha *quando era mais jovem*, pelo seguinte: eu achava q... a vida social, *antigamente*, muito mais entrosamento entre as famílias, entre os amigos... a... na... no... quando nós era... eu era muito mais jovem, nós tínhamos a oportunidade de passar a tarde com fulana, a tarde com sicrana. *Hoje em dia*, não, o relacionamento é muito ocasional”. (NURC/SSA – D2-357 – linhas 347-351)

Como se observa, o antes representa um período de vivência que possibilita a análise do presente e, por isso, torna-se mais importante para o falante, em função dos valores que, no julgamento do idoso, são superiores aos de hoje. Com essa oposição, cria-se acentuada feição crítica à sociedade atual, recorrendo-se, não raro, à implicitude, no sentido de preservar a face

do falante, isto é, manter sua imagem social perante os mais jovens ou, pelos menos, tentar fazê-lo.

É importante também lembrar, a propósito do “discurso a dois”, que os interlocutores participaram de uma mesma realidade social e familiar no passado, as experiências se identificam. Por isso, de certa forma, a construção tópica é um contínuo processo de reidentificação, como se vê no exemplo 17:

Ex.: 17:

“Inf. 1. [...] aí tem uma decorrência, tem uma decorrência é a desvalorização... desvalorização da moeda, quer dizer pessoas de nível relativamente baixo *há anos atrás* tinha condições de ter seu terrenozinho, *hoje em dia* basta ter um quarto ou meio apartamento a pessoa já está satisfeita porque *naquele tempo* a cabeça era outra nem que seja perto do ideal, uma casa isolada, uma casa própria para ir morar, sem... sem ter problemas mais...

Inf. 2. Por isso que dizem que *antigamente* se era mais feliz”. (NURC/SSA – D2-361 – linhas 153-158)

Do ponto de vista psicológico, essa diferença entre o fato vivido no passado e a sua rememoração no presente foi bem analisada por E. Bosi (1983, p. 17), apoiada nas idéias de Halbwachs (1925 e 1950):

Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado, “tal como foi”, e que se daria no inconsciente de cada sujeito. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas idéias, nossos juízos de realidade e de valor.

Relembrar o passado na conversação não quer dizer, porém, necessariamente trazer os fatos intactos da memória para o presente. Antes, pode significar um processo contínuo de reavaliação dos fatos, consideradas as circunstâncias que envolvem a interação, como, por

exemplo, as expectativas do ouvinte ou o próprio interesse do falante em dar aos eventos uma versão mais de acordo com os valores atuais e é justamente isso que demonstra o exemplo 18.

Ex.: 18:

*Inf. 2.* Bom a gente era envolvida naquele... naquele clima de... de pavor, porque aquilo era falado na cidade e todo mundo se tocava com aquilo e atingia a todos né? Então a gente não, você veja *naquele tempo* os meios de locomoção não eram os de *hoje* né? Era os bondes, tinham os bondes...

*Inf. 1.* Aliás, uma coisa linda...

*Inf. 2.* É...

*Inf. 1.* É uma saudade imensa que eu tinha daquilo...

*Inf. 2.* É porque eles marcaram *uma época* mais alta daqui porque se podia pegar o bonde para ir a qualquer lugar porque se ia apreciando a paisagem né? E você ia apreciando, aquilo você tinha tempo e você ia tranqüila, mas *hoje em dia* se você pegar um bonde você fica doida porque você tem que chegar logo e o bonde demora daqui que ele vá né? Nos trilhos". (NURC/SSA – D2-362 – linhas168-177)

Diante do exposto, vale salientar que o discurso dos idosos não difere fundamentalmente daquele dos falantes de outras faixas etárias, no que se refere à utilização das narrativas conversacionais. No entanto, elas se apresentam com grande frequência no contexto interacional, dada a tendência natural das pessoas da terceira faixa etária de se tornarem contadoras de histórias e de estabelecerem comparações entre passado e presente.

Observa-se que esses falantes, no sentido de valorizarem “seu tempo” ou de se mostrarem integrados na sociedade em que vivem, escolhem com habilidade o inusitado de suas narrativas e avaliam seus pormenores em função das necessidades da interação verbal, considerando os próprios valores e os do ouvinte ou audiência.

Nos trechos citados, os marcadores temporais que expressam a idéia do presente encontram-se nas formas: “hoje”, “ultimamente” e “agora” que são estruturas pontuais e nas formas “hoje em dia” e “todo dia” que são estruturas fraseológicas. As idéias do passado, por sua vez, encontram-se nas formas: “antigamente” e “antes” que são estruturas pontuais e nas formas “do meu tempo”, “outro dia”, “naquele tempo”, “quando era mais jovem”, “há anos atrás” e “uma época” que são estruturas fraseológicas.

Do ponto de vista sintático, os marcadores temporais são satélites de elementos sintáticos e bastante deslocáveis na sentença. Já morficamente, percebe-se que há os marcadores temporais simples (“hoje”, “antes” e “agora”), perifrásticos ou locucionais (“do meu tempo”, “hoje em dia”, “todo dia”, “outro dia”, “naquele tempo”, “quando era mais jovem”, “há anos atrás” e “uma época”) e derivados (“ultimamente” e “antigamente”). Semanticamente, por sua vez, esses marcadores temporais não são modificadores dos elementos que satelizam.

As ocorrências dos marcadores temporais desses trechos são fóricas, pois indicam circunstância de tempo, que é referida ao momento da enunciação, numa escala de proximidade temporal. Com relação à sua função, os marcadores temporais apresentam a função adjuntiva adverbial, pois o advérbio é periférico, ou satélite, no sintagma verbal.

Como todos os advérbios de tempo, os marcadores temporais em questão apresentam como característica semântica geral o fato de indicar circunstância de tempo. Os marcadores temporais, em análise, apontam situação absoluta que se refere ao momento ou período situado na escala do tempo, que nos exemplos em questão são não-cronológico, sem ligação com o calendário, tais como: “hoje”, “agora” e “hoje em dia” (=na época atual), “ultimamente” (=durante período passado próximo a este), “todo dia” (=com frequência diária), “antigamente” (=na época bem anterior a esta), “antes”, “do meu tempo”, “outro dia”, “naquele tempo”, “quando era mais jovem”, “há anos atrás”, “uma época” (= em momento ou período anterior ao presente).

Enfim, utilizando-se da categoria tempo, o discurso dos idosos demonstra o quanto a vida desses falantes permanece centrada no passado. Buscando no arquivo da memória fatos para ilustrarem suas idéias, as pessoas da terceira faixa etária vão acumulando uma preciosa documentação da longa “viagem no tempo” a que costumam entregar-se durante a conversação.



## CONCLUSÃO

Iniciou-se este trabalho declarando-se o seu objetivo: a busca de um aprofundamento da discussão do conceito de identidade social a partir de um enfoque centrado na construção, manutenção e projeção da identidade social de falantes idosos da cidade de Salvador na atividade comunicativa falada. Para tal, se fez necessário considerar a concepção da linguagem como atividade constitutiva que permite fundamentar um conceito de identidade social de idoso capaz de se opor criticamente à idéia de identidade como essência, corrente no senso comum a atribuição de identidade social de terceira faixa etária não reflete ou descreve uma “realidade” imanente, mas antes seleciona traços e estabelece semelhanças e diferenças, construindo uma caracterização social que não está “dada” na natureza das coisas. São as opções do sujeito (pela atividade constitutiva da própria linguagem ao lado da percepção) que organizam os objetos a que se referem, segundo certos traços categoriais e relações. Dessa

forma, compreender a função estruturante da linguagem é indispensável para a conceituação de identidade social de terceira faixa etária, enquanto representação e enquanto fenômeno dinâmico, e não estático.

Este trabalho procurou mostrar, ao longo de seus capítulos, que a emergência de identidade social de terceira faixa etária se coloca dentro de um contexto mais amplo, em que atuam não apenas as condições psicofísicas do falante, mas também as forças de natureza sociocultural. De fato, essas forças, aliadas ao envelhecimento natural, acabam por tornar as pessoas dessa faixa etária um “grupo de minoria”, marginalizado, cujo comportamento tem reflexos diretos na linguagem, conforme se observa em seu discurso.

Foi intenção dessa pesquisa mostrar que as características da fala desses informantes da terceira faixa etária tornam-se específicas, às vezes, apenas por acentuarem (e muito) certas peculiaridades do comportamento lingüístico dos falantes comuns como, por exemplo, os marcadores temporais pontuais e fraseológicos.

Nesse sentido, procurou-se demonstrar que a categoria tempo atua nessa linguagem como elemento ordenador na elaboração do discurso, manifestando-se em dois pólos, o antes e o agora, com forte participação do primeiro, mais vivenciado, o que permite uma análise dirigida do segundo.

Nos inquéritos analisados, percebeu-se que os valores do passado se manifestam, não apenas na linha discursiva, mas também no léxico, com muitos vocábulos que refletem os tempos de antes. Mas, a esse propósito, é preciso lembrar que a linguagem de idosos não constitui, de forma alguma, uma linguagem arcaica, perdida no tempo, porque a interação desses falantes com os mais jovens ou com o ambiente social (através, por exemplo, da televisão, rádio, jornais etc.) permite que ocorra, em geral, um processo contínuo de atualização.

Ao abordar a emergência de identidade social de terceira faixa etária na cidade de Salvador percebeu-se que muito ainda é preciso pesquisar, ler e ouvir para que se possa fazer afirmações consistentes a respeito da linguagem dos falantes idosos. Entretanto, do que foi observado e analisado conclui-se que:

- a) Nos inquéritos do tipo DID, houve maior predominância de marcadores temporais nas entrevistas com os seguintes temas, aqui arrolados na ordem preferencial verificada: Vestuário; A cidade. O comércio; Vida social. Diversões; A família, o ciclo da vida e a saúde; Viagens e transportes; Alimentação e Viagens, Turismo.
- b) Nos inquéritos do tipo D2, verificou-se que há maior predominância de marcadores temporais em inquéritos do grupo de área II – *A casa. A família. O ciclo da vida. Vida*

*social. Diversões*, com 55,17% de atuação de marcadores. Em segundo lugar, apresenta-se o grupo temático III – *A cidade. O comércio. Transportes e Viagens. Os meios de comunicação e difusão. Cinema. TV. Rádio. Teatro*, com 44,83% .

- c) Os inquéritos DID da década de noventa apresentam uma incidência maior de marcadores temporais em relação aos inquéritos da década de setenta.
- d) Nos inquéritos do tipo DID, os homens sobressaem-se como aqueles que mais marcam temporalmente o seu discurso. Já nos inquéritos do tipo D2, cujo tema está mais relacionado ao universo feminino, são as mulheres que apresentam um maior número de marcadores temporais, o que também acontece nos inquéritos entre informantes mistos, entre informantes masculino e feminino.
- e) Por um lado, verifica-se nos dados examinados, mesmo em uma porcentagem menor, que indivíduos apresentam um maior número de marcadores temporais na época em que eram mais jovens (faixas 1 e 2) e menos marcadores temporais na terceira faixa etária; por outro, é também possível, em uma porcentagem maior, que indivíduos da terceira faixa etária apresentem mais marcadores temporais, nessa fase de sua vida, do que quando eram mais jovens.
- f) A riqueza de detalhes e o apelo às narrativas estão mais presentes na linguagem dos idosos, pelo fato de possuírem uma larga experiência e alguns, ainda, a vontade de compartilhá-la.
- g) A valorização do tempo anterior está bastante presente na fala dos idosos.

As experiências e o saber dos idosos não podem ser dispensados, nem desprezados, nessa sociedade que valoriza a inovação e subestima o antigo, onde tudo que é novo é bom, bonito e interessante e tudo que é velho é ruim, feio e desprovido de interesse. Dessa forma, o antigo tem de lutar para sobreviver: seja um ser humano, uma casa, uma praça, uma rua, pois tudo tende a ser destruído e substituído pela última moda. A sociedade contemporânea parece perder o sentido e a importância da memória histórica, cultural, artística ou até mesmo natural. Tudo se destrói com rapidez e sem escrúpulos. Tudo se alija sem maiores discussões em nome da expansão econômica e do progresso. De que progresso? O progresso que interessa ao consumo inesgotável e à destruição de tradição e valores e bens urbanos e rurais. Essa destruição faz os mais velhos sentirem-se como imigrantes perdidos no espaço.

Finalmente é preciso insistir no fato de que os falantes da terceira faixa etária demonstram, dentro de suas condições, uma resistência à situação em que vivem na comunidade, procurando nos atos conversacionais mecanismos discursivos que lhes permitam

manter a interação verbal com outros falantes, preservando sua imagem social, já tão desgastada pelo processo natural de envelhecimento.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1983.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Identidade e Etnia: construção da pessoa e resistência cultural*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CAMERON, Deborah. *Verbal Hygiene*. London: Routledge, 1995.

CUNHA, Celso e CINTRA, Luís F. Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

ERIKSON, Erik. *O ciclo de vida completo*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GOFFMAN, Erving. *Interaction and Ritual: essays in face to face behavior*. Garden City: NY Dobleday, 1967.

GUMPERZ, John J. *Discourse strategies*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982a.

\_\_\_\_\_. *Language and social identity*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982b.

HOFFNAGEL, Judith Chambliss. A emergência de identidades na atividade discursiva falada e escrita. In: MOURA, Benilda (Org.). *Os múltiplos usos da língua*. Maceió: [s.n.], 1999.

LAKOFF, G. *Cognitive semantics: in the heart of language*. Fórum Lingüístico. Florianópolis: UFSC, 1998, nº 1, jul-dez. p. 83-119.

LAKOFF, G. e JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago e Londres: The University of Chicago Press, 1980.

MAGALHÃES, Dirceu Nogueira. *A invenção social da velhice*. Rio de Janeiro: Editora Papagaio, 1989.

MILL, C. Wright. *A Elite do poder*. Rio de Janeiro: Zahar, 1962.

MIRA MATEUS, Maria Helena. *Gramática da língua portuguesa*. Lisboa: Caminho, 1989.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). *Introdução à sociolingüística variacionista: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.

MOURA NEVES, Maria Helena de. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Ed. UNESP, 2000.

OCHS, Elionor. Indexing gender. In: DURANTI, Alessandro & GOODWIN, Charles (Org.). *Rethinking Context. Language as an interactive phenomenon*. Cambridge: Cambridge University Press 1992. p.335-358.

\_\_\_\_\_. Constructing social identity: a language socialization perspective. *Research on Language and Social Interaction*. 1993. 26 (3), p. 287-306.

\_\_\_\_\_. Linguistic resources for socializing humanity. In: GUMPERZ, Jonh J. & LEVINSON, Stephen C. (Org.). *Rethinking linguistic relativity*. Cambridge: Cambridge University Press 1996. p.407-437.

ORLANDI, Eni Puccinelli. (Org). *Discurso Fundador: a formação do país e a construção da identidade nacional*. Campinas: Pontes, 1993.

PAIVA, Maria da Conceição de; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. Mudança lingüística: observações no tempo real. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). *Introdução à sociolingüística variacionista: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 179-190.

PENNA, Maura Lúcia Fernandes. *O que faz ser nordestino: identidades sociais, interesses e o “escândalo” Erundina*. São Paulo: Cortez, 1992.

PENNA, Maura Lúcia Fernandes. *Identidade social, linguagem e discurso*. 1997. 279 f. Tese (Doutorado em Lingüística) – Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

PERINI, Mário. *Gramática descritiva do português*. São Paulo: Ática, 1996.

PRETI, Dino. *A linguagem dos idosos*. São Paulo: Contexto, 1991.

ROLLEMBERG, Vera; MOTA, Jacyra (Orgs.). *A linguagem falada culta na cidade de Salvador*. Universidade Federal da Bahia. Instituto de Letras, 1994. Projeto NURC.

SAGRERA, Martín. *El edadismo contra “jóvenes” y “viejos”*: la discriminación universal. Editorial Fundamentos: Madrid, 1992.

SCHRIFFRIN, Deborah. Narrative as self-portrait: sociolinguistic constructions of identity. *Language in Society*. 1996. 25 (2), p. 167-203.

SKINNER, B. F. e VAUGHAN, M. E. *Viva bem a velhice*: aprendendo a programar a sua vida. São Paulo: Summus, 1985.

SPINK, Mary Jane P. (Org.). *O conhecimento no cotidiano*: as representações sociais na perspectiva da psicologia social. São Paulo: Brasiliense, 1995.